

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS, E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

EDÚ TROTA LEVATI

**Os periódicos da Independência e suas geografias políticas: estudo do surgimento  
do Brasil independente e de sua inserção no contexto mundial (1808-1822)**

(versão corrigida)

São Paulo  
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS, E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Os periódicos da Independência e suas geografias políticas: estudo do surgimento do Brasil independente e de sua inserção no contexto mundial (1808-1822)**

Edú Trota Levati

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Garrido Pimenta

(versão corrigida)

São Paulo  
2015

*Para minha mãe, Sônia, exemplo de  
força e abnegação, por ter feito o  
(im)possível para me educar.*

*Para Leticia, por sermos um.*

## Agradecimentos

No decurso desta pesquisa, contei com o apoio decisivo de muitas pessoas e instituições. Começo por registrar a contribuição destas. À *FAPESP* e à *CAPES*, pela concessão da bolsa de pesquisa que me possibilitou dedicar com mais afinco à pesquisa; à *Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP*, que, por meio do auxílio para a participação em grupos de pesquisa, financiou parte da minha estada de dez semanas em Paris.

João Paulo Garrido Pimenta honrou-me (e muito!) com o aceite de orientação deste trabalho. Além da boa acolhida na *USP*, devo-lhe a sugestão do tema de pesquisa; a leitura precisa das versões preliminares do texto; a criação, entre seus orientandos, de um ambiente voltado para o debate e a crítica; o encorajamento para que eu fizesse o estágio no exterior; e o suporte essencial na reta final da redação, demonstrado na tolerância para com os prazos e na crença quase inabalável no meu potencial.

Só depois que a pesquisa já estava em andamento descobri que fora o professor Marco Morel, da *UERJ*, quem concebera seu tema, razão pela qual lhe sou muito grato. Pois se a etapa de análise documental quase me fez sucumbir, de tão laboriosa que se mostrara, o tema continua a exercer enorme fascínio sobre mim.

Por ocasião do exame de qualificação, contei com a arguição das professoras Lúcia Bastos Pereira das Neves e Iara Lis Carvalho Souza, cujos trabalhos são bússola para este. Pela leitura cuidadosa do relatório e pelas muitas dicas, meu sincero obrigado. Esta última ainda compôs, junto com o professor Morel, a banca de defesa, que soube identificar arestas, apontar veios pouco ou (in)explorados e, principalmente, suscitar muitas questões, cujas respostas, reconheço, ainda me faltam...

Devido à apresentação do projeto de pesquisa em seminários, e de artigos submetidos ao final de cursos, contei com as valiosas críticas e sugestões de alguns professores do departamento de História da *USP*. Laura de Mello e Souza acautelou-me quanto à insistência que eu demonstrava, no estágio inicial da pesquisa, em atribuir certo ineditismo à maneira como a imprensa construía uma ideia de Brasil. Cecília Helena Oliveira, além de ministrar uma disciplina sobre o século XIX (a melhor que já participei!), alertou-me para que eu não desconsiderasse o fato de os jornais lusos-americanos serem porta-vozes de grupos políticos com interesses quase sempre antagônicos. Rafael Marquese ofereceu cursos com Edward Baptist e Robin Blackburn, cujas temáticas me ajudaram a não perder de vista a base material à qual os jornais se

fincavam. Íris Kantor, juntamente com Eduard Padrón e Fernando Bouza Álvarez, ministrou os cursos que mais me ajudaram a pensar meu objeto. Sou-lhe grato, ademais, pela gentileza com que se ofereceu para debater meu projeto: em pouco mais de uma hora de conversa, Iris destrinchou a ideia por completo, e apontou-me fecundos vieses analíticos. Mas sua contribuição foi particularmente marcante porque, num momento em que eu me encontrava meio sem norte, foi ela a primeira pessoa (que não o meu orientador, e eu próprio) a endossar a proposta de se trabalhar com a totalidade dos jornais publicados entre 1808-1822.

Na *UFJF*, sou especialmente grato ao Alexandre Mansur Barata, por ser amigo e mestre, que me acompanha desde os tempos da iniciação científica. Devo a ele o meu interesse pelo século XIX, mas sobretudo a referência do que é ser um profissional ético e comprometido com seu papel. Não poderia deixar de estender meus agradecimentos à professora Beatriz Helena Domingues, por ser ela a maior responsável pelo meu estágio no *Colorado College*, onde pude reunir boa parte da bibliografia aqui utilizada, e embarcar numa das fases mais intensas da minha vida. Nesta instituição, estendo meus agradecimentos ao Peter Blasenheim, por me facilitar a vida lá fora.

Marcelo Cheche Galvez, da *UFMA*, gentilmente forneceu-me uma fotocópia da *Folha Medicinal do Maranhão*.

Na *Université Paris I-Pantheón-Sorbonne*, a professora Annick Lempérière, além de ter aceitado ser minha supervisora acadêmica e ter discutido meu projeto, acolheu-me no seu seminário *Écrire l'histoire contemporaine de l'Amérique Latine (XIXe-XXe siècles)*. Clément Thibaud, da *Université de Nantes*, e Alejandro Gomez, da *Université Lille 3*, ofereceram-me várias sugestões e indicações bibliográficas. Will Slauter, do *Centre de Recherches Historiques da Université Paris VIII*, cuja tese foi fundamental para muitas das ideias desenvolvidas nesta pesquisa, abriu o horizonte para que eu conhecesse mais sobre a imprensa anglo-americana e francesa.

Aos amigos-colegas de orientação, pela convivência e pela troca de saberes: Camilla Farah Ferreira Alves, Adilson Júnior Ishihara Brito, Oscar Javier Castro, Sheila Virgínia Rocha de Oliveira Castro (por disponibilizar uma cronologia muito útil), Priscila Ferrer (por me socorrer em tantos momentos!), Santiago Cabrera Hanna, Douglas Guimarães Leite, Maria Júlia Manão Pires Neves (por amargarmos, como ninguém, os ócios do ofício!), Rafael Fanni Dias Resende (pelas trocas de muitas “figurinhas”!) Cristiane Alves Camacho dos Santos (por me ceder todas as fontes que

possuía, e que muito me valeram!) e Elis Pacífico Silva (por trazer humor à vida acadêmica!). Junto com Elis e Priscila, criamos o grupo de estudo Nações e nacionalismos, que, de vida curta embora, rendeu bons frutos.

Aos colegas do *Lab-Mundi*, por promoverem a maior arguição a que este texto foi submetido. Pelas sugestões e críticas, mas principalmente pelo espaço ideal para a construção do conhecimento, meu sincero agradecimento.

Luiz César de Sá Júnior, da *UFRJ*, fez-se presente mesmo distante. Ouviu desabafos. Comungou do prazer pela boa História. Compartilhou sua erudição intimidadora. Além disso, leu e anotou com atenção a versão do projeto submetida à *FAPESP*. E, na reta final, quando o tempo e o fardo da redação pareciam asfixiar-me, revisou o texto com a argúcia que lhe é própria, aparando arestas e ajudando-me a melhorar a escrita.

Com o amigo Naasson Reis Ferreira, da *BM&FBOVESP*, passei quatro longas tardes de domingo discutindo tabelas e pensando maneiras de transformá-las em “textos”. Se já me era conhecido seu brilhantismo em prever os outcomes do mercado financeiro, causou-me surpresa vê-lo sugerir maneiras criativas de integrá-los à narrativa histórica. Acho que, sem esta inestimável ajuda, teria sido sufocado por uma massa documental, formada por mais de 70000 citações de regiões (!!!), que, ao final de 3 anos de pesquisa, parecia não fazer sentido algum para mim.

Dos tempos de graduação na *UFJF*, Thiago Stering e Bárbara Figueiredo. É verdade que sigo sozinho o ofício que outrora sonhamos juntos – hoje a “Barberita” é médica, e o “Bob”, bancário. Mas a companhia de vocês naqueles dias, e a amizade que perdura nestes, fazem a História valer muito a pena.

À minha sogra, pelo apoio. À família Bicalho, pela amizade, e pelas ajudas com a formatação das tabelas. À querida “tia” Eunice, por incutir em mim o princípio de dar sempre o meu melhor, no que quer que eu faça.

Minha mãe é exemplo de que a força se adquire nas muitas agruras. Mesmo com toda sua simplicidade, e muitas vezes sem entender o porquê de se gastar tanto dinheiro com educação, apostou em mim! Meus irmãos, Gracielly e Fernando (e Jeane), pela amizade. E, à pequena Maria Fernanda, por nos trazer tanta alegria!

Por mais que eu tente, não consigo expressar o que foi ter você ao meu lado, Letícia. Fichando jornais, criando tabelas, formatando textos, revisando notas... Mas para muito além de tudo isso: sendo a força que tantas vezes me faltou. Quando me via

a divagar, a esmorecer, a murmurar, você vinha logo, com sua voz doce e sempre tão firme, encorajar-me, lembrar-me que tudo iria passar, sussurrando-me: “vai, ficha só mais uma edição antes do dormir.” Por ser tudo para mim, querida, como agradecer-te? Que minha decisão de te amar enquanto houver vida, aqui; e se houver, porventura, algum mérito neste trabalho, que sejam um e outro, sinônimos do meu muito obrigado a você. Afinal, nossa vida a dois começou quando esta pesquisa já estava em curso, e você, como que de reboque, passou a ser, dela, coadjuvante...

Last but not least, ao meu Salvador, Jesus Cristo, que me dá livre acesso ao Deus Pai: por ter me dado a vida eterna, com Sua morte e ressurreição – acontecimento que, acima de todos os outros, quer da minha própria história, quer da História contada nas páginas a seguir, é o que mais me fascina. Como tudo o que faço nesta vida, esta dissertação também é parte do meu desejo de glorificá-Lo.

Numa manhã cinzenta, gélida como a vida nesta cidade.

São Paulo, 31 de maio de 2015.

## Resumo

Esta pesquisa analisa o papel desempenhado pela imprensa luso-americana na criação de um universo geográfico-político referencial entre 1808 e 1822, isto é, no momento crucial de passagem da condição colonial à nacional. Realizar esta epistemologia das cartografias imaginadas significou utilizar-se do método quantitativo para tabular todas as menções, encontradas nos 35 jornais consultados, a diferentes tipos de espaço: hemisférios, oceanos, ilhas, rios, continentes, países, províncias, cidades, vilas e arraiais. A hipótese central aqui sustentada é que os esboços de mapas-múndi daí resultantes projetaram o Brasil de modo inédito, pois os lineamentos políticos que o dotavam de certa singularidade eram reforçados *pari passu* sua inserção numa nova ordem internacional. De modo que, ao inserir-se num contexto mundial, a própria ideia de um Brasil enquanto corpo político em potencial ia paulatinamente ganhando materialidade.

Palavras-chave: Brasil, Independência, Imprensa.



## Abstract

This research analyses the role played by the Luso-American press in the creation of a geopolitical set of references from 1808 to 1822, that is to say, in the crucial moments of transition from the colonial condition to the national one. Carrying out this *epistemology of imagined cartographies* meant to make use of the quantitative method to tabulate every mention found in the thirty five newspapers researched made to different categories of space, such as: hemispheres, continents, countries, provinces, cities, hamlets, villages, and campgrounds. The main hypothesis sustained here is that the resulting world maps projected Brazil in a new way, given that its political lineaments that would add some uniqueness to it were strengthened *pari passu* its insertion in a new international order. In a way that, by entering in a global context, the very idea of Brazil as being able to turn into a political body would slowly become concrete.

Key-words: Brazil, Independence, Press.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1 – O artefato da informação.....</b>	<b>23</b>
<b>1.1. Agentes, suportes e vetores da informação.....</b>	<b>24</b>
<b>1.2. As geografias das rotas de comércio marítimo a partir do Brasil.....</b>	<b>50</b>
<b>1.3. Um mundo costurado por jornais.....</b>	<b>63</b>
<b>Capítulo 2 – A geopolítica dos impressos.....</b>	<b>88</b>
<b>2.1. Geografia e política no alvorecer do século XIX.....</b>	<b>89</b>
<b>2.2. Mares e oceanos.....</b>	<b>93</b>
<b>2.3. Continentes e outros marcos .....</b>	<b>97</b>
<b>2.4. Regiões internas e externas à América portuguesa.....</b>	<b>104</b>
<b>Conclusões.....</b>	<b>127</b>
<b>Tabelas .....</b>	<b>135</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>423</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos.....	136
Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos.....	146
Tabela 3 - Jornais citados pela imprensa luso-americana.....	154
Tabela 4 - Distribuição do número total de Continentes, Oceano/Mar e Região - Externa/Interna.....	161
Tabela 4.1.1 - Mares e oceanos - cálculo bruto.....	162
Tabela 4.1.2 - Mares e oceanos - cálculo líquido.....	164
Tabela 4.2.1 - Continentes e outros marcos - cálculo bruto.....	166
Tabela 4.2.2 - Continentes e outros marcos - cálculo líquido.....	167
Tabela 4.2.3.1 - Continentes e outros marcos (1808 a 1814) - cálculo bruto....	168
Tabela 4.2.3.2 - Continentes e outros marcos (1808 a 1814) - cálculo líquido.	169
Tabela 4.2.3.3 - Continentes e outros marcos (1815 a 1820) - cálculo bruto...	170
Tabela 4.2.3.4 - Continentes e outros marcos (1815 a 1820) - cálculo líquido.	171
Tabela 4.2.3.5 - Continentes e outros marcos (1821 a 1822) - cálculo bruto...	172
Tabela 4.2.3.6 - Continentes e outros marcos (1821 a 1822) - cálculo líquido.	173
Tabela 4.3.1.1 - Regiões Intenas / Externas por ano – bruto.....	174
Tabela 4.3.1.2 - Regiões Intenas / Externas por ano – líquido.....	175
Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto.....	176
Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido.....	366

# **Introdução**

O Senado da Câmara faz saber ao Povo e Tropa desta Cidade, que tendo previsto que era vontade unânime de todos Aclamar Imperador Constitucional do Brasil a S.A.R. o Príncipe; desejando acautelar que algum passo precipitado apresentasse com as cores de partido faccioso hum Ato, que a vontade de todo o Brasil requer, e que por esta razão, e pela importância de suas conseqüências, deve *aparecer à face do Mundo inteiro* revestido das fórmulas solenes, que estão reconhecidas por enunciativa da vontade unânime dos Povos, tem principiado a dar as providências necessárias, para que a aclamação de S.A.R. se faça solenemente no dia 12 de Outubro, Natalício do Mesmo Senhor, não só nesta Capital, mas em todas as Vilas desta Província, e tem justos motivos para esperar que a maior parte das Províncias coligadas pratiquem outro tanto no mesmo Fausto Dia. <sup>1</sup>

Ao tempo em que esse edital apareceu transcrito no jornal carioca *O Espelho*, na edição de 24 de setembro de 1822, havia pouco que d. Pedro declarara, às margens do riacho do Ipiranga, a independência do Brasil. Menor ainda era o lapso decorrido desde que o príncipe deixara a província de São Paulo, onde estivera em viagem desde meados de agosto, para regressar bem depressa ao Rio de Janeiro, no dia 15 daquele mês.<sup>2</sup> A verdade é que d. Pedro mal chegara à capital fluminense, e alguns dos mais proeminentes integrantes do assim chamado “grupo do Ledo”, congregados no espaço de sociabilidade maçônica do *Grande Oriente do Brasil*, trataram de dar logo a partida, ali e nas demais províncias, para a mobilização necessária para que ele fosse aclamado imperador constitucional do Brasil.<sup>3</sup>

Como se é sabido, em 17 daquele mesmo mês, José Clemente Pereira, então presidente do Senado da Câmara do Rio de Janeiro e um dos principais porta-vozes do aludido grupo, enviara circulares às demais províncias, solicitando-lhes que se preparassem para a aclamação, prevista para o dia 12 de outubro. Um pouco mais adiante, no dia 21 de setembro, essa mesma instituição expediria edital de dois parágrafos, subscrito por seu representante maior, e que deveria ser afixado nas principais repartições da urbe carioca, a fim de fazer pública e notória a resolução de se proceder, bem proximamente, à cerimônia. E, dentre muito em breve, esse documento viria a ganhar novo meio de divulgação, sendo reproduzido na sua íntegra nas páginas do *Espelho*, naquela edição de número 89...

---

<sup>1</sup> *O Espelho*. Número 89. 24/09/122. Grifos do autor.

<sup>2</sup> Vera Lúcia Nagib BITTENCOURT. *De Alteza Real a Imperador*. O governo de d. Pedro, de abril de 1821 a outubro de 1822. 2006. 395 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo. p. 318-356.

<sup>3</sup> Para a atuação do assim chamado “grupo do Ledo” no período, conferir Alexandre Mansur BARATA. *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822)*. Juiz de Fora, Ed. UFJF; São Paulo, Annablume: 2006. Capítulo 4. Cecília H. L. S. OLIVEIRA. *A astúcia liberal: relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro (1820-1824)*. Bragança Paulista, Edusf; Ícone: 1999.

Era ali onde ganharia maior visibilidade. Como que posto sob os feixes de luz de um holofote, o texto teria maiores chances de atingir maior número de destinatários, pois o “povo” e a “tropa” eram rubricas abrangentes, que poderiam açambarcar muitos sujeitos. Urgia, assim, dar-lhe visibilidade, escancará-lo para que sua mensagem fosse propalada em todos os cantos. Afinal, o evento que anunciava era de toda relevância. Àquela altura, o Brasil já era um país livre e independente. Uma ruptura decisiva se operara no Novo Mundo, de modo a romper vínculos seculares com o Velho, isto é, os laços que até então atavam a colônia americana à metrópole europeia.<sup>4</sup> O príncipe já havia dado o brado do Ipiranga, no 7 de setembro; lançado os “manifestos de agosto”, nos dias 1 e 6 daquele mês; convocado a Assembléia constituinte brasileira, em 3 de junho. Restava, agora, legitimar politicamente essa separação, para o que a manobra política da aclamação de d. Pedro tinha papel em tudo central.<sup>5</sup>

De fato, aquele não seria o primeiro título que o príncipe receberia, a contar por ao menos dois que lhe antecederam. Em 26 de abril de 1821, por ocasião do regresso de d. João VI a Portugal, fora-lhe dado o de *regente*. No ano seguinte, em 13 de maio, o de *Defensor Perpétuo do Brasil*, fato que indicava que sua autoridade “deixava de derivar exclusivamente de um poder hereditário para ser confirmada pela vontade popular”.<sup>6</sup> A aclamação prevista para o dia 12 de outubro, porém, instauraria algo completamente novo. Vista retrospectivamente, a celebração encenada na praça pública, à maneira de uma teatralização da vida política, lavraria o contrato entre o governante e os governados. A autoridade de d. Pedro I emanaria da soberania popular, e não mais do direito de sucessão dinástico. Entre o povo o Imperador, um pacto político que representaria o próprio ato da fundação do Império do Brasil – já agora desvencilhado de Portugal.<sup>7</sup>

Mas note-se com bastante atenção a letra do edital. A aclamação, vista como projeto em vias de execução, incidiria sobre duas frentes distintas, embora

---

<sup>4</sup> Não há consenso na historiografia sobre o significado do 07 de setembro, até porque, como lembra Jurandir MALERBA, “o problema da periodização da independência abre para diversas interpretações e suas ênfases nos aspectos políticos/diplomáticos e econômicos e sociais, e incide diretamente na questão da duração do movimento.” *A independência do Brasil: novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p. 31. Para uma amostra de trabalhos que colocam pouca ênfase na data, ver Hendrik KRAAY. *A Invenção do Sete de Setembro (1822-1833)*. *Almanack Braziliense*. São Paulo, n.11, p. 52-61, mai. 2010.

<sup>5</sup> Lúcia M. B. P. das NEVES. *Corcundas e Constitucionais*. A cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan, 2003. Capítulos 12 e 13.

<sup>6</sup> *Ibidem*. p. 340.

<sup>7</sup> Iara Lis Carvalho SOUZA. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)*. p. 256-281.

complementares. De um lado, satisfaria à “vontade unânime dos povos” da capital, assim como de todas as “vilas” da província do Rio de Janeiro, e ainda de todas as “províncias coligadas”; tomados em conjuntos, os povos de umas e doutras, representavam a “vontade de todo o Brasil”. A outorga do título de imperador a d. Pedro envolvia, assim, o contrato entre esses habitantes, detentores da face popular da soberania, com a *persona* de d. Pedro; o Brasil, entendido como corpo político autônomo, surgiria daí, desse acordo interno entre suas partes (os membros) e o imperador (a cabeça).<sup>8</sup>

Por outro lado, esse mesmo pacto a fundá-lo carecia de “aparecer à face do Mundo inteiro”. Se o país já gozava do *status* de nação livre e emancipada, cujas partes integrantes estariam, muito em breve, cimentadas por um contrato social lavrado entre o povo e o príncipe, era imprescindível dar-lhe visibilidade a nível internacional, publicando às quatro partes do globo o que teria lugar ali, na outrora América portuguesa.<sup>9</sup> Seria esta uma fonte poderosa de legitimidade, cuja chancela fortaleceria uma manobra feita na esfera primordialmente doméstica. Mas não apenas isso. A aclamação representava a possibilidade efetiva de alçar o Brasil ao mesmo patamar ocupado por outras “nações”, fossem elas de longa existência ou recém-surgidas. Efetuaria, ao fim e ao cabo, o ritual de iniciação de um novo país no mundo.

\*\*\*

Esta dissertação trata precisamente de perscrutar esse fenômeno, isto é, a emergência do Brasil independente *vis-à-vis* sua inserção em contexto mundial.<sup>10</sup> Aqui,

---

<sup>8</sup> Iara Lis Carvalho SOUZA. *Op.Cit.*

<sup>9</sup> Os jornais da época comumente usavam o vocábulo *partes* e/ou *inteiro* para referirem-se ao globo como um todo – mundo inteiro (*Correio do Rio de Janeiro*, número 9 e número extraordinário 3) –, ou a alguns de seus quadrantes – “duas”, “três”, “quatro” partes (*Correio do Rio de Janeiro*, números 50 e 123; *O Espelho*, número 89; *O Conciliador do Maranhão*, número 109, 129,136; *Gazeta do Rio de Janeiro*, número 74, 1810). Para uma abordagem culturalista sobre as conexões entre as partes do mundo durante a Idade Moderna, conferir Serge GRUZINSKI. *As quatro partes do mundo*. História de uma mundialização. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: EDUSP, 2014.

<sup>10</sup> Esse processo foi analisado recentemente por João Paulo Garrido PIMENTA em *Tempos e espaços das Independências: a inserção do Brasil no mundo ocidental*. 2012. 207 f. Tese (Livre Docência em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo. Ver também István JANCSÓ. “A construção dos Estados nacionais na América Latina – apontamentos para o estudo do Império como projeto.” In: Tamás SZMRECSÁNYI; José R. A. LAPA. *História econômica da Independência e do Império*. São Paulo: Hucitec; ABPHE, 1996. p. 3-26. Jacques GODECHOT.

o ano de 1822 é tomado, a um só tempo, como ponto de chegada e de partida. Pois se é deste momento a ocorrência do batismo político do país, para fins de publicização da ruptura com Portugal tanto para dentro quanto para fora, nele vai-se também desaguar o produto de uma operação simbólica menos evidente, porque de natureza subterrânea, que vinha sendo formatada pela imprensa luso-americana desde suas origens, em 1808. Moroso, não-linear e longe de ser cumulativo, à maneira de um farol a sinalizar para algo que eclodiria nalgum tempo futuro, o processo consistiu em noticiar-se o Brasil – quando este não era o que viria a ser depois do *7 de setembro* – em pé de igualdade com outros países que, bem antes dele, já eram livres e soberanos. Ao integrá-lo a um universo político referencial de escala planetária, construído paulatinamente na imaginação dos leitores e que não encontrava, necessariamente, correspondência idêntica com o chão firme da realidade, a imprensa acabou por retratar o Brasil como uma entidade política dotada de certa coesão, emparelhando-o com muitos outros países que, à época, eram reconhecidos como tais.<sup>11</sup>

Que fique claro, desde logo, que esta proposta investigativa passa ao largo de endossar a chave nacionalista que sustenta que a nação brasileira estaria pré-configurada no período colonial. É verdade que a assim chamada “vertente nacionalista”, da qual Francisco Adolfo de Varnhagen<sup>12</sup> pode ser citado como o expoente maior, tinha grande vitalidade no século XIX, no bojo do processo de formação do Estado nacional brasileiro, quando a escrita do passado funcionava como poderosa fonte de legitimidade para projetos de organização política e cultural. No século seguinte, porém, ecos dessa chave analítica far-se-iam notar nos trabalhos de Rocha Pombo, Pedro Calmon, Hélio Viana e Jaime Cortesão<sup>13</sup>, pondo a lume sua força e persistência. Até mesmo José

---

Independência do Brasil e a Revolução do Ocidente. In: Carlos Guilherme MOTA. *1822: Dimensões*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. p. 27-37

<sup>11</sup> Em escala mais reduzida, esse fenômeno já foi estudado por István JANCSÓ, Andréa SLEMIAN. Um caso de patriotismo imperial. In: Alberto DINES (org.). *Hipólito José da Costa e o Correio Brasiliense*. São Paulo; Brasília: Imprensa Oficial do Estado; Correio Brasiliense, 2003, v. XXX, p. 605-667. Para estudos que lidam com o mesmo objeto, porém em outras realidades históricas, ver Charles E. CLARK & Charles WETHERELL, *The Measure of Maturity: The Pennsylvania Gazette, 1728-1765. The William and Mary Quarterly*, Vol. 46, No. 2, pp. 279-303. Apr., 1989. Denis REYNAUD e Chantal THOMAS (eds.) *La suite à l'ordinaire prochain: la représentation du monde dans les gazettes*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1999.

<sup>12</sup> Francisco A. de VARNHAGEN. *Historia da Independência do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

<sup>13</sup> Diferentemente da abordagem aqui adotada, esse historiador português acabou por reproduzir, de modo tão convincente quanto indesejável, o anacronismo que estudava, engessando a configuração territorial do Brasil. Segundo o historiador, a crença dos povos indígenas na existência de um bloco territorial coeso e bem delimitado, embrião por assim dizer daquilo que viria a ser a América Portuguesa e, logo depois, o



Honório Rodrigues, imbuído de senso de crítica para com obras que eram permeadas por esse viés, incorreu no erro de reproduzir os equívocos que pretendia superar.<sup>14</sup>

Para iluminar essa temática, considera-se, de partida, a impropriedade de se trabalhar com categorias *nacionais* antes mesmo delas haverem assumido sua feição moderna<sup>15</sup>, isto é, serem inextricavelmente atreladas ao Estado soberano, cujas origens estão, sobretudo, nas revoluções modernas. Vale lembrar que, décadas atrás, Sérgio Buarque de Holanda<sup>16</sup> e Caio Prado Júnior<sup>17</sup> fizeram questão de advertir, de modo pioneiro, acerca do processo de formação da nação e do Estado brasileiros: embora coetâneos, esses eventos não podiam ser vistos como sinônimos, como se a este se seguisse, quase que automaticamente, aquele. Mais recentemente, certa linhagem historiográfica, capitaneada sobretudo por István Jánco<sup>18</sup>, cuidou em complexificar ainda mais a problemática ao matizar os nexos que conferem inteligibilidade à chave *Estado-Nação*. A hipótese, hoje já celebrizada, dizia respeito à inconsistência da ideia de ser o Estado demiurgo da nação. Em ambos as linhagens, cumpre destacar, estar-se-ia diante daquilo que Fernando Novais chamou de um dos maiores *enigmas de nossa formação*.<sup>19</sup>

\*\*\*

---

Brasil, explicaria o porquê de os domínios territoriais dessas entidades político-administrativas terem permanecido os mesmos por séculos a fio, imutáveis e infensos a ação dos homens no tempo e no espaço. Jaime CORTESÃO. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Ministério da Educação e Cultura, 1958. Sobre o tema, ver ainda Iris KANTOR. Usos diplomático da ilha-brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas. *Varia História*, v. 37, p. 70-80, 2007. Demétrio MAGNOLI. *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Ed. UNESP-Moderna, 1997.

<sup>14</sup> Para uma discussão crítica sobre essa historiografia, ver João Paulo Garrido PIMENTA. *Estado e Nação no fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828)*. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. “Primeira Parte – Desconstrução”.

<sup>15</sup> A referência para se pensar a nação antes do século XVIII e XIX continua a ser Anthony D. SMITH, *The Antiquity of Nations*, Malden, Polity Press, 2004.

<sup>16</sup> Sérgio B. de HOLANDA, A herança colonial – sua desagregação, In: *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1960. (t. 2: O Brasil monárquico, v. 1: O processo de emancipação).

<sup>17</sup> Caio PRADO JÚNIOR, *Evolução política do Brasil e outros estudos*, São Paulo, Brasiliense, 1997.

<sup>18</sup> Uma boa amostragem dessa linhagem historiográfica pode ser encontrada em István JANCSÓ (org.), *Independência: história e historiografia*, São Paulo, Hucitec, 2005; \_\_\_\_\_(org.), *Brasil: formação do Estado e da Nação*, São Paulo, Hucitec; Ed. Unijuí; FAPESP, 2003. Ver também Roderick J. BARMAN, *Brazil: the forging of a nation (1798-1852)*. California, California University Press, 1988. Rogério da Silva FORASTIERI, *Colônia e Nativismo: a história como biografia da nação*, São Paulo, Hucitec, 1997.

<sup>19</sup> Fernando A. NOVAIS, Condições da privacidade na colônia. In: *História da vida privada no Brasil*, t.I, São Paulo, Cia. das Letras, 1997, p.13-39.

Por último, vale ainda salientar que, em grande medida, esta pesquisa é tributária direta de algumas tendências que, em diferentes contextos, marcaram os estudos sobre a história da imprensa no Brasil. A começar pelo mais recente, pois como lembra Marc Bloch <sup>20</sup>, toda e qualquer História é sempre fruto do seu tempo. Assim é que, desde pelo menos a década de 1980, observa-se uma notável renovação desse campo de estudo, devido à influência exercida por movimento similar – maior em abrangência, porém – ocorrido no âmbito da academia francesa e anglo-saxã, no tocante à história política, cultural e das idéias/intelectual. <sup>21</sup> Como decorrência, é bem verdade que recortes cronológicos, temáticos e espaciais conseguiram ser alargados. Que novas perspectivas teórico-metodológicas foram incorporadas às análises, enriquecendo-as com complexidade e sofisticação. Que questões caras ao terreno da historiografia passaram a ser revisitadas com mais frequência, recebendo novo sopro oxigenador. <sup>22</sup>

Acima de todas estas, porém, se deve citar a adoção do pressuposto de que a imprensa possui natureza bifronte, ou seja, é tanto indício como fator do acontecimento. De acordo com Robert Darnton <sup>23</sup>, não é acertado vê-la como simples registro do que realmente ocorreu, posto se tratar de um ingrediente, do levedo com potencial para fazer crescer toda a massa dos fatos históricos. Ela ajudou a dar forma àquilo que noticiava, foi força ativa na história. Perscrutá-la sob esse prisma permite rechaçar, por exemplo, perspectivas tidas como tradicionais, que imprimiram marcas em alguns trabalhos. <sup>24</sup> De um lado, meio que contaminados por certa sensibilidade historicista, pode-se evocar aqueles que concebiam a imprensa como o registro do que realmente se passou, ou seja,

---

<sup>20</sup> Marc Leopold Benjamin BLOCH. *Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

<sup>21</sup> Conferir, por exemplo, Maria Fátima BONIFÁCIO. *Apologia da História Política: estudos sobre o século XIX português*. Lisboa: Quetzal, 1999.

<sup>22</sup> Sobre o estado da arte dos estudos sobre a história da imprensa, conferir: Ana L. MARTINS; Tania R. LUCA (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7-19; Lúcia Bastos Pereira das NEVES; Marco Morel; Tania M. B. C. FERREIRA (org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*, Rio de Janeiro, DP&A / FAPERJ, 2006; Marco MOREL, *Independência no papel: a imprensa periódica*, In: István JANCSÓ (org.). *Independência: história e historiografia*, São Paulo, Hucitec, 2005, p. 617-636.

<sup>23</sup> Robert DARNTON; Daniel ROCHE (orgs.). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo. EDUSP. 1996. p. 11.

<sup>24</sup> É assim que, de um lado, parece não mais haver lugar para o ranço “positivista” que impregnou algumas obras datadas do século XIX, a exemplo da fundamental *História da Independência do Brasil*, de VARNHAGEM, (São Paulo, Melhoramentos, 1957), ou da *História do Brasil durante a menoridade de D. Pedro II*, de João Manuel Pereira da Silva, (2a ed, Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1878), que, ao usarem amplamente da fonte imprensa, acabaram por atribuir aos jornais o rótulo de simples repositórios da verdade última dos fatos. Tampouco há espaço para a suposição de que a imprensa não fora mais do que instrumento ideológico, que travestia interesses econômicos de grupos dominantes, como verificado em Arnaldo D. CONTIER. *Imprensa e ideologia em São Paulo, 1822-1842*, Petrópolis, Vozes, 1979.

como o locus de onde se poderia resgatar, na sua inteireza, a essência de certo fato. Por outro, os que a tratavam como instância falsificadora da realidade, passível de ser arrogada por grupos dominantes para servir de ferramenta de manipulação ideológica.

Para além dessas contribuições típicas do caudal historiográfico hodierno, buscase ainda incorporar procedimentos próprios de dois outros contextos de produção. O primeiro, caracterizado por aquilo que Marco Morel denominou de “síndrome de inventariar”<sup>25</sup>, consistiu no esforço de alguns historiadores do século XIX, tais como Fernandes Pinheiro, Melo de Moraes e Moreira de Azevedo<sup>26</sup>, de realizar um amplo levantamento sobre as informações disponíveis quanto à produção jornalística de até então: título, data, duração, formato, redator, editor, público-alvo, filiação político-partidária. Embora de natureza essencialmente *catalográfica*, carecendo, não por acaso, de elementos analíticos mais verticalizados, esses trabalhos contribuíram decisivamente para o mapeamento da totalidade dos jornais editados no Brasil. Visava-se criar, em última instância, um banco de dados que pudesse facilitar o desenvolvimento de pesquisas futuras. A proliferação de estudos sobre a imprensa, ocorridas no âmbito das comemorações do Centenário da Independência, sob a coordenação de Alfredo de Carvalho<sup>27</sup>, revelaria que os objetivos daqueles autores, em certa medida, haviam sido alcançados.

O segundo, por seu turno, definiu-se pelo esforço de estabelecer, por trás da circulação de jornais pelo país, um sentido mais abrangente, típico de enfoques que primam pela construção de interpretações de cunho mais geral. É este o caso, por exemplo, do estudo do historiador e jornalista Nelson Werneck Sodré<sup>28</sup>, considerado por muitos autores como um clássico que adicionou ao *levantamento denso* dos principais jornais produzidos até os anos de 1930 a *formulação de tipologias* – tais como “imprensa artesanal” e “imprensa industrial” – úteis para se enquadrar dados e eventos em uma leitura mais holística. Obtidas por meio do estudo diacrônico do tema, as conclusões parciais, que vão sendo obtidas à medida que o tempo pretérito se torna

---

<sup>25</sup> Marco MOREL. Independência no papel: a imprensa periódica, In: István JANCSÓ (org.). *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 634.

<sup>26</sup> J. C. Fernandes PINHEIRO. A imprensa no Brasil, *Revista Popular*, Rio de Janeiro, 20/11/1859.; A. J. de Melo MORAIS. Jornais que se tem publicado no Brasil desde o dia 10 de setembro de 1808 até 20 de outubro de 1862, In: *Corografia histórica, cronográfica, genealógica, nobiliária e política do Império do Brasil*, t. 1, 2ª parte, Rio de Janeiro, Typographia Brasileira, 1863.; Moreira de AZEVEDO. Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro, *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t. XXVIII, p. 169-224.

<sup>27</sup> Marco MOREL. *Op. Cit. passim*.

<sup>28</sup> Nelson Werneck SODRÉ. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

mais raso, corroboram a tese de que a história da imprensa seria a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. Ao assim fazê-lo, a obra de Sodré empregou, com grau de sofisticação ainda não observado na época, exercício metodológico esboçado, décadas antes, nas importantes obras de Hélio Vianna<sup>29</sup>, Carlos Rizzini<sup>30</sup> e Caio Prado Júnior<sup>31</sup>, autores esses que, em certa medida, haviam também privilegiado a elaboração de narrativas de cunho mais analítico.

De um modo geral, é possível afirmar que essas perspectivas ainda não foram operacionalizadas de modo integrado. Isto porque a literatura sobre a história da imprensa no Brasil parece ainda ressentir-se de trabalhos que, de posse da proficiente fonte-objeto, dêem conta do todo, mas a partir da análise conjunta e minuciosa das diferentes partes. São bastante escassas, nesse sentido, pesquisas cujos focos, começando pela quantificação e descrição do objeto, desemboquem em resultados analíticos pautados em interpretações de cunho mais geral, aptas o bastante para superarem tanto o recorte limitado, e por vezes desconexo, dos estudos de caráter fundamentalmente técnico e monográfico, quanto a porosidade existente em obras que tendem à generalização e ao ensaísmo.<sup>32</sup>

Com vistas a integrar efetivamente esses enfoques, isto é, o particular com o geral, recorreu-se aqui ao método quantitativo.<sup>33</sup> De saída, cumpre frisar que a opção de se eleger como corpus documental o maior número possível de jornais publicados em seis províncias (Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Cisplatina) já representa, por si só, indício sólido do apego a uma mirada mais totalizante. A quantificação, todavia, enseja que se vá mais além, uma vez que seu emprego fornece ricos veios para se atingir certos objetivos. Como se verá adiante, por meio dela foi possível o acesso ao cômputo de todos os vocábulos geográficos encontrados na

---

<sup>29</sup>Hélio VIANNA. *Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.

<sup>30</sup> Carlos RIZZINI. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*. Rio de Janeiro, Kosmos, 1945.

<sup>31</sup> Caio PRADO JÚNIOR. O Tamoio e a política dos Andradas na Independência do Brasil, In: *Evolução política do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

<sup>32</sup> Marco Morel. *Op. cit.*

<sup>33</sup> Para uma discussão de cunho mais teórico sobre as contribuições da quantificação para o domínio Ciências Humanas, consultar Theodore M. PORTER, Quantification and the Accounting Ideal in Science, *Social Studies of Science*, London/Newbury Park/New Delhi, V.22, N. 1, p.633-52, 1992; e Charles H. FEINSTEIN e Mark THOMAS. *Making History Count: a Primer in Quantitative Methods for Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. Tratamento quantitativo dos jornais pode ser visto em G. Thomas TANSELLE. "Some statistics on American printing: 1764-1783". In: Bernard BAILYN; John B. HENCH. *The press and the American Revolution*. Boston: Northeastern University Press, 1981. p. 315-364.

imprensa luso-americana, permitindo assim olhá-la em conjunto e de modo sistemático. Além disso, sendo devidamente conjugada à análise qualitativa, essa via mostrou-se assaz útil para descortinar aspectos do fenômeno aqui investigado, que, de outro modo, talvez não tivessem sido trazidos a lume – na maneira e na intensidade que o foram.

Vale lembrar que esse método encontra ressonância nos dois capítulos em que se divide esta dissertação. Mesmo que excertos das edições dos jornais sejam citados aqui e acolá, a fim de dar suporte à tessitura da argumentação, a descrição exhaustiva dos dados não perde sua centralidade; afinal de contas, ela é vista como pré-condição para se extrair deles elementos mais qualitativos, que a bem da verdade é o fim de qualquer exercício de quantificação.<sup>34</sup> Assim, o primeiro capítulo, intitulado *O artefato da informação*, examina o processo de “fabricação” da notícia, não por acaso caracterizada como um *artefato*; afinal, trata-se de algo em construção, inacabado, que sofre mutações ao longo das etapas de sua difusão. Por isso, reconstrói-se o circuito ao longo do qual ela se propagava: em diferentes suportes, e através de muitos agentes e vetores. Tendo como base documental apenas os jornais, recupera-se a participação de comerciantes, marinheiros, tripulantes, passageiros, viajantes terrestres – de pessoas em trânsito, enfim – nessa dinâmica; afora a de embarcações e de outros meios de locomoção/transporte. Nas duas seções seguintes, dá-se especial ênfase, *quantificando a ambos*, (1) ao movimento de entrada e saída de embarcações dos portos das cidades-sede onde os jornais eram impressos, com vistas a esboçar a geografia das rotas de comércio que passavam pelo Brasil; e, por fim, (2) ao jogo de citações recíprocas dos jornais, por meio do qual se ensaia realizar a arqueologia dessa modalidade específica de fonte de que eles se valiam para obterem notícias, qual seja, outras folhas congêneres.

A “*geopolítica*” dos impressos nomeia o segundo e último capítulo. Nele, trata-se de reconstruir o mapa-múndi político imaginado criado pelos jornais luso-americanos. Para isso, a primeira parte fica a cargo de problematizar as relações entre geografia e política no primeiro quartel do século XIX, com vistas a indicar as condições de possibilidade, dadas pela imprensa, para se imaginar o espaço enquanto construção política, cuja percepção variava não apenas no tempo, mas, sobretudo, em função direta dos rearranjos sofridos pela ordem mundial. Este capítulo alça a quantificação ao primeiro plano, operacionalizando-a como ferramenta poderosa para se

---

<sup>34</sup> Klaus Bruhn JENSEN (ed.). *A Handbook of Media and Communication Research: Qualitative and Quantitative Methodologies*. New York: Routledge, 2012.

depurar a enormidade de dados arrolados. A tabela que os agrupa é examinada a partir do estabelecimento apriorístico de três categorias, a saber, *mares/oceanos, continentes e regiões internas e externas à América portuguesa*. Ênfase maior é dada à descrição do último grupo, de modo a expor as regiões que pontilham o globo referencial. Uma vez que a ideia central é ver o Brasil em meio a essa totalidade, adota-se uma estratégia narrativa de sentido centrípeto, ou seja, parte-se dos locais mais distantes, contextualizando-os política e economicamente, até chegar-se à América portuguesa e suas partes constituintes. Este o ponto alto do capítulo, quando se mostra o mundo referencial do qual e no qual o Brasil emerge, no momento decisivo de passagem da condição colonial à nacional.

# **Capítulo I:**

## **O artefato da informação**

## 1.1. Agentes, suportes e vetores da informação

Em seu número inaugural, datado de 14 de maio de 1811, a *Idade d'Ouro do Brazil*, primeira gazeta impressa na então capitania da Bahia, dirigia-se nominalmente ao público leitor por meio de uma pequena nota na seção *Avisos*. O tema desta não guardava qualquer semelhança com os das notícias que, espalhadas pelas três páginas anteriores, davam forma e substância àquela edição. Não se tratava mais de despender papel e tinta para transmitir aos luso-americanos o que de mais importante diziam os jornais europeus aos quais se tivera acesso, ou sobre as notícias que corriam à boca miúda sobre a cidade de São Salvador, sede da tipografia onde era impresso o jornal <sup>35</sup>. Quanto ao plano externo, liam-se, segundo relatos do *Courier*, folha de língua francesa publicada em Londres, artigos da “tomada de *Batavia*, e da *Ilha de Banda*, estabelecimentos Holandeses na *Ásia*, que ainda perturbavam a tranqüilidade absoluta da *Grã-Bretanha* naqueles mares”; as *Gazetas extraordinárias da Regência*, que reproduziam “Ofício de D Manuel La Peña, General em chefe interino do quarto Exército” da *Espanha*, pelo qual participava ao “Chefe do Estado maior General a tomada pelo Exército do seu Comando” dos pontos *Casas Viejas* e *Berguer*, situados na província de *Cádiz*; ou ainda cartas recebidas do Exército e impressas na *Gazeta de Lisboa*, que afirmavam que as tropas inglesas lograram desalojar o inimigo francês até então estacionado na *Vila da Ega* e em *Redinha*, rechaçá-lo em *Coimbra*, e ainda impedi-lo de tomar a passagem do *Rio Alva*... <sup>36</sup> A cobertura dos eventos ocorridos internamente, por sua vez, era mais enxuta, talvez pela menor relevância dos mesmos ou, quiçá, pela morosidade com que ocorriam em relação aos outros, tidos como internacionais. A verdade é que, naquele número, as festividades realizadas pelo povo bahiense por ocasião da celebração do natalício do Príncipe Regente, d. Pedro, afiguraram-se como a pauta principal dos assuntos domésticos. <sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Sobre os esforços para a instalação da tipografia na Bahia, ver a coletânea de documentos organizada por Marcello de IPANEMA e Cybelle de IPANEMA. *A tipografia na Bahia*. Documentos sobre suas origens e o empresário Silva Serva. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1977.

<sup>36</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 1. 14/05/1811. Itálicos originais.

<sup>37</sup> Sobre o contexto político da Bahia no período de publicação da *Gazeta*, conferir Argemiro Ribeiro de SOUSA FILHO. *Confrontos políticos e redes de sociabilidade*. Bahia (1821-1823). 2010. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Maria Aparecida Silva de SOUSA. *Bahia: de capitania a província, 1808-1823*. 2008. 302 p. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Thomas WISIAK. *A “nação partida ao meio”*: tendências



Com o aviso, porém, os redatores da *Idade d'Ouro*, dois portugueses radicados em terras brasílicas, estabeleciam o primeiro contato direto e nominal com seus leitores <sup>38</sup>. Valer-se-iam, para tanto, do emprego de um vocativo, recurso até então inédito naquela edição. Eram-no, a princípio, as “pessoas”, entendidas em sua acepção mais genérica; mas, logo em seguida, o foco incidia sobre um público bem específico: os comerciantes. A razão de ser de tal predileção não era fortuita – e isto não escondia o texto. O comércio ensejava-lhes, mais do que a quaisquer outros agentes sócio-econômicos, o entabular de relações mais amplas “com as outras praças assim nacionais como estrangeiras” <sup>39</sup> - o que parecia ser uma espécie de saber sabido, causando-lhes pouca ou nenhuma surpresa. Tanto assim que os redatores pareciam antecipar-se a um de seus contemporâneos mais ilustres, o norte-americano Thomas Jefferson, que proferiria, no ano de 1814, a máxima de que “merchants have no country” <sup>40</sup>. A estes, em razão de suas atribuições únicas dentre o rol dos ofícios então em voga, era imposta uma condição itinerante, cujas marcas principais eram a provisoriedade, o cosmopolitismo, a conectividade até então sem igual com um grande número de lugares e pessoas, fossem estas compatriotas, forasteiras, estrangeiras. Mercadejar, nesse sentido, excedia em muito o simples movimento pendular da balança comercial das metrópoles e de suas respectivas colônias. Consistia não apenas em singrar mares e oceanos com embarcações carregadas de produtos agrícolas ou industrializados, escravos e passageiros, especiarias e sortimentos; mas, em decorrência disto e não menos importante, colocar pessoas, saberes, experiências, notícias, boatos, impressos e manuscritos em *movimento*, conectando-os, integrando-os, inserindo-os em fenômenos maiores em abrangência e escopo. Pouco importava se em fragatas, brigues, galeotas, barcas, sumacas, bergantins, escunas, corvetas, lanchas, canoas ou naus; se em alto mar ou terra firme; se na passagem rápida por entrepostos ao longo de rotas mercantis ou atracado no ponto de chegada – muito em breve de partida – para descarga e novo

---

políticas na Bahia na crise do Império luso-brasileiro. 2001. 234 p. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

<sup>38</sup> Maria Beatriz Nizza da SILVA. *A primeira gazeta da Bahia*. Idade d'Ouro do Brazil. Salvador: EDUFBA, 2011.

<sup>39</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 1. 14/05/1811.

<sup>40</sup> Merchants have no country. The mere spot they stand on does not constitute so strong an attachment as that from which they draw their gains. “Thomas Jefferson to Horatio G. Spafford, 17 March 1814,” Founders Online, National Archives (<http://founders.archives.gov/documents/Jefferson/03-07-02-0167> [last update: 2015-06-29]). Source: *The Papers of Thomas Jefferson*, Retirement Series, vol. 7, 28 November 1813 to 30 September 1814, ed. J. Jefferson Looney. Princeton: Princeton University Press, 2010, pp. 248–249.

carregamento; se no cais de uma nação amiga ou à espreita de saqueadores terrestres ou piratas dos sete mares: os comerciantes eram peças-chaves no *fazer* da informação.<sup>41</sup> Plenos sabedores dessa condição *sui generis*, os redatores da *Idade d'Ouro* não apenas lhes pediam, mas “imploravam” para que tivessem:

(...) a bondade de lhe(s) comunicar todos os artigos que nas suas Cartas acharem dignos de merecer a atenção do público, ou sejam tendentes ao melhoramento das Artes, e Ciências, ou uteis ao Comércio, e que possam servir de sintomas do estado atual dos Negócios políticos de todo o Mundo. Os desejos do Redator, de que a nossa folha Idade d'Ouro do Brasil mereça conceito, e aprovação geral, e os vivos esforços para que o seu contexto ao brilhante título, serão baldados, se o mesmo Publico não coadjuvar uns, e outros, subministrando alguns elementos para a instrução geral.<sup>42</sup>

Coadjuvar nesse processo significava reportar-se aos redatores, direta ou indiretamente, com aquilo que tinham ou sabiam. Era difundir a informação a outrem, por meio de um suporte material, sobretudo de papel, ou pelas muitas bocas e ouvidos, ávidos por notícias, que aguardavam o navio mercante chegar para obter as novas das várias paragens d'aquém e d'além mar, e correr logo a espalhá-las para quem as quisessem ouvir. Em alguns casos, cabia-lhes tão somente subministrar cartas, consignadas *motu* próprio no porão turbido de uma embarcação ou em meio à profusão de vozes de um cais estrangeiro, sobre aquilo que seus olhos puderam lá alcançar ou sobre o que lhes fora dito no convés do navio, por alguns de seus pares, e que precisava ser registrado, posto que muito em breve a fugacidade do tempo cuidaria em fenecer tais lembranças. Em outros, mas já não mais como *testemunhas oculares*, os comerciantes transcreviam o que lhes era dito pelos recém-chegados integrantes da tripulação ou por passageiros em geral – todos muitíssimo requisitados pelo que sabiam –, em cartas, que corriam de mão em mão até aterrissar nas dos redatores. Muitas vezes, na função de mensageiros, faziam chegar aos redatores cartas que seus correspondentes internacionais lhes encaminhavam. Quando ocorria de o tempo lhes faltar para

---

<sup>41</sup> A esse respeito vide o magistral trabalho, solidamente fundamentado, de Robert HARMS. *The Diligent: a voyage through the worlds of slave trade* (New York: Basic Books, 2008.), sobre as travessias do navio negreiro francês homônimo entre 1731 e 1732 por três continentes – Europa, África e América. Valendo-se do diário de bordo do capitão Robert Durand, o historiador reconstrói as experiências e vivências da tripulação, em terra ou mar, nas passagens pelos portos das cidades francesas de Vannes e Nantes, pelos reinos da África Ocidental de Daomé e Whydah, pelas ilhas de Cabo Verde e São Tomé, e finalmente pela Martinica, no Caribe francês. Integra ainda, com rara sensibilidade, a “lógica local de interesses” à dimensão atlântica, mostrando a dialética verificada entre essas instâncias, que interagiam entre si sem se sobreporem, mas influenciando-se mutuamente no que tocava à economia, política, sociedade e cultura.

<sup>42</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 1. 14/05/1811.

transcrever relatos às vezes deveras extensos, limitavam-se a transmiti-los oralmente. Repetidas vezes, não tinham cartas a entregar, nem notícias frescas, ouvidas de terceiros, a propalar; mas tão somente *folhas* “nacionais” e “estrangeiras”, quem sabe bastante friáveis – pelas condições precárias de acondicionamento da viagem, empilhados em feixes, junto a livros de contas e outros documentos da embarcação –, as quais os mercadores talvez nem sequer pudessem ler, mas que, acreditavam, seriam por demais úteis aos redatores. O fato é que, para aludir uma vez mais à citação acima, furtar-se a ajudá-los significaria o próprio malogro da tarefa a que se propunham os jornalistas: noticiar para promover a “instrução geral”, isto é, o “bem público” do império português, desde 1808 sediado no continente americano.<sup>43</sup>

Ao que tudo indica, o apelo dos redatores logrou encontrar boa acolhida entre seus destinatários; do contrário, a existência mesma do jornal, bem como o interesse do público em lê-lo, ter-se-iam ficado seriamente comprometidos. Para recorrer a uma ucrônia, quiçá elucidativa: não se contaria, em igual medida, com a gama variada de notícias sobre tantos lugares e fatos; nem tampouco a narrativa cadenciada sobre eventos mais duradouros, para os quais era fundamental certa regularidade no fluxo da informação a fim de se acompanhar os seus desdobramentos, suas idas e vindas, seus desfechos, enfim, em números subseqüentes. Não passa inobservado, assim, quer se mergulhe nas centenas de páginas que se seguiram àquele intróito da *Idade d'Ouro*, ou se vasculhe, na sua inteireza, a quase meia centena de folhas impressas na América portuguesa entre 1808-1822, que os rastros deixados pela rede de colaboradores dos jornalistas faziam-se notar. Por certo, e é importante que se frise, esses indícios eram por demais lacônicos se cotejados, por exemplo, com aqueles encontrados nos jornais impressos nas terras banhadas pelo Atlântico Norte, sobretudo os de língua inglesa e francesa. Lá, como bem o mostra Willian Slauter<sup>44</sup>, os jornais davam a melhor

---

<sup>43</sup> Kirsten SCHULTZ. *Versalhes Tropical*. Império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Andréa SLEMIAN; João Paulo G. PIMENTA. *A Corte e o Mundo: uma história do ano em que a família real portuguesa chegou ao Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008. Maria Odila Leite da Silva DIAS. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005. Jurandir MALERBA. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>44</sup> William SLAUTER. *News and diplomacy in the age of American Revolution*. 2007. 334f., Tese (Doutorado em Filosofia). History Department, Princeton University. New Jersey. Conferir também Hannah BARKER; Simon BURROWS (eds.), *Press, Politics and the Public Sphere in Europe and North America, 1760-1820*. New York: Cambridge University Press, 2002. Gilles FEYEL. *L'annonce et la nouvelle: La presse d'information en France sous l'Ancien Régime (1630-1788)*. Oxford: Voltaire Foundation, 2000. Henri DURANTON; Pierre RÉTAT (eds.) *Gazettes et information politique sous l'ancien régime*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999.

conhecer aspectos mais *qualitativos*, tão raros quanto valiosos, sobre os *bastidores da fabricação da notícia*. Para elencar apenas alguns destes, a título de ilustração: conversas que tripulantes de embarcações diferentes tiveram em alto mar – quando estas se emparelhavam – mas que, por serem abafadas pelo uivo dos ventos e pelo rebrantar das ondas umas contra as outras, e contra o que se deparassem pela frente, foram registradas incompletamente; o número de cartas, oficiais ou particulares, que um único navio-correio trazia em certa viagem; relatos de seguradoras de embarcações sobre causas de atrasos, extravios, naufrágios e pilhagens, o que poderia por demais interessar a governos locais e comerciantes<sup>45</sup>; missivas enviadas pelos correspondentes internacionais dos jornais, como também, e surpreendentemente, relatos de contrabandistas e traficantes. Ainda assim, é possível encontrar, aqui, entre as folhas luso-americanas, pistas que permitem reconstruir, parcial e imperfeitamente, os meandros da informação até esta se tornar notícia impressa, levada ao público. Auscultar as vozes e murmurações, identificar os vetores e os emissários, arrolar as fontes e os suportes da notícia, que se modificava a cada etapa desse processo de *vir a ser*, mostra-se tarefa exequível. Senão, vejamos.

A princípio, nota-se que eram raras as ocasiões em que o jornal transcrevia, na íntegra, correspondências que lhes eram endereçadas por marinheiros. Datado de 05 de junho de 1822, o número 94 do *O Conciliador*, folha imprensa na Província do Maranhão <sup>46</sup>, reproduzia uma carta, chegada três dias antes em um navio inglês, vindo diretamente da Inglaterra, do capitão de outra embarcação: a galera inglesa *George*. Nela, o remetente, Guilherme Welstool, escrevia em 27 de abril daquele ano, somente dois dias antes de ter aportado em Liverpool, para participar-lhes que chegara sã e salvo ao seu destino, depois de 56 dias de viagem. O ponto de partida desta tinha sido o Maranhão. Após 41 dias de velas alçadas no mastro, o navio conseguira cruzar o oceano Atlântico, e pôde então fazer sua primeira e única escala, em Lisboa, onde:

“(...) Sua Excelência o Governador, e o seu Estado maior, desembarcaram com saúde, que gozaram durante a viagem. Os Navios, Conde de *Vila-Flor*, e *Tejo*, chegaram a Lisboa um dia antes de mim; um com 75, e outro com 70

---

<sup>45</sup> Não é propriamente esse tipo de informação que o número 4 da *Gazeta Pernambucana*, datado de 09/11/1822, na seção *Avisos*, fornece ao repassar as instruções dadas pelos agentes da *Companhia de Seguros de Lloyds*, em Londres, sobre as condições para se atestar que uma embarcação sofrera avaria.

<sup>46</sup> Sobre a imprensa maranhense no contexto, ver Marcelo Cherche GALVES. “*Ao público sincero e imparcial*”: imprensa e independência do Maranhão (1821-1826). 2010. 356 f. Tese (Doutorado em Historia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

dias de viagem. Sai de Lisboa em 14 do corrente, e tive onze dias de viagem para Liverpool. O *Retruwe* ainda não chegou. De Vv. mm. &c. Guilherme Welstool.”<sup>47</sup>

A contar pelas notícias que logo se seguiram à carta, depreende-se que seu objetivo precípua era informar aos moradores que a viagem do agora ex-governador daquela província, o general Bernardo da Silveira Pinto, havia sido exitosa. Foi por essa razão que, continua o *Conciliador*, como demonstração do “júbilo” e “contentamento”, ouviu-se “estalarem no ar não 56, 66 ou 48 foguetes”, soltos por ocasião do embarque do governador e sua comitiva e “em cuja conta não combina[va]m bem os curiosos que os contaram”, mas “grande quantidade, superabundante para contrabalançar” àqueles ouvidos anteriormente. Como se não bastasse, no dia seguinte, as embarcações do porto foram embandeiradas, para mostrar a quem quisesse ver que o General Silveira, por suas “boas qualidades”, era “prezado da maior parte dos Cidadãos... e que Cidadãos!”<sup>48</sup> Assim, se de um lado, a carta aduzia as reações dos habitantes frente ao desfecho favorável da viagem de uma autoridade, por outro, dava a entrever o tempo gasto em travessias intercontinentais, os sentidos das rotas, as redes horizontais de comerciantes e marinheiros.

Alguns capitães de embarcação pareciam mesmo entender o significado das atribuições de cooperar com o ofício jornalístico. A bordo de navios atracados nos portos luso-americanos, mostravam-se sobremodo afeitos à prática de redigir cartas cuja finalidade primordial era reportar a súpula das notícias que possuíam sobre eventos em terra e mar. A de José Carlos de Almeida, comandante da barca *Constituição*, dava conta de informar sobre a entrada de outras quatro embarcações no porto da cidade de Salvador: a galera portuguesa *S. José Americano*, vinda do Rio de Janeiro; as naus *D. João VI* e *São Sebastião*, com destino a Portugal; a sumaca *S. José Vencedor*, chegada de Pernambuco<sup>49</sup>. Como se não bastasse, a missiva recobrava o paradeiro de outras embarcações, de cujas frotas algumas daquelas quatro ali estacionadas se separaram, quando ainda em alto mar, para rumarem em direção ao porto soteropolitano com vistas a reabastecerem-se de suprimentos. Ao contatar outros chefes de embarcação recém-chegados, Almeida conseguia incorporar as notícias deles sobre o mar e o além-mar às suas próprias e, ainda no convés do navio, apressar-se para escrever aos redatores. A

---

<sup>47</sup> *O Conciliador*. Número 94. 05/06/1822.

<sup>48</sup> *Idem*.

<sup>49</sup> *Diário Constitucional*. Número 26. 20/03/1822.

informação, nesse sentido, vinha diretamente do mar e/ou do porto por ele banhado, ganhava suporte novo ou era processada pelo redator no navio, e dali seguia em direção à terra firme, para as mãos dos redatores, tidos como porta de entrada privilegiada ao território luso-brasílico.

A recíproca também era verdadeira no que dizia respeito ao sentido desse fluxo: a informação também poderia originar-se no continente, pousar no convés do navio e, num átimo, zarpar a bordo dele, mar adentro, até atingir novas paragens. Os jornais luso-americanos dão boas margens para se sustentar a existência desse fluxo reverso, em que a notícia vinha até o navio – cuja representação maior assentava-se na figura de seu capitão. Anúncios veiculados pelo *Diário do Rio de Janeiro* endereçavam-se às pessoas que tivessem a pretensão viajar/fretar proximamente, convidando-as para dirigirem-se à embarcação de saída e tratar, ali mesmo e diretamente com o capitão, sobre valores e os detalhes da viagem. A quem quisesse ir para Lisboa no bergantim *Ulisses*, bastava “falar” com o comandante, Pedro José Correia Vianna.<sup>50</sup> Para Bordeaux, os passageiros dever-se-iam “dirigir a bordo” ao capitão do bergantim francês *Le Haute Loire*.<sup>51</sup> Os interessados em fretar o bergantim *S. Marcos* para Lisboa, Porto e Maranhão, “pode(riam) falar a bordo com o Capitão”.<sup>52</sup> Já o anúncio do bergantim *Boa Fortuna*, de partida para Pernambuco, não apenas voltava-se para passageiros em potencial, já que seu capitão, Manoel Carneiro dos Santos, “tendo procurado nesta cidade Antonio da Cruz Pinto, e não o tendo encontrado, (...), faz este anuncio aos Srs. assinantes no caso de alguém o conhecer façam o favor de lhe dizer que se dirija a bordo (...).”<sup>53</sup> Se Cruz Pinto atendeu ao chamado público de Santos, para falar do quê não se sabe, é questão secundária; o simples fato de se conhecerem e, muito provavelmente, terem negócios a tratar, indica a existência de redes interpessoais que abarcavam até mesmo o capitão, que esperava ali, a bordo do seu navio.

Por vezes, a carta endereçada ao jornalista não tinha a função precípua de auxiliá-lo na coleta de notícias. O caso do Charles Erwin, nesse sentido, é emblemático. Residente na Filadélfia, onde tinha “estabelecimento assaz importante para ser conhecido”, o americano escrevia ao redator do *Conciliador* três dias depois de ter dado entrada nos portos maranhenses com a embarcação *Rachel&Sally*, da qual era

---

<sup>50</sup> *Diário do Rio de Janeiro*. Número 141. 21/05/1822.

<sup>51</sup> *Diário do Rio de Janeiro*. Número 126. 06/05/1822.

<sup>52</sup> *Diário do Rio de Janeiro*. Número 309. 05/11/1821.

<sup>53</sup> *Diário do Rio de Janeiro*. Número 263. 29/09/1821.

comandante. Seu objetivo era claro: defender-se dos vitupérios que lhe eram feitos por “um folheto impresso em Lisboa, e assinado por Pedro Antônio do Nascimento, segundo me dizem, homem preto, de péssimos costumes (...)”. Pelo texto, o ofensor tinha Erwin por suspeita de pirata, “e a mesma embarcação, e carga, diz aquele negro caluniador, que a *descarreguei na alfândega noturna da praia do caju.*” Fiel e veridicamente, o marinheiro passava então a narrar os fatos, tendo para isso “documentos se alguém se atrever a contradizer-me”. Tendo sido fretado pela *Caza de James H. Israel*, o navio saíra da *Ilha de São Bartholomeu*<sup>54</sup>, de cuja alfândega tinha despachos que davam provas de ser carga regular, em janeiro de 1821. Dois meses depois, já no Maranhão, tivera dificuldades em descarregar ali, por lhe faltar o documento do cônsul português, requisito obrigatório e que escapara à atenção do comandante. Por não querer desrespeitar o “Direito das Gentes”, fez breve parada na *praia do caju*, como alegava Nascimento, mas tão somente para pedir “dinheiro para pagar as despesas do porto ao Capitão Russel da Escuna *Cyres*, e lhe passei letra a pagar nos Estados Unidos, o que posso fazer ver.” De lá, Erwin regressara a *São Bartholomeu*, devolvera a carga “completa” ao fretador, retendo somente o sal, a ser despachado para a Filadélfia com o devido consentimento deste.<sup>55</sup> Embora entre a saída da *Rachel&Sally* da ilha, sua chegada e imediata partida do Maranhão rumo ao seu ponto de origem, e ainda sua provável ida à Filadélfia, e nova vinda ao Maranhão, como descortinava a carta que Erwin subscrevia ao jornal, datada de 05 de fevereiro de 1822, ter decorrido mais de um ano, parecia-lhe certo que a imprensa era o melhor *locus* para “repelir ataques”, pedir justiça e resgatar sua honra.

Ainda muito mais escassas eram ocorrências de cartas escritas pelos próprios passageiros. Mesmo assim, o redator do *Conciliador*, no número 47, datado de 22 de dezembro de 1822, deslacrava o envelope para que o público lesse, na íntegra, o que seu “amigo”, Bibianno de Castro, escrevera enquanto estava ainda dentro do navio, saído do Maranhão dias antes. A princípio, o relato parecia basear-se naquilo que vira e ouvira uma única *testemunha*, haja vista a forma como se iniciava, na primeira pessoa do singular: “depois de 28 dias de ventos pela proa cheguei aqui ontem pelas 10 horas da noite (...)”. Mas logo em seguida, outras “vozes” far-se-iam ouvidas, ao entrarem em cena pelo uso do discurso indireto, e explicarem àquele passageiro-escritor as causas do

---

<sup>54</sup> Também conhecida por Saint-Barts, Saint-Barths ou Saint-Barth, a Coletividade de São Bartolomeu é um dos quatro territórios das Pequenas Antilhas que englobavam as Índias Ocidentais Francesas.

<sup>55</sup> *Ibidem*. Número 61. 09/02/1822. Itálicos no original.

atraso: “e apenas me disseram que estava a levar ancora para esta um Bergantim (...)”. Cuidando assim em não “perder a ocasião”, o remetente corria a deitar no papel as “*minhas* notícias a V...”. Ora, as razões para o emprego do possessivo, a princípio anunciadas previamente e talvez despiciendas, julgando-se pela maneira como o texto vinha sendo escrito até então, despontariam nas linhas seguintes. O autor explicitava, na forma de um adendo, que as notícias eram tão suas quanto “as que a bordo pude colher de algumas pessoas de *gravata lavada*”. O uso dessa expressão parecia indicar que suas fontes secundárias eram críveis, já que estas eram pessoas de “*nobre ancestralidade, de boa qualidade*.” Ainda assim, Castro tranquilizava seu destinatário, já no fim da missiva, assegurando-lhe que se, uma vez em “Terra”, obtivesse notícias divergentes daquelas, “na primeira ocasião dar(ia) conta de tudo”.<sup>56</sup>

O conteúdo das conversas, que Castro arrolaria àquele parágrafo introdutório, bem como a veracidade – passível de posterior prova – das notícias, são de importância secundárias aqui. Por certo, para os homens da época, saber sobre a partida do *Batalhão do Algarve*, “o que deu causa a muitas desordens, mortes, facadas”; as medidas do Governo Provisório de Pernambuco, de que era presidente Gervásio dos Pires Ferreira, para sossegar os ânimos; a espera pelas tropas comandadas por Cabreira; e os preparativos de 11 navios, surtos no porto do Lameirão (de onde escrevia a personagem), com famílias a bordo, prontas a zarparem dali, “pois o gênio do mal tem maneado o facho da discórdia, e a anarquia tem aqui o seu império”, era tarefa a que se prestavam com diligência e grande senso de urgência, pois tudo isto lhes interessava, podendo afetar suas vidas e negócios.<sup>57</sup> Contudo, ainda mais significativo é o exercício de tentar ver por entre a pequeníssima fresta deixada por Castro o cotidiano das pessoas naquele e noutros conveses.

É difícil calcular com exatidão o número total das que ali estavam, pois Castro se limitara a bosquejar as condições em que a carta fora escrita e a reportar os fatos que conhecia.<sup>58</sup> Pistas encontradas em folhas congêneres, todavia, dão margens bem seguras para se empreender um exercício de aproximação do número de pessoas que,

---

<sup>56</sup> *O Conciliador*. Número 47. 22/12/1822.

<sup>57</sup> Sobre a dinâmica política de Pernambuco no período, ver os trabalhos de Denis Antônio de Mendonça BERNARDES. *O patriotismo constitucional: Pernambuco (1820-1822)*. São Paulo: Hucitec; Recife: Editora UFPE, 2006. Evaldo Cabral MELLO. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817-1824*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

<sup>58</sup> Sobre esse tema, ver o estudo de Stephen B. BERRY. *A path in the mighty waters. Shipboard life & Atlantic crossings to the New World*. New Haven: Yale University Press, 2015. “Shipmates”



geralmente, iam a bordo de uma única embarcação. Tomando como exemplo o navio *S. Joze Americano*, que conduzia para Lisboa a *Divisão Auxiliadora*, saída do Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 1822, com “277 praças, entre tripulação, soldados, mulheres, meninos, criados; o Brigadeiro Carreti, alguns Oficiais Superiores, e Subalternos”<sup>59</sup>, pode-se aventar que o total geralmente gravitava em torno da casa das dezenas. Outros três exemplos, extraídos de folhas de outras províncias, tencionam essa suposição aos extremos. Em uma ponta, o bergantim *Cafsador*, recém-chegado ao Rio de Janeiro, vindo de viagem com 32 dias de Angola, de cujos portos escoaram “595 cativos”, só que, na travessia, “morreram 60”<sup>60</sup>. Na outra, as sumacas *Prazeres*, vinda das Alagoas à Bahia com 4 dias de viagem, trazendo “*Mestre Joaquim Pereira da Cunha, 8 pessoas de tripulação, carga 61 caixas com açúcar, 20 sacas de algodão, e 150 couros dono Adão José de Azevedo Lima, (e) um passageiro livre*”<sup>61</sup>; e *S. José Vencedor*, de Pernambuco para a Bahia, transportando o “*mestre Raimundo da Silva, 10 pessoas de equipagem, carga, fazendas secas e molhadas; traz 4 famílias e 7 passageiros, fazendo todos o número de 23 pessoas.*”<sup>62</sup>

Se estimar essa quantidade é empreita laboriosa, devido ao cariz lacunar das fontes, muito mais o é reconstruir as características físicas e o estado das instalações de que dispunha dada embarcação.<sup>63</sup> Por certo, o êxito da viagem, bem como o modo como cada passageiro a experienciaria, dependeriam diretamente desses fatores, e conformariam as próprias *circunstâncias* e *lugares* de transmissão das notícias. Todavia, graças às centenas de anúncios publicados no *Diário do Rio de Janeiro*, essa tarefa se torna minimamente realizável.<sup>64</sup> Isto porque era hábito de comerciantes, donos de embarcações e mesmo tripulantes submeterem aos jornais, para conhecimento do público em geral, informações sobre o movimento de entrada e partida de navios. Seu propósito era claro: angariar a atenção de passageiros em potencial, colocando em realce as vantagens competitivas do seu meio de transporte em relação aos dos

---

<sup>59</sup> *O Conciliador*. Número 83. 27/04/1822.

<sup>60</sup> *O Volantim*. Número 5. 06/09/1822.

<sup>61</sup> *Diário Constitucional*. Número 20. 12/03/1822. Itálicos meus.

<sup>62</sup> *Idem*. Número 26. 20/03/1822. Itálicos meus.

<sup>63</sup> Ver Stephen B. BERRY. *Op. Cit.* “Embarkation”.

<sup>64</sup> O *Diário do Rio de Janeiro* parece ter sido o primeiro do gênero que se ocupou de publicar, de modo mais expressivo, anúncios e notícias locais. De acordo com Moreira AZEVEDO, até então, “quando se tinha de anunciar qualquer coisa ou novidade, pregava-se o anúncio manuscrito nas esquinas das ruas ou nas portas das igrejas, ou apregoava-se pelas ruas o que se queria vender, alugar ou comprar.” Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.2, Tomo XXVIII, p. 169-224, 1865. p. 186.

concorrentes. Essa prática, na verdade, já apontava para a existência de manifestações – embora ainda bastante embrionárias –, em solos luso-americanos, daquilo que Benedict Anderson <sup>65</sup> chamou de “capitalismo editorial”, ao indicar as imbricações entre o setor tipográfico e a comodificação dos bens de consumo ligados à divulgação da informação. Não se tratava ainda do fenômeno ulterior de “comercialização da imprensa”, parte integrante das mutações que levariam ao advento pleno da esfera pública de tipo burguesa, conforme interpretação clássica de Jürgen Habermas <sup>66</sup>; mas seu esboço inicial e, portanto, informe.

Para atingirem seus fins, os anunciantes não poupavam o emprego de epítetos. Tanto assim que, numa daquelas muitas páginas, lia-se que a galera *Minerva*, chegada das Ilhas dos Açores e de partida para as Ilhas Terceira e Faial, “tem *muitos bons cômodos*.” <sup>67</sup> Noutro anúncio, o recurso era o de nomear o público-alvo, “qualquer família que quiser ir de passagem para Lisboa”, para as quais um bergantim inglês disporia de “*excelentes cômodos, e por preço cômodo*.” <sup>68</sup> O informe sobre a iminente partida do bergantim inglês *Briton* rumo a Montevidéu era bem mais atrativo ao oferecer os “*cômodos superiores para passageiros*”, os quais seriam recebidos por “*termos módicos*”, podendo o valor ser ainda ajustado diretamente “com o capitão a bordo do mesmo Bergantim.” <sup>69</sup> Já o navio francês *L’Indien*, capitão Vancruyce, de partida para o Havre de Grace e com escala em Pernambuco, diferenciava-se por ser “*forrado de cobre, e de uma marcha superior*” <sup>70</sup>. Relato ainda mais completo parece ter sido acerca do bergantim *Colonel Allen*, capitaneado por Bartholomeo Hayden, “de lote de 350 toneladas, *forrado de cobre, muito veleiro, e com excelentes acomodações para passageiros, armado com 12 peças de calibre de 18 e com tripulação de 30 homens*” <sup>71</sup>.

No que diz respeito à descrição da maneira como cativos eram pra cá transportados, a imprensa caracterizar-se-ia por uma ausência, que não deixa de refletir

---

<sup>65</sup>Benedict ANDERSON. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 75.

<sup>66</sup> Jürgen Habermas. *Mudança estrutural da esfera pública*. Investigações quanto a uma categoria a sociedade burguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 221.

<sup>67</sup> *Diário do Rio de Janeiro*. Número 15. 15/06/1821. Grifos meus.

<sup>68</sup> *Idem*. Número 5. 06/08/1821. Grifos meus.

<sup>69</sup> *Idem*. Número 6. 08/11/1821. Itálicos meus.

<sup>70</sup> *Idem*. Número 20. 25/09/1821. Itálicos meus.

<sup>71</sup> *Idem*. Número 8. 10/01/1822. Itálicos meus.

as estruturas mais profundas sobre as quais aquela sociedade escravista se erigia.<sup>72</sup> Gélido e absoluto, esse silêncio proposital pode, porém, ser quebrado com os versos de Castro Alves, poeta não coetâneo à conjuntura do primeiro quartel do século XIX, mas igualmente fruto – e dele crítico ferrenho – de um contexto histórico ainda marcado pela vigência daquela instituição. Seu poema de 1869, *O navio negreiro*, dá cor àquele quadro, tingindo-o de cima a baixo em preto e vermelho, e talvez ajude a explicar a causa da morte dos 60 cativos que o *Volantim*, na citação acima, dera-se ao trabalho de mencionar, ainda que *en passant*:

(...) o porão negro, fundo,  
Infecto, apertado, imundo,  
Tendo a peste por jaguar...  
E o sono sempre cortado  
Pelo arranco de um finado,  
E o baque de um corpo ao mar.<sup>73</sup>

Não era propriamente desse lugar de horror que saíam as notícias que, uma vez depuradas, iam parar nas páginas dos jornais luso-americanos. As vozes ouvidas nesse tipo de porão, superlotados e insalubre, eram abafadas, já que seus emissores eram valorados somente como força de trabalho. Suas experiências e saberes jamais ecoariam na imprensa em sua fase inicial.<sup>74</sup> De modo que era sobretudo dos andares de cima, ou de qualquer um deles quando a embarcação não transportava mercadorias humanas, que a informação era posta em movimento. Era ali, naquele pequeno *micro-cosmo itinerante* desafiando a imensidão de mares e oceanos abertos, que tripulantes e passageiros conversavam para fazer passar o tempo, esquivar-se da monotonia das calmarias, aliviarem-se do pavor causado pelo mar encapelado.<sup>75</sup> Ao irem socializando-se uns

---

<sup>72</sup> Sobre a tematização da escravidão a partir do período imediato ao aqui estudado, ver Alain EL YOUSSEF. *Imprensa e escravidão*. Política e tráfico negreiro no Império do Brasil. (Rio de Janeiro, 1822-1850). 2010. 300 p. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo.

<sup>73</sup> Castro ALVES. *O navio negreiro*.

<sup>74</sup> O extrato da carta seguinte dá mostras de como eram sumárias as informações sobre as embarcações que transportavam escravos: “Por um Brigue, que na semana passada chegou aqui de *Gibraltar* recebemos uma carta donde extraímos palavra por palavra as notícias seguintes = No dia 6 de Julho chegou de *Argel* a Fragata *Perola* 184 cativos últimos, que lá se achavam. (...)” *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 66. 18/08/1812.

<sup>75</sup> No Número 92 (04/10/1822) do *Espelho*, lê-se um relato dramático sobre algumas das condições climáticas que, ao afetarem a embarcação, acabavam por influir na produção e difusão da informação. “*Extrato de uma Carta fidedigna, datada de Pernambuco 3 de Setembro*. Desde que saímos, tivemos constantemente vento Nord’Est, de maneira que durante 11 dias caminhamos para a parte do Sul, achando-nos no dia 24 de Julho ao Sul de Santa Catarina, e quase 180 léguas afastados da terra: na noite desse dia sofremos um formidável temporal de Norte desubrindo [sic], chuva, e trovoadas tal que víamos

com os outros à medida que o navio perfazia sua rota, retroalimentavam a dinâmica de circulação da informação, acelerando-a por completo. Reportavam e omitiam; supunham e especulavam; escreviam e elucubravam. Sob a influência de atores cujos papéis eram tão centrais, e mesmo à mercê deles, é improvável conceber que a informação fosse tão somente transportada na embarcação, à semelhança de uma mercadoria – acabada, estanque, amoldável. Antes, *et pour cause*, era nela transmitida, alterada, reformatada e inventada, num ciclo contínuo, vivo e em tudo errático. Não a toa que Castro, a personagem que escrevia do convés de um bergantim ancorado no Lameirão, e tantos outros passageiros em igual condição, ou já em terra, eram peças centrais dessa engrenagem.

A modalidade preponderante de contribuição do setor naval no processo de transmissão da informação não se dava, contudo, pelo envio de cartas de comerciantes, tripulantes e passageiros aos redatores. Isto, vale destacar, em se tomando apenas os indícios encontrados nos jornais, e não na documentação das alfândegas ou dos mapas de correios, por exemplo. Nos impressos predominava, pura e simplesmente, a descrição de um mecanismo mais impessoal e genérico de identificação, pelo qual o redator se limitava a nomear o navio como o *meio* e, não raro, a própria *fonte*. Decorria deste caso que os jornais acabavam *personificando* a embarcação para indicar que fora ela própria quem perfizera a ação de comunicar-lhes certo fato. O efeito que se criava era o de fazer parecer como se a natureza material da embarcação não a obstasse de exceder a mera condição de *via* pela qual corria o fluxo da informação. É assim que o *Relator Verdadeiro*, jornal pernambucano, reportava que, “vinda da Bahia com oito dias de viagem”, a fragata francesa *L’Antigone*, do comandante Ducrest Villeneive, “dá a notícia que naquela Capitania não há novidades.”<sup>76</sup> Oração idêntica a esta fora usada

---

cair [sic] os raios como a mesma chuva, o que durou desde as 5 da tarde até as 6 da manhã do dia 25, em cuja madrugada foi a tormenta mais forte. Serenou o temporal, e ficamos todo aquele dia em calmaria, até a noite, que principiou a arejar um pouco do Sud Oest, mas no dia seguinte do dia 26 refrescou o vento, e tivemos mui boa viagem, vindo avistar terra do Caramurú, no Sul da Bahia, ao anoitecer, no dia Sábado 3 de Agosto, e no dia 4 ficamos, à tarde, obra de 6 a 7 léguas defronte da barra da Bahia, onde avistamos a esquadra daquele Porto, composta de uma Corveta de guerra, três Galeras da Praça armadas, dois Brigues, e uma Escuna. Nós seguimos no bordo do Norte, costeando sempre a terra até Itapucurú, e depois voltamos ao Sul, e nesta forma andamos quatro dias sempre com aquela esquadra à vista, sem que esta se deliberasse a atacar-nos, e o mesmo fez o Chefe da nossa, bem que estivéssemos sempre postos a postos, e com morrões [sic] acesos. Passados aqueles quatro dias sem termos comunicação alguma com a terra, nem da Torre se nos dirigir embarcação alguma, sem podermos haver informações exatas do estado do interior da Província, e tão somente por algumas Sumacas, que saíam para outros portos, que Madeira estava muito fortificado na Cidade (...).” Para estudo sobre o tema, ver também Stephen B. BERRY. *Op. Cit.* “Tedium”; “Tempests”.

<sup>76</sup> *Relator Verdadeiro*. Número 1. 13/12/1821. Grifos meus.

pelo *Diário Constitucional* para indicar sua fonte: a sumaca *Prazeres*, vinda do Alagoas.<sup>77</sup> Já o pacote de Londres chegado à Bahia, “dá a feliz notícia de que a guerra da Rússia ficava concluída pela total derrota do exército francês”, conforme nota da *Idade d’Ouro*<sup>78</sup>. A *Folha Medicinal do Maranhão*<sup>79</sup>, por seu turno, avisava sobre a chegada do navio *Sociedade Feliz*, da cidade de Lisboa com 34 dias de viagem, comunicando ao público que o mesmo “trás várias novidades”.<sup>80</sup>

Para além dessas incidências, bem mais esparsas se comparadas às demais, nota-se que os redatores prestavam-se somente a nomear a embarcação, visando com isso reforçar o fato de que fora *por meio* dela que a notícia lhes chegara. Há diversos exemplos nesse tocante: “*pelo Navio Sociedade Feliz*, que ontem fundeou neste Porto, recebemos notícias, e Folhas de Lisboa interessantes a esta Província (...)”<sup>81</sup>; “entrou neste Porto (...) uma Fragata Inglesa, vinda de Gibraltar, que trouxe as importantes notícias que se seguem”;<sup>82</sup> “*por a Galera Diana*, recebemos notícias de Lisboa, e algumas relativas a esta Província”<sup>83</sup>; “*pelo Navio Inglês* que a 27 entrou neste Porto, vindo de Pernambuco, *houveram-se noticias* daquela Província, e da Bahia, e Rio, que confirmam as anteriores”<sup>84</sup>; “*pelas* embarcações vindas de Lisboa, Bahia, e Montevidéu, e entradas neste porto ontem e antes de ontem, *recebemos notícias* (...)”<sup>85</sup>; “*recebemos por a galera George* notícias da Inglaterra até a 29 de Dezembro, porém nada adiantam as que tínhamos de Portugal até 4 do mesmo mês”<sup>86</sup>; “*pelo navio Conceição* chegado proximamente de Lisboa, e por outros navios vindos de Inglaterra, *temos recebido noticias* (...)”<sup>87</sup>; “ontem ancorou neste Porto da Cidade da Bahia o Navio Português *Danúbio*, vindo do Porto com 33 dias de viagem: *por ele* *soubemos*

---

<sup>77</sup> *Diário Constitucional*. Número 20. 12/03/1822. Grifos meus.

<sup>78</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 17. 26/02/1813. Grifos meus.

<sup>79</sup> Sobre a esse jornal, ver Marcelo Cheche GALVES . A pena, o prelo e a prescrição: um estudo sobre a *Folha Medicinal do Maranhão*, 1822. In: Francisco Alcides do Nascimento; Maria Lindalva Silva Santos; Regianny Lima Monte. (Org.). *Diluir fronteiras: interfaces entre história e imprensa*. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2011, v. 1, p. 99-122.

<sup>80</sup> *Folha Medicinal do Maranhão*. Número 10. 25/03/1822. Grifos meus.

<sup>81</sup> *O Conciliador*. Número 73. 23/03/1822. Grifos meus.

<sup>82</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*. Número 1. 10/09/1808. Grifos meus.

<sup>83</sup> *O Conciliador*. Número 62. 13/02/1822

<sup>84</sup> *O Conciliador*. Número 136. 30/10/1822.

<sup>85</sup> *Segarrega*. Número 19. 18/10/1822.

<sup>86</sup> *O Conciliador*. Número 60. 06/02/1822.

<sup>87</sup> *Semanário Cívico*. Número 11. 10/05/1821.

(...)”<sup>88</sup>; “por uma embarcação chegada aqui ontem do Rio de Janeiro, tivemos a estimável nova (...)”<sup>89</sup>

A esses casos poder-se-ia arrolar pelo menos uma miríade a mais, que outra coisa faria senão pôr em descoberto o peso decisivo do setor naval para a circulação e a própria elaboração de notícias. Quer se tratassem de decretos, portarias, alvarás, leis, representações, manifestos, requerimentos, certidões, despachos, editais; ou ainda de impressos e manuscritos, documentos de cunho oficial e correspondências de particulares, pessoas em trânsito e mercadorias, saberes diversos e notícias, boatos e sua contrapartida, os anti-rumores: todos, sem exceção, se valiam de embarcações para ir e vir, para movimentar-se e ir propagando a informação à medida que esta refluía de um ponto para o outro.

Não é sensato esbater o peso da oralidade ao longo de todo esse processo. Claro está que o próprio texto escrito e/ou impresso vinha eivado de marcas orais – como bem o ilustra a já aludida carta de Castro, e de reboque o *Conciliador*, ao reproduzi-la na íntegra. O fato de certa *mensagem-falada* poder ser registrada através dos sulcos tanto da pena como da prensa, alterando assim seu suporte de propagação, não dirimia que a oralidade legasse, ali mesmo, suas marcas. Afinal, a mera existência de um suporte material numa dada etapa da circulação da informação não significava, obrigatoriamente, o prescindir da forma oral em outras, quer fossem anteriores ou posteriores – sendo o contrário também em tudo verdadeiro. Ao decodificarem a mensagem, seria malograda assim qualquer tentativa dos redatores de separarem *textos* que eram, por natureza, imbricados. O processo de decantação da mistura constituída por matéria – definida pelo *suporte* – e líquido – representado pela *oralidade* – redundaria em um produto cuja essência seria, ao fim e ao cabo, uma totalidade chamada *texto*.

O exercício de ver o *texto para além do texto* coaduna-se – sendo dele tributário direto – com a idéia de *sociologia do texto*, nos termos propostos por McKenzie<sup>90</sup>. E isto, vale dizer, a começar pela acepção, iconoclasta e propositiva, de cada uma dessas

---

<sup>88</sup> *Diário Constitucional*. Número 4. 12/02/1822.

<sup>89</sup> *Idade d'Ouro do Brasil*. Número 92. *Suplemento Extraordinário*. 21/11/1817.

<sup>90</sup> D. F MCKENZIE. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Port Chester, New York, United States: Cambridge University Press, 1999. Sobretudo o capítulo 1. Abordagem semelhante à de MCKENZIE, mas para períodos históricos anteriores ao aqui contemplado, pode ser encontrada nos estudos de Fernando J. BOUZA ALVAREZ, *Communication, Knowledge, and Memory in Early Modern Spain*. Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 2004.

chaves. A primeira delas, o *texto*, que, se visto do panóptico, logo sob perspectiva alargada e holística, superará a definição ortodoxa, que o concebia tão somente como um registro textual, arbitrário e não-simbólico, disposto em suporte de pergaminho ou papel. Na perspectiva desse autor, em contrapartida, o sentido do termo engloba tanto novas dimensões – verbal, oral, visual, e numérica –, como formas inéditas de registro – mapa, som, música, filmes, vídeo, discografia. A outra, a sociologia, adiciona a noção de *agência* para indicar a função que determinado tipo de texto desempenha nas mais variadas “realidades sociais”, ao sabor das circunstâncias e da intencionalidade dos atores nelas imersos. Lança luz, ademais, sobre as motivações e interações destes em todos os estágios do texto: produção, transmissão, consumo. Sob tal roupagem, o *texto* adquire notável dinamicidade e fluidez, ao ser passível de intervir e de ser também alterado em diferentes momentos, sendo irrelevante, para tanto, o formato em que estiver registrado, se escrito/impresso ou oral.

Destarte, é nesta concepção mais alargada de *texto* que deve ser enquadrado o amplo uso que os redatores dos periódicos produzidos no mundo luso-americano entre 1808 e 1822 faziam do jogo recorrente do *ouvir-se falar*. Matéria-prima cuja ordem de grandeza não ficava, em nada, aquém à das cartas e jornais, posto ser um *texto* em última instância, a oralidade também funcionava como ponte que dava passagem às informações, conduzindo-as até os impressos e, evidentemente, transformando-as ao longo do percurso. Não por outra razão o *Diário Constitucional*, da Bahia, asseverava que “chegou o Pacote, e havemos de ter notícias.”<sup>91</sup> Mesmo na falta de algum registro material, ou na ausência de tempo para lê-los, os redatores pareciam vaticinar que alguém teria novas a lhes falar, sobre aquilo que viram ou mesmo leram – o que, neste caso, indicaria, uma vez mais, a imbricação dessas instâncias.

A verdade é que, na maioria das vezes, os fatos falariam por si só, evidenciando que os redatores estavam certos: a entrada de uma embarcação significava o acesso inevitável a algum tipo de notícia, independente de esta ser escrita ou falada. É assim que as novas que o *Conciliador* anunciou no seu número anterior, do dia 10 de agosto 1822, só seriam confirmadas no seguinte, após atenta consulta a “*alguns passageiros, e cartas*”<sup>92</sup> vindos do Rio de Janeiro no pacote *Inglês*. Já na abertura do número 28, de 11 de abril de 1817, a *Idade d’Ouro* informava que fora por meio “de *alguns emigrados*

---

<sup>91</sup> *Diário Constitucional*. Número 8. 16/02/1822.

<sup>92</sup> *O Conciliador*. Número 114. 14/08/1822. Itálicos meus.

de Pernambuco” para a Bahia que se tomara conhecimento dos desdobramentos da revolução naquela província, convulsionada e em estado de caos, razão pela qual estaria levando “infinita gente” a fugir “ao poder dos rebeldes para os sertões”.<sup>93</sup>

Não raro, os redatores furtavam-se a explicitar o nome e a origem da fonte oral da notícia. Em alguns casos, eles assim o faziam porque, ao fim e ao cabo, não sabiam quais eram suas fontes reais, conjectura bastante plausível para casos em que os relatos eram de segunda ou terceira mãos; ou simplesmente porque o que tinham em mente era lançar mão, deliberada e argutamente, do artifício de dispensar a seus informantes um tratamento indiscriminado e genérico, como se não o quisessem torná-lo público.<sup>94</sup> Noutros, o emissário afigurava-se como uma coletividade detentora de informações difusas, incertas e deturpadas, que muito freqüentemente vinham travestidas na forma de rumor ou boato. Procedente de pessoas dos mais diferentes estratos sociais, essa espécie de saber coletivo cujos pontos de partida e chegada não se podiam distinguir, já que as informações dele constituintes refluíam continuamente de um lado para outro, era usado e abusado livremente pelas vozes e ouvidos que dele se arrogavam. Em algumas ocasiões, iam acabar parando nas páginas dos jornais.

Não à toa que logo em seu primeiro número, a *Gazeta do Rio de Janeiro* fazia questão de registrar que “correu aqui notícia vinda por *Pedestres de Goiazes*”<sup>95</sup>. No mesmo sentido, a folha pernambucana *Segarrega* informava que lá “corre(ia) notícia de que foi instalado o novo Governo da Bahia a contento dos povos, e que as tropas de Portugal ficavam a embarcar-se.”<sup>96</sup> De igual maneira, a *Idade d’Ouro* salientava que somente com grande exaçaõ puderam averiguar “o rumor, que aqui correu há dias sobre a derrota do general *Blucher* feita por Bonaparte (...)”<sup>97</sup> A contar pelo que escreviam um mês depois, no número XL, o rumor era falso, e a possibilidade de o militar francês sucumbir a qualquer momento ainda pairava pelo ar. Mas nada podiam afirmar sobre isso, pelo fato de o “rumor, que aqui correu sobre a derrota de *Blucher* está inteiramente

---

<sup>93</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 28. 11/04/1817. Itálicos meus.

<sup>94</sup> Sobre os usos do anonimato nos panfletos da época da independência, ver Cecília Helena Lorenzini de Salles OLIVEIRA. *O disfarce do anonimato: o debate político através dos folhetos (1820-1822)*. 1979. 209 f. Dissertação. (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. Ver também Lúcia M. B. P. NEVES *Corcundas e Constitucionais*. A cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan, 2003. Marco MOREL. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

<sup>95</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*. N. 1. 10/09/1808. Itálicos meus.

<sup>96</sup> *Segarrega*. Número 6. 22/06/1822.

<sup>97</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número XXXI. 19/04/1814. Itálicos meus.



parado; e os mesmo que ao princípio espalharam esta notícia, confessam não ter outra prova dela senão *um ouvir dizer*”<sup>98</sup>. Na mesma gazeta, os redatores reconheciam que, ao noticiarem o naufrágio da *Galera Inglesa*, deixaram-se “levar pelo rumor que corria nesta Cidade; mas, indagando depois o fato, vimos que tinha havido engano no lugar, e nas circunstâncias.”<sup>99</sup>

Ao longo de todo esse processo, o deslocamento de comerciantes e viajantes por terra, fosse através da imensidão do interior ou contornando a borda costeira, também contribuía para abastecer os jornais com fontes escritas e faladas. Era este um dos principais meios para se tomar conhecimento do que se passava nas regiões mais recônditas do Brasil, assim como nas suas zonas limítrofes, situadas nos confins luso-americanos. O correio terrestre, nesse tocante, desempenhava papel central, colocando em contato, ainda que incompleta e laconicamente, áreas separadas pela distância e pelas barreiras do relevo. Prova disto pode ser encontrada com fartura no *Diário do Rio de Janeiro*<sup>100</sup>, cujas edições periódicas cobriam razoavelmente bem a movimentação do serviço postal. Naquela cidade, então centro da monarquia luso-americana, chegavam correios de áreas cujo acesso não podia ser outro senão por terra, a exemplo de Goiás, Mato Grosso, São João d’El Rei, Vila Rica, Comarca do Rio das Mortes, Comarca do Rio das Velhas e Serro do Frio; ou que podia ocorrer tanto por terra como por mar, dependendo de uma gama variada condições e circunstâncias a envolver os viajantes, como Bahia, Pernambuco, Salvador, Campos dos Goytacazes, São Paulo, Pará e Espírito Santo.

Por certo, a participação do correio terrestre foi menos significativa se cotejada com a do setor naval.<sup>101</sup> Afinal, as viagens por mar eram mais freqüentes e levavam menos tempo, sobretudo se realizadas entre regiões longínquas, situadas nos extremos

---

<sup>98</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número XL. 20/05/1814.

<sup>99</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 45. 04/06/1813.

<sup>100</sup> Os informes encontram-se espalhados ao longo do jornal, mas parecem se concentrar principalmente nas edições publicados no ano de 1821.

<sup>101</sup> Algumas informações sobre a história do serviço de correio podem ser úteis para dimensionar seu papel na época aqui estudada. Em 1808, a transferência da corte portuguesa promoveu a organização dos correios na colônia, já que todo o serviço postal estava estruturado para fazer a comunicação marítima entre Brasil e Portugal. Em 28 de junho de 1813 foi aprovada a instituição de correios entre as capitânicas do Maranhão, Ceará e Bahia. Por meio da carta régia de 24 de setembro de 1817, estabeleceu-se o correio regular entre as províncias de São Pedro do Rio Grande e de São Paulo. Finalmente, a decisão n. 23, de 6 de abril de 1820, instituiu os correios entre as diversas províncias do reino. Domingos de Castro LOPES. *O correio brasileiro: notícia histórica*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1909. *passim*. Carlos RIZZINI. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1945.

do continente. Aquelas que se davam por terra, todavia, deixavam os viajantes sobremodo vulneráveis às más intenções de saqueadores e forasteiros, entocaiados caminho afora, à espera de suas vítimas. E isso para não falar da possibilidade sempre presente do ataque repentino de animais ferozes, e das intempéries dos trópicos, que tendiam a fustigar implacavelmente os viajantes. Como se não bastasse, as condições das estradas que cortavam a América portuguesa eram por demais precárias, prejudicando tanto quem estivesse a pé ou montado em lombo de burros.

Tal fato não escapou à crítica ácida do sempre polêmico *Semanário Cívico*. A fim de zelar pela salvaguarda do bem comum, o jornal baiano apelava publicamente àqueles que, por conta da conjuntura histórica corrente, talvez se encontrassem mais aptos a dar uma solução peremptória à sua reclamação: a bancada de deputados das Províncias do Brasil reunidos nas cortes em Portugal.<sup>102</sup> Num arrazoado cujo conteúdo se alongava por ao menos três edições, os redatores denunciavam o estado de “desprezo e abandono” das estradas públicas, razão principal para “a dificuldade de comunicação de umas para as outras Províncias”.<sup>103</sup> Já em outro número, a queixa vinha imiscuída à resposta dada à carta de um leitor, cujo nome (ou quiçá cognome) era dado a conhecer a todos: Pelopidas. Qualificando-o de “amigo”, para efeitos de ironia ou tão somente para desvelar a uma simples verdade, os redatores diagnosticavam com notável riqueza de detalhes e senso de indignação o problema que acometia o Brasil, em geral, e a província da Bahia, em particular:

Ah! Amigo Pelopidas, quanto está atrasado o Brasil a este respeito. O viajante instruído que transitar nesta Província se persuadirá facilmente de nossa ignorância e desmazelo. Não temos uma só Estrada pública aonde os viajantes encontrem a menor comodidade; a maior parte atalhos e picadas, que nos tempos chuvosos se tornam intransitáveis, ainda mesmo para as Comarcas mais freqüentadas e de maior comércio, como são Jacobina, Caitité, etc: as produções destas comarcas assaz volumosas são transportadas às costas de bestas com muito dispêndio, porque não podem transitar carros.<sup>104</sup>

É de se supor que o estado débil em que tais estradas se encontravam dificultava a mobilidade dos transeuntes, malgrados os esforços. Trazia inconvenientes àqueles que

---

<sup>102</sup> A referência para a participação dos deputados das Províncias do Brasil nas Cortes lisboetas é o estudo de Márcia R. BERBEL. *A nação como artefato: deputados do Brasil nas Cortes de Lisboa (1821-1822)*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 1999.

<sup>103</sup> *Semanário Cívico*. Número 17. 21/06/1821.

<sup>104</sup> *Semanário Cívico*. Número 03. 15/03/1821. O terceiro número onde apareciam denúncias contra o estado crítico das estradas públicas é o 07, datado de 16 de abril de 1821.

não podiam delas prescindir, e impunha obstáculos, por vezes difíceis de transpor, às tropas cargueiras e aos veículos movidos por tração animal. Fazia com que o comércio sertanejo, em certas ocasiões, fosse preterido em detrimento das trocas litorâneas de cabotagem, pela maior facilidade de escoamento da produção que estas ofereciam. Rompia, por fim, alguns dos elos da cadeia responsável por fazer a informação transitar, em vetores e suportes variados, mas complementares.

A despeito das queixas do autor da carta revelarem que ainda havia muito a ser feito no tocante às vias que cortavam a América portuguesa nos idos de 1821, é certo muita coisa já tinha mudado por conta do traslado da família Real para cá. Oliveira Lima captou com bastante precisão o sentido do processo histórico em curso, que impunha a necessidade de maior ligação da Corte com as províncias do Brasil – e vice versa. De acordo com o autor, “as inconveniências daquela divisão apareceram e se experimentou a necessidade de apertar os laços que deviam prender a um centro único todos os esparsos núcleos de povoamento e de desenvolvimento.”<sup>105</sup> Para enfrentar o desafio que se impunha, a política que emanava do Rio de Janeiro primava pelo incremento de caminhos terrestres e marítimos, além da criação do sistema de correios, para que se estreitassem as relações do Rio de Janeiro com as demais províncias do Brasil.<sup>106</sup>

Assim, por conta da nova dignidade conferida ao Brasil em 1808, esforços concretos foram empreendidos pelas autoridades coloniais no sentido de vencer os entraves físicos à comunicação. O meio mais eficaz para fazê-lo era através da abertura de novas estradas, vistas como facilitadoras da locomoção de pessoas e do afluxo de mercadorias para zonas portuárias. Não se tratava de tarefa fácil, nem tampouco em quantidade suficiente o bastante para atender à demanda; mas indicava a existência concreta de esforços para se coartar os entraves da geografia à empreitada humana. Publicada na *Idade d'Ouro* no ano de 1817, o excerto da carta do “Diretor da nova estrada de Minas ao Intendente de Polícia” pintava em cores vivas alguns dos percalços enfrentados na construção do novo caminho. Apesar de extenso, o trecho merece ser reproduzido na íntegra porque a situação pontual que descrevia, já que circunscrita ao

---

<sup>105</sup> Oliveira LIMA. *D. João VI no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 107.

<sup>106</sup> Andréa SLEMIAN; João Paulo G. PIMENTA. *A Corte e o Mundo: uma história do ano em que a família real portuguesa chegou ao Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008. \_\_\_\_\_. *O “nascimento político” do Brasil: as origens do Estado e da nação (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 20-21.

âmbito regional, pode ser elucidativa da condição similar em que outras partes do país, no que concernia à (falta de) comunicação e mobilidade, se encontravam.

Sendo impossível seguir-se o caminho já aberto pela Freguesia da *Sacra Família*, até a margem do *Rio Paraíba*, em razão das ásperas subidas de montes, que de nenhum modo dariam passagem a seges, e ainda mesmo a carros, foi-me necessário abandoná-lo inteiramente, e procurar outra direção, através de uma mata geral, servindo-me de muito os trabalhos, e indagações, que já havia feito a este fim o Coronel *José Pedro Francisco Paes Leme*, quando por Ordem Superior foi também encarregado de procurar abrir um melhor caminho para a recíproca comunicação entre a Corte do *Rio de Janeiro*, e a Capitania de *Minas Gerais*, e depois de muitas e penosas indagações, dei princípio à nova estrada, logo adiante do alto da serra da Viúva, pouco mais ou menos meia légua antes de chegar à Fazenda chamada do *Provedor*, com direção ao Presídio do *Rio Preto*, persuadido de ser este o melhor, e mais fácil caminho, que se poderia empreender para o fim, a que V. S. se propunha de transitarem carros, seges, e carruagens, não podendo servir de embarço as duas serras de *Santa Ana*, e da *Viúva* pois que se podia bem evitar a primeira, abrindo-se caminho pela Fazenda de *Belém*, e sendo a segunda Serra muito suave, sem pedras, e capaz de se por em bom estado de subir-se em carruagem com muito pouca despesa.<sup>107</sup>

De fato, se visto em conjunto com outras variáveis, a exemplo do relevo e da extensão continental do território, a condição das vias públicas, precárias e em número inferior ao mínimo necessário, impunha sérios desafios tanto ao estabelecimento como à manutenção de contato efetivo entre as partes daquele todo. Contribuía, ademais, para a perpetuação da fragilidade dos laços físicos e identitários capazes de unir efetivamente as “peças do mosaico” luso-americano.<sup>108</sup> Do que resultava, inevitavelmente, um estado de ser quase crônico, cuja essência entranhava-se na própria formação histórica dos habitantes do país, os quais, na avaliação precisa de Sérgio Buarque de Holanda, encontravam-se “dispersos pela distância, pela dificuldade de comunicação, pela mútua ignorância”.<sup>109</sup>

Eis, portanto, o somatório de boas razões para justificar a participação mais acentuada das embarcações na difusão da notícia. Em que pese o fato de serem elas a única via de acesso ao além-mar, logo o vetor exclusivo para se saber acerca de eventos ocorridos em todos os demais continentes exceto a América – sobretudo a Meridional –,

---

<sup>107</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 98. 12/12/1817.

<sup>108</sup> A referência aqui é o texto fundamental de István Jancsó; João Paulo Garrido Pimenta, “Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira).” In: Carlos Guilherme Mota (org.) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac São Paulo, 2000. p. 127-75, cuja problemática será retomada em várias partes desta dissertação.

<sup>109</sup> Sérgio Buarque de Holanda. *A herança colonial – sua desagregação*. In: *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1960. (t. 2: O Brasil monárquico, v. 1: O processo de emancipação).

fatores físicos agiam, de fato, como fortes determinantes às condições de acesso terrestre à informação. Lograr conhecer o que se passava no próprio país podia ser tarefa mais árdua e menos freqüente do conseguir uma fonte sobre a conjuntura exterior. De modo que, na falta de meios para se obterem informações sobre eventos internos, a alternativa que restava, muitas vezes, era a de “olhar para fora” com os instrumentos de que se dispunha: jornais, informantes, cartas, correspondências oficiais, dentro outros.

Essa lógica, porém, era passível de ser contrariada sob a incidência de outros fatores, cujos efeitos desbancavam assim a força de um pretenso determinismo de matriz geográfica. A veiculação de notícias externas poderia ser explicada não pela impossibilidade de acesso às internas, mas simplesmente porque foram conferidos a elas pesos distintos, de modo a justificar a escolha de umas em detrimento das outras. É por isso que se deve ter cautela, nesse ponto em específico, para não se ignorar a influência, àquela altura já razoavelmente notável, que a pauta jornalística exercia na elaboração das edições. A etapa de impressão do jornal costumava ser precedida pela atribuição de relevância às notícias disponíveis, as quais eram ranqueadas com base na subjetividade e em fatores vários que acabavam por perfilar os jornalistas, diferenciando-os dos seus pares e conformando seus campos possíveis de escolha.

Em ao menos três ocasiões, a *Idade d'Ouro do Brazil* trouxe à luz exemplos concretos dos parâmetros que pautavam seu trabalho de editoração. Enquanto dois deles pareciam justificar as opções feitas para se decidir pela inclusão/exclusão de certas notícias externas, o terceiro lidava tão somente com os estímulos para a cobertura de eventos internos. As considerações dos redatores vinham no formato de um parágrafo introdutório, que precedia todas as matérias do número em questão. Era, assim, uma espécie de preâmbulo, cuja função era descortinar aos olhos dos leitores as opções feitas em cada uma das pautas. Pelo primeiro caso, os redatores informavam que “há muito que a Europa não nos oferece notícia digna de consideração. Às grandes tormentas sempre sucedem longas e pacíficas calmarias.”<sup>110</sup> Embora fosse tratados no número 54, os eventos concernentes àquele continente pareciam ser de pouca monta; foram incluídos de fato na edição, mas não sem muitas reticências e ponderações. Na mesma esteira, no segundo exemplo os redatores pareciam reclamar da pouca relevância dos fatos mais recentes, buscando com isso se eximirem de qualquer responsabilidade trazida pelo fato de publicarem coisas “frívolas”. Absolviam-se, de antemão, da culpa

---

<sup>110</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 54. 11/07/1817.

de terem que prestar-se a um papel que não podiam escolher nem determinar, porquanto dependia unicamente de fatores externos, que lhes fugiam à alçada. Vale a pena citá-los na íntegra:

A falta de acontecimentos estrondosos com que o povo se tinha nutrido desde 25 anos a esta parte tem feito com que os Jornalistas se ocupem em coisas de bem pouca consideração. Mas se a tarefa dos Jornalistas é expor o que se diz, e o que se faz, que culpa tem eles de anunciar coisas frívolas? <sup>111</sup>

O terceiro exemplo, por seu turno, deslocava o eixo analítico das temáticas internacionais para as domésticas. Logo nas linhas iniciais, os redatores expunham a grande realização sentida ao abordarem assuntos relativos ao Brasil, “maiormente quando se trata das nossas situação do interior”. Momentos como estes os faziam ter certeza de que o trabalho de redação da folha vinha sendo “tão bem empregado”. E para facilitar a compreensão do texto, encerravam-no com exemplos práticos, num jogo de contrastes entre regiões afastadas e próximas ao lugar – Bahia – onde o jornal era impresso. “Os nossos vastíssimos sertões merecem mais atenção do que a *Silésia* merecia a *Frederico Segundo*, e o *Norte da Rússia* aos seus ótimos Imperadores.” <sup>112</sup>

Como se pode notar, essas ocorrências do uso da metalinguagem, em que o texto jornalístico se punha a explicar o trabalho – quase sempre de bastidores – de editoração, o qual, por sua vez, redundaria na versão final da própria edição levada ao público, também são reveladoras das muitas variáveis a determinar as condições de produção da notícia. O filtro dos redatores funcionava como um poderoso gargalo, que só deixava passar para o lado de lá, isto é, para as páginas do jornais, as informações que se julgassem pertinentes. Tal o caso da oficiosa *Gazeta do Rio de Janeiro*, que omitiu propositadamente (e em outros casos acobertou) os eventos revolucionários em curso na América espanhola no ano de 1810. De acordo com João Paulo Pimenta, a opção do periódico por não veicular notícia atinentes ao Alto Peru, ao Paraguai, a Quito ou à Venezuela relacionava-se diretamente com sua condição de porta-voz “dos princípios de legitimidade dinásticos, fortemente solapados no Império espanhol, (e) tenazmente preservados no Império português.” <sup>113</sup> Daí que, para além das condições de acesso à

---

<sup>111</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 18. 07/03/1817.

<sup>112</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 98. 12/12/1817. Itálico no original.

<sup>113</sup> João Paulo G. PIMENTA. *O Brasil e a América Espanhola (1808-1822)*. 2003. 398 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo. p. 105-106;

informação, por meio de agentes, suportes e vetores diversos, deve-se igualmente sopesar as escolhas daqueles que estavam por trás da impressão dos jornais, selecionando o que seria publicado e o que seria posto de lado – para descarte imediato ou uso ulterior.

\*\*\*

Visto como um dos principais expoentes do campo de estudos conhecido como *história do livro*, Robert Darnton<sup>114</sup> defende a adoção de um viés social para se perscrutar o papel dos impressos ao longo do tempo e em diferentes espaços. O corolário inicial desse enviesamento é, em primeiro lugar, o reconhecimento de que livros, à maneira de quaisquer impressos, fazem parte de um circuito de comunicação profundamente fincado nas estruturas da sociedade; não como que pairando sobre ela, ou influenciando-a de modo unilateral e arbitrário, mas sendo resultado direto da interação de livros com o todo social. Do que decorre o segundo ponto de exame: em cada uma das etapas do processo, os impressos mostram-se passíveis de receber influências do meio, vendo sua própria substância modificada. Dão a contrapartida, é claro, ao alterá-lo em várias dimensões e de modos os mais inusitados. Pressupor a existência de efeitos recíprocos entre uns e outros torna imperativa, assim, a compreensão de papel de agentes como autores, editores, impressores, livreiros e leitores na produção, difusão e recepção de impressos. Significa, ademais, reconhecer a pressão exercida por fatores não-literários sobre tais artefatos, sujeitos como estavam à atuação de forças de ordem econômica, social, política e cultural.<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> Robert DARNTON. *The forbidden best-sellers of the pre-revolutionary France*. New York: W.W. Norton and Company, 1995. Capítulo 7. Do mesmo autor, conferir os postulados que definem o campo de estudo do qual é um dos principais representante em “What is the history of books?”. In: David FINKESTEIN; Alistair MCCLEERY (ed.). *The Book History Reader*. 2. ed. New York: Routledge, 2006. p. 9-26. Para uma apreciação crítica das proposições gerais do autor, conferir Haydn T. MASON (ed.). *The Darnton debate: books and revolution in the eighteenth century*. Oxford: Voltaire Foundation, 1998. Uma crítica específica ao modo como Darnton dispõem impressos e agentes ao longo do circuito de informação, bem como a proposição de um modelo alternativo para se estudar os impressos, é proposta por Thomas R. ADAMS; Nicolas BAKER. A New Model for the Study of the Book. In: David FINKESTEIN; Alistair MCCLEERY (ed.). *The Book History Reader*. 2. ed. New York: Routledge, 2006. p. 47-65.

<sup>115</sup> Rubens Boba de MOREAS. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. Carlos RIZZINI. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1945. Márcia ABREU. *Os caminhos dos livros*. São Paulo: FAPESP, 2003; Luiz Carlos VILLALTA. *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. 1999. 545 f.

Como se percebe, a visão orgânica subjacente à ideia de circuito de comunicação torna premente a compreensão do papel das múltiplas “artérias”, “veias” e “vasos capilares” dele constitutivas. Mesmo se considerado como o ponto central de onde procedem e para onde vão todas essas ramificações, o impresso não deve ser visto em separado, como que desacoplado do complexo onde é, a um só tempo, parte integrada e integrante. O sistema amarra inextricavelmente as partes ao todo, e o todo às partes. Cada umas delas, conquanto em graus e proporções variados, desempenha seu papel e deixa sua marca na totalidade, contribuindo para a transmissão das mensagens contidas nos muitos suportes físicos e, em última instância, para moldar o próprio conteúdo destas. De modo que, ao percorrermos o trajeto que as levam e as trazem do emissário ao destinatário, elas nunca saem deles da maneira como entraram. Ou seja, o golpe inicial sempre ricocheteia na sua fonte; o próprio impresso sofre, de fora, a contrapartida de seu impacto.

Nas páginas acima, procurou-se lançar luz sobre a dimensão colaborativa da produção da notícia. Isto porque os jornais, talvez mais do que quaisquer outros impressos, dão boas mostras de envolverem, natural e obrigatoriamente, elementos a eles externos. No contexto histórico aqui observado, somente o gênio criativo do redator não bastava para dar conta de explicar como a notícia vinha a ser. Se em outros impressos a identificação e a compreensão desses fatores não-literários exigiam, quase sempre, que se recorresse a fontes auxiliares, que não os próprios objetos estudados, os jornais *de per se* desvelavam mais facilmente bem o processo multifacetado da comunicação – no caso em tela, a propagação de informações, que, por serem impressas, são transformadas em notícia. Suas edições deixavam transparecer a notícia, é claro, assim como as condições, as ferramentas e os agentes que a tornam possível.

Como se viu até aqui, diversos *agentes* – uns mais, outros menos –, estavam firmemente empenhados em ajudar os redatores na sua faina diária. Sem qualquer pretensão de se arrogarem do título de correspondentes, nacionais ou internacionais, atuavam de modo informal e ao arrepio de protocolos e convenções. Cooperavam à medida que cuidavam de seus próprios afazeres e medravam seus negócios. Marinheiros e tripulantes; comerciantes e passageiros; viajantes e arruaceiros; autoridades e pessoas comuns. Quer passeando pelos altos escalões do governo,



rastejando pelos submundos das zonas portuárias, singrando mares a bordo de navios, amainando velas nalguma paragem, contornando serras e descendo vales, deslizando sumacas pelo curso dos rios ou pelas beiradas do litoral, encilhando tropas cargueiras pelo sertão afora e adentro; indo e vindo, pousando e partindo, atracando e zarpando: pessoas faziam a informação transitar de um ponto a outro; entre vilas, cidades, capitânicas, países, continentes, e hemisférios – nas quatro partes globo, enfim. Na forma de manuscritos, impressos, vozes e rumores; de documentos de foro privado e público: gazetas, periódicos, folhas, diários, jornais; cartas; decretos, portarias, alvarás, leis, representações, manifestos, requerimentos, certidões, despachos, editais; bocas e ouvidos. Eis o conjunto de *suportes* que nutriam os redatores com uma enormidade de informações. Sem *meios* para os fazerem transitar, por terra e mar, interromper-se-ia o fluxo que chegava e saía para e dos redatores. A ausência ou o atraso de embarcações, de tropas e de pessoas, significaria a escassez de *suportes* e *agentes* – e a possibilidade de difusão da informação seria severamente comprometida. Em ocasiões assim, por conta de tufões, de maremotos, de naufrágios, do ataque de piratas e ladrões; do inverno inclemente na Europa do Norte; de guerras a causar bloqueios e confiscos, fossem às passagens do Mar Báltico ou aos portos de um Pernambuco ilhado e à beira da carestia, medida das autoridades da corte para se abafar os pródromos da *Revolução de 1817*: era a engenhosidade dos redatores que definiria os rumos do jornal. Editorariam com as poucas fontes que tinham; gastariam tinta para falar de fatos já passados e de pouca relevância; responderiam às inúmeras correspondências que recebiam. Na impossibilidade de uma das peças do circuito funcionar, os redatores davam logo um jeito de remediar a situação; afinal, não podiam, nem tampouco precisavam deixar a transmissão da informação cessar.

O desafio que ora se coloca é o de lançar luz sobre duas dessas peças, cuja participação aparenta ter sido maior e mais importante se comparadas às de quaisquer outras do circuito. De um lado, um *vetor*, representado pelas embarcações chegadas e saídas dos portos luso-americano onde havia tipografias. Pouco importava se de comércio de longa ou de curta distância; se de cabotagem ou oceânico; se de guerra ou do serviço postal. Desde que apontados explicitamente pelos jornais, na parte relativa à movimentação dos portos, são passíveis de escrutínio aqui. Isto por aquilo que podem revelar sobre as imbricações entre a espacialidade das rotas marítimas e as condições de acesso a informações sobre as várias partes do mundo; entre os circuitos comerciais e a

possibilidade mesma de se imaginar áreas quer a ele diretamente ligadas, quer localizadas em suas periferias; entre as dinâmicas mais afinadas à esfera econômica com as transformações atinentes à maneira como os homens vêem o mundo a sua volta.

Por outro lado, os *suportes*, em cujos versos e anteverços eram impressos os jornais da América portuguesa e alhures. Quase sempre, esses artefatos chegavam às mãos dos redatores a bordo de embarcações domésticas ou estrangeiras. Só em raras ocasiões, se valiam de vias terrestres para se difundirem através do espaço. Porém, isso importa pouco, agora. O que merece atenção são as “impressões digitais” que traziam, perceptíveis quer pelo título, quer pela cobertura privilegiada que davam a certas regiões em detrimento de outras. Talvez à exceção dos jornais impresso em país estrangeiro na língua nativa dos redatores, do que o *Correio Braziliense* é exemplo cabal, os jornais não conseguiam se desvencilhar, do ponto de vista intelectual, do local onde eram impressos. A despeito de onde iriam acabar parando, por conta do processo de distribuição que se seguiria no dia depois à sua publicação, ou daí meses apenas, os jornais carregavam em suas páginas certo vínculo original com suas “terras pátrias”. Com base nesta referência incontornável, iam desenhando com todo o cuidado, na forma de círculos concêntricos que se sobrepunham uns aos outros, seus *espaços de interesses*, isto é, as regiões cujos eventos eram-lhe mais candentes, logo, dignos de tinta. Donde que, se de um lado elencar os jornais que os congêneres luso-americanos citavam permite arrolar suas fontes mais valiosas, traçando um inventário das linhagens jornalísticas daí resultantes, por outro, cria condições para se mapear as regiões que, inicialmente cobertas pela fonte da citação, vinham parar, de reboque, nas páginas de outras folhas. Dar conta de recobrar os lineamentos da geografia das rotas mercantis e dos jornais tarefas é o que se pretende nas páginas a seguir.

## **1.2. A geografia das rotas marítimas de comércio a partir do Brasil.**

Era comum aos jornalistas aguardar com grande ansiedade pela chegada de novas embarcações. Como que a contar os dias para vê-las assomar no horizonte, eles esperavam afoitos, torcendo para não terem, frustradas, suas expectativas. Afinal, a cada vez que um navio atracava nalgum porto da América portuguesa, viam-se diante da

possibilidade real de ter acesso a notícias. Desprovidos destas, não teriam o quê dizer aos leitores. Não por outra razão que os redatores da *Idade d'Ouro* apostavam que, “pelo primeiro navio de *Londres*, que *se espera a cada hora*, teremos abundância de matéria para entreter os *Leitores*”. Tudo de que dispunham até então era de algumas poucas notícias, e porque os fundamentos delas não eram outros “que rumores populares, que cartas pouco exatas”, taxavam-nas de ultrapassadas e imprecisas.<sup>116</sup> Ocorria de haver momentos em que não podiam sequer valer-se dessas fontes mais imprecisas, quiçá dúbias, para saber o estado das coisas. Fato que os levava a confessar, poucos dias antes, que a “falta de navios de *Lisboa*, e de *Cádiz*, tem-nos deixado com grande atrasamento de notícias sobre as campanhas da Espanha.”<sup>117</sup> Parecendo não ser nem um pouco esporádicos, mas, pelo contrário, recorrentes e bastante duradouros, esses atrasos chegavam ao ponto de obliterar, por semanas a fio, qualquer chance de se obter conhecimento sobre o que se passava em solo metropolitano. Tanto que, em decorrência da falta de navios de *Lisboa*, os redatores achavam-se “há muito tempo na ignorância do que se tem passado na *Península*.”<sup>118</sup>

Nem sempre o navio chegado trazia notícias. Ou fazia-lo, mas os redatores não as julgavam relevantes. Numa certa terça-feira de novembro de 1817, a *Idade d'Ouro* tornava pública a entrada, recém havida nos cais de Salvador, de um navio vindo da Rússia, com uma breve escala na Holanda, onde lhe tocara os portos. Talvez por isso viesse carregado de gêneros “Russianos, e Hollandezes”, como faziam questão de destacar os redatores baianos. Ficara naquelas paragens por pouco tempo, pois, pensando fazer melhores negócios no Rio de Janeiro, partira para lá pouco depois. O que importa no exemplo desta embarcação é que ela não trazia nem gazetas do Norte da Europa, nem contava coisa memorável sobre o que lá acontecia. Mas nem por isso a sua entrada deixava de ser relevante. Afinal, se os redatores faziam questão de registrar a ausência de gazetas naquela embarcação é porque, no fundo, supunham poder ali encontrá-las. E, se ausentes naquela viagem, poderiam fazer-se presentes noutras.

Os exemplos acima, colhidos da sempre frutífera gazeta baiana, não são a regra. Na maior parte dos casos, navios chegavam trazendo várias notícias. Dentre as quais, na forma impressa, acomodados nalguma parte de seus porões, jornais de vários lugares, sempre requisitadíssimos pelos habitantes das regiões onde pousavam. Pelo pacote

---

<sup>116</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 9. 28/01/1813. *Grifos do autor*.

<sup>117</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 5. 15/01/1813.

<sup>118</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 45. 04/06/1813.

inglês *Grace*, os redatores da *Gazeta do Rio de Janeiro* puderam ter acesso a “folhas”, que “contém quase exclusivamente as jornadas dos Soberanos e Ministros das Potências Aliadas a *Aix-la-Chapelle*, a sua chegada àquela antiga Capital do Império de Carlos Magno, e as pomposas festas em honra das Altas Personagens (...).”<sup>119</sup> Já os da *Idade d’Ouro* não se contentaram em dizer que “chegou há poucos dias um Navio de *Lisboa*”, e que o mesmo trazia “Gazetas”; mas que estas “adiantam muito os nossos conhecimentos sobre as coisas da *Europa*”.<sup>120</sup> O *Correio do Rio de Janeiro*, por fim, afirmava que “pelo paquete entrado ontem, receberam-se notícias de ser falso o rompimento de guerra entre a Rússia e a Porta, sendo aliás certo que o Imperador Alexandre foi pessoalmente passar revista ao seu Exército na Fronteira: e que as folhas Inglesas atribuem ao seu espírito pacífico não terem precipitado as hostilidades.”<sup>121</sup>

Não é forçoso perceber, com base nos poucos relatos apresentados acima, que a difusão de impressos atava-se de modo inextricável ao tráfego marítimo. Cada entreposto distribuído ao longo das várias rotas podia servir ora de porta de entrada, ora de saída para *suportes* e *agentes* da informação. É bem verdade que o circuito que esta perfazia podia extrapolar a geografia imediata dessas rotas, mas jamais chegava ao ponto de conseguir delas prescindir. Afinal, a contar pelos condicionantes da época, não havia outro meio de se cruzar mares e oceanos a não ser em navios. De modo que, se assente a existência flagrante desse vínculo, recobrar o movimento de entrada e saída de embarcações nos portos luso-americanos pode ser revelador não apenas dos sentidos e direções da informação, mas principalmente dos lugares onde sua coletada e difusão eram maximizadas.

Mas esta não é tarefa fácil. Na verdade, há boas razões para se crer que seja até mesmo inexequível. É sabido que ao exercício de inventariar o movimento global dos portos da América portuguesa interpõe-se barreira quase intransponível, mantida em pé graças à natureza lacunar da documentação, amiúde fragmentada ou mesmo inexistente. No tocante ao fluxo mercantil, José Jobson Arruda assinala que o período compreendido entre 1808 e 1822 é menos ponderável do que dois outros que lhe antecederam, a saber, os de 1750-1796 e 1796-1808. Tanto para um quanto outro é possível chegar-se bem perto do movimento total das exportações da colônia, por meio de documentação referente ao carregamento das frotas, para o primeiro, e às balanças de comércio, para o

---

<sup>119</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*. Número 101. 19/12/1818.

<sup>120</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 65. 14/08/1812.

<sup>121</sup> *Correio do Rio de Janeiro*. Número 57. 20/06/1822.

segundo. Por essas vias, assim, tem-se “termômetro substancial para a dimensão do fluxo mercantil.”<sup>122</sup>

Para o lapso 1808-1822, não se pode contar com nenhuma dessas modalidades. De modo que, em termos de fontes para o estudo das trocas comerciais, ele pode ser visto como o nadir de uma seqüência de fenômenos bem mais documentados. Não é difícil de supor a razão de ser disto, afinal é de 1º de abril de 1808 o alvará de D. João VI, que abriu os portos da América portuguesa às nações amigas de Portugal. Pela interpretação clássica de Fernando Novais<sup>123</sup>, pode-se depreender que tal evento foi o golpe de misericórdia no “antigo sistema colonial”, pautado no exclusivo comercial da colônia para com sua metrópole. Para os fins aqui perseguidos, basta frisar que a medida rompeu com o monopólio virtual tanto do comércio da América portuguesa com Portugal, ou daquela com as regiões intercoloniais da África e da Ásia, cujas trocas experimentavam crescimento vertiginoso desde fins do século XVIII, haja vista que datava de 1772 a última proibição, pela metrópole, desse tipo de comércio.<sup>124</sup>

A verdade é que o ano de 1808 marca a ruptura definitiva da predominância de movimentos bilaterais nos portos luso-americanos. Por certo, as transações externas entre Brasil e Portugal permanecem, sendo talvez mais significativas para este do que para aquele. Mas abre-se a possibilidade concreta de se ampliar o leque de parceiros comerciais. Pelos tratados de comércio de 1810 e 1816, concedem-se à Inglaterra tarifas aduaneiras preferenciais, medidas que a colocarão na dianteira dentre os participantes da pauta de importação e exportação daquele mercado recém aberto. Em menor medida mas não menos importante, países como Estados Unidos, França, Argentina, Uruguai e Cuba, conseguem angariar fatias na pauta comercial do Brasil, incrementando-a em termos do número de gêneros importadas e dos diferentes portos com os quais se estabeleciam trocas periódicas.

Entretanto, os registros desses fluxos continuam a pautar-se apenas no comércio Brasil-Portugal. Daí o paradoxo de a documentação não acompanhar a diversificação

---

<sup>122</sup> José Jobson de Andrade ARRUDA. “A circulação, as finanças e as flutuações econômicas”. In: Maria Beatriz Nizza da SILVA (Coord.). *O Império Luso-Brasileiro (1750-1822)*. Lisboa: Estampa, 1986. p.168. (Coleção Nova História da Expansão Portuguesa. v. 8).

<sup>123</sup> Fernando Antônio NOVAIS. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1995.

<sup>124</sup> José Jobson de Andrade ARRUDA. “A circulação, as finanças e as flutuações econômicas”. In: Maria Beatriz Nizza da SILVA (Coord.). *O Império Luso-Brasileiro (1750-1822)*. Lisboa: Estampa, 1986. p.164. (Coleção Nova História da Expansão Portuguesa. v. 8).

verificada no número de parceiros comerciais do Brasil. Tudo de que se dispõe são mapas comerciais para certas regiões, como Pernambuco, Ceará, Santos e Rio Grande do Sul, além de alguns dados eminentemente referenciais, arrolados por Balbi, dos quais se vale a maioria dos historiadores brasileiros para tratar do assunto.<sup>125</sup> Tomados em conjuntos, essas fontes deixam entrever, apenas de modo parcial e segmentado, o fenômeno em pauta. Desse modo, no tocante ao movimento global dos portos da América Portuguesa, há um vácuo historiográfico, que é resultado, dentre outros fatores, da natureza e/ou ausência de documentação.

Há, para o lado português, estudos mais abrangentes sobre o movimento dos portos brasileiro. Só que, nesse caso, o referencial é sempre Portugal, e as embarcações ali chegadas ou dali saídas, rumo a algum porto do Brasil. A contar pela coletânea recente<sup>126</sup>, a documentação de que se dispõe do lado de lá do Atlântico é mais abrangente. Afora os dados das *Balanças Gerais do Comércio do Reino de Portugal com seus Domínios*, registro este que tem pautado a maior parte dos estudos sobre o tema, há ainda os *Livros do Marco dos Navios*, os *Almanaques*, o *Hebdomadário Lisbonense* e a *Gazeta de Lisboa*. Importa notar, aqui, que os jornais podem ser consultados como fonte do movimento portuário, já que era comum noticiarem as embarcações recém chegadas e as de partida.

Neste particular, a imprensa luso-americana pode também ser útil para se mapear o movimento dos portos de Belém do Pará, São Luís do Maranhão, Recife de Pernambuco, São Salvador da Bahia, Rio de Janeiro e Montevideú. Alguns dos jornais ali publicados entre os anos de 1808 e 1822 – balizas desta pesquisa – fornecem algumas séries movimento de entrada e de saída de embarcações, as quais, irregulares embora, cobrem ao menos destinos que não somente a metrópole. No geral, as listas preponderantes são referentes às embarcações envolvidas diretamente com o comércio, mas há também as que estavam a cargo exclusivo do serviço de correio marítimo. Contudo, deve-se olhá-las em conjunto, uma vez que as idas e vindas de umas e de outras conformavam a própria dinâmica dos portos daquelas cidades, pouco importando

---

<sup>125</sup> José Jobson de Andrade ARRUDA. “A circulação, as finanças e as flutuações econômicas”. In: Maria Beatriz Nizza da SILVA (Coord.). *O Império Luso-Brasileiro (1750-1822)*. Lisboa: Estampa, 1986. p.180. (Coleção Nova História da Expansão Portuguesa. v. 8).

<sup>126</sup> Eduardo FRUTUOSO; Paulo GUINOTE; António LOPES. *O movimento do porto de Lisboa e o comércio luso-brasileiro (1769-1836)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001.

se tinham a função precípua de comerciar, de transportar passageiros e documentos escritos e impressos, de guardar a costa, de rechaçar piratas e inimigos. Em suma, é preciso ver essas embarcações na acepção mais genérica possível, afinal, como salientou Evaldo Cabral de Mello em ensaio iluminado sobre o comércio de cabotagem, “as tarefas marítimas não eram apenas as prosaicas ou rotineiras de transporte de mercadorias mas sobretudo as militares, oficiais, de povoamento e conquista”.<sup>127</sup>

É assim que se chegou à *tabela 1*, cujos dados consistem do inventário do movimento de entrada de embarcações nos portos de Montevidéu, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís. Afora o fato de serem portuárias, essas cidades assemelhavam-se ainda por possuírem tipografias em cujos prelos eram impressos os jornais luso-americanos. Como era de costume, muitos destes reservavam a última lauda de suas edições para dar cobertura das embarcações chegadas naquela localidade. Indicavam-nas com as seguintes rubricas: “entrarão neste porto as seguintes embarcações” (*Idade d’Ouro do Brazil*); “entradas” (*Gazeta do Rio de Janeiro*); “estradas de buques en este puerto” (*El Patriota*); “embarcações que deram entrada na alfândega” (*O Espelho*); “entradas de Embarcação” (*O Conciliador do Maranhão*). Já outros, como *O Paraense*, *O Constitucional* e *El Pacífico Oriental*, malgrado serem sediados em cidades enquadradas nesse perfil, a exemplo de Belém, no Pará, Salvador, na Bahia, e Montevidéu, na Cisplatina, não veiculavam esse tipo de informação – sabe-se lá por que razão. Daí que, de um total de 34 jornais compulsados na pesquisa, só 12 dispunham de dados dessa natureza.<sup>128</sup>

O que vale a pena notar é o padrão seguido pelos que assim o faziam. Quando aparecia na forma mais completa verificada, a descrição especificava alguns aspectos centrais da embarcação: a procedência, a data de partida do local de origem e de chegada no novo porto, o nome, o dono e/ou arrendatário, o capitão – chamado por vezes de “mestre” –, o correspondente, a duração daquela viagem em específico, o tipo e a quantidade da carga transportada. Na quase totalidade dos casos, porém, a descrição se dava de forma incompleta, com alguns desses itens sendo aleatoriamente contemplados, e outros não. É o que se observa nos anúncios de entrada encontrados no

---

<sup>127</sup> Evaldo Cabral de MELLO. “A cabotagem no Nordeste oriental (1)”. In: \_\_\_\_\_. *Um imenso Portugal*. História e historiografia. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 186.

<sup>128</sup> Os jornais usados para a elaboração da *tabela 1* são *A Folha Medicinal do Maranhão*; *Diário Constitucional*; *El Pacífico Oriental de Montevideo*; *El Patriota*; *Gazeta do Rio de Janeiro*; *Gazeta Pernambucana*; *Idade d’Ouro do Brazil*; *Jornal de Annuncios*; *O Conciliador do Maranhão*; *O Espelho*; *O Volantim*; *Relator Verdadeiro*.

*El Patriota*, impresso em Montevideú, e na *Idade d'Ouro do Brazil*, em São Salvador da Bahia, respectivamente:

*Dia 6 de Septiembre.* Bergantin Americano *Hope*, su capitan Benjamin Jacob, salio de Buenos-aires con destino à Baltimore y con escala en este puerto, con lo seguinte. Cueros Bacunos. 30 Fardos de pele de nutria, 32 dichos de cueros de carnero. 64 dicenças de idem, 24 fardos de lana de idem, 293 caxones de jabon, 29 dichos de pescado, 2 idem de sombreros de paja, 36 barriles de tavaco, 7 dichos con zapatos. Consignado à los señores *Stewart M. Call* y compañía.<sup>129</sup>

Em 19 de *Cabinda*, o Bergantim *Tejo*, Mestre *João Pereira da Silva*, 25 dias de viagem, carga 421 cativos, além de 4 que morreram. Dono *Joaquim Ferreira dos Santos*, no *Rio de Janeiro*. Correspondente *José Antonio Rodrigues Vianna*.<sup>130</sup>

Embora esses informes afigurem-se como uma janela privilegiada para se estudar aspectos variados dos fluxos marítimos, a *tabela 1* pautou-se apenas pelas regiões de cujos portos procediam as embarcações. Nesse sentido, cada uma das 277 linhas horizontais (doravante linha) da primeira coluna representa um ponto de partida diferente, podendo ser este tanto o original como apenas os locais onde a embarcação fizera escala. Se, hipoteticamente, ocorresse desta atracar nos seis portos das cidades sede dos jornais luso-americanos – nomeadamente Montevideú, Rio de Janeiro, Salvador, Recife de Pernambuco, São Luís do Maranhão e Belém do Pará – enquanto perfazia a rota prevista em certa viagem, seriam computados 6 entradas diferentes nas respectivas linhas. Afinal de contas, esta tabela visa sobretudo a mostrar os locais, espalhados ao longo das rotas de comércio, em que poderia haver intercâmbio de informações entre a embarcação, entendida, lembremos, como um *microcosmo itinerante*, e a sociedade estabelecida nalguma paragem.

A segunda coluna, por seu turno, diz respeito ao número de vezes em que a entrada de uma embarcação nos portos da América portuguesa fora noticiado pelos jornais. Desdobramentos desta última, as duas colunas restantes consistem no cálculo percentual dos números inteiros da anterior. A primeira, chamada de *Percentual*, mostra a razão centesimal do número de ocorrências de uma dada localidade para 4050, que é a soma total da segunda coluna. Ou seja, esse cálculo indica o que representam, em

---

<sup>129</sup> *El Patriota*. Número 5. 13/09/1822.

<sup>130</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 88. 25/08/1818.



termos percentuais, as 140 ocorrências de *Pernambuco* ou *Rio de São João* em relação às 3770 restantes. Já a segunda, denominada de *Percentual Acumulada*, soma cada um desses totais individuais percentuais até atingir o total de 100%. É esta operação que revela, por exemplo, que 13 das 277 regiões computadas correspondem a praticamente 50% do total, ou seja, das 4050 embarcações que deram entrada nos portos brasilienses, aproximadamente 2027 vieram de apenas 13 lugares, que passam a ser significativos pela expressividade dos números.

Ao se debruçar sobre a massa de dados constantes na *tabela 1*, observa-se que embarcações de ao menos 277 regiões deram entrada num ou noutro porto da América portuguesa. Destas, 11 alcançam somas superiores a 100. Na ponta do ranque, com 328, tem-se Rio Grande, na esteira do que vem Campos, com 301. Os 9 seguintes oscilam entre 150 e 120, podendo ser escalonados, do maior para o menor, nesta ordem: Cabo Frio, Bahia, Pernambuco e Rio de São João, Ilha Grande, Santos, Lisboa, Parati, Liverpool. Chama a atenção, logo de início, o fato de somente a díade Lisboa e Liverpool serem externas; todas as demais, como se percebe, são pontos que bordejam as costas brasílicas.

Em se analisando as 29 próximas regiões, cujos números de menções vão de 95 a 31, nota-se que a tendência acima esboçada não passa por alterações significativas. Afinal de contas, a razão de 8 regiões da América portuguesa para cada 2 externas prevalece de modo incontestável. A novidade maior talvez esteja na incorporação de dois novos continentes na listagem. A África, por conta de embarcações vindas de Angola, e América Septentrional, devido às vindas de Baltimore. Dado que o primeiro grupo abarca 45,46% do total, e este segundo, por seu turno, 27,35%, conclui-se que juntas, as 40 primeiras ocorrências correspondem a 72,81%, ou, em números cardinais, 2949 (de 4050).

As próximas 98 linhas da *tabela 1* vão tratar de indicar as áreas que tiveram de 30 a 3 ocorrências, inclusive. Em valores percentuais, tem-se pouco mais que 20, e em cardinais, um montante que gira em torno de 921. O que ganha relevo, nesse grupo, é a tanto expressiva pulverização das áreas já contempladas, quanto a abertura de novas. Pela primeira vez, entram em cena algumas porções do continente asiático, representadas por Gôa, Calcutá e Macau. De resto, nota-se a incorporação de novos lugares, de onde já se tivera registro da chegada de embarcações. Na África, podem-se nomear Rio Zaire, Serra Leoa, Benguela, Moçambique, Costa da Mina, Quelimane,

Egito; na Europa, Málaga, Alicante, Tenerife, Tarragona, Antuérpia, Amsterdã, Bordeaux, Nantes, Portsmouth; na América do Sul, Lima; na do Norte, Salem, Filadélfia, Gaspé, Nova Iorque; no espaço Atlântico, não se pode deixar de mencionar as ilhas do Faial, da Madeira, dos Açores, do Príncipe, do Cabo Verde.

De Aisú até Vila Nova do Benevente percorrem-se 146 linhas, as quais contêm os nomes de localidades que apareceram uma ou, quanto muito, duas vezes. São 180 recorrências, que correspondem 5,40% do total. A diversidade, aqui, é inquestionável, a despeito do fato de que, se tomados em separado, os dados tornam-se menos expressivos por serem, justamente, bem poucos. Mesmo assim, agregam nuances interessantes ao conjunto de portos de origem, com a adição de nomes que ainda não haviam sido observados: New Haven, Patagônia, Honfleur, Greenock, Rio dos Camarões, Trieste, Ilhas Canárias, Cabo de Horne, Cork, Halifax, Glasgow, Ilha da Maiorca, Mar Mediterrâneo, Mar do Sul (Oceano Pacífico), Port Jackson, Samblá, Saint-Malo, Ilha Lanzarote, Greenwich, dentro outros.

Grosso modo, a *tabela 2* segue a mesma lógica da *1*, salvo em quatro pontos específicos. Nela, os dados referem-se não à entrada, mas à saída de embarcações. Logo, a tabulação diz respeito aos nomes dos portos de escala e/ou de destino final dos navios que zarparam das mesmas seis urbes da América portuguesa por cujos portos também davam entrada as embarcações. Além disso, os jornais dão títulos diferentes às sessões atinentes a tais informações, como se pode ver nos seguintes exemplos: “embarcações que estão a sahir” (*Idade d’Ouro do Brazil*); “sahidas” (*Gazeta do Rio de Janeiro*); “salidas” (*El Patriota*); “embarcações a sahir” (*O Espelho*); “sahida de Embarcações” (*O Conciliador do Maranhão*). Em seguida, nota-se que há uma diferença no número de jornais tabulados, que passa de 12 para 11. Isto se dá porque, por alguma razão, o *Diário Constitucional*, da Bahia, fornece informações sobre a entrada de embarcações, mas não a saída.<sup>131</sup> Por fim, se comparada com a *tabela 1* em termos numéricos, nota-se que a *2* é menor em pelo menos dois aspectos. Enquanto esta consta de 197 destinos diferentes listados, e um total de 3156 ocorrências, aquela tem 277 procedências, as quais são mencionadas 4050 vezes.

---

<sup>131</sup>A única diferença em relação aos dados da *tabela 1* é verificada pela ausência, aqui, do *Diário Constitucional*. Todos os demais jornais são incluídos naquela tabela são usados, agora, na *tabela 2*: *A Folha Medicinal do Maranhão*; *El Pacifico Oriental de Montevideo*; *El Patriota*; *Gazeta do Rio de Janeiro*; *Gazeta Pernambucana*; *Idade d’Ouro do Brazil*; *Jornal de Annuncios*; *O Conciliador do Maranhão*; *O Espelho*; *O Volantim*; *Relator Verdadeiro*.

É oportuno, pois, dispender alguns parágrafos para descrever os dados nela presentes. Nota-se, a princípio, que de um total de 277 destinos, apenas os 42 primeiros aparecem mais de 10 vezes. Neste grupo, Rio Grande lidera de forma absoluta com 350 (11,09%), sendo seguido por sete outros, cujos totais situam-se acima da casa das centenas: Campos, 244 (7,73%); Pernambuco, 197 (6,24%); Porto, 197 (6,24%); Lisboa, 157 (4,97%); Buenos Aires, 115 (3,64%); Bahia, 111 (3,52%); Rio de Janeiro, 107 (3,39%). Da nona até a quadragésima segunda posição, verifica-se que os números se sucedem em ordem decrescente; todas as dezenas, com exceção da sétima, são contempladas, e de modo bastante homogêneo. Tudo somado, chega-se a 2737 ocorrências (de 3156), com o valor percentual correspondente de 86,72%. O que significa dizer que 42 lugares são responsáveis por quase a totalidades dos cálculos.

Em termos da distribuição geográfica desse grupo, percebe-se que a metade dos nomes arrolados corresponde a regiões da América portuguesa. São 1855 ocorrências, que equivalem a 39,79% do total, as quais se concentram nos seguintes locais: Rio Grande, Campos, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio de Janeiro, Rio de São João, Cabo Frio, Santa Catarina, Parati, Ilha Grande, Macaé, Itaguaí, Parnaguá, Capitania, Maranhão, São Sebastião, Laguna, Pará, Porto Alegre, Iguape, Rio das Ostras, Nova Holanda e Mangaratiba. Para áreas externas, têm-se Porto e Lisboa, com 354 vezes; Montevidéu, Buenos Aires e Rio da Prata, com 222; Londres, Liverpool, Guernesey e Falmouth, com 126; Angola, Benguela e Moçambique, com 80; Gibraltar, com 27; Boston, com 25; Havre de Grace, com 20; Hamburgo, com 16; Havana, com 12. Como se pode ver, esse grupo logra congregar, em termos continentais, representantes da América do Sul, do Caribe, da América do Norte, da Europa Insular, do Norte da Europa Continental, da Península Ibérica e, por fim, da costa Ocidental da África. De modo que a adição de destinos internos e externos acena para o fato que, da América portuguesa, partiam embarcações em direção a todos os continentes integrantes do assim chamado hemisfério ocidental.

A amostragem seguinte tem como balizas todas as regiões cujo número de citações oscila entre 10 e 2. Na ponta superior, a vila portuguesa banhada pela margem sul do Rio Têjo, Benavente; na inferior, a ilha circundada pela imensidão de águas do Oceano Atlântico, e parte integrante do arquipélago homônimo, São Tomé. Entre esta e aquela há outras 77 localidades diferentes, que, tomadas em conjunto, representam pouco mais de 10% do total. São exatas 333 recorrências, as quais ficam muito aquém

da força do primeiro grupo. A aparição, neste grupo, de algumas regiões representa ganho qualitativo para os dados da *tabela 2* como um todo. Primeiro, encontram-se, de modo inédito, referências a partes da Ásia, como China e Índia (Bombaim). Em seguida, locais situados em áreas mais limítrofes da Europa são mencionados, como São Petersburgo. A África também é citada, assim como alguns de seus pontos da parte ocidental e norte, a exemplo de Calabar e Alexandria, respectivamente. Por fim, o Oceano Pacífico (Mar) é dado entre os locais de origem de embarcações que passavam pela América portuguesa.

Embora não chegue a ter nem sequer uma dezena de regiões a menos que o anterior, o grupo final da *tabela 2* corresponde a menos de 3% do total. Tal fato não causa surpresa, pois para cada uma das linhas tem-se apenas uma única ocorrência. As quais, todavia, não deixam de ser significativas. Uma vez mais, a Ásia é englobada na listagem, haja vista a aparição de nomes como Goa e Ceilão. Registros como Rhode Island, Virgínia, São Domingos, Suriname, Caiena, Callao de Lima, Caaguazú e Patagônia não deixam qualquer dúvida quanto ao fato de que saíam daqui, de ao menos seis pontos da América portuguesa, embarcações com destino a portos situados de um extremo ao outro das Américas. De resto, têm-se como destino mais partes da Europa, a exemplo de Copenhague, Roterdã, e uma pluralidade de locais da própria América portuguesa.

Os sentidos desses fluxos comerciais, se para fora ou para dentro desta porção territorial, devem servir para que melhor se conheçam algumas das dimensões da engrenagem de fenômenos materiais que, dentre outras coisas, davam condições para que impressos, em particular, e a informação, em geral, fossem postos em trânsito. A difusão de uns e de outros se fincava pois neste chão firme, nesta base sustentada por poderosas e dinâmicas redes marítimas que ligavam a América portuguesa a países e continentes. Como salienta Peggy Liss <sup>132</sup> em estudo pioneiro, às redes de comércio transatlânticas de fins do XVIII e início do XIX atrelavam-se processos de difusão de novos ideais de organização social e política que funcionaram como verdadeiros combustíveis para os processos revolucionários deflagrados tanto no Novo quanto no Velho Mundo.

---

<sup>132</sup> Peggy K. LISS. *Los imperios trasatlánticos*. Las redes del comercio y de las Revoluciones de Independencia. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

Assim, ao lançarem luz sobre algumas das redes marítimas que açambarcavam a América portuguesa no período 1808-1822, as *tabelas 1 e 2* evidenciam, de um lado, o lugar de destaque ocupado pelos portos internos, isto é, as muitas áreas de ancoradouro dispersas ao longo da costa brasileira. São quase a metade dentre o total, constituído pela soma do número das embarcações entradas com as saídas. O que, a bem da verdade, não deve causar surpresa, afinal eram eles os pontos de confluência de ao menos dois tipos de movimento comercial. De dentro do continente, por terra ou pelos rios que a irrigavam, escoava a produção e circulavam os bens permutáveis, em direção a alguma cidade-sede de um porto intermediário ou principal. Nos entornos de cada um destes últimos gravitavam suas respectivas hinterlândias, que se lhe estavam submetidas de várias formas, formando assim um “arquipélago de mercados regionais”, para usar a feliz expressão de Evaldo Cabral de Mello<sup>133</sup>. Tal o caso descrito pela *Idade d'Ouro*, do comboio saído de Minas Gerais em direção ao porto de *Canavieiras*, tendo tomado caminho pelos rios *Jequitinhonha* e da *Salça*, até atingir o litoral. Dali, daquele entreposto “despovoado”, onde não havia “embarcações freqüentes em trato com a Cidade (de Salvador)”, as mercadorias seriam despachadas para outros portos.<sup>134</sup> Assim, sempre pela borda da costa, como que a contorná-la e sem se adentrar muito pelas águas profundas do mar, a cabotagem dava azo para que as ramificações comerciais que grassavam por vários locais dentro do continente tivessem certos nós, ou seja, pontos de confluência e de encontro de fluxos de toda espécie. Pouco importa se em portos de rio ou de estuário; o passo seguinte desse movimento mercantil seria, invariavelmente, percorrerem-se os marcos (portos) mais nítidos do pontilhado de entrepostos costeiros. Fenômeno que, visto a grandeza do território, era fator indispensável para a dinamização da economia e a provisão de bens necessários àquela sociedade.

Faces de uma mesma moeda chamada cabotagem, esses dois movimentos ainda não eram propriamente o todo, visto na acepção que lhe atribui a ideia de totalidade. O fato de possuírem certa lógica interna, que não raro transvestia-se com tendências de auto-suficiência, não obstava que esses fenômenos, atrelados, à primeira vista e eminentemente, à América portuguesa, ligassem-se aos fluxos vigentes entre as regiões mesmas listadas pela outra metade de referências das *tabelas 1 e 2*. Eis aí, portanto, o

---

<sup>133</sup> “A cabotagem no Nordeste oriental (1)”. Evaldo Cabral de MELLO. *Um imenso Portugal*. História e historiografia. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 179. Na mesma coletânea, “Aparição da sumaca (2)” e “A vitória da barça (3)”.

<sup>134</sup> *Idade d'Ouro do Brasil*. Número 48. 16/06/1818.

segundo plano de uma mesma unidade de sentido. Haja vista o fato de serem partes de um mesma totalidade, logo se determinavam mutuamente: se um resulta do outro, como que submetendo-se à sua força propulsora, o outro também dá a contrapartida, que acaba por também influir nas regras do jogo. Assim, em que pese diferenças de escala, de temporalidades e uma miríade de fatores outros, a interferir no resultado final do produto resultante dessas redes mercantis, as várias regiões dispersas ao longo dessas rotas marítimas eram parte daquilo que Fernand Braudel chamou de “economia-mundo”. Trata-se de termo flexível mas preciso, já que engloba a descrição da realidade econômica de “um fragmento do universo, um pedaço do planeta economicamente autônomo, capaz, no essencial, de bastar a si próprio e ao qual suas ligações e trocas internas conferem certa unidade orgânica.”<sup>135</sup> Espaço este que, lembra o autor, possui limites “facilmente detectáveis”, bordas que lhe conferem sentido, mas que não se confundem com as fronteiras político-administrativos e culturais que fragmentam e diferenciam outros “grupos massivos”. No centro não o Estado, mas uma cidade, ou a forma plural desta quanto maior for a juventude da economia-mundo; desde que definidas pela “vocalização internacional”, cumprem seus papéis em atarem essas outras economias particulares. Competem entre si, definem hierarquias e asseguram o funcionamento do conjunto.<sup>136</sup>

Vista deste modo, a constelação de lugares listados pelas *tabelas 1 e 2*, na forma de grandes e pequenas cidades portuárias, afora países, identificados de modo genérico, afiguram-se como esboço, sumário embora, da geografia das rotas comerciais. Alguns desses espaços contando com notável ênfase; outros, com bem menos, indicando assim gradações de ordem de relevância, pelo papel por cada qual desempenhado no todo. Mas, se vistos em conjunto, espraiam por diferentes continentes, até ao ponto de pousar na Ásia, limiar, talvez, de uma unidade e, por conseguinte, começo mesmo de outra(s) economia(s)-mundo. O que importa é que, a bordo dos navios que faziam pulsar esse todo material, interligando-o e criando condições efetivas para o processamento de trocas, vinham e iam jornais, imbuídos da missão precípua de noticiar sobre os estados do mundo. Mas a verdade é que, subjacente a tais notícias, eles trariam as marcas, na

---

<sup>135</sup>Fernand BRAUDEL. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. p. 12. O tempo do mundo. v. 3.

<sup>136</sup> Fernand BRAUDEL. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. p. 16. O tempo do mundo. v. 3.

forma de esboços de espacialidade, desta mesma geografia que lhes franqueava o deslocamento no espaço.

### 1.3. Um mundo costurado por jornais

A despeito de seus inúmeros pontos de intercessão, livros e jornais possuem traços característicos que, se sopesados em conjunto, acabam por lhes impor feições próprias e, por que não dizer, singulares. De acordo com James Wald <sup>137</sup>, esse somatório de traços definidores pode ser resumido com o emprego alguns adjetivos, distribuídos em números idênticos para cada um dos impressos em questão. Enquanto à natureza dos livros, por um lado, podem-se acoplar palavras como i) *venerable*, ii) *complete*, iii) *univocal*, iv) *individual*, v) *individualistic: authorial*, vi) *authoritative*, vii) *creative*, viii) *permanent*; à dos jornais, por outro, ligam-se qualitativos como i) *recent*, ii) *fragmentary*, iii) *polyvalent*, iv), *collective*, v) *individualistic: subjective*, vi) *suspect*, *provisional*, vii) *derivative*, viii) *ephemeral*. Do que resultam oito pares binários, que ao invés de realçarem deformidades e insuficiências de jornais em relação a impressos – e vice versa –, criam condições para se ver a fundo o que têm de único e específico; e, ao assim fazê-lo, ajudam a melhor iluminar a própria natureza da outra parte da díade.

Nas páginas anteriores, a dimensão colaborativa do fazer jornalístico foi ilustrada com a exposição de alguns dos agentes envolvidos no processo mais amplo de difusão da informação. Faz-se mister, por ora, um exame mais detido sobre as implicações do traço *efêmero* dos jornais, ao qual se atrelava, de modo inextricável, o fato de serem ainda *recentes e fragmentados*. Em seu já mencionado estudo clássico, Benedict Anderson, lança mão de um *coup de théâtre* para indagar-se sobre a pertinência de chamar os jornais de “*best-sellers* por um dia” <sup>138</sup>. Isto porque, embora pudesse ser vendido até mesmo em grande escala, esse impresso estaria fadado a encontrar-se obsoleto logo após sua edição. Sua popularidade, por razões quase óbvias, era muitíssimo efêmera. Uma vez cumprido seu trabalho de propagar as últimas notícias, tornar-se-ia natural e automaticamente dispensável. Seus leitores logo estariam

---

<sup>137</sup> James WALD. Periodicals and Periodicity. In: Simon Eliot; Jonathan Rose (eds.). *A companion to the history of the book*. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2009. p. 421-433.

<sup>138</sup> Benedict Anderson. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

prontos a esperar pela próxima edição, que cobriria fatos novos e candentes, os quais, por sua vez, dariam matéria e forma a novas edições, que seguiriam os passos da cadência ao ficarem uma vez mais obsoletas, e assim por diante... O ciclo tendia a durar pelo tempo que se estendesse a vida útil do jornal, renovando-se a depender da sazonalidade de sua publicação.

Eram os redatores quem sentiam mais diretamente a rapidez com que essa engrenagem girava. Tão logo publicada uma edição, urgia-lhes cuidar dos preparativos da próxima. Não por outra razão careciam de ser abastecidos, periodicamente, com matérias frescas, a fim de não deixarem o fluxo ser interrompido. Afinal, na ausência de um montante de matéria-prima que fosse minimamente suficiente, a impressão do próprio jornal poderia vir a ficar comprometida. E malograda estaria a missão que se propunham a desempenhar: informar o público tanto sobre a conjuntura coeva quanto sobre o passado, para que os erros cometidos neste não se repetissem no futuro.

Em parte, tal senso de dever decorria da polissemia que o vocábulo *informação* portava à época – e que não era estranho aos redatores. Sua acepção mais difundida, que já se arrastava por séculos, ligava-o à tarefa de repassar ao público dados acerca de algo (um evento qualquer, por exemplo). Mas por conta do período histórico em tela, em que a *política* passava por inúmeras mutações, o campo semântico de *informar* alargou-se expressivamente, passando também a pressupor a noção de instrução geral, da propagação de ideias e valores compatíveis com as luzes do século. Por isso, os redatores arrogavam-se de forte senso de dever político e moral, e colocavam-se como um dos principais agentes de mudança da mentalidade de seus leitores, por meio daquilo que François-Xavier Guerra, em interpretação consagrada, chamou de “pedagogia política”.<sup>139</sup>

Assim, para evitar que o pior ocorresse, redatores de todos os tipos e gostos valiam-se da fonte de informação mais abundante e rica em detalhes naqueles dias: “gazetas”, “periódicos”, “folhas”, “jornais” e “diários”, fossem nacionais ou internacionais. A sede por novas, causada pela necessidade de elaborar a edição, era

---

<sup>139</sup> François-Xavier GUERRA. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 227-274. Para as funções desempenhadas pela imprensa no contexto revolucionário de fins do século XVIII e início do XIX, conferir também François-Xavier GUERRA; Annick LEMPÉRIÈRE (et.al.), *Los espacios públicos en Iberoamérica: ambigüedades e problemas. Siglos XVIII-XIX*, México: Fondo de Cultura Económica, 1998. Jeremy POPKIN, *Revolutionary News: the Press in France (1789-1799)*. Durham: Duke University Press, 1990. Bernard BAILYN; John B. HENCH. *The press and the American Revolution*. Boston: Northeastern University Press, 1981.



então saciada com o acesso a outras notícias impressas. Se claro está, a esta altura do capítulo, que diferentes agentes e vetores faziam com que as versões impressas, escritas e orais da informação perfizessem as várias etapas do circuito da comunicação; que poderosas rotas marítimas permitiam a mercadorias e pessoas deslocar-se, e junto com elas informações em todos os suportes possíveis e imagináveis; e, por fim, que os redatores “colhiam” e “semeavam” notícias, boatos, temores, expectativas ao longo de todo esse processo, já que a ideia de um circuito pressupõe a existência da circularidade; então, resta lançar luz sobre essa fonte tão usada pelos redatores, para que, desse modo, seja possível identificar quais eram, de onde vinham e – em alguns casos – para onde iriam em seguida.

Esse exercício possibilitará o esboço do que se poderia chamar de uma *geografia das fontes* dos jornais. É fato que cada um deles ligava-se a algum tipo de espaço. Em alguns casos, o lócus consistia no próprio local de impressão do jornal; era ali onde se situava a órbita em torno da qual gravitavam os temas e os enfoques das edições. Noutros, os jornais davam maior cobertura a áreas distantes da cidade-sede da tipografia onde era impresso. Em ambos os casos, porém, esses enfoques eram determinados pelas fontes – mormente outros jornais – que eram citadas, que, por sua vez, tinham suas áreas privilegiadas de cobertura. Assim, arrolar as fontes que os jornais luso-americanos citavam ao longo de suas edições fornece condições para a realização de um mapeamento dos *locais de onde procediam essas mesmas fontes*, bem como das espaços geográficos por elas citadas.

Recobrar a história subjacente a esses usos é tarefa factível. Via de regra, pressupõe-se que à citação sucederá uma nota de rodapé, que cuidará, por sua vez, de creditar a fonte da informação com o fornecimento do nome autor, do título da obra, do ano e do local de publicação. Todavia, diferentemente do observado na maior parte dos impressos, os jornais de início do Oitocentos ainda não se prestavam à prática de referenciação ao fim da página, tal como a conhecemos hoje. Faziam-no, é verdade, mas a seu modo. Em geral, a citação de outro jornal, feita por meio de sua cópia parcial ou total, quando não da súpula ou da paráfrase de seus artigos, era o próprio meio usado para a indicação das origens da informação. O conteúdo que fora apropriado da fonte citada bastaria para indicar de qual fonte se tratava. Se o emprego das notas de rodapé tem sua História, uma vez que era parte das regras do jogo de erudição durante pelo

menos os séculos XVI ao XIX, como mostrou Anthony Grafton <sup>140</sup>, logo, esses “protótipos” de notas encontrados nos periódicos luso-americanos talvez possam também indicar algo. Deve-se olhá-los, portanto, para além da aparência para resgatar sua lógica mais profunda. E extrair, delas, sentido.

Mas antes de expor a massa bruta dos dados, vale a pena percorrer as páginas de alguns jornais luso-americanos a fim de se buscar alguns fatos concretos. A princípio, a forma mais clara para se observar a importância que jornais atribuíam aos seus pares, enquanto fontes úteis para extraírem conteúdo para suas edições, se dava quando aqueles não conseguiam ter acesso a estes. A ausência punha a lume, assim, o valor que detinham. É isso o que se observa numa das gazetas bahienses, *Idade d’Ouro*, que saiu do prelo no dia 4 de agosto de 1822. Seus redatores queixavam-se da demora da chegada dos periódicos da Inglaterra. Ponderavam que, se a biblioteca pública daquela província era subscritora dos melhores jornais daquele país, não teriam razões suficientes para “estranhar” que os tais andassem “sempre atrasados quatro, e cinco meses”? Para dimensionar o problema, lançavam mão do calendário para mostrar o intervalo de tempo durante o qual ficaram sem receber as tais folhas: “estamos em agosto, e só temos aqui o *Ambigú* de 10 de março, do qual extraímos o que se segue”.

141

Às vezes, somada à ausência, era o próprio conteúdo das folhas que gerava problemas. As de Lisboa, recém chegadas à Bahia, teriam tão fraco fundamento, que os redatores preferiam não gastar “tempo em copiá-las” <sup>142</sup>. Explicavam, ademais, que não poderiam saber nada sobre o norte da Europa senão depois da primavera. Isto porque, duas páginas antes, informavam que não vinha se dando a entrada, nos portos baianos, de navios procedentes daquela parte do continente europeu; o inverno rigoroso impedia a circulação de embarcação na região. Sem meios de transporte na deslocação, as folhas estrangeiras não logravam circular pelas bandas de cá do Atlântico, fato que impedia a cobertura jornalística de certas partes do hemisfério do Norte e para além dele. Na mesma folha, só que do ano de 1816, lia-se que, como as *Gazetas da Europa* não traziam nada de interessante até ao fim de janeiro, os redatores preferiram “extrair

---

<sup>140</sup>Anthony Grafton. *The footnote: a curious history*. London: Faber and Faber, 2003.

<sup>141</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 62. 04/08/1812.

<sup>142</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 41. 21/05/1813.

dos Periódicos alguns discursos sobre os sucessos passados a copiar ninharias, que nem instruem, nem divertem os Leitores.”<sup>143</sup>

Três números adiante, os redatores aduziam um quadro assaz complexo, marcado por um emaranhado de agravantes. Os *Jornais de França*, segundo eles, mereciam “pouca fé”, não sendo, por aquela razão, sequer dignos de menção. Davam isto por causa de as campanhas do Norte virem sendo descritas com base nas relações dos russos, logo, na versão de uma das partes beligerantes. Apesar disso, justificavam que, naquela edição em específico, fariam uso das tais *folhas francesas*, copiando “fielmente seus artigos”, uma vez que “a tardança do Correio de Março tem esterilizado muito a nossa folha”.<sup>144</sup> Juízo semelhante, cujo resultado não era outro senão depreciar a fonte, era feito em relação às notícias da Espanha, publicadas na *Gazeta de Lisboa* em maio, as quais pouco lhes interessavam “pela sua miudeza”.<sup>145</sup>

Somada à pouca relevância de algumas fontes, havia uma questão ainda mais urgente, que se colocava, não raro, como dilema a ser enfrentado pelas redatores: as informações que se lhes desfilavam aos olhos, fornecidas por outros periódicos, eram por demais dúbias. Vinham eivadas de imprecisões, de omissões, de equívocos, para não falar de descrições inverossímeis. Sabedores de não terem sempre informações críveis ao dispor, pautadas em critérios de prova minimamente fiáveis, os redatores muniam-se com o que podiam para submeter suas fontes à crítica documental. Faziam-no, quase sempre, com base em outras gazetas, muitas das quais esgrimiam fatos umas contra as outras, a fim de por à mostra toda e qualquer falácia. Nesse jogo de certo ou errado, verdadeiro ou falso, eles precisavam de bom siso para discernir a informação que procedia e/ou interessava às suas bandeiras político-ideológicas da que não.

A verdade é que, quase sempre, essas personagens demonstravam possuí-lo. Ao notarem que havia “alguma diferença no número de Soldados Holandeses” fornecido pela *Gazeta de Lisboa* – o que julgavam “pouco atestável” –, corriam logo a usar os dados do *Courier*, copiando-os na íntegra.<sup>146</sup> Por sua vez, os exageros do *Moniteur* com respeito ao número dos soldados franceses que haviam se retirado da Espanha, para se unirem aos polacos, não lhes passava despercebidos. Em tom de ironia, valiam-se de uma comparação para denunciar tais equívocos quantitativos: “a pena do *Moniteur* é

---

<sup>143</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 21. 12/03/1816.

<sup>144</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 44. 01/06/1813.

<sup>145</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 62. 03/08/1813.

<sup>146</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 04. 24/05/1811.

mais fecunda em parir do que as antigas mulheres do Egito”.<sup>147</sup> No mesmo número, vinha explícito o alerta à falta de plausibilidade de alguns dados fornecidos pelas *Gazetas de Lisboa*:

Advertimos aos leitores, que as notícias sobre *Bonaparte* na baixa *Polônia* nos parecem muito inverossímeis, pois que não havia tempo para avançar tanta extensão de caminho; e mesmo no caso de forçosa retirada era mais natural que *Bonaparte* fosse para a *Varsóvia*. As *Gazetas*, que falam nisto referem-se a boatos destituídos de fundamento.<sup>148</sup>

A comparação entre jornais, feita pelos redatores antes e depois de suas impressões, contribuía para dar maior crédito às suas considerações. Ainda no bojo da era napoleônica, o cálculo das forças francesas e portuguesas que tinham se enfrentado na Península Ibérica fora feito com base nas “*folhas Espanholas e Inglesas*, e por isso livre da suspeita de infidelidade, e exagerações.”<sup>149</sup> Em termos semelhantes, a *folha de Jersey* desfazia a suspeita, criada por uma *folha Inglesa*, de que *Bonaparte* partira para o Norte.<sup>150</sup> Extraídas de uma *folha Inglesa*, as notícias publicadas em certo número da *Idade d’Ouro* eram corroboradas, em momento ulterior, com o exame das *Gazetas de Lisboa*.<sup>151</sup> Noutra ocasião, era a vez destas serem confirmadas pelas *Gazetas de Madrid*, no anúncio que faziam sobre a abdicação de *Bonaparte*.<sup>152</sup> Em “comparando e confrontando com escrupulosa exatidão” as diferenças verificadas entre os relatos das *Gazetas Oficiais de Londres* e outras *Folhas*, os redatores concluíam que as mesmas eram “acidentais, que nada influem sobre a essência dos acontecimentos”.<sup>153</sup>

Quando a notícia chegava a beirar o absurdo, tamanha sua falta de plausibilidade, fazia-se necessário refutá-las em tantas edições quanto necessárias para que a verdade dos fatos viesse à tona. A alegação feita pela *Gazeta Ministerial de Buenos Aires* de que as tropas portuguesas do exército do Sul do Brasil haviam sucumbido às forças artiguistas, e que o príncipe regente, por conseguinte, tivera que suplicar à Junta de Buenos Aires pela assinatura do armistício, careceu de ao menos dois enfrentamentos diferentes para ser posta por terra. O ponto de partida é uma nota,

---

<sup>147</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 06. 19/01/1813.

<sup>148</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 06. 19/01/1813.

<sup>149</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 45. 04/06/1816.

<sup>150</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número 61. 31/08/1812.

<sup>151</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número IV. 14/01/1814.

<sup>152</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número L. 24/06/1814.

<sup>153</sup> *Idade d’Ouro do Brazil*. Número XII. 11/02/1814.

cujos tamanho não excedia uma dezena de linhas, publicada no número 68 da *Idade d'Ouro*, em que os redatores apresentavam a notícia, tachavam-lhe “falsa”, e davam como prova o fato “os Melicianos do *Rio Grande* foram todos para *Campanha*; e o governo ordenou que os paisanos tivessem lanças; e chuços em suas casas para repelir alguns salteadores.”<sup>154</sup>

Parecendo carecer de exposição mais minuciosa, o tema entraria novamente em cena na edição seguinte, só que desta vez ocupando inteiramente suas duas páginas iniciais. A matéria chama logo a atenção por ser infinitamente mais rica em detalhes que a anterior. Se a situação na região do rio da Prata, do ponto de vista dos redatores bahienses, era tida por falsa, era-o não com base em suas próprias opiniões, mas naquilo que argumentava a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Com base no que nela encontraram, estavam persuadidos de que “a Junta de Buenos Aires não tem as forças que ela quer inculcar, e que o nosso exército não tem sido ameaçado de algum perigo sério, que obrigasse S. A. R. a ordenar-lhe a retirada.” Todavia, sabendo que a notícia era “pouco decorosa à glória das nossas armas”, e podendo ser, por este motivo, tendenciosa e viciada a tal versão apresentada pelo jornal carioca, eles recorriam agora a uma terceira fonte, a *Gazeta de Montevideo*, igualmente enviesada, mas cuja posição política alinhavava-se ao projeto político defendido pela Corte do Rio de Janeiro – instância esta que conformava o discurso assumido pela gazeta homônima.<sup>155</sup> A embasar esse esforço estava o pressuposto de que a “verdade aparece com maior brilho no contraste, e na colisão com a mentira.”<sup>156</sup> E assim, do confronto de fontes, tendia a assomar a versão que, sob as lentes dos redatores, parecia ser a mais fidedigna.

A consulta freqüente que jornalistas faziam a essa modalidade de fonte ambientava-os com a natureza mesma do fazer da notícia. Ao acompanharem a maneira como fatos vinham sendo concatenados, edição após outra, em jornais nacionais e internacionais, julgavam-se mais aptos para desnudar as máscaras que supostamente cingiam mentiras, as quais vinham travestidas na forma notícias impressas, que reclamavam status de autenticidade. Por conta dessa familiaridade incomum, os

---

<sup>154</sup> *Idade d'Ouro do Brasil*. Número 68. 25/08/1812.

<sup>155</sup> Sobre esses jornais, ver João Paulo PIMENTA. *Estado e Nação no fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828)*. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. Juliana G. MEIRELLES *A Gazeta do Rio de Janeiro e o impacto na circulação de ideias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. 2006. 216 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

<sup>156</sup> *Idade d'Ouro do Brasil*. Número 69. 28/08/1812.

redatores da *Idade d'Ouro* denunciavam o que parecia ser uma improbabilidade sem tamanhos. Admitiam serem freqüentadores assíduos das *Gazetas da Europa*, mas desejavam “ardentemente” não ser meros plagiários delas, ora consultando-as, ora transcrevendo-as. Afinal de contas, na medida de suas “luzes”, intentavam “entrar no espírito das coisas, e apresentá-las tais quais elas se pintam ao nosso entendimento.” Todavia, notícias da América Inglesa, ao que tudo indica obtidas daquelas gazetas, pareciam zombar da capacidade de “penetração” deles; pintavam um cenário, mas a realidade mostrava tratar-se de outro. As conjecturas dos redatores bahienses revelam do que supostamente se tratava:

se os despachos do Ministro dos Estados Unidos em Paris não são propícios aos interesses da América; se o sistema de Bonaparte é todo anticomercial; e se os negociantes dos Estados Unidos reclamam pelas relações da Grã-Bretanha; como se compadece tudo isto com a última notícia, que aqui tivemos sobre a guerra declarada dos Estados Unidos com a Grã-Bretanha?

157

Diante de uma díade tão contraditória, na qual fatos e os seus respectivos relatos diferiam verticalmente, os redatores atribuíam sua causalidade ou à confusão inerente à própria política norte-americana, ou à imprecisão das gazetas. Para ficar em suas próprias palavras: “A este quesito não temos que responder senão que, ou as *Gazetas* não são exatas; ou é mais que certa aquela reflexão do *Times*, quando diz = A Política da América Inglesa vai tomando os escuros, e complicados visos da política do Continente =.”<sup>158</sup>

Em meio a ausências, atrasos, lacunas e deslizes por vezes deliberados, os jornais habituavam-se a criar alternativas para vencer o tempo de espera gasto para a chegada de novos impressos. Por vezes, recorriam ao uso de cartas. Um bom exemplo é o conjunto de missivas anônimas, procedentes da Minorca – região insular situada na grande massa do arquipélago das Ilhas Baleares –, e despachadas até a Bahia em navios vindos do Mar Mediterrâneo.<sup>159</sup> Opção alternativa era escolher *corpus* documental mais officioso para encher a edição com fatos e resoluções. O *Espelho*, na edição de 26 de dezembro de 1821, informava que “não havendo chegado *folhas Francesas*, que se

---

<sup>157</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 79. 02/10/1812.

<sup>158</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 79. 02/10/1812.

<sup>159</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 60. 27/07/1813.

esperavam *a todo o momento*, preferimos extrair dos *Diários das Cortes* alguns artigos, que têm mais imediato interesse.”<sup>160</sup>

Os jornalistas se arriscavam, noutros momentos, a prognosticar o desfecho de situações e o desdobramento de eventos que vinham noticiando, uns seguidos aos outros, nos números anteriores. A interrupção do abastecimento de notícias forçava-lhes, portanto, a usar do bom senso para preverem o que estaria acontecendo alhures. Para levar adiante essa missão, não partiam do zero, como se não contassem com referências prévias acerca “das possibilidades humanas em um *continuum* histórico de validade geral”<sup>161</sup>. Ao que tudo indica, o ofício ajudava-lhes a criar certa familiaridade com a dinâmica do processo histórico. Imbuídos, muito possivelmente, do *topos historia magistra vitae*, que supunha certa “constância efetiva de premissas e pressupostos”<sup>162</sup>, tendiam a se apropriar do repertório de experiências pretéritas e alheias para fazer o diagnóstico do presente e/ou projetar desfechos futuros possíveis. É isto o que salta aos olhos no trecho da *Idade d’Ouro*, no qual os redatores afirmavam que “se dermos crédito às reflexões de alguns sábios Jornalistas da Europa, e se combinarmos o que eles dizem com os *exemplos da História*, parece evidente que a França (....).”<sup>163</sup>

Como se percebe, era prática entre os redatores realizar projeções com base em fatos tomados de empréstimo do passado distante ou mais imediato. Ao assim fazê-lo, conferiam ainda maior materialidade àquilo que Willian Slauter, em tese já citada, chamou de “culture of speculation”<sup>164</sup>. Se entendido na acepção de se pensar hipoteticamente sobre o presente e o porvir, “especular” era parte constitutiva e indissociável do fazer jornalístico à época. No dia 01 de dezembro de 1812, a gazeta da Bahia observava que “as últimas folhas, que aqui temos da Europa, ainda que não decidam, pressagiam, contudo, a felicidade da Rússia”. Baseados na avaliação de

---

<sup>160</sup> *O Espelho*. Número 13. 26/12/1821.

<sup>161</sup> “Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento”. In: Reinhart KOSELLECK. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006. p. 43.

<sup>162</sup> “Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento”. In: Reinhart KOSELLECK. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006. p. 43.

<sup>163</sup> *Idade d’Ouro do Brasil*. Número 15. 25/02/1817. *Grifos do autor*.

<sup>164</sup> William SLAUTER. *News and diplomacy in the age of American Revolution*. 2007. 334f., Tese (Doutorado em Filosofia). History Department, Princeton University. New Jersey. Sobre os três primeiros capítulos.

jornais estrangeiros, cujo conteúdo estava repleto de opiniões e interpretações de terceiros, os redatores seguiam adiante com a constatação de que:

(...) e já nos vão habilitando para podermos conjecturar sobre o destino final. Esperamos ansiosamente ouvir em breve grandes notícias tanto do Norte, como do Meio dia da *Europa*; e, no entanto, *vamos calculando o futuro pelo passado*.<sup>165</sup>

Um número adiante e os redatores já não se mostrariam seguros diante da complexidade do cenário. A leitura de algum número da *Gazeta de Gotemburgo* parecia ter jogado por terra tudo o pensavam saber sobre os eventos no Norte. A tarefa de avaliá-los, no presente, não seria tão fácil como se poderia supor. E isso para não dizer de arriscarem-se a dar um palpite sobre o futuro. Por essa razão, não escondiam o estado de grande perplexidade que lhes acometia; afinal, sentiam-se impotentes ante as forças atuantes no tabuleiro político europeu.

De cada vez que lançamos os olhos sobre as folhas do Norte, para nos instruímos sobre a Guerra da Rússia com a França, sentimos não pequena aflição ao ver a nossa insuficiência para desembaraçar um caos, aonde não há fio, inteligência, nem luz. <sup>166</sup>

E, no parágrafo subsequente, tratariam de pôr um ponto final na exposição de seus dilemas, com aquilo que reputavam ser a postura mais apropriada a demonstrarem doravante. Diziam, em tom resoluto, que “nesta confusão em que estamos tem-nos parecido que devemos ser meros copistas do que anda nas *folhas Inglesas*, e ora citando uma, ora outra, cumpriremos nossa tarefa”. <sup>167</sup>

De resto, vale salientar que na imprensa luso-americana lêem-se referências a jornais publicados nos mais variados cantos do mundo. Alguns vinham, de fato e em espécie, para cá. Na forma de edições inteiras e completas; ou em pedaços daquelas, como que em fragmentos de uma ou duas páginas; ou até ao extremo de apresentarem-se como um recorte daquilo que era, outrora, uma lauda completa. Pouco importa o tamanho da parte que conseguia chegar até aqui. O fato é que podiam ser folheados por

---

<sup>165</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 96. 01/12/1812. *Grifos do autor*.

<sup>166</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 97. 04/12/1812.

<sup>167</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 97. 04/12/1812.



quem quisesse, nas bibliotecas, nas tipografias, nos espaços públicos ou na casa de algum (raro) subscritor. Eram artefatos dotados de conteúdo e forma material. Estariam prontos a informar os leitores em geral, e a servir de fonte – impressa – para jornalistas colherem dados para a elaboração de suas próprias folhas.

Já outros só conseguiam chegar até aqui de modo indireto, pois careciam justamente daqueles impressos para circular no espaço. É de se supor, para tanto, que os canais de distribuição aos quais se ligavam não logravam alcançar esta parte da América. Afora uma junção de fatores distintos, a distância tendia a impor seus condicionantes para a viabilização de sua difusão. De todo modo, tal condição não representava um impeditivo absoluto à transmissão de suas mensagens. Malgrado suas ausências físicas por estas bandas, esses impressos faziam-se notáveis aos imiscuírem-se à forma e ao conteúdo de seus congêneres. Apareciam sob diferentes roupagens: simples menções de seus títulos, ao que se seguia a paráfrase e a alusão aos seus conteúdos; cópias idênticas de suas partes, na forma de excertos que pulavam de jornal em jornal, dando materialidade ao fenômeno que Willian Slauter chamou de “*paragraphe mobile*”<sup>168</sup>; reprodução fidedigna de suas edições ou de algumas das matérias dela constituintes. Como que de carona, esta modalidade de referência dava seu jeito de deixar suas pegadas sobre a imprensa luso-americana.

De um jeito ou de outro. Em espécie ou à custa de seus pares, a verdade é que jornais chegavam às principais cidades do Brasil à época. Por dentro, vindos do interior, pelas vias de acesso terrestres; ou fora, tanto (e sobretudo) dos portos estrangeiros, quanto dos distribuídos ao longo da zona litorânea do país. É de se supor que nem sempre os jornalistas eram os primeiros agentes da cadeia de difusão da informação a terem acesso a esses impressos. O que, na verdade, pouco importava, pois independente do tempo que levassem para tê-lo, seria por intermédio exclusivo deles que as folhas produzidas alhures iriam imiscuir-se de muitas maneiras aos jornais luso-americanos. Isto porque os redatores daqui submetê-los-iam aos seus crivos; reprocessá-los-iam durante o tempo, e para os fins que precisassem. Ao fim do que, já na condição de impressos luso-americanos, seriam introduzidos ao público leitor numa das cinco formas possíveis, propostas sumariamente nos dois parágrafos anteriores.

---

<sup>168</sup> Will SLAUTER. “Le paragraphe mobile”. Circulation et transformation des informations dans le monde atlantique du XVIIIe siècle. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, avril-juin 2012, n° 2, 67e année, p. 363-389.

Essa via privilegiada dava livre passagem para a entrada de folhas, satisfazendo, assim, a todos quantos estivessem ávidos por saber sobre o estado geral do mundo. É de tal modo que notícias da Silésia, da Galícia, de Leipzig e de Pest eram dadas pela *Gazeta da Hungria*<sup>169</sup>; de Lima, de Lisboa, de Caracas, pela *Gazeta de Havana*; <sup>170</sup> da Espanha, de Callao de Lima, de Vigo, de Vera Cruz, de Badajós, de Navarra, de Sevilha, pela *Gazeta de Cádiz*<sup>171</sup>; de Moscou, de São Petersburgo, de Mogadore, da África, da Inglaterra, pelo *Ambigú*<sup>172</sup>; da Espanha, da Itália, da Ilíria, da Confederação do Reno, de Nápoles, de Varsóvia, da Dinamarca, da Rússia, da Porta Otomana, da Inglaterra, da Suécia, da Áustria, da França, da Polônia, pela *Gazeta de São Petersburgo*<sup>173</sup>; da Saxônia, da Dalmácia, da Áustria, da Mogúncia, da Itália, da Baviera, da Prússia, da Basiléia, da Suíça, de Genova, da Sardenha, da Turquia, pela *Gazeta da Alemanha*<sup>174</sup>; das Duas Sicílias, de Nápoles, de Palermo, pela *Gazeta de Roma*<sup>175</sup>; da América do Sul, do Rio da Prata, de Tucumán, de Córdoba, de Salta, do Peru, do Chile, do Paraguai, de Buenos Aires, de Entre Rios, de La Rioja, de Catamarca, de Jujuy, pelo *Argos*<sup>176</sup>; da Itália, da Savóia, da Toscana, do Piemonte, de Nápoles, de Milão, de Vêneto, de Roma, pelo *Tribuno*<sup>177</sup>; de Portugal, da Espanha, da América Espanhola, do Rio de Janeiro, de Lisboa, da Guiana Portuguesa, do Pará, da França, da Inglaterra, de Montevideu, de Buenos Aires, do Rio Grande do Sul, da Colômbia, da Venezuela, do Chile, pelo *Correio Brasiliense*<sup>178</sup>; da Valáquia, da Turquia, da Moldávia, do Mar Mediterrâneo, da Costa da África, do Egito, do rio Pruth, da Rússia, da Noruega, de Burgos, de Córdoba, da França, da Grã-Bretanha, dos Países Baixos, do Brasil, de Portugal, de Londres, de São Petersburgo, do Rio de Janeiro, da Inglaterra, de Archangel, de Sheerness, do Maranhão, pelo *Times*<sup>179</sup>; de Zurich, de Sabóia, de Laufenbourg, da Alsácia, do Reno, de Basle, de Berne, de Lucerne, da Suíça, de Rheinfelden, pelo *Jornal de Leyde*<sup>180</sup>; de Madrid, de Barcelona, da Bahia, da

---

<sup>169</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 66. 18/08/1812

<sup>170</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 59. 24/07/1812.

<sup>171</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 54. 07/07/1812.

<sup>172</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 36. 04/05/1813. Número 79. 02/10/1808.

<sup>173</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número XV. 22/02/1814.

<sup>174</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 29. 11/04/1815.

<sup>175</sup> *Idade d'Ouro do Brazil*. Número 70. 01/09/1815.

<sup>176</sup> *O Conciliador*. Número 38. 21/11/1821.

<sup>177</sup> *El Patriota*. Número 3. 30/08/1822.

<sup>178</sup> *Revérbero Constitucional Fluminense Extraordinário*. Número 1. 12/05/1822.

<sup>179</sup> *Revérbero Constitucional Fluminense*. Número II. 01/10/1821; *Gazeta do Rio de Janeiro*. Número 81. 10/10/1818.

<sup>180</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*. Número 62. 03/08/1816.

Hespanha, da Inglaterra, de Genova, de Argel, pela *Gazeta de Gibraltar*<sup>181</sup>; de Nuremberg, de Stockolmo, da Noruega, pela *Gazeta do Baixo Elbo*<sup>182</sup>; de Londres, de Washington, do Ohio, dos Estados Unidos, de Nova Yorck, da Nova Inglaterra, de Serra Leoa, da Costa da Mina, da America, das Ilhas de Sandwich, de Petersburgo, pela *Gazeta Official dos Estados Unidos*<sup>183</sup>; de Roma, de Olmutz, da Áustria, do Reino do Brasil, da Ásia, da África, da América, pelo *Diário de Roma*<sup>184</sup>.

Por certo, a lista acima poderia estender-se por páginas a fio. Para cada jornal citado pelos congêneres luso-americanos, atrelava-se um conjunto variado de regiões geográficas. Afinal, cada um deles tinha seus respectivos *espaços de interesses*, isto é, áreas espacialmente circunscritas que, por terem maior relevância para os grupos políticos envolvidos na editoração jornal, mereciam cobertura mais expressiva.<sup>185</sup> Ainda que diferentes jornais elegessem as mesmas regiões como seus respectivos *espaços*, os matizes que cada um dar-se-lhes-iam determinaria o modo singular de seus respectivos lineamentos. Daí que a citação abria a possibilidade real de acesso a um *mundo referencial geográfico* que, se primeiro momento, era exterior ao jornal que a fazia, passava a ser-lhe próprio com a citação. Realizar o inventário das fontes citadas pelos jornais luso-americanos é o estágio inicial para se chegar a esse universo representacional, que será esboçado no próximo capítulo. Por ora, cumpre discutir o cômputo das citações feitas pelos jornais luso-americanos, as quais foram agrupadas na *tabela 3* (ver na sessão *Anexos*).

A princípio, essa tabela foi elaborada com base na fusão de 31 outras, feitas em separado para cada um dos jornais fichados em estágio anterior da pesquisa.<sup>186</sup> À

---

<sup>181</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*. Número 90. 09/11/1816.

<sup>182</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*. Número 64. 09/08/1817.

<sup>183</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*. Número 25. 28/03/1818.

<sup>184</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*. Número 79. 02/10/1819.

<sup>185</sup> Dentre um amplo leque amplo de obras que destacam a participação de grupos políticos e econômicos à frente dos jornais pode citar Mártires Coelho, *Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822*, Belém, CEJUP, 1993. Renato Lopes Leite, *Republicanos e libertários: pensadores radicais no Rio de Janeiro (1822)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. Alexandre Mansur Barata, *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822)*, Juiz de Fora, Ed. UFJF; São Paulo, Annablume, 2006. Cecilia H. L. S. Oliveira, *A astúcia liberal: relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro (1820-1824)*, Bragança Paulista, Edusf; Ícone, 1999.

<sup>186</sup> Embora na pesquisa em geral 34 jornais tenha sido tabulados, apenas 31 destes costumavam citar suas fontes, razão pela qual foram fundidos na *tabela 3*. Em ordem alfabética, tem-se a seguinte relação: *A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; Compilador Constitucional Politico, e*

medida que se procedia à leitura das fontes, e à conseqüente montagem das *tabelas 1, 2 e 4*, foi-se computando a ocorrência de qualquer citação que os jornais faziam de seus pares. Para tanto, pouco importava se a folha citada procedia da mesma cidade, capitania e/ou país onde era impressa a congênere que se citava. A fim de ser incorporado ao trabalho de quantificação, bastava que se tratasse da referência a um jornal, originário de qualquer parte do globo, e entendido em sua acepção a mais alargada possível – capaz de englobar tanto “gazetas”, “folhas” e “periódicos” de opinião, de entretenimento e de costumes, fossem de natureza científica, literária e/ou política.<sup>187</sup>

Duas categorias, criadas a partir da observação do modo como essas citações eram feitas, foram estabelecidas com vistas a se matizar a massa bruta dos dados. A primeira, intitulada *direta*, consistia na reprodução do texto de algum outro jornal, fosse de origem nacional ou internacional. Pouco importava se o que se transcrevia era uma edição inteira, uma matéria, um parágrafo ou poucas sentenças; o requisito era que a citação fosse uma cópia de alguma parte do jornal-fonte para ser enquadrada nesta categoria. Geralmente, era fácil identificá-la porque vinha entre aspas, em itálico ou em parágrafo com recuo diferente dos demais. Por fim, vale dizer que esta citação era mais freqüente do que propriamente numerosa. Não era muito comum que uma única edição ocupasse o espaço de suas páginas só com a transcrição de texto na íntegra, do contrário a argumentação dos próprios redatores seria relegada ao segundo plano. Ainda assim, em raras ocasiões, notam-se edições inteiras cheias, de cima abaixo, de cópias.

A *indireta*, por seu turno, não englobava cópias de outros jornais, mas paráfrases, resumos, adaptações ou simplesmente referências vagas a eles. O conteúdo ou a forma não pesavam neste caso, uma vez que o fator decisivo era a menção explícita ao nome do jornal. E tão somente isto. Não por outra razão que, em uma única edição, poderiam aparecer várias citações indiretas de um mesmo jornal. Só no número 98 do *Conciliador do Maranhão*, por exemplo, é possível contar 16 menções ao *Correio Brasiliense*; já o *Constitucional* (da Bahia) citava o *Semanário Cívico* 15 vezes no

---

*Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Constitucional (BA); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico.*

<sup>187</sup> Algumas das especificidades e diferenças entre essas modalidades de impresso podem ser verificadas em Marco MOREL. “Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil. In: Lúcia Maria Bastos Pereira das NEVES. *Livros e impressos*. Retratos do Setecentos e do Oitocentos. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2009. p. 153-184.

número 11; o *Espelho* fazia ao menos 10 citações da *Gazeta do Rio de Janeiro* no dia 26 de abril de 1822; 17 era o número das realizadas pelo *Correio do Rio de Janeiro* da folha *A Malagueta*, no seu número extraordinário de 31 de julho de 1822; o *Argos* (de Buenos Aires), para encerrar, foi citado 21 e 17 vezes pelo *El Pacífico Oriental de Montevideo*, nos números 11 e 12, respectivamente.

Diferenças à parte, citações *diretas* e *indiretas* aparecem de modo indistinto na *tabela 3*. A simples soma de ambas já seria bastante indicativa das principais fontes de que se valiam os redatores para comporem suas edições. Revelaria, ademais, as regiões geográficas onde essas mesmas fontes foram originalmente impressas, fato este que definiria, de pronto, os *espaços de interesse* imediatos a cada uma delas, isto é, as regiões geográficas que, por estarem mais próximas a elas, poderiam vir a receber cobertura maior ao longo das edições. Não por outro motivo é que foram incluídas, neste inventário de citações, tanto menções *nominais*, em que o título da folha era citado tal qual aparecia no cabeçalho do jornal, como as *genéricas*, cuja marca principal era a não identificação da fonte pelo nome, mas pelo lugar onde era impressa ou até mesmo pela sua “nacionalidade”.

Não é custoso dar alguns exemplos de citações típicas da primeira modalidade, os quais são tão abundantes quanto fáceis de serem observáveis. Dentre os jornais tidos como luso-americanos, podem-se nomear, aleatoriamente, o *Revérbero Constitucional Fluminense*, o *Papagaio*, o *Brazil*, o *Patriota*, os *Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes e Literatura*, e o *Bem da Ordem*, todos da província do Rio de Janeiro; a *Abelha*, a *Idade d’Ouro*, o *Constitucional* e o *Semanário Cívico*, da Bahia; o *Marimbondo*, a *Segarrega* e o *Conciliador Nacional*, de Pernambuco; o *Conciliador do Maranhão*, impresso nesta mesma província; o *Paraense*, única folha do Pará à época; dentre muitos outros.

Afora estes, havia os jornais procedentes do exterior, como as *Gazetas do Porto* e de *Coimbra*, o *Leal Português*, o *Astro da Lusitania*, o *Campeão Português* (Portugal); o *Evening Post*, o *Morning Chronicle*, o *Liverpool Advertiser*, a *Gazeta de Norfolk*, o *London Pocket*, o *Courier*, o *Manchester Mercury* e o *Times* (Inglaterra); o *Argos* (de Buenos Aires); o *Diário Político de Toulouse*, a *Gazeta de Bordeaux*, o *Diário de Lyon*, o *Constitutionnel*, o *Quotidienne* e o *Muniteur Universel* (França); o *Expositor Cisplatino* e o *Pacífico Oriental* (Cisplatina); o *Patriota Funchalense* (Ilha da Madeira); a *Gazeta de Lima* (Peru); a *Gazeta de São Petersburgo* (Rússia); o *Correio*

*da Tarde de Nova Iorque, a Gazeta de Boston, o National Intelligencer e o Baltimore Patriot (Estados Unidos); o Espectador; o Diário de Valença, as Gazetas de Sevilha, de Aragão, de Saragoça, de Madrid e de Oviedo, o Universal e o Diário de la Coruña (Espanha); as Gazetas de Roma e de Nápoles (Itália); a Gazeta de Estocolmo e de Gotemburgo (Suécia); o Caledonian Mercury e o Edinburgh Star (Escócia); o Astro da Grécia; o Courier du Bas-Rhin, a Frankfurt German Gazzete, o Diário de Frankfurt, as Gazetas de Nuremberg, de Ausgsburgo e de Bremen, a Gazeta Oficial de Berlim, e a Folha de Hamburgo (Alemanha); a Gazeta de Haia (Áustria); a Gazeta do Governo do México e o Noticioso Geral (México); o Mercurio (Chile); o Diário de Dublin (Irlanda); os Diários de Lausana e de Aarau (Suíça); a Gazeta Oficial da Prússia; a Gazeta da Estremadura; a Gazeta de Lemberg; a Gazeta de Gibraltar; a Gazeta de Leyde e o Jornal de Ghent (Países Baixos); a Gazeta da Dinamarca; o Mercúrio das Barbadas.*<sup>188</sup>

Além dessas referências nominais a jornais luso-americanos e internacionais, era muito comum indicar-se a fonte citada de modo genérico e impreciso. Ao invés de nomeá-la, os redatores resumiam-se a dizer que se tratavam de “jornais”, “papéis”, “gazetas”, “diários”, “folhas”, “periódicos”, ao que se seguia a informação ora do local de origem, ora da nacionalidade destes impressos. Ao menos duas hipóteses podem ser aventadas para se explicar essa pluralização, cujo resultado imediato era a criação de um efeito de indeterminação da fonte – mas não de sua procedência. Pode-se supor, a princípio, que os redatores não soubessem mesmo o nome do jornal, por razões difíceis de precisar. Outra explicação, e talvez a mais plausível delas, é que não era relevante ou necessário dizer o nome do jornal; a simples menção de sua origem já saciava a demanda por maiores esclarecimentos. Alguns dos vários exemplos encontrados são os “papéis” de *Bruxelas*, de *Porto Bello*, de *Hamburgo*; as “folhas” de *Altona*, de *Konigsberg*, da *Europa*; os “periódicos” do *Rio de Janeiro*, de *Portugal*, da *Inglaterra*, do *Norte da América*; os “jornais” da *Irlanda*, dos *Países Baixos* e da *Jamaica*; os “periódicos” *Alemães*, *Franceses* e *Ingleses*; os “jornais” *Suíços*; as “gazetas” de *São Petersburgo*, *Nova Iorque*, de *Paris*, de *Pernambuco*; as “gazetas” *Suecas* e

---

<sup>188</sup> Os jornais aqui elencados mantêm os mesmos nomes que lhes davam as folhas congêneres onde eram citados. Esses nomes, todavia, nem sempre eram os nomes verdadeiros (oficiais) desses jornais. Ainda sim, o nome citado e o nome oficial foram, ambos, considerados aqui. Dentre os periódicos baianos, por exemplo, era frequente outros jornais referirem-se à *Idade d’Ouro* desta maneira, isto é, seu nome oficial, ou como *Gazeta da Bahia*.

*Holandesas*; as “folhas” *Britânicas* e *Americanas*; os “papéis” *Americanos* e *Alemães*.<sup>189</sup>

Eis, portanto, os tipos de citações constituintes da *tabela 3*, a qual, à maneira das duas outras abordadas na seção anterior, é formada por 4 colunas. Na primeira têm-se as fontes (“jornais”) citadas; na segunda, o número de vezes em que cada uma delas aparece; nas duas últimas, dá-se tratamento percentual às linhas da coluna anterior, de modo a estabelecer (na terceira coluna) a relação de cada uma delas com a soma total da segunda coluna, e (na quarta coluna) o valor acumulado de umas em relação ao restante. Esse enunciado geral de cunho mais teórico pode ser mais bem elucidado com o emprego de alguns termos numéricos, retirados da própria tabela.

A princípio, deve-se atentar para a diversidade de fontes citadas pelos jornais. Tudo somado, tem-se nada menos que 268 títulos diferentes, de folhas procedentes das mais variadas partes. Esse valor absoluto, porém, precisa ser tensionado para cima, haja vista a ocorrência de citações plurais, como nos casos de “gazetas Inglesas” ou “jornais de Lisboa”. Embora tenham sido tratadas como fontes únicas, essas ocorrências genéricas sugerem que os redatores tiveram a chance de consultar ao menos duas folhas diferentes, as quais, caso houvessem sido nomeadas, elevariam a adição total para valores ainda mais expressivos. De todo modo, ao repetirem-se, de modo desigual e desproporcional por 2489 vezes – como o mostra a soma da coluna 2 –, essas 268 fontes já sinalizam, de saída, para o fato de os jornais daqui serem parte constituinte de uma complexa e abrangente rede de impressos. Antes de discutir alguns dos corolários do pertencimento a esse emaranhado de jornais, é necessário explorar com mais minúcia os dados tabulados.

Salta aos olhos, de início, a distribuição irregular das 2489 citações entre os 268 jornais citados. Dispostos em ordem decrescente, os dados mostram que os 5 primeiros títulos da coluna 1 são suficientes o bastante para englobar mais de 30% da soma total da coluna 2. Essa tendência ascendente mantém-se, de modo bastante expressivo, pelo menos nos próximos 3 quintuplos: para 10, tem-se aproximadamente 45,40%; para 15, observa-se mais de 56%; em se tratando de 20, constata-se, finalmente, valor que supera 63%. Em números cardinais, essas porcentagens são ainda mais significativas. Com base na ordem em que são listados acima e ainda de modo cumulativo, têm-se assim os seguintes montantes: 763, 1197, 1405 e 1579.

---

<sup>189</sup> Itálicos meus.

Como se pode observar, as 910 ocorrências restantes distribuem-se entre os demais 248 jornais. No caso de se descolar o foco dos mais para os menos recorrentes, observar-se-á a tendência de pulverização dos mesmos, ao invés da tendência de concentração verificada quando se tem por amostra os primeiros títulos do ranque. Nesse sentido, vale notar que de um total de 268 jornais, 120 são citados uma única vez, cada qual representando assim somente 0,04% do total. Os que tiveram 2 citações, logo 0,08% do total, são nada menos que 45 jornais. Por fim, 18 jornais receberam 3 citações, que correspondem individualmente a 0,12% do total. Vistos em conjuntos, esses jornais a que se fizeram 1, 2 ou 3 menções, os quais atingem a marca de apenas 264 citações totais (19,02%), representam, surpreendentemente, 183 jornais diferentes (de um total de 268, como já foi informado acima). Parece que vem desta parcela, mais reduzida quantitativamente do que qualquer outra, a maior diversidade de fontes; o que pode também significar a maior riqueza de detalhes e abordagens.

Por fim, há uma camada intermediária de dados. São 65 linhas, cada qual representando um jornal diferente. Os mais recorrentes destes contam com 26 citações, enquanto os menos, com apenas 4. Verifica-se que os jornais – em número de 23 – com 10 ou mais citações sobrepõem os que não atingem a casa das dezenas. Entre uns e outros, porém, não se verifica valor percentual que varia de 1,04% a nem menor que 0,16%. Se agrupados, correspondem a aproximadamente 25% do total absoluto, o que, em números cardinais, compreende a 646 citações de 2489.

O *Semanário Cívico* é líder indiscutível de citações, sendo o único a ultrapassar a marca de duas centenas (237). Em termos percentuais, quase logra alcançar 10% do total, fato este que chama a atenção por se tratar de um jornal que, conquanto polêmico, circulou durante menos de um triênio (1821-1823). Trata-se de período relativamente curto, sobretudo se cotejá-lo com a longevidade das gazetas carioca e baiana, ou mesmo o jornal de Hipólito da Costa, publicado em Londres, que saíram dos prelos por mais de uma década.<sup>190</sup> Em seguida, vêm quase emparelhados a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Brasiliense*, com 167 (6,71%) e 165 (6,63%) citações, respectivamente. O último jornal a exceder a casa das centenas é o *Argos do Rio da Prata* (Buenos Aires),

---

<sup>190</sup> Nelson Werneck SODRÉ. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. Barbosa Lima SOBRINHO (org.). *Antologia do Correio Brasiliense*. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria Editora Catedral/INL, 1977. Juliana G. MEIRELLES. *A Gazeta do Rio de Janeiro e o impacto na circulação de idéias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. 2006. 216 f. Dissertação (Mestrado em Historia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.



com 108 citações (4,34%). Afora os 15 jornais arrolados imediatamente abaixo dele, para os quais se pode contabilizar de 85 (para o maior) a 30 (para o menor) menções, todos os outros têm valores para citação de 29 para baixo.

Se considerados apenas os 20 primeiros títulos, aos quais, como já se viu até aqui, atrelam-se 1579 citações, nota-se certa polarização no tocante aos seus locais de origem. Afinal de contas, estas duas dezenas gravitam em torno de apenas cinco locais diferentes, onde eram justamente impressos os jornais: na própria América Portuguesa (Rio de Janeiro, São Salvador da Bahia, São Luís do Maranhão), em Portugal (Lisboa), na Inglaterra (Londres), na França (França) e na Argentina (Buenos Aires). Algumas dessas folhas são listadas pelo título, outras pela forma plural de (in)determinação. Tanto de umas como doutras, pode-se oferecer alguns exemplos, os quais são agrupados tendo-se sempre como ponto de confluência o lugar comum da impressão. Onde se podem elencar a *Malagueta*, o *Espelho* e o *Correio do Rio de Janeiro*; os diários, folhas, papéis, gacetas, gazetas, jornais, periódicos de *Lisboa*; o *Campeão Português*, o *Correio Brasiliense*, o *Times*; o *Moniteur*; o *Argos*.

No caso de se dobrar o número de títulos analisados, passando-o assim para 40, a tendência esboçada acima permanece praticamente idêntica. Com a citação do *Universal de Madrid*, porém, verifica-se o acréscimo de uma nova área donde provinham jornais, a saber, a Espanha, cuja menção não se tivera registro até então. Para além desse caso, nota-se uma maior diversificação de fontes citadas para as regiões já conhecidas. Às da América portuguesa, incorporaram-se ainda o *Maribondo*, a *Segarrega*, a *Folha Medicinal*, o *Constitucional* (da Bahia), o *Despertador Brasiliense*; às da França, a *Gazeta de Paris*; às da Inglaterra, o *Morning Chronicle*.

Daí para frente constata-se, com bastante clareza, um alargamento das áreas, tanto pela adição de novas, como pela diversificação das já inventariadas. Isso se dá, contudo, de modo inversamente proporcional, pois à medida que elas se ampliam, diminuem-se o número de vezes em que a fonte dela procedente aparece no cômputo. Grosso modo, é isto o que fica claro quando se percorrem as próximas 40 linhas da tabela. Se no ponto de partida, os *periódicos de Londres*, têm-se exatas 10 ocorrências de um único jornal-fonte, chega-se ao final, o *Paraense* com apenas 5. Se começam a surgir na lista jornais da Cisplatina, da América, de Funchal, da Áustria, de Hamburgo, de Lima, de Stockolmo, da La Corunã, de Nova York, de Sevilha, do Chile, do México, de Baltimore, de Viena, da Grécia, de Glasgow, de Gotemburgo, de Edimburgo, da

Estremadura, de Berlim, de Cádiz, de Brenan, de Caracas, de Nápoles, de Oviedo, de Haia, de Charleston, de Leide, de Norwich, de Constantinopla, o número de recorrências dos mesmos vai-se pautando, sempre, por um movimento de descenso.

Mais algumas dezenas de linhas e chegar-se-á ao jornal *True Patriot*, da Filadélfia, marco a partir do qual se observa tão somente uma unidade para cada jornal arrolado. São nada menos que 120 fontes diferentes, que, quer pela quantidade sem páreo quer pela ocorrência esporádica, afiguram-se como um leque bastante diverso. A tendência que vinha se desenhando nos grupos anteriores se manifesta, de igual modo, neste. Por um lado, áreas já contempladas são matizadas com a presença de novas folhas. Por outro, abrem-se novas frentes geográficas, o que resulta, aliás, no aumento de alcance espacial do repertório das fontes utilizadas pelos jornais luso-americanos. É o que se nota, nesse sentido, com os exemplos do *Spectator Oriental*, publicado nas Índias Britânicas; do *Panama Independente*; do *Mercúrio das Barbadas*; o *Jornal de Ghent*; a *Gazeta de Lemberg* (Lviv); *Gazeta da Suécia*; *Gazeta da Noruega*; *Gazeta da Dinamarca*; os periódicos de *Konigsberg*, da *Jamaica*, da *Irlanda*.

Vale lembrar que a maior parte dos jornais que conta com uma ou duas citações cada é proveniente de regiões externas à América portuguesa. Exceção à regra é dada por um pequeno grupo, cujo total não ultrapassa uma dezena, dentre os quais pode-se citar a já mencionada *Abelha*, o *Brazil* e a *Folha do Rio de Janeiro* – este, muito provavelmente, nome genérico, uma vez que não havia, naquela cidade, jornal com este nome. Mas, de modo geral, parece mesmo consolidar-se a tendência enunciada atrás, segundo a qual, para as fontes oriundas de áreas exteriores, e mais longínquas dali, notam-se menções menos freqüentes, que, portanto, ressentem-se de expressividade. O inverso, semelhantemente, corrobora tal constatação. Dentre as 50 fontes mais citadas, quase metade corresponde a jornais luso-americanos. Em termos absolutos, essa espécie de *citação endógena* atinge a marca de 1085 (de um total de 2489), o que expõem, de modo flagrante, sua vitalidade.

Muitas outras leituras poderiam ser feitas da *tabela 3*. E isto, num primeiro momento, com base exclusiva na descrição primária dos dados ali expostos. Se, em seguida, proceder-se a exercício mais qualitativo, que estabeleça correlações, padrões e tendências entre os números, chegar-se-á a interpretações ainda mais holísticas e complexas. O que, na verdade, não causaria surpresa, pois o objetivo último de qualquer exercício de quantificação é revelar aquilo que não se pode perceber de outro modo; ou,

no mínimo, matizar o que já se é por demais sabido através outros ângulos de análise. Afinal, como sustenta Alexis Weedon, “sources are always imperfect, yet the appropriate use of quantitative methods can carry great persuasive power. They can confirm or question an impression and, employed well, can offer greater degrees of certainty than many other forms of historical analysis”<sup>191</sup>

Se correta a assertiva acima, o que extrair dos dados da *tabela 3*? Haveria algum sentido, subjacente a tais números, que dar-se-ia a conhecer somente por meio deles? O elenco de fontes citadas por 31 jornais luso-americanos seria indicativo, ao fim e ao cabo, de quê História, passível de ser desvelada? De pronto, cumpre salientar que a respostas apressadas e definitivas a qualquer uma dessas perguntas poderia redundar em enormes equívocos interpretativos. Diante de fontes tão complexas e ricas, é bom ter cautela para não se correr logo a ensaiar generalizações. É por isso que deter-se com mais vagar sobre alguns indícios presentes nesta *tabela*, trazendo-os a lume, já seja uma boa estratégia pare se amarrar os fios tecidos até aqui.

Tendo-se sempre a América portuguesa como ponto de referência, as citações dos jornais ali impressos oscilam entre as de tipo *endógeno* e *exógeno*. Aquele aponta para o fato inquestionável de que os redatores das seis urbes onde havia tipografia liam e reagiam às congêneres que seus pares produziam. Prova disto é que quase 45% do total de citações – algo em torno de 1137 – referem-se a jornais luso-americanos. Do que se depreende que, a despeito das dimensões continentais do país, e das dificuldades de comunicação e mobilidade daí decorrentes, entravam e saíam de Belém, de São Luís, de Recife, de Salvador, do Rio de Janeiro e de Montevideu as folhas lá produzidas. E isto, vale lembrar, em escalas, freqüências e intensidades sempre cambiantes, sujeitas aos constrangimentos e determinações desses mesmos espaços e do tempo (momento) específico que experimentavam.

Como o próprio nome sugere, as de tipo *exógeno* têm por foco áreas que não a América portuguesa. A princípio, não causa surpresa o fato de serem mais numerosas do que as de tipo *endógena*, pois não há como estabelecer paralelos entre os milhares de jornais publicados alhures, e o total aproximado de 50, aqui. A decorrência um tanto quanto lógica é que, no quesito jornais citados (não a quantidade total dos mesmos, note-se bem), aqueles sobrepujam estes. Talvez por serem mais numerosos, as citações

---

<sup>191</sup>Alexis WEEDON. “The Uses of Quantification”. In: Simon ELIOT; Jonathan ROSE (eds.). *A Companion to the History of the Book*. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2009. p. 33-49.

feitas a esses jornais são mais descentralizadas, haja vista o número maior de opções; ou seja, elas contemplam mais títulos, oriundos de áreas diversas, ainda que por apenas algumas poucas vezes.

O peso diferenciado que citações de fontes endógenas e exógenas recebem, bem como as razões explicativas para tanto, deve merecer ênfase menor ao se analisar os dados. Importa sobretudo realçar o fato de que cada folha citada, procedente de áreas externas, representa uma espécie de tentáculo da imprensa luso-americana, capaz de trazer para dentro informações sobre o que se passava lá fora. Tal procedimento implicava em fazer perpetuar a flagrante relação, originalmente havida, entre a folha citada e sua respectiva área de cobertura. Ao trazer para suas próprias páginas essa imbricação inicial, os jornais luso-americanos estariam, a um só tempo, integrando e sendo integrados a esse espaço da fonte citada. E, ao assim fazê-lo, iam estabelecendo os contornos de uma unidade geográfica que eles próprios ajudavam a criar com seus mecanismos de acesso, difusão e produção da notícia.

Eis o que se tem chamado, aqui, de mundo. Ou melhor, de *um* mundo, cujas partes eram simbolicamente “costuradas” pelos jornais. A cada nova citação, ter-se-ia a possibilidade de expandi-lo e encurtá-lo, ou de tão somente tingi-lo com cores mais fortes. Tudo a depender, sempre, das referências espaciais disponíveis; e da opção dos redatores de a umas, incorporar, e de outras, descartar. De modo que, se claros os vínculos entre as fontes-jornais citadas e seus respectivos referenciais geográficos, a *tabela 3* deve ser vista como o inventário das vias de acesso e de criação, pela imprensa luso-americana, de um esboço de espacialidade cujos contornos podem ser minimamente mapeáveis.

De um lado, a citação feita pelos jornais luso-americanos aos seus homônimos sugerindo que diferentes representações do mesmo território eram realizadas a partir de dentro, pelos jornais impressos nalguma de suas partes constituintes. Donde suas fissuras, suas (in)congruências e seus pontos de confluência eram dados a conhecer tanto por umas quanto por outras. Às seis regiões de onde vinham tais fontes juntar-se-iam, por outro lado, inúmeras outras. Afinal, graças a um complexo sistema de trocas comerciais, que proviam meios de transporte para *suportes* e *vectores* da informação, chegavam neste lado de cá do Atlântico jornais-fontes das mais variadas porções territoriais. De norte a sul e de oeste a leste da Europa; de cima a baixo das Américas, e da costa Mediterrânea e Atlântica da África. Ao que se conclui que a América

portuguesa era circundada por uma rede de impressos cuja origem espacial era, pelo menos, de dimensões hemisféricas, a saber, a grande porção ocidental do, agora sim, globo terrestre.

Esse marco espacial, todavia, não deve ser entendido como uma barreira impossível de se transpor, como se estivesse malograda qualquer tentativa de acesso a notícias de áreas que lhe fossem exteriores. Afinal, o jornal-fonte citado aqui, na América portuguesa, seria o mesmo que, no seu local de impressão, citaria novos jornais-fonte, aos quais se associariam, por sua vez, novos e diferentes universos referenciais. E assim por diante, visto que o método de fabricação de notícias era comungado amplamente. Nesse sentido, se ocorresse de situar-se próximo a tal divisa ocidental estabelecida pelos jornais daqui, tudo indica que, algum jornal de lá, pudesse dar cobertura a áreas para além dela.

É sempre bom lembrar que os jornais do primeiro quartel do século XIX eram ainda marcados por certos resquícios dos ideais iluministas. Simon Burrows afirma que o afã das elites letradas por notícias estrangeiras ajudava a dar conteúdo e forma a uma modalidade de jornal que se enquadrava na categoria que chamou, acertadamente, de “cosmopolitan press”.<sup>192</sup> Em sentido semelhante, Pierre Rétat chama a atenção para o fato de a *Gazeta de Amsterdã*, imbuída da missão de informar principalmente a tais grupos ilustrados, funcionava como um espelho do que se passava não apenas em algumas regiões ou países mais próximos geograficamente àquela urbe, mas de toda a imensidão de um continente: a Europa.<sup>193</sup> Ao que se conclui que o raio de influência de cada fonte tendia a ultrapassar seu local de procedência; fato que deve servir, senão para subverter os limitantes impostos por este, ao menos para relativizá-los.

Uma metáfora talvez seja útil para ilustrar, aqui, as condições de criação do universo de referências espaciais dos jornais. Cada qual pode ser comparado a uma pedra jogada num lago. Num primeiro momento, o ponto que chama a atenção é o de

---

<sup>192</sup> Simons Burrows, “The Cosmopolitan Press, 1759-1815”. In: Hannah BARKER; Simon BURROWS (eds.). *Press, Politics and the Public Sphere in Europe and North America, 1760-1820*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2002. Ver também Charles W. J. WITHERS. *Placing the Enlightenment*. Thinking Geographically about the Age of Reason. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2007. Principalmente “Above and beyond the Nation: Cosmopolitan Networks”.

<sup>193</sup> Pierre RÉTAT (ed.) *La Gazette d’Amsterdam: Mirroir de l’Europe au XVIIIe siècle*. Oxford: Voltaire Foundation, 2001. Para a gazeta de Lisboa, ver o interessante estudo de André BELO. *Nouvelles d’Ancien Régime :la Gazette de Lisbonne et l’information manuscrite au Portugal (1715-1760)*. 2005. 365 f. Tese. (Doutorado em História). Paris: EHESS, 2005.

colisão desta com a água. Afinal, é ali onde maior força é aplicada, onde há o impacto vertical, onde a pedra reage com a densidade da água para, finalmente, submergir-se. Trata-se do local mais imediato à pedra, que a cerca por todos os lados, tencionando-a e exercendo-lhe pressão, e sendo por ela também constrangido, posto ocuparem o mesmo espaço. Mas há, igualmente, um plano horizontal, feito possível pelo impacto inicial da queda. A força ali aplicada produz tênues elevações no nível d'água. São ondas. Círculos concêntricos que, um após os outro, como que num compasso, vão deixando a superfície repleta de elevações. Partem do centro em direção às bordas, numa rota centrífuga. É dali, daquele epicentro, que se espraíam, para bem longe e pelo tempo em que durar a energia mecânica. São seguidas por outras, que saem da mesma fonte, mas nunca na mesma velocidade da inicial, afinal a força propulsora vai se esvaindo aos pouco, num descenso, até finalmente cessar. Ficam-se, então, só as ondas, descolando-se para bem longe dali...

Em se tratando da imprensa luso-americana, faz-se mister pluralizar a metáfora acima para que esta atinja seu propósito elucidativo. Mesmo sendo um único lago (o mundo), eram muitas as pedras (jornais) em vias de colisão contra ele, em tempos simultâneos e em distintos pontos (locais de impressão) de sua superfície. Claro está que uma única pedra gerava várias ondas (difusão física do jornal e/ou do seu conteúdo, inclusive por meio da citação indireta), que iam para longe do epicentro. Só que sua rota era perpassada pela de muitas outras, emanadas de pedras lançadas alhures. Daí que certas ondas se arrebatavam contra outras. Eram interceptadas de modo a ter que encerrar, talvez precocemente, sua propagação. Sobrepunham-se e, não raro, mantinham áreas de intercessão e profunda congruência com suas irmãs.

Se empenhado em fazer sentido daquele quadro, um observador externo poderia ver as pedras por um lapso curtíssimo de tempo. No mais, tudo se resumiria a ondas. E muitas delas, misturadas num emaranhado difícil de desembaralhar. Pois uma onda estava ligada a outra, inevitavelmente. Não que se confundissem; porém, havia áreas de suas circunferências, certas fatias, que se misturavam. Ver uma em separado significaria, de um jeito ou de outro, ver parte da outra, que por sua vez poderia estar atada a outra, e outra, e outra... Não por outra razão que o raio de uma incluía uma fração, grande ou pequena, de algumas das que lhe eram mais imediatas. Era por esta via que se dava o acesso a outras que não lhe eram fronteiriças, mas que eram dadas a

conhecer por uma onda intermediária. De modo que, ao longo dos contornos de uma dada onda seria possível notar vários desses pontos de contato.

É assim que, ao se inventariar as fontes-jornal citadas pela imprensa luso-americana, acredita-se poder mapear aquilo que constituía sua grande área de alcance. Esta, como já se viu, era composta pela incorporação de uma miríade de outras áreas, pertencentes a “ondas” exteriores, mas com as quais se estabelecia sólidos pontos de intercessão. Do que se conclui que, se pelas fontes citadas já se pode entrever que os limites da espacialidade projetada pelos impressos americanos – entendidos como a síntese de tantos outros – era pelo menos ocidental, cumpre, no próximo capítulo, destrinchar o conteúdo dos mesmos a fim de se identificar todos os pontos que compunham o mundo referencial geográfico da imprensa luso-americana. E, ao assim fazê-lo, escrutinar se as áreas que estavam situadas além do marco estabelecido pelas fontes citadas pelos impressos luso-americanos eram também incluídas e, no caso afirmativo, em quais proporções.

**Capítulo II:**  
**A “geopolítica” dos impressos**



## 2.1. Geografia e política no alvorecer do século XIX

Em dezembro de 1821, *A Malagueta*, um dos mais populares jornais impressos na então corte do Rio de Janeiro, iniciava seu segundo número de modo inusitado.<sup>194</sup> Por meio de uma nota de pouco mais de oito linhas, estampada no proêmio de um texto de quatro páginas, escritas em estilo pesado e eloquente, o português Luís Augusto May transcrevia a expressão que usara na edição anterior, a fim de precisar o significado que tinha em mente ao empregá-la. Formada por apenas dois vocábulos, “nesga da Europa” exercia, então, a função de predicado, que remetia a um sujeito em nada oculto – Portugal. A contar pelo principal dicionário da época, o de Antonio de Moraes Silva (1813), nesga podia denotar “uma tira, ou pedaço de pano (...) que se une à fralda de alguma camisa de mulher”, ou ainda conotar “apêndulos de trabalho”<sup>195</sup>, isto é, pequenos apêndices. Daí supor-se que “nesga da Europa” dizia respeito à posição geográfica de Portugal; afinal, era um pedacinho, uma tira peninsular situada no extremo oeste da parte meridional do grande continente. May, porém, cuidava logo em especificar que aquela era uma expressão “político- geográfica”, e que “toda e, qualquer outra extensão de sentido é absolutamente inadmissível: o mesmo se poderia dizer da Espanha, ou Itália pela singularidade de sua situação geográfica.” E concluía asseverando, com boa dose de provocação que, para entender a fundo a razão de ser daquele exórdio, o leitor precisaria ser, antes de tudo, arguto; afinal, o redator “ignora a arte de ser claro com aqueles que me não quiserem entender”.<sup>196</sup>

De fato, na passagem original havia argumentos suficientemente claros para embasar esse sentido bifronte atribuído à expressão. Pois, se de um lado, o texto vinha evitado de circunlóquios, por outro, havia objetividade na exposição de suas idéias, característica esta que conferia certo tom pedagógico ao jornal, como observou Isabel

---

<sup>194</sup> Nelson Werneck SODRÉ afirma que “a popularidade da Malagueta nas duas primeiras fases (18 de dezembro de 1821 a 5 de junho de 1822; 31 de julho de 1822 a 10 de julho de 1824), e particularmente na inicial, foi objeto de comentários e depoimentos de muitas testemunhas. Como prova, uma delas alegava que o jornal chegara a tirar mais do que todos os outros, tendo cerca de 500 assinantes na Corte.

<sup>195</sup> Pelo verbete do *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro* (Volume 2: L - Z). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, observa-se que, à época, o vocábulo nesga significava “tira, ou peça de pano triangular, que se une à fralda d’alguma camisa de mulher, ou roupa talar, para arredondar perfeitamente. Negas fig. apêndulos de trabalho.”

<sup>196</sup> *A Malagueta*. Número 2. Dezembro de 1821.

Lustosa.<sup>197</sup> De modo que, naquele primeiro número de 18 de dezembro, May não escondia seu objetivo: usar da “pena” para reagir, inconformado, aos decretos das Cortes de Lisboa, de 05 de junho de 1821, que ordenavam o regresso de D. Pedro a Portugal e criavam em cada Província do Brasil uma Junta Provisória de Governo, com um comando militar independente. Defensor assumido do governo monárquico-representativo, May advogava o direito de conservação do príncipe aqui, visto como “o melhor, talvez o único, fiador interino da perfeita união dos dois Hemisférios, e o ramo de oliveira de todo o Brasil”. Sem parecer entender o porquê dessa medida, tão nociva à manutenção do “nexo político” entre as províncias brasileiras, ele indagava “para que no nome do Bom Senso não se contenta Portugal com a atual posse de El Rei, reservando a decisão da futura residência dos Senhores Reis para ser discutida em pleno Senado, e com a reflexão que um tão importante assunto exige?”<sup>198</sup>

O que fazer, então, diante de situação tão melindrosa, que se desfilava aos olhos de todos quantos lessem aquela edição da *Malageta*? O redator não deixava de mostrar que o impasse era remediável, considerando-se o recurso de que os deputados das províncias do Brasil ainda se dispunham. Bastar-lhes-ia abrir “os registros da Europa” e apresentá-los perante as Cortes. Que deixassem todos observar “a Europa partida em quatro ou cinco grandes interesses, que se chocam periodicamente, produzindo convulsão, e irrupções, oferece de Século em Século, ou ainda mesmo de Geração em Geração, a aniquilação dos diferentes interesses, ou Estados pequenos, que derivam mais ou menos dos grandes.”<sup>199</sup> Em seguida, o texto passava a elencar alguns países integrantes daquele tabuleiro político, escalonando-os consoante suas ordens de grandeza. Havia Polônia, Bélgica, Noruega, Gênova, Nápoles; o gabinete Tártaro-Europeu; a França e a Áustria; a Espanha.

E, claro, havia Portugal, que, não por acaso, vinha como o último da lista. Sua posição geopolítica era tributária direta dos desdobramentos do jogo de forças do concerto europeu. Periférico e amiúde subserviente a outras potências, o país via-se impelido a fazer manobras estratégicas por vezes bruscas, das quais a transmigração da

---

<sup>197</sup> Isabel Lustosa cita texto de May para mostrar que a postura pedagógica que assumira em seu trabalho jornalístico era reconhecida por ele próprio: “Não faltará nesta Corte quem se conspirara contra o ar de pedagogo de que eu me servia, para pregar aos ministros e, decerto, se o ex-ministro Vieira pudesse servir de exemplo, tínhamos um 2º tomo à supressão da Heroicidade Brasileira.” Isabel LUSTOSA. “Quem era o Malagueta”. In: *Insultos Impressos*. A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 160.

<sup>198</sup> A *Malagueta*. Número 1. Dezembro de 1821.

<sup>199</sup> A *Malagueta*. Número 1. Dezembro de 1821.

corte para cá era exemplo dos mais flagrantes. May lembrava que esta, todavia, não era uma ideia nova. A verdade é que, num só século, fora aventada por três vezes.<sup>200</sup> Se nas duas primeiras Portugal projetara transferir seu assento para o Brasil, na terceira se vira constringido a efetuar-lo de fato. O lugar a sediar a corte seria nesta possessão americana, por tratar-se de um país “brando, doce, favorecido por extremo da natureza, ao abrigo da ambição, ou ciúme de vizinhos, ocupando uma extensa e proveitosa Costa de duas dúzias de grãos, e um terreno fértil”. Tudo somado, o Brasil estaria assim mais bem equipado para “prometer três Séculos de felicidade Monárquico-Constitucional”. Portugal, em contrapartida, “não pod(ia) dar um passo na influência Européia se não mediante a sua integridade do Brasil, a qual ainda assim mesmo para obstar-se a decidida ambição dos Beligerantes, para o que veja-se a ocupação de Portugal em 1807.” O arrazoado continuaria por mais alguns parágrafos, até culminar na lembrança, feita em tom grandiloquente, do memorável dia 26 de Fevereiro, data em que o “Brasil jurou em tudo, e por tudo para a grande obra da Santa Constituição!”<sup>201</sup>

Claro está que, ao ser citado no jornal, Portugal não era tido apenas como um espaço geográfico, mas também como um território ao qual se circunscrevia uma entidade política. A junção desta com aquele resultava numa síntese, cuja expressão maior era a própria posição ocupada pelo país frente a outras nações européias. Se lida nas entrelinhas, essa imbricação de significados, constituinte de uma totalidade “geopolítica”, releva um fenômeno de natureza subterrânea, que diz respeito ao “impacto” da criação da imprensa na conjuntura crítica do primeiro quartel do século XIX. Isto porque a carga semântica que vinha atrelada especificamente a Portugal pode ser estendida a tantos outros vocábulos de natureza geográfica encontrados na imprensa luso-americana. Ao citá-los ao longo de suas edições, os jornais não buscavam retratá-los como simples *imago*<sup>202</sup> do espaço que ocupavam, à maneira de representações cartográficas, imperfeitas embora, do chão firme ao qual se fincavam; mas faziam com que as palavras empregadas portassem forte teor político. Donde que recorrer aos nomes dos lugares significava, ao fim e ao cabo, aludir às faces de uma única moeda.

---

<sup>200</sup> Para os projetos de transferência da corte para o Brasil, gestado desde ao menos o século XVII, a referência é Maria de Lourdes Viana LYRA. *A Utopia do Poderoso Império*. Portugal e Brasil: bastidores da política (1978-1822). Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994. Ver também Kirsten SCHULTZ, *Versalhes Tropical*. Império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 35-67.

<sup>201</sup> A *Malagueta*. Número 1. Dezembro de 1821.

<sup>202</sup> Foi a professora Iara Schiavinatto quem, por ocasião do meu exame de qualificação, me abriu os olhos para a possibilidade de explorar esse veio analítico, razão pela qual lhe agradeço enfaticamente.

Ora, a infiltração da política nesta maneira de se perceber inclusive o espaço não foi obra do acaso. Afinal de contas, a conjuntura histórica que ensejou a criação da imprensa na América portuguesa não foi outra senão a que Elías Palti denominou de “el tiempo de la política”.<sup>203</sup> Ao sofrer o brutal impacto das revoluções ocorridas no último quartel do XVIII, e a sediar tantas outras em maiores ou iguais proporções, o século XIX viu esboroar idéias e instituições tradicionais, tipificadoras do período que se convencionou chamar de Antigo Regime.<sup>204</sup> O novo horizonte que se abriu a partir de então, vasto, imponderável e cheio de incertezas, trouxe consigo novos valores, idéias e práticas, cuja assimilação, isto é, o processamento fundamental que conduz à síntese, se daria num terreno estritamente político. De modo que esse tempo histórico específico tornava a esfera do político poderosa e abrangente, capaz de comportar “todos los aspectos de la existencia social.”<sup>205</sup>

Com base nessa constatação, este capítulo percorre algumas das principais partes do mapa-múndi geopolítico imaginado desenhado pelos jornais. Para fins didáticos, optou-se aqui por segmentar a base de todos os dados tabulados em três categorias, a saber: *mares/oceanos, continentes e áreas internas e externas à América Portuguesa*. Ao fazer a exposição sumária de cada uma delas, espera-se não apenas contemplar as áreas constituintes do globo, mas sobretudo aquelas que, por conta de fatores de ordem eminentemente política, faziam-se presentes na pauta dos jornais e, por conseguinte, na imaginação de seus leitores. A exposição das geografias políticas culminará exatamente no Brasil, no momento histórico em que o país deixava sua condição de colônia de Portugal para inserir-se no mundo enquanto entidade político autônoma.

---

<sup>203</sup> Elías José PALTÍ. *El tiempo de la política*. Lenguaje e historia en el siglo XIX. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007. Sobretudo “Prólogo” e “Introducción”.

<sup>204</sup> François FURET. *Revolutionary France 1770-1880*. Malden: Blackwell Publishing: 2008. “*The Ancien Régime*”, p. 3-40. Desdobramentos da crise em outros quadrantes histórico-espaciais podem ser encontrados em Josep FONTANA. *La crisis del Antiguo régimen 1808-183*. Barcelona: Editorial Crítica, 1992. Valentim ALEXANDRE. *Os sentidos do Império: questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime português*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1993. Tulio HALPERIN DONGHI. *Reforma y disolución de los imperios ibéricos (1750-1850)*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

<sup>205</sup> Elías José PALTÍ. *El tiempo de la política*. Lenguaje e historia en el siglo XIX. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007. p. 13-14.

## 2.2. Mares e oceanos

Em certo artigo, Reinhart Koselleck<sup>206</sup> ensina que também o espaço tem sua história, passível de ser contada pelo fato de o modo como os homens dele se apropriam variar diacronicamente. O postulado é instigante, pois traz implícita a natureza bifronte dessa categoria, que oscila entre a condição meta-histórica e a histórica. Num extremo, a pré-condição de toda história humana, que remete a seus condicionamentos naturais. São a terra e o mar, as regiões costeiras e os rios, as montanhas e as planícies, as formações geológicas e seus recursos minerais. Tais fatores representam as “condições de possibilidade da história”, que, a um só tempo e contraditoriamente, escapam à influência dos homens e, como precondições de suas ações, acabam por transformar-se em desafio para as ações destes. Já no outro, os espaços históricos, definidos pelo fato de serem criados pelo próprio ser humano, sobre os quais ele exerce influência, domina, explora.

Importa notar, aqui, que essas condições modificam-se no tempo. A depender, é claro, da interferência do homem. E, de como, num dado momento, se situam frente à aos domínios econômico, político e militar. Daí que, por um somatório de razões geopolíticas, pode-se entender o porquê de um espaço meta-histórico passar, de uma hora para outra, para a esfera de influência humana. O que, vale reforçar, muda-lhe o valor intrínseco, a importância mesma que assume para os agentes humanos – eles próprios responsáveis pela conversão na maneira de qualificá-lo. Tal o caso do Pólo Norte, condição geográfica meta-histórica *sui generis*, que assumiu importância geopolítica sem precedentes no momento do século XX em que submarinos soviéticos e norte-americanos, pesadamente equipados com mísseis nucleares de alcance intercontinental, passaram a fazer daquele lugar um verdadeiro campo de operações.<sup>207</sup>

Um dos campos em que se percebe mais claramente a historicidade do espaço marítimo é o de sua jurisdição, ou seja, do poder de que se arroga determinado Estado para aplicar-lhe a lei e ministrar a justiça, obtendo assim a prerrogativa de ingerir sobre a instância jurisdicionada. É interessante notar que desde ao menos os trabalhos de comentadores medievais tardios, já se tinha por assente que o mar não poderia ser

---

<sup>206</sup> Reinhart KOSELLECK, “Espaço e história”. In: \_\_\_\_\_. *Estratos do tempo*. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2014. p. 73-89.

<sup>207</sup> Reinhart Koselleck, “Espaço e história”. In: \_\_\_\_\_. *Estratos do tempo*. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2014. p. 73-89.

possuído, à semelhança do que ocorria com uma porção territorial, que não raro se confundia com a propriedade de uma entidade soberana. Essa visão continuou a vigor em séculos vindouros, porém um elemento significativo entraria em cena. Se, de um lado, reitera-se a imagem do mar como um espaço sem lei, vazio e imenso, por outro, introduz-se a compreensão de que o espaço marítimo era entrecortado por linhas marítimas sobre as quais se poderiam vindicar jurisdição. Assim, a imagem que se tinha à época era de uma área matizada, eivada de “corredores” legais que conectavam cidades portuárias, costas, fortes e ilhas, cujo controle era muitíssimo cobiçado pelos soberanos. Não por outra razão, muitos conflitos marítimos eram desencadeados, uma vez que o que se estava em pauta era a fundamentação do direito de incursão em águas europeias e não europeias.

Como observa Lauren Benton<sup>208</sup> em recente estudo, é este o paradoxo presente nas obras de figuras fundadoras do direito internacional, a exemplo de Gentili e Grotius. Pois se há, de fato, claro apelo ao princípio naturalista, que postulava que o espaço marítimo era propriedade comum de todo o gênero humano, nota-se igualmente a possibilidade de exercer controle sobre ele. Ao introduzirem essa chave analítica, tais teóricos operaram um significativo câmbio qualitativo, uma vez que, pela primeira vez, estabeleceram a distinção entre a posse e a jurisdição sobre o mar. O que estava em pauta não era a defesa do direito de propriedade do mar, mas a legitimação, frente a poderes rivais, do controle do comércio e navegação sobre corredores marítimos vagamente definidos.

Essas considerações teóricas ajudam a problematizar as ocorrências de nomes de mares e oceanos dentre o universo de referências espaciais da imprensa luso-americana. A citação tanto de uns quanto de outros não deve ser vista de forma fortuita, como se se tratasse de uma estratégia discursiva adotada pelos redatores para preencher os espaços vagos entre as grandes porções de terra, na unidade maior do mapa-múndi imaginado. Ou ainda como tão somente o esboço do estado da arte do conhecimento científico que se tinha, à época, sobre os mesmos. Muito pelo contrário, a constatação da presença

---

<sup>208</sup> Lauren BENTON. *A Search for Sovereignty. Law and Geography in European Empires, 1400-1900*. New York: Cambridge University, 2010. Ver sobretudo “Preface”, “Anomalies of Empires” e “Sovereignty at Sea: Jurisdiction, Piracy, and the Origins of Ocean Regionalism”. A autora se contrapõe às proposições do clássico Carl SCHMITT. *O nomos da Terra no direito das gentes do jus publicum europaeum*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014. p.182-191.

deles junto àquele todo referencial serve para desnaturalizá-los, mostrando as variações na forma como eram apropriados ao longo do tempo, à medida que iam incidindo sobre eles um somatório de forças políticas, militares e econômicas. Essas variáveis é que definiam seus momentos históricos específicos, e explicavam, em última instância, o porquê de os jornais lhes darem ênfases diferenciadas, ora citando uns, ora citando outros.

Deve-se atentar, de antemão, para a vigência de uma regra geral de agora em diante. Para todas as tabelas geradas a partir da matriz, que congrega os filtros *mares/oceanos*, *continentes* e *regiões externas/internas*, há obrigatoriamente dois modos diferentes de exposição dos dados, o que ensejará a abertura de novos veios analíticos. Assim, haverá uma versão em que os dados são apresentados na forma *bruta*, e outra, na *líquida*. Por esta entende-se a soma do número de vezes em que uma região foi mencionada. Logo, o foco não consiste apenas em identificá-la em certa edição, mas sobretudo em computar suas recorrências ao longo desta. Um exemplo talvez seja útil para a compreensão do procedimento adotado. No *Diário Constitucional*, da Bahia, o vocábulo *Constantinopla* aparece em duas edições diferentes: na de 15/03/1822, por uma única vez, enquanto que na de 22/03/1822, por três vezes diferentes. Pelo princípio norteador da *tabela bruta*, esses dados serão somados uns aos outros, e também a todas as outras referências à cidade de *Constantinopla*, encontradas em edições diferentes do *Diário* (o que não se verifica, pois há somente as duas ocorrências supracitadas), como também em todos os 34 jornais tabulados nesta pesquisa. Assim, por esta modalidade, será possível entrever a soma das ocorrências de determinado vocábulo na totalidade da imprensa luso-americana.

É outro o princípio norteador da *tabela líquida*. Aqui, o foco não incide sobre as recorrências de um vocábulo em uma mesma edição, mas à ocorrência deste ao longo de edições distintas. Ao fim e ao cabo, o total a que se chega, somando-se cada uma das vezes que aparece em um edição específica, é invariavelmente 1. Por essa razão, é de pouca ou nenhuma relevância algumas montas impressionantes que podem ser pinçadas dentre os dados arrolados: o *Rio de Janeiro*, por exemplo, surge 83 vezes no número 134 (23/10/1822) do *Conciliador do Maranhão*; o *Brasil*, por seu turno, é citado 79 vezes no primeiro número (16/03/1822) dos *Annaes Fluminenses de Sciences, Artes e Litteratura*; e, por fim, a *França*, que aparece 53 em certo número do jornal *O Patriota* (v. 3 - nº 3 - Mai-Jun/1814). Ao que tudo indica, o mérito maior desse procedimento é o

de eludir que uma região receba ênfase incompatível com o peso que lhe fora dado ao longo das edições. Fato plenamente possível, haja vista que dado vocábulo poderia estar sujeito a receber cobertura expressiva em uma única edição, e ser praticamente esquecido nas próximas. Do que resultaria uma seqüência irregular, passível de ser mais bem qualificada com a mirada propiciada pela *tabela líquida*.

Tendo-se esse prolegômeno sempre no horizonte de análise, pode-se então explorar os dados atinentes às categorias *mares* e *oceanos*. Em termos *brutos*, o *Mar Mediterrâneo* goza de enorme vantagem sobre os demais, haja vista corresponder a 179 das 340 ocorrências, isto é, 52,6%. Trata-se de valor sobremodo discrepante em relação à participação global do segundo, o *Mar Báltico*, que é de apenas 12,6%. Em seguida, podem-se enumerar o *Oceano Atlântico*, com 10,9%, (37), o *Oceano Pacífico* 6,4% (25), o *Mar Negro* 2,6% (9), o *Mar do Norte* 2,4% (8) e o *Mar Adriático* 2,4% (8). Um fato notável é que estas sete primeiras referências correspondem a mais de 90%, o que, em números cardinais, representa 309 do total de 340. Os 21 termos finais referem-se aos mares, com a exceção sendo feita ao *Oceano Índico* (3), e ao assim chamado *Oceano Ocidental* (1); importa notar que suas ocorrências são esparsas e, se vistas em conjunto, nenhuma delas logra alcançar valor superior a 3.

A mirada *líquida* confere nuances significativas a essas constatações. Se por meio dela o *Mar Mediterrâneo* continua a ocupar a ponta do ranque, em termos percentuais, todavia, verifica-se uma queda de quase 20 pontos, passando-se de 52,6% a 32,7%. Os próximos três colocados são os mesmos da tabela anterior, a saber, *Mar Báltico*, *Oceano Atlântico* e *Oceano Pacífico*, com a diferença de serem mais recorrentes ao longo das edições, como bem o mostram as novas e maiores porcentagens a eles atribuídas – 17,1%, 16,1% e 9%, respectivamente. Com valores bem menores, que gravitam entre 3,8% a 2,8%, vêm em seguida o *Mar Adriático*, o *Mar Negro* e o *Mar do Norte*. De resto, há mais de duas dezenas de mares e oceanos, cujos valores não alcançam a casa dos dois pontos percentuais, sendo, portanto, menos expressivos se cotejados aos demais.



### 2.3. Continentes – e outros marcos

A questão central que se coloca, todavia, é a de perceber as tonalidades distintas com que os impressos tingem cada uma das partes desse mapa-múndi imaginado. O que, vale frisar, não deve ser visto como um indicativo apenas das regiões a que se conferia maior ênfase, o que já não seria pouco, mas sobretudo das lógicas operantes por trás daqueles impressos, de modo a fazê-los reportarem-se de modo desigual a este ou aquele ponto geográfico, dentre um amplo leque disponível de referências.

Em termos brutos (*ver tabela 4.2.1*), verifica-se que a *Europa* tem vantagem numérica inquestionável sobre todos os outros continentes. São 1313 ocorrências, que correspondem a 51,4% de um total de 2556. Em seguida, vem a *América*, a qual pode também assumir a forma plural, *Américas*, ou *continente Americano*, com 617. Embora tenha sido computada em separado, é possível ainda agrupá-la com duas outras categorias, representadas por suas partes *Norte* (67) e *Sul* (65), cada qual trazendo consigo suas respectivas derivações de nomenclatura (*Norte/Sul da América*, *América Meridional/Setentrional*), o que elevaria o montante para 749. A *África*, juntamente com suas costas ocidental e oriental, conta com 262 citações. Em quarta posição, tem-se a *Ásia*, com 131 ocorrências. Vale explicitar que *Ásia Menor* e a *Ásia Oriental* foram irmanadas sob a mesma rubrica – *Ásia* –, conquanto à época tais áreas pudessem referir-se mais à Europa que à *Ásia* propriamente, haja vista o fato indelével de distarem consideravelmente umas das outras. A despeito de ser isto saber sabido hodiernamente, procurou-se preservar a classificação feita pelos próprios jornais.

Há ainda outras categorias que, pelo fato de consubstanciarem-se às anteriores, foram tratadas, genericamente, como continentes. Tal é o caso dos opostos binários *Oriente* (27 ocorrências) e *Ocidente* (12), *Novo Mundo* (44) e *Velho Mundo* (12). Afora estas, deve-se destacar as ocorrências *Pólo Ártico* (3), *Pólo Norte* (2) e *Pólo Antártico* (1). Se pouco expressivos numericamente, esses termos não deixam de exercer, aqui, o papel de invólucros do mapa-múndi referencial gestado pela imprensa, dando à sua massa bruta (continentes) os contornos (pólos) definidos.

Os dados acima adquirem forte teor qualitativo se contrastados com aqueles expostos na *tabela 4.2.2*. Nela, o valor absoluto, representado pela soma total de cada ocorrência, é destituído de relevância, afinal o que se mira é a recorrência dos vocábulos em edições diferentes. Eis, portanto, o predicado precípua desta nova maneira de se

depurar os dados, com o qual se pode imprimir-lhes certas nuances, que escapam inteiramente à *tabela 4.2.1*. Sob esse prisma, a *Europa* continua a ocupar o topo, só que o valor percentual indica um decréscimo de quase uma dezena, ou seja, a referência à região é menos freqüente que numerosa. Enquanto a análise *bruta* indica um valor de 51,4%, a *líquida*, 42,2%, o que significa dizer que *Europa* apareceu ao menos 1 vez em 537 edições diferentes. Na contramão desse movimento descente, os demais três continentes experimentam crescimento, o que pode ser maximizado quando visto em termos percentuais. A *América*, e seus subcontinentes, passam de 29,2% para 30,4%; a *África*, de 10,3% para 12,8%; e a *Ásia*, de 5,2% para 7,4%. Mesmo não sendo tão acentuada, a diferença numérica revela que esses termos tendiam a aparecer em mais edições; logo, pode-se inferir que eles pendessem mais para a constância do que para oscilações bruscas, com os aclives representando muitas ocorrências em uma edição, e os declives, com poucas ou nenhuma.

As conclusões acima expostas pautam-se em dados colhidos de jornais luso-americanos publicados no lapso 1808-1822. Em se segmentando esta baliza em outros três períodos, incorporar-se-á perspectiva sobremodo diacrônica às tabelas. Ao que tudo indica, estes cortes verticais na cronologia afiançarão o exercício de se perceber as variações que determinado vocábulo experimentou no tempo, pressuposto caro a qualquer investigação histórica, preocupada como deve estar em perscrutar a dimensão temporal dos fenômenos humanos – para aludir ao aforismo de Marc Bloch, para quem a história é a “ciência dos homens, no tempo.”<sup>209</sup>

Como todo marco temporal, os desta tríade não devem ser arbitrários, como que estabelecidos à revelia da lógica histórica subjacente aos eventos que, eles próprios, circunscrevem. Para tanto, deve-se elegê-los tendo-se por critério suas relações intrínsecas com a América portuguesa, mesmo para casos em que o evento lhe é, à primeira vista, exterior, geográfica e simbolicamente. De posse dessa perspectiva, optou-se por segmentar o período em 1808-1814, 1815-1820 e 1821-1822, subdivisões estas que, para efeitos de fluidez do texto, serão doravante chamadas de *intervalo 1*, *2*, *3*. A fim de se evitar que dados de um intervalo fossem replicados noutro, escolheram-se datas divisórias diferentes, o que não dispensa ressaltar que a baliza final de um

---

<sup>209</sup> Marc Leopold Benjamin BLOCH, *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.55.

período é a que vem logo em seguida à de outro, tendo eles, por isso, fortes áreas de intercessão.

É assim que, sob muitos aspectos, 1808 apresenta-se como um ano emblemático. Nesta data, a corte portuguesa, que fugira às pressas de Lisboa em 29 de novembro de 1807, diante da chegada iminente das tropas francesas do general Junot, chegou escoltada por navios britânicos à Bahia, em 28 de janeiro, indo-se juntar à outra parte dela, que atracara no Rio de Janeiro meses antes, em 07 de março. Vale notar que, naquela mesma cidade, e naquela exata data, o príncipe regente D. João corria logo a assinar a Carta Régia que determinava a abertura dos portos às nações amigas de Portugal – o que daria azo à entrada de embarcações estrangeiras, em número sem precedentes, nos portos brasílicos. Mas foi no Rio de Janeiro que o príncipe regente tomou a medida de criar a Imprensa Régia, em 13 de maio, a qual se punha como condição *sine qua non* para que, em 10 de setembro, viesse à luz o primeiro jornal a ser publicado na América portuguesa: a *Gazeta do Rio de Janeiro*.<sup>210</sup>

Na outra ponta deste *intervalo*, tem-se o ano de 1814. É daí a assinatura do armistício que pôs fim irremediável às guerras napoleônicas (23 de abril), o qual fora viabilizado pela tomada de Paris pelos exércitos aliados, constituídos pela colisão de forças entre Grã-Bretanha, Espanha e Portugal. A deposição de Napoleão Bonaparte, seguida por seu desterro na Ilha de Elba, abriu caminho para a restauração absolutista dos Bourbons na França. Ainda não seria esta sua derrocada final, ocorrida só no ano ulterior, com o fim trágico na Batalha de Waterloo.<sup>211</sup> Na vizinha Espanha, a abdicação de seu irmão, José Bonaparte, e conseqüente abandono desse território em 1813, a coroa voltou a Fernando VII, reinvestido de plenos poderes com o golpe de Estado de 04 de maio de 1814.<sup>212</sup> Em meio a essa nova arquitetura política que surge na Europa, a frota britânica comandada por John Beresford chega ao Rio de Janeiro (28 de dezembro) para

---

<sup>210</sup> Eugênio Vargas GARCIA. *Cronologia das Relações Internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2005. p. 40-50. Ver também Kirsten SCHULTZ, *Versalhes Tropical*. Império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Sobretudo capítulos 4 e 5. Jurandir MALERBA. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>211</sup> Eugênio Vargas GARCIA. *Cronologia das Relações Internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2005. p. 40-50.

<sup>212</sup> João Paulo Garrido PIMENTA. *O Brasil e a América Espanhola (1808-1822)*. 2003. 398 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 149.

levar de volta à Europa D. João VI, o qual, não obstante, declina a oferta e decide permanecer no Brasil – por mais alguns anos.

O marco inicial do *intervalo* 2, o ano de 1815, representa nova fase do tabuleiro político europeu. Os esforços das monarquias absolutas para promoção da paz e restauração da antiga ordem seriam maximizados com realização do Congresso de Viena entre 1814 e 1815. Se é bem verdade que Napoleão, novamente no poder da França com o “Governo dos Cem Dias”, só iria capitular 9 dias depois da assinatura da ata final do Congresso (9 de junho), as diretrizes a pautarem a gestão da política internacional já estariam ali enunciadas, sendo representadas por dois de seus princípios basilares: o equilíbrio político e a legitimidade. Ao permanecer no Brasil, D. João estaria em aberto e deliberado desacordo com o segundo princípio, que previa que o então príncipe regente fosse reconduzido ao seu reino de Portugal. É então que, ao que tudo indica tendo sido anteriormente recomendado por Charles Maurice de Talleyrand, representante francês no Congresso de Viena, o príncipe português decide pela elevação do Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves, em dezembro de 1815. Em termos jurídicos, a medida resulta na perda, por parte do Brasil, de seu status de colônia; fato que, para além das implicações políticas mais imediatas, vem acompanhado de enorme efeito simbólico.<sup>213</sup>

Para fechar este segundo *intervalo*, optou-se por 1820. Data deste ano a revolução liberal de Cádiz, na Espanha, em que as tropas a serem enviadas à América se sublevaram contra a Coroa (1 de janeiro). Pode-se ainda citar o Congresso de Troppau – conduzido sob forte inspiração do chanceler austríaco Klemens von Metternich –, que, na esteira daquele ocorrido em Viena em 1815, reafirmou o princípio da intervenção estrangeira contra movimentos revolucionários (19 de novembro), cimentando assim o ímpeto de restauração monárquica verificado na Europa. Mas a verdade é que nenhum desses eventos se equipararia à revolução que eclodiu na cidade do Porto, em 24 de agosto, no que tocava à sua capacidade de influir de modo irreversível sobre os destinos de Portugal e Brasil. Sob os auspícios das idéias liberais, as Cortes então convocadas tinham diante de si a tarefa de elaborar uma Constituição para Portugal, livrando-o assim da situação opressiva em que se encontrava, “desprovido da presença do

---

<sup>213</sup> Eugênio Vargas GARCIA. *Cronologia das Relações Internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2005. p. 40-50. Ver também Iara Lis Carvalho SOUZA. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)*. São Paulo, Editora Unesp, 1999.

soberano, sujeito à arrogância do marechal Beresford e de seus oficiais ingleses, subordinado à autoridade dos inoperantes governadores do Reino e asfiziado pelo marasmo econômico.”<sup>214</sup> Não demorariam nem dois meses para que as notícias sobre a revolução reverberassem no Brasil, por meio de cartas de portugueses e ofícios de governadores do Reino. O conhecimento dos fatos lá ocorridos urgia, do lado de cá, uma pronta resposta do agora rei D. João VI; intervir naquele debate significava, ao menos sob o ponto de vista dos liberais vintistas, o regresso do rei ou do príncipe – seu filho. Por outro lado, grupos dirigentes luso-americanos eram também convidados a se posicionarem, com manifestações de adesão à proposta de criação da Constituição para Portugal e seus domínios ultramarinos. Por último, vale salientar que, do ponto de vista estrito da história da imprensa, 1820 encerra a assim chamada fase *áulica* – para aludir à terminologia de Nelson Sodré<sup>215</sup> –, marcada pela publicação quase que exclusiva de jornais de natureza oficiosa ou literária, cujos exemplos (e únicas fontes disponíveis para a parte desta pesquisa engloba o período 1808-1820) são *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Idade d’Ouro* e *O Patriota*.

É sobretudo no rescaldo do movimento constitucionalista deflagrado na cidade do Porto que deve ser enquadrado o último intervalo temporal aqui utilizado (1821-1822). Em sua ponta inicial está o decreto de 02 de março, pelo qual D. João VI suspendia a censura prévia. Tal medida causou grande euforia à época, pois como assinala Andréa Slemian, a liberdade de publicação não raro confundia-se com a própria prerrogativa da liberdade política.<sup>216</sup> O impacto da queda do monopólio exercido pelos órgãos governamentais fez-se notar quase imediatamente, a contar pelos jornais impressos na própria América portuguesa, cujo número saltaria de 2 para aproximadamente 15. E isto para não falar dos livros, folhetos e documentos oficiais que saíam, como que de cambulhada, das entranhas tipográficas direto para o crivo do público leitor. Ao debruçar-se sobre os registros de publicação da Imprensa Nacional,

---

<sup>214</sup> Lúcia Maria Bastos Pereira das NEVES. *Corcundas e Constitucionais*. A cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 229. Andréa SLEMIAN; João Paulo Garrido PIMENTA. *O “nascimento político” do Brasil: as origens do Estado e da nação (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>215</sup> Nelson Werneck SODRÉ. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 33-40.

<sup>216</sup> Andréa SLEMIAN. *Vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro (1808-1824)*. São Paulo: HUCITEC, 2006. p. 144. Marco MOREL. Os primeiros passos da palavra impressa. In: Ana L. MARTINS; Tania R. LUCA (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 23-44.

Lúcia Bastos<sup>217</sup> mostrou o aumento vertiginoso havido no número de títulos trazidos ao público à época. Se para o ano de 1820, constatam-se 41, nos dois anos seguintes verificam-se, respectivamente, 236 e 280 títulos diferentes publicados. Afora a remoção das barreiras à impressão dos jornais, deve-se citar, a adesão de várias províncias do Brasil (Pará, Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão) ao movimento constitucional no Porto, o decreto determinando a eleição dos deputados às Cortes de Lisboa (07 de março), a revolta da praça do Comércio (20 de abril), o retorno de D. João VI para Portugal (26 de abril), e o levante de batalhões da Divisão Auxiliadora, no Largo do Rocio (3 e 5 de junho), que exigiam a anuência imediata às Bases da Constituição que se elabora em Portugal, lá aprovadas desde 10 de março.

O ano de 1822 é a baliza final do *intervalo 3* e, vale repetir, desta pesquisa como um todo. Por um lado, o marco representa o zênite da imprensa luso-americana. Pelo menos em termos numéricos. Somando-se os 13 novos jornais trazidos à luz naquele ano com os que já se encontravam em circulação, chega-se ao cômputo que ultrapassa a casa de três dezenas. Não à toa que é este o período que comporta o maior volume de citações a regiões geográficas, consideradas em seus valores brutos. Mas, como já se salientou acima, o aumento dos jornais não era fortuito, como que sem guardar qualquer relação com o contexto político-social que lhes dava materialidade. Donde que 1822 foi marcado por inúmeros eventos emblemáticos, que se sobressaem pela significância intrínseca que carregam e, conseqüentemente, pelo peso que se lhes atribui a própria historiografia. A começar pela própria ruptura política do Brasil com Portugal, em setembro. Ou mesmo com a aclamação do agora Imperador do Brasil, em 12 de outubro, ou sua coroação, em primeiro de dezembro.<sup>218</sup> Mas, antes disso, há que se fazer menção a eventos que provavelmente influenciaram, mesmo que indiretamente, a editoração dos jornais, a exemplo do Fico, em 9 de janeiro, e do decreto de convocação de uma assembléia constituinte brasileira, datado de 1 de junho.<sup>219</sup>

---

<sup>217</sup> Lúcia Maria Bastos Pereira das NEVES. *Corcundas e Constitucionais*. A cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 93.

<sup>218</sup> Iara Lis Carvalho SOUZA. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)*. São Paulo, Editora Unesp, 1999.

<sup>219</sup> Lúcia Maria Bastos Pereira das NEVES. *Corcundas e Constitucionais*. A cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan, 2003. Andréa SLEMIAN. *Vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro (1808-1824)*. São Paulo: HUCITEC, 2006. Cecília H. L. S. OLIVEIRA. *A astúcia liberal: relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro (1820-1824)*. Bragança Paulista: Edusf; Ícone, 1999.

É assim que, dentre os três róis de dados, devidamente balizadas pelos marcos cujas lógicas são inerentes à documentação consultada, as referências ao continente *Europa* são amplamente majoritárias. O intervalo em que o termo mais aparece é o 3, com 931 de 1874 citações, sendo seguido pelo 1, com 246 para o total de 438, até chegar ao 2, em que há 136 para 244. Em termos percentuais, esses valores ganham gradações que precisam ser apontadas. Se, à primeira vista, aquelas 931 ocorrências sobrepujam todas as outras, e de modo incontestado, causa surpresa perceber que as mesmas correspondem a 49,58% do total, valor este que é inferior aos dos dois intervalos anteriores, nos quais a *Europa* conta com 56,16% e 55,74%. Do que não seria equivocado concluir que, em se aumentado o número de referências aos continentes, a *Europa* tende a perder força.

Em segundo lugar, tem-se a *América*, com 107, 65 e 445 citações, as quais, em termos percentuais, possuem uma variação que não ultrapassa dois pontos. Esta permanece praticamente inalterada caso adicionem-se-lhe as variantes *América do Sul* e *América do Norte*, cada qual contanto, para todos os *intervalos*, com valores que ficam entre 2,23% e 2,93%. Merece destaque, porém, o fato de não haver qualquer menção à *América do Sul* no período que vai de 1815 a 1820. A *África* vem em seguida, com uma participação de 7,76% e 8,20% nos dois primeiros *intervalos*, e 11,10% no último. Por fim, *Ásia/Ásia Menor* e *Ásia Oriental* contam com 5,25%, 5,33% e 5,07%, sendo que só no período 1821-1822 consta-se a referência a esta última. Para todos os marcos geográficos restantes, minoritários e esparsos, não se observa, em qualquer dos 3 *intervalos*, ocorrências que ultrapassem 2%, o que significa dizer que *Europa*, *América*, *África* e *Ásia* equivalem a 98% do total.

Em se tratando da *tabela líquida*, verifica-se que a *Europa* ocupa o topo do ranque, com uma vantagem numérica de quase o dobro em relação ao continente subsequente. Para cada um dos *intervalos*, tem-se respectivamente 78 (de 185), 60 (de 127) e 399 (de 962), o que mostra claramente que há, neste último, uma concentração no número de edições diferentes em que se fez menção a esse termo. Em valores percentuais, todavia, observa-se certa regularidade, como bem o mostram estas cifras – 42,16%, 47,24%, 41,48%. Em seguida, as referências à *América*, com 47, 39 e 197 ocorrências dentre os mesmos totais expostos acima, podem crescer de modo significativo, e quiçá chegar ao ponto de desafiar a supremacia da *Europa*, se for somada às variantes *América do Norte* e/ou *América do Sul*. Chega-se, assim, às somas

de 65 (35,14%), 44 (34,65%) e 297(29%), as quais não distam muito daquelas do primeiro continente. Em seguida, perfilam-se *África* e *Ásia*, com números quase idênticos para os dois primeiros intervalos (17 e 17, para o primeiro, e 11 e 8, para o segundo); é somente no último que as ocorrências para a *África* dobram em relação à *Ásia*, haja vista que esta salta de 8 para 63, e aquela, de 11 para 135. Por fim, chama a atenção o fato de haver certas ausências e presenças num ou noutro período, como no caso de *Velho Mundo*, que só é citado no intervalo 3. Já no de número 2, não se observa a ocorrência da *América do Sul* nem tampouco do *Novo Mundo*.

O que se depreende desses dados é que referências à Europa como espaço político são prevaletentes. Por um lado, isso se deve às convulsões causadas pelo expansionismo napoleônico e, depois, pela restauração monárquica promovida pela Santa Aliança. Por outro lado, ao impacto tremendo causa pela Revolução do Porto, que novamente recoloca o continente no centro das atenções. Mas esse evento opera um câmbio significativo ao criar uma alteridade continental entre a Europa e a América. À medida que as relações entre Portugal (Europa) e Brasil (América) se esgarçavam, mais forte maior se tornava a dignidade simbólica da porção americano. Muito antes de haver o reforço, ou a resignificação da ideia de Brasil, há a de América. Tal fenômeno será mostrado no próximo item.

#### **2.4. Outros espaços - regiões internas e externas à América portuguesa**

À semelhança das duas seções anteriores, esta não pode prescindir de um preâmbulo metodológico que dê conta de explicitar a lógica operante na tabulação dos dados. De saída, pode-se ressaltar que a tabela que os congrega, a saber, a de número 4.3.2.1, poderia se subdividir em inúmeras outras, cada qual sendo pautada por alguns critérios pré-estabelecidos. Um deles poderia ser o de diferenciar as regiões internas das externas à América portuguesa; já outro poderia tomá-las em relação ao continente onde se situam; haveria também como reuni-las em torno do país a que pertencem. Consoante a escala de análise, se focada num olhar mais geral ou específico, poder-se-ia assim subdividir a massa bruta dela em tantas outras. Aqui, todavia, optou-se por manter numa mesma base tudo o que não fosse mar/oceano e continentes – reunidos nas *tabelas 4.1* e *4.2*, como se mostrou acima.



Na falta de nomenclatura mais apropriada, escolheu-se *região* para designar todos os nomes listados nas *tabelas 4.3*. À exceção dos analisados anteriormente, isto é, os mares/oceanos e os continentes, o termo traz para seu campo semântico qualquer vocábulo de cunho geográfico. Por essa razão, deve ser visto da forma mais genérica possível, como que dotado de uma polissemia que lhe permite englobar desde as divisões político-administrativas de Estados soberanos, encontradas sob a rubrica de capitâneas ou províncias, até as menores partes constituintes destas, a exemplo de cidades, vilas e arraiais; desde as áreas sócio-econômicas, forjadas à revelia das fronteiras arbitrárias impostas pelas instâncias governativas, até os topônimos que se espraiam por dado território, a exemplo de cadeias montanhosas, rios, ilhas, lagos e desertos; desde países, metrópoles, reinos, confederações até colônias, protetorados e semicantões.

Como se percebe, o termo é impreciso justamente por ser abrangente. Condição que, vale frisar de antemão, não invalida sua capacidade operativa. Daí se trabalhar, aqui, com três de suas acepções possíveis, enunciadas por Ilmar Mattos no seu *O Tempo Saquarema*.<sup>220</sup> A começar por aquela que o autor constata na lógica de funcionamento das relações coloniais, que deve ser entendida como algo dinâmico, vivo, em constante movimento, cuja área física preenchida varia consoante as relações sociais ali entabuladas, entre os colonos e os demais agentes da aventura colonizadora. Sob tal paradigma interpretativo, a região compreende a *face colonial* da moeda colonial, que, por sua vez, não se desvencilha da *face metropolitana*. Embora possua localização espacial minimamente mapeável, não são os limites naturais que a definem; mas o “tempo” específico da interação de fatores internos e externos que determinam a vida social dos homens nela sedimentados. Em suma: um espaço socialmente construído. A esse sentido somam-se ainda o *ecológico*, marcado pela distribuição dos habitantes no território, e o *político-administrativo*, que, como o próprio termo sugere, pautam-se pelos limites estabelecidos pela jurisdição estatal.

A propriedade de se adotar esse critério de classificação pode ser validada pela amostragem a seguir. Por meio dela, fica claro que *região* afigura-se como termo capaz de englobar áreas cujos nomes são bastante diversos, a exemplo de Equador, Grã-

---

<sup>220</sup> Ilmar Rohloff de MATTOS. *O tempo Saquarema: a formação do estado imperial*, São Paulo, Hucitec, 2004, 34-38. Estudo bem mais abrangente sobre o assunto é o de Sandra LENCIONI. *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 2009.

Bretanha, Jamaica, Bengala, China, Japão, Iêmen, Angola, Congo, Confederação Helvética, Confederação do Reno, Províncias do Sul, Baixa Albânia, Alta Itália, Galícia, Porta Otomana, Índias Ocidentais, Levante, Jerusalém, São Petersburgo, Cádiz, Boston, Antuérpia, Bordeaux, Liverpool, Gibraltar, Moldávia, Alcalá, Macaé, Laguna, Cantão de Gedmne, Patagônia, Sibéria, Alto Douro, Comarca do Rio das Velhas, Arcos de Valdevez, Vila do Conde, Freguesia de Curral d’El Rei, Arraial de Anicuns, Arraial de São João das Duas Barras, Golfo Pérsico, Golfo de Corinto, Ilhas Canárias, Ilha de Marajó, Rio Prut, Rio Eufrates, Rio Amazonas, Lago Frechal, Pireneus, Cordilheira dos Andes, Serra de Ibiapaba, Serra de Araripe...

Como base na documentação coligida, observa-se que esses termos ocorrem de pelo menos dois modos diferentes. Há um primeiro em que o vocábulo geográfico goza de considerável grau de autonomia em relação ao seu contexto discursivo imediato, porquanto não depende de termos acessórios em uma dada oração para que o sentido espacial que porta seja facilmente apreendido pelo leitor. A segunda modalidade, por sua vez, praticamente inverte a lógica da anterior. Nela, o vocábulo geográfico não apenas estará imbricado a outras partes do texto, como será ele próprio complementar ao sentido de outras palavras. A transposição desse enunciado para uma linguagem própria à análise sintática talvez ajude a dissipar dúvidas e confusões. Pois o que está em questão, neste caso, são as ocorrências nas quais o vocábulo-região desempenha a função de complemento nominal ou adjunto adnominal na oração, a exemplo de “Cortes de Lisboa”, “Banco do Brasil”, “biblioteca pública da Bahia”, “porto de Cádiz”, “constituição dos Estados Unidos da América”. À primeira vista, pode parecer que essas expressões têm pouco a dizer sobre algum espaço concreto. Afinal de contas, assinalam principalmente a ideia de uma instância legislativa para exercício da representação e da governabilidade, uma instituição financeira e outra cultural, o ponto de embarque e desembarque de navios, e, finalmente, a compilação das leis fundamentais de uma sociedade. A leitura mais atenta, contudo, revela que para além desses referentes imediatos está também implícita a base geográfica onde se situavam essas mesmas cortes, o banco, a biblioteca, o porto e o país de origem da Constituição. Razão pela qual foram também agrupadas junto às regiões assim chamadas autônomas, enquadradas na primeira modalidade acima exposta.

Embora já se tenha insistido que *região*, aqui, engloba qualquer termo cujo sentido seja de natureza geográfica, alguns deles tiveram de ser excluídos do cômputo.

Isto porque há casos em que não se pode assegurar que o signo tenha como significante uma região definida. Condição que, em última instância, o tornaria prescindível, pelo fato de pouco contribuir para o fenômeno de imaginação espacial ensejado pela imprensa luso-americana – fenômeno esquadrihado nesta investigação. Desse modo, foram desconsiderados nomes próprios cujas partes porventura fossem os homônimos de países, províncias ou cidades – uma *região*, enfim. Do que são exemplos algumas ocorrências pinçadas da documentação: Manoel de *Portugal* e Castro, Herculano Antonio Pereira *Lisboa*, Jose da Costa Portugal, Francisco Antônio *Pamplona* Muniz, José Tavares *França*, Manoel Ferreira *Santiago*, Bernardo Martins do *Espírito Santo*, Antonio Joaquim dos *Santos*. Esse mesmo critério não se aplica a termos que, embora aparentemente similares aos primeiros, fogem completamente à regra geral acima enunciada. Tais os casos de “Napoleão Bonaparte da *França*”, ou “Pedro I do *Brasil*”, que, a despeito de virem atrelados a nomes próprios, guardam estreita ligação com uma região concreta – fato que os enquadra, assim, nos critérios vigentes para a tabulação.

Expressões de cunho identitário, de igual maneira, não foram levadas em consideração. As razões para tanto diferem daquelas oferecidas para as ocorrências de nomes próprios. Enquanto estes carregam forte teor de imprecisão, uma vez que a referência que fazem à região é sobretudo vaga, aquelas têm na polissemia uma de suas principais marcas distintivas. O que significa dizer que uma única expressão pode remeter o leitor a espaços geográficos diferentes. Em se tratando do primeiro quartel do século XIX, tal constatação adquire peso redobrado, pelo fato de ter sido esta uma conjuntura histórica marcada pela brusca reconfiguração de referências identitárias de distinta abrangência, muitas das quais portadoras de conteúdo político. Isto não foi diferente com três das mais expressões candentes para o espaço luso-americano, como bem o mostra João Paulo Pimenta em artigo <sup>221</sup>. Se até 1808 *americanos* sinalizava para referências políticas quase restritas aos Estados Unidos da América, a partir de então, passa a também abarcar as Américas espanhola e, em menor medida, portuguesa; o termo *portugueses* poderia retratar o habitante da Europa (Portugal) ou da América (Brasil); e, finalmente, *brasileiros*, cuja variante brasiliense podia assumir conotações de “habitante do Brasil”, “europeu brasileiro” e “luso-brasileiro”. O princípio observável em relação à tríade supracitada estende-se ainda, *mutatis mutandis*, a tantas

---

<sup>221</sup> João Paulo Garrido PIMENTA. Portugueses, americanos, brasileiros: identidades políticas na crise do Antigo Regime luso-americano. *Almanack Braziliense* n.03, maio, 2006.

outras expressões identitárias cujo emprego era recorrente nos jornais luso-americanos, a exemplo de *paulistas*, *baienses*, *mineiros*, *pernambucanos*.<sup>222</sup>

Antes de se proceder à descrição e análise dos dados, é preciso fazer dois esclarecimentos. O primeiro diz respeito aos contextos discursivos imediatos a cada uma das regiões listadas na tabela, ou seja, a composição da matéria bruta de cada edição do jornal. Na contramão do que, atualmente, é quase a regra fundamental do fazer jornalístico, nem sempre esses impressos do início do século XIX tinham como alvo principal a veiculação de notícias correntes – sobre guerras, sublevações, negociações diplomáticas, festejos e celebrações dinásticas, visitas de autoridades estrangeiras, viagens de autoridades reinantes.<sup>223</sup> Este era, na verdade, um dentre tantos outros tópicos integrantes do que se poderia chamar, correndo-se o risco de incorrer em certo anacronismo, de pauta. Além delas, havia textos de opinião, com forte teor político por conta do contexto, que convidava à intervenção pública e à mobilização em torno da discussão de temas fundamentais para o ordenamento social. E, principalmente, a prática da transcrição, por vezes sinônima da cópia total ou parcial, de cartas particulares, de anúncios, de documentos oficiais das mais variadas categorias (decretos, portarias, alvarás, leis, representações, manifestos, requerimentos, certidões, despachos, editais, tratados, etc.), de excertos de outros jornais, de poemas, de partes de livros e opúsculos...

Como é de se supor, nem todos esses itens eram coetâneos às edições no prelo ou àquelas recém-impressas. Muitos deles, na verdade, poderiam distar temporalmente uns dos outros em anos, décadas ou até mesmo séculos. É isto o que se observa, por exemplo, no número de 29 de janeiro de 1822 do *Revérbero Constitucional Fluminense*, com a publicação da paródia dos primeiros capítulos das *Catilinárias* de Cícero, texto cuja versão original fora escrita pelo cônsul romano em 63 a.C.<sup>224</sup> O mesmo vale para as *Bases da Constituição Política dos Estados Unidos*, discutidas e aprovadas neste país

---

<sup>222</sup> István JANCSÓ; João Paulo G. PIMENTA. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: Carlos Guilherme MOTA (org.) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac São Paulo, 2000. p. 127-75. Roberta Giannubilo STUMPF. *Filhos das Minas, Americanos, Portugueses*. Identidades coletivas na Capitania das Minas Gerais (1763-1792). São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

<sup>223</sup> Marco MOREL. “Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil. In: Lúcia Maria Bastos Pereira NEVES. *Livros e impressos*. Retratos do Setecentos e do Oitocentos. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2009. p. 153-184.

<sup>224</sup> *Revérbero Constitucional Fluminense*. Número XII. 29/01/1822.

1787, e transcritas na folha maranhense *O Conciliador*, em 1822.<sup>225</sup> Ainda assim, foram todos computados e agrupados numa base de dados unitária, quer fossem textos que aludissem à conjuntura corrente ou a alguma época pretérita. O que, em hipótese alguma, invalida o método quantitativo estabelecido, haja vista que a espacialidade imaginada ensejada pelos impressos congregava referências geográficas pertencentes, originalmente, a diferentes contextos históricos e geográficos, mas que eram apropriadas de acordo com as circunstâncias do tempo presente, isto é, daqueles fatores que condicionavam a atuação dos agentes que se utilizavam da pena e da prensa no primeiro quartel do século XIX.

Em segundo lugar, optou-se por tratar as mais de três dezenas de jornais aqui utilizadas como um *corpus* homogêneo. Tal estratégia implicou, à primeira vista, em não problematizar seus conteúdos, em matizar-lhes as peculiaridades, muitas das quais patententes quando contrastadas com as das folhas congêneres. Como se é sabido, à exceção daqueles jornais impressos numa mesma província, havia uma distância física enorme a separá-los, a enraizar-lhes firmemente em espaços sociais geridos por diferentes lógicas de interesses. Mas, para além desse condicionante espacial, estava o fato de esses jornais não raro possuírem posições político-ideológicas conflitantes, muitas vezes irreconciliáveis, que faziam com que a esfera pública fosse palco do fenômeno que Lúcia Neves chamou de “guerra de penas”<sup>226</sup>, e Isabel Lustosa, no mesmo diapasão, de “insultos impressos”.<sup>227</sup>

Nesse sentido, a historiografia específica é pujante ao assinalar como esses impressos prestavam-se ao papel de porta-vozes de grupos políticos defensores de diferentes concepções de nação, liberdade, soberania, cidadania, participação política, organização estatal, economia...<sup>228</sup> Em *Corcundas e Constitucionais*<sup>229</sup>, Lúcia Neves

---

<sup>225</sup> *O Conciliador*. Número 124. 18/09/1822.

<sup>226</sup> Lúcia M. B. P. das NEVES. A “guerra de penas”: os impressos políticos e a independência do Brasil. *Tempo*, Niterói, v. 4, n. 8, p. 41-65, 1999.

<sup>227</sup> Isabel LUSTOSA. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Para o mesmo fenômeno na realidade norte-americana, ver Marcus DANIEL, *Scandal and Civility: Journalism and the Birth of American Democracy*. New York: Oxford University Press, 2009.

<sup>228</sup> Murillo Dias WINTER. “*Um periódico que no hable de política al presente, es lo mismo que um fusil sin cañon.*”: imprensa periódica e a construção da identidade oriental (Província Cisplatina - 1821-1828). 2014. 243 f. Dissertação. (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo. Gladys Sabina RIBEIRO. “Nação e cidadania nos jornais cariocas da época da Independência: o Correio do Rio de Janeiro como estudo de caso.” In: José Murilo CARVALHO; Lúcia Bastos Pereira das NEVES. (Org.). *Repensando o Brasil do Oitocentos*. Cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 207-238. \_\_\_\_\_. “Nação e cidadania no jornal O Tamoio. Algumas considerações sobre José Bonifácio, sobre a Independência e a Constituinte

mostrou como os jornais e panfleto publicados entre 1820-1822, isto é, no rescaldo do *Vintismo*, ajudaram a gestar uma cultura política liberal que informaria a maneira como os protagonistas da ruptura com Portugal conduziriam tal processo. Já Cecília Oliveira<sup>230</sup>, Alexandre Barata<sup>231</sup> e Renato Leite<sup>232</sup> buscaram identificar, na imprensa, as *agendas* de determinados grupos políticos que se digladiavam na arena pública. Para Oliveira, jornais como o *Revérbero Constitucional Fluminense* e o *Correio do Rio de Janeiro* exprimiam os interesses econômicos dos proprietários de lavouras comerciais e donos de engenho do Recôncavo e de Goitacazes, que lutavam pela construção da hegemonia política; já Barata mostra como alguns dos jornais da época ajudaram a fomentar uma cultura constitucionalista cultivada nos espaços de sociabilidade, dos quais a maçonaria era o mais significativo; e, por fim, Leite buscou identificar a existência de um pensamento republicano no Rio de Janeiro a partir da análise da imprensa. Em outra obra, também Morel<sup>233</sup> esmiuçou o processo pelo qual a imprensa ajudou a criar uma *esfera pública moderna* no Brasil. Para a Bahia, Thomas Wislak<sup>234</sup> acompanhou o processo em que a imprensa ajudou a criar cisões e a definir tendências no corpo da *sociedade política*. Por seu turno, Geraldo Mártires<sup>235</sup> mostrou como os vintistas paraenses se valeram da imprensa para ajustarem várias categorias da fala constitucional, a exemplo do combate à tirania e ao despotismo, à realidade do Grão-Pará. Em trabalho recente sobre a Independência no Maranhão, Marcelo Chaves Galves

---

de 1823.” In: Gladys Sabina RIBEIRO. (Org.). *Brasileiros e cidadãos: modernidade política, 1822-1930*. São Paulo: Alameda, 2008. p. 37-64. HUCITEC, 2006. \_\_\_\_\_. Nas origens da imprensa luso-americana: o periodismo da Província Cisplatina (1821-1822). In: Lúcia B. P. NEVES; Marco MOREL; Tânia M. B. C. FERREIRA (org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ, 2006. p. 19-36. Marco MOREL. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

<sup>229</sup> Lúcia M. B. P. das Neves. *Corcundas e Constitucionais*. A cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Revan, 2003. Conferir também, da mesma autora, *Livros e impressos: retratos do setecentos e do oitocentos*, Rio de Janeiro, EDUERJ, 2009.

<sup>230</sup> Cecília H. L. S. Oliveira, *A astúcia liberal: relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro (1820-1824)*, Bragança Paulista, Edusf; Ícone, 1999

<sup>231</sup> Alexandre Mansur Barata, *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822)*, Juiz de Fora, Ed. UFJF; São Paulo, Annablume, 2006.

<sup>232</sup> Renato Lopes Leite, *Republicanos e libertários: pensadores radicais no Rio de Janeiro (1822)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

<sup>233</sup> Marco MOREL. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

<sup>234</sup> Thomas WISIAK. *A “nação partida ao meio”*: tendências políticas na Bahia na crise do Império luso-brasileiro. 2001. 234 p, Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

<sup>235</sup> Geraldo Mártires COELHO. *Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822*, Belém: CEJUP, 1993.

<sup>236</sup> atribuiu centralidade à atuação da imprensa, vista como uma das principais dimensões da esfera pública de representação política. E João Paulo Pimenta<sup>237</sup>, ao estudar a região do rio da Prata pelo prisma da imprensa periódica, evidenciou como categorias como estado, nação e território perpassavam, ao mesmo tempo em que eram reconfigurados, os debates nela travados.

Ainda assim, insistiu-se em arrolar as regiões encontradas nos jornais numa única base de dados, afixando-lhes assim um rótulo comum. Não que se ignore, aqui, o fato de haver diferenças claras entre os jornais de onde foram extraídas, como fica bem nítido pela amostragem dos principais trabalhos da bibliografia afim acima efetuada. Mas agrupá-los com base naquilo que tinham em comum, isto é, a vínculo de pertença à unidade maior onde eram impressos – a América portuguesa –, parece mesmo embasar a escolha que se fez. A qual, ademais, mostra-se como operação metodológica compatível com o objetivo traçado para esta pesquisa: perscrutar o universo político referencial que a imprensa luso-americana, em sua totalidade e diversidade, trazia esboçada em suas páginas.

Desse modo, o primeiro aspecto que chama a atenção ao se observar a tabela que contém a relação de *regiões internas/externas* é sua grandeza numérica. A começar pelo somatório das fontes que a constituem. Foram fichados 35 jornais ao todo, cujas impressões deram-se nas seis províncias luso-americanas onde havia tipografias, no período que se alonga por 15 anos, isto é, de 1808 a 1822. Essa datação, porém, não é idêntica para todos os títulos. Alguns possuíram longa vida, como a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822, sem interrupções) e a *Idade d'Ouro do Brasil* (1811-1823, com intervalo em 1820); já outros, como *O Brasil* (janeiro, 1822) e *O Amigo do Rei e da Nação* (1821), tiveram curtíssima existência.<sup>238</sup> A verdade é que, vistos em conjunto, esse *corpus* de 35 jornais luso-americanos desdobram-se em montante que excede dois milhares de edições diferentes, das quais aproximadamente 1160 foram aqui utilizadas.

---

<sup>236</sup> Marcelo C. GALVES. “*Ao público sincero e imparcial*”: imprensa e independência do Maranhão (1821-1826). 2010. 356 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

<sup>237</sup> João Paulo Garrido PIMENTA. *Estado e Nação no fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828)*. 2a ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

<sup>238</sup> Ademais do fato de terem sido impressos no Rio de Janeiro, os jornais *O Brasil* e *O Amigo do Rei e da Nação* assemelham-se ainda por terem tido um único número: enquanto o deste jornal fora publicado entre março a junho de 1821, o daquele foi publicado em janeiro de 1822. Conferir Paula Botafogo Caricchio FERREIRA. *Redatores no Rio de Janeiro e Deputados nas Cortes de Lisboa pela Construção da Monarquia Constitucional Portuguesa (1821-1822)*. 2011. 200 p. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 195-200.

A soma dos valores nela contidos é correspondentemente alta. Em termos brutos, atinge-se a marca de aproximadamente 5131 *regiões* diferentes, que se repetem por 67958 vezes ao longo dos jornais (*ver tabela 4*). Este número ganha nuances interessantes se distribuído dentre os quinze anos aqui pesquisados (*ver tabelas 4.3.1.1 e 4.3.1.2*). Para 1822 tem-se a maior e, sem sombra de dúvidas, mais significativa parcela, com 37946 ocorrências, logo, 55,47%. Não é forçoso inferir que tal monta se deva ao fato de estarem em circulação, na época, pelo menos que 28 jornais (28).<sup>239</sup> Com peso bem menor em relação a 1822 está 1814, com 6031 regiões (8,87%); mas vale ressaltar que, enquanto este contou com apenas 3 jornais<sup>240</sup> em circulação, aquele valeu-se de 28 – os já nomeados na nota acima. Logo abaixo dos dois primeiros, verifica-se 1821, ano em que estiveram em circulação 15 jornais<sup>241</sup>, cujo total corresponde a 5778 ocorrências, ou seja, 8,50%. Na quarta posição vem 1813<sup>242</sup>, com 4586, número cuja fatia, em termos percentuais, é de 6,75%. Um ano em específico consegue ultrapassar a marca das duas mil unidades: 1808, com 2163 regiões, isto é, 3,18%. É possível agrupar sete outros anos com base em dois critérios. Por um lado, contata-se para cada um deles que estavam em circulação apenas a *Gazeta do Rio de Janeiro* e a *Idade d'Ouro do Brazil*; por outro, que o número total de suas ocorrências gravita em torno de 1000 e 1500. Assim, têm-se 1812, com 1524 (2,24%); 1817, com 1350 (1,99%); 1819, com 1395 (2,05%); 1816, com 1324 (1,95%); 1815, com 1285 (1,89%); 1818, com 1238, (1,82%); 1811, com 1197 (1,76%). De resto, três anos não chegam a superar a casa do milhar, especificamente, 1809, com 821 (1,21%); 1820, com 812 (1,19%); e, por fim, 1810, com 757 (1,11%).

---

<sup>239</sup> *A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; Correio do Rio de Janeiro; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil; O Brasil; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Conciliador Nacional; O Constitucional (BA); O Constitucional (RJ); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Maribondo; O Papagaio; O Paraense; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico.*

<sup>240</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro; Idade d'Ouro do Brazil; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro.*

<sup>241</sup> *A Malagueta; Conciliador do Reino Unido; Despertador Brasiliense; El Pacifico Oriental de Montevideo; Gazeta do Rio de Janeiro; Idade d'Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; O Conciliador do Maranhão; O Espelho; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico.*

<sup>242</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro; Idade d'Ouro do Brazil; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro.*



Se submetido ao filtro da análise *líquida* (tabela 4.3.1.2.), ou seja, daquele que considera todo e qualquer valor sempre igual a 1, a descrição acima sofre algumas variações. Em termos numéricos, o ano de 1822 continua a ser o líder absoluto, só que experimenta uma ligeira queda em termos percentuais. Se anteriormente detinha 55,47% do total, agora corresponde a 47,59% (13950). Em comparação à abordagem *bruta* (tabela 4.3.1.1), observa-se que o segundo e o terceiro classificados ocupam, agora, posição invertida, feita possível por uma pequena margem de diferença, pois enquanto o ano de 1821 alcança 9,05% (2652), o de 1814 só atinge 8,58% (2515). Os próximos dois anos, 1813 (2143, 7,31%) e 1808 (1210, 4,13%), mantêm a posição anterior de quarto e quinto colocados, apesar de experimentarem, à maneira de todos os outros anos já analisados nesta modalidade, considerável decréscimo numérico e percentual. No tocante aos anos restantes, observa-se, de saída, a perda de ao menos um matiz observado na análise *bruta*: afinal, se nesta era possível agrupar sete anos e, depois, os três finais, agora são todos eles pertencentes a um único nível, posto que seus valores oscilam entre 899 e 435. De modo que se chega à seguinte disposição, apresentada em ordem decrescente: 1812, com 899 (3,07%); 1817, com 808 (2,76%); 1819, com 785 (2,68); 1818, com 754 (2,57); 1811, com 736 (2,50); 1816, com 714 (2,44%); 1815, com 708 (2,42%); 1820, com 513 (1,75%); 1809, com 491 (1,68%); 1810, com 435 (1,48).

Claro está, pela descrição desses dados, que há uma tendência geral de queda, cuja intensidade oscila, em maior ou menor medida, de ano para ano. Ao interpretá-la, sobressai o fato de que muitas regiões eram citadas mais de uma vez numa única edição. É isto o que salta aos olhos, por exemplo, quando se observa o ano de 1822, que, se na tabela *líquida* (4.3.1.1) conta com 37946, na *bruta* (4.3.1.2) tem redução de quase um terço (13950) deste valor. Ora, tal fato abre caminho para que se suponha ainda que as regiões mencionadas neste ano fossem menos variadas e mais concentradas, isto é, menos espaços recebiam atenção redobrada. Se assim não o fosse, a lógica é que a diferença entre uma e outra tabela não se mostrasse tão expressiva.

De posse desse esboço geral, é possível ver mais de perto o universo referencial da tabela 4.3.2.1. Devido à de sua extensão, já dimensionada nos parágrafos anteriores, optou-se por pinçar algumas regiões que sejam representativas de todas as partes do globo. O eixo a nortear a exposição dos dados, contudo, não será a ordem decrescente em que aparecem na tabela, a qual, ademais de indicar o número de vezes em que o

vocábulo repetiu-se ao longo das edições, revela seu grau de importância – do ponto de vista numérico – em relação a todos os outros ali constantes.

Em perfeita consonância com o objeto desta pesquisa, elege-se antes a posição geográfica do Brasil como fio condutor, na medida em que se afigura como ponto de referência a que se deve sempre reportar. Assim, o sentido da narrativa é centrípeto: de mais longe para o mais perto, do mais distante para o mais próximo – o Brasil. Até que se chegue a esse país, é preciso esboçar os outros que compõem o mundo que açambarca tanto estes quanto aquele. Donde a estratégia discursiva de começar pelas bordas, pelos seus confins, e ir percorrendo seus lineamentos, passando pelos círculos concêntricos que vão em direção à América portuguesa – e que dela também saem.

Nesse sentido, o ponto de partida são as áreas mais longínquas geograficamente ao Brasil, quais sejam, as que compõem o vasto hemisfério oriental. Em seguida, desloca-se o foco destas para as que se lhe avizinham, a exemplo do leste europeu, da porção da Europa banhada pelas águas do Mar do Norte, e de algumas partes da África. As próximas regiões são as que se situam nas bordas do oceano Atlântico, localizadas na Europa ocidental, na África e nas Américas. Por último, o Brasil, visto como unidade resultante da síntese de suas partes.

O mérito desta estratégia narrativa está no seu efeito coesivo, uma vez que consegue atrelar regiões dispersas no espaço a uma linha mestra que a tudo perpassa. Além disso, ajuda a evitar que a descrição se pulverize em vocábulos geográficos que, à primeira vista, aparentam guardar pouca relação entre si. Estabelecer o Brasil como o centro, ou seja, como ponto de partida e também de chegada, facilita a percepção das diferentes posições que este assume em meio a um conjunto gama de outros países. De um lado, como uma unidade em meio a tantas outras, que se iguala para poder fazer parte do conjunto; de outro, como uma entidade peculiar, cuja imagem provém tanto de dentro, do âmbito doméstico, quanto de fora, resultando justamente da refração havida na primeira. E finalmente, pode ajudar a vislumbrar até que ponto o fenômeno aqui observado ajuda a explicar o esboço de um Brasil como entidade política, pelo menos entre 1821 e 1822.

Não é por acaso que se insiste, aqui, na noção de mapa-múndi para referir-se ao conjunto dessas regiões. Pois tal categoria pressupõe a existência de uma unidade cujas dimensões são globais. O simples fato de uma região ser ali localizável já é suficiente o bastante para que se afirme que ela esteja atada, de modo inextricável, a essa totalidade.

Por certo, é possível esquadrihar algumas de suas partes constituintes em separado, a exemplo de um oceano, uma ilha, um rio, um continente, um país, uma província, uma cidade, uma vila. Mas mesmo quando isso ocorre, por qualquer finalidade, os vínculos de pertença a essa superfície planetária que a envolvem não se esvaem. A unidade continua a ser um referencial que dá nexos, que confere sentidos.

Ao que tudo indica, essa opção analítica coaduna-se com a proposta das três escalas que Charles Withers<sup>243</sup> adota para estudar o Iluminismo em sua dimensão geográfica. Segundo o autor, o *local*, o *nacional* e o *internacional* (este último sinônimo de global) devem ser tomados de maneira conjunta para que seja possível perceber a espacialidade de certos fenômenos históricos. Mais que isso: deve-se atentar, acima de tudo, para a lógica operante em cada uma dessas instâncias; as relações que mantêm entre si; as hierarquias que pode haver, mesmo que esporadicamente, entre as partes formadoras dessa tríade. O erro de desconsiderá-las poderia resultar em projeções parciais dos mapas reais e imaginados – estes reconstruídos, e aqueles visualizados – e, no pior dos casos, em esboços distorcidos tanto de uns quanto dos outros.

Que se comece, então, pela descrição das partes mais longínquas deste globo. O desafio que se coloca, antes de tudo, é o de se tentar atrelar, sempre que possível, seus momentos “geopolíticos” com as razões que levaram os jornais a fazer-lhes menção em suas edições. Ou seja: deve-se tentar especular sobre a provável relação entre o momento histórico de certa região com sua tematização, ou tão somente menção, pela imprensa. Não por outra razão, é assaz importante realizar a contextualização política, geográfica e econômica de algumas partes do globo, senão para estabelecer de imediato o vínculo (automático?) entre um processo e outro, para pelo menos indicar as linhas mestras da evolução histórica daquela mesma área. É assim que se devem enquadrar as ocorrências do vocábulo *China*, com 69, *Macao / Macau*, com 38, e o *Japão*, com 10. As somas expressivas que atingem essas regiões podem ser explicadas, em certa medida, pelo desenrolar-se de uma série de eventos ali sediados.

Alçados ao poder em 1644, devido a uma série de levantes que fizeram sucumbir o governo dos Ming, a dinastia Qing já tinha atingido seu zênite em termos de

---

<sup>243</sup> Charles W. J. WITHERS. *Placing the Enlightenment*. Thinking Geographically about the Age of Reason. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2007. Sobretudo “The Enlightenment in National Context”, “Above and beyond the Nation: Cosmopolitan Networks”, “Doing Enlightenment: Local Sites and Social Spaces”. Ver também Miles OGBORN. Charles W. J. WITHERS (eds). *Geographies of the Book*. Burlington: Ashgate, 2010. p. 1-25.

prosperidade econômica e expansão territorial quando o século XIX alvoreceu. De fato, em meados do século XVIII, a máquina de guerra chinesa já havia logrado conquistar regiões como Taiwan e Tibete, ademais de ter eliminado as ameaças colocadas pelos Junghars no leste da Mongólia e dos russos na Sibéria. Tais conquistas, porém, não foram suficientes para aliviar a pressão interna causada por rebeliões de camponeses e pela insatisfação de elites locais e burocratas com o jugo que vinha lhes sendo imposto poder central. Donde a situação de crise que já se instaurava no país durante o período da “Era das Revoluções” ou da “crise mundial”, apesar de ter sido somente com a eclosão da Guerra do Ópio, nos entornos da década de 1840, que a situação atingira seu ponto mais agudo.<sup>244</sup>

Para além da parte sul do território chinês, na área correspondente à ilha de Java e suas adjacências, reverberações da dupla revolução ocidental, quais sejam, a francesa e a industrial, far-se-iam sentir de modo latente.<sup>245</sup> É possível afirmar que desde ao menos a segunda metade do século XVIII a presença europeia no comércio de *commodities* propiciava a integração da região à emergente economia mundial. O café cultivado na parte ocidental da ilha, bem como o índigo e o açúcar produzidos na *hinterland* – este último financiado diretamente com capital sino – eram escoados por intermédio das redes de comércio marítimo da China e administrados pela *East India Company*. Tal dinâmica não chegava a colidir com o sistema de soberanias divididas vigentes até então, cujos exemplos mais significativos eram os governos das províncias localizadas no centro-sul de Java, nomeadamente Yogyakarta e Surakarta.

Com a agudização das rivalidades europeias na época revolucionário, o próprio *ancien regime* javanês experimentou processo irremediável de subversão. Num lapso de apenas quatro anos, isto é, no período compreendido entre 1808 e 1811, o regime franco-holandês instaurado por Herman Willem Daendels, o único dentre os marechais de Napoleão Bonaparte que não possuía nacionalidade francesa, forçou a abertura dos territórios mais afastados ao oeste, saqueou a corte de Yogyakarta e exilou seu monarca.

---

<sup>244</sup> Kenneth POMERANZ. “Their Own Path to Crisis? Social Change, State-Building, and the Limits of Qing Expansion, c. 1770–1840”. In: David ARMITAGE; Sanjay SUBRAHMANYAM (eds.), *The Age of Revolutions in Global Context c.1760-1840*. London: Palgrave, 2010. p. 167-188.

<sup>245</sup> Peter CARAY. “Revolutionary Europe and the Destruction of Java’s Old Order, 1808–1830”. In: David ARMITAGE; Sanjay SUBRAHMANYAM (eds.), *The Age of Revolutions in Global Context c.1760-1840*. London: Palgrave, 2010. p. 167-188. K.A. BALLHATCHET. “Europe’s Relations with South and South-East Asia”. In: C. W. CRAWLEY (et. al). *War and Peace in an Age of Upheaval. 1793-1830*. London; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1965. (The New Cambridge Modern History, v. IX.) p. 552-571.

Com o inesperado ataque britânico à ilha, em 7 dezembro de 1810, a administração holandesa foi substituída pela do general inglês Raffles, que vigeria até 1816. Ao fim desse período, a administração da ilha retornaria às mãos do governo holandês, por conta do ímpeto restauracionista causado pelo Tratado de Viena, e as bases de um novo tipo de colonialismo estariam lançadas, sendo derrubadas somente no século XX, com o movimento nacionalista indonésio.

Por essas e outras razões, a imprensa luso-americana não deixava de tematizar essas regiões. Em alguns casos, é de se supor que os acontecimentos em curso ali eram o assunto principal das pautas, afigurando-se como o fator que mobilizava a escritura das matérias das edições. Já em outros, e por certo a maior parte deles, as regiões eram mencionadas por estarem relacionadas a outros assuntos, donde suas ocorrências nos jornais eram indiretas, como que de reboque com outras áreas. De um jeito ou de outro, observam-se os seguintes vocábulos que remetiam diretamente a essa região e/ou à sua circunvizinhança, a exemplo de *Java* (Ilha), com 1, *Molucas* (Ilha / Ilhas), com 3, *Palau*, com 1, *Timor*, com 6, *Filipinas / Fillipinas*, com 2, *Malaca*, com 3.

Ao se proceder à incorporação da macrorregião do sudeste asiático, sobretudo a porção que compreende à Índia, ao mapa-múndi criado pela imprensa luso-americana, não se deve perder de vista o que alguns autores chamam de “efeito ricochete”.<sup>246</sup> Essa expressão indica a existência de determinações mútuas entre a dinâmica interna, isto é, circunscrita à área, com as forças provenientes do Ocidente. Sob tal ótica, os eventos ali sediados guardam estreita relação tanto com as crises imperiais e conflitos regionais, quanto com os desdobramentos ocorridos por conta da intervenção de países europeus. Mesmo com escalas e lógicas próprias, essas duas frentes tendiam, não raro, a ter sólidos pontos de confluência, fazendo com que trajetórias circunscritas a partes distantes entre si inscrevessem-se numa mesma unidade.

Em linhas gerais, observa-se que a passagem do século XVIII para o XIX foi marcada pelo declínio dos impérios persa e mongol. Como resultado desse vácuo de poder, a região acabou sendo palco de conflitos de natureza intra-européia, com tais potências competindo entre si para expandirem o comércio, apropriarem-se de novas terras e maximizarem o poder naquela área do Oceano Índico. Este o caso da rivalidade franco-britânica, em escalada desde ao menos as décadas de 1740 e 1750. Todavia, na

---

<sup>246</sup> Robert TRAVERS. “Imperial Revolutions and Global Repercussions: South Asia and the World, c. 1750-1850”. In: David ARMITAGE; Sanjay SUBRAHMANYAM (eds.), *The Age of Revolutions in Global Context c.1760-1840*. London: Palgrave, 2010. p. 144-166.

era pós-napoleônica, sobretudo a partir da década de 1820, já era bastante evidente o predomínio britânico sobre o francês, para o que se pode oferecer como exemplo cabal a expansão e consolidação da *East India Company*, tida como marco da guinada para o colonialismo britânico.

Se, de um lado, tal fenômeno dava larga vantagem à Inglaterra sobre as outras potências européias, por outro, desencadeava rivalidades em novas áreas, pondo em evidência, assim, sua dimensão global.<sup>247</sup> De modo que ascensão britânica iria muito cedo esbarrar nos interesses de outros impérios, como o otomano e o chinês, além de áreas fronteiriças à Rússia, para não falar ainda do Oceano Pacífico, do Estreito de Malaca, de Java e do Golfo Pérsico. No caso da China, em específico, notam-se tentativas britânicas de incursão comerciais desde a década de 1770, com a missão de George Bogle, no Tibete, e de Lord Macartney, em 1793. Como assinala Robert Travers, “Britain’s growing willingness and ability by the 1830s to coerce Chinese port authorities into unequal treaty arrangements, and the power of opium to suck silver reserves out of the Chinese economy, were a direct challenge to imperial authority in China.”<sup>248</sup>

É assim que algumas regiões do sudeste asiático constam nas páginas dos jornais luso-americanos. Em geral, as referências abrangem essa grande área em si, ou somente o nome de algum país ali situado, ou ainda algumas de suas partes mais representativas, a exemplo de uma província, cidade ou porto. De modo que é possível elencar, dentre os nomes mais recorrentes e/ou importantes que constam na lista de regiões, os seguintes: *India / Indias*, com 223, *Indias Orientais / Indias Orientaes / India Oriental*, com 9, *India Portuguesa*, com 1, *Calcutta / Calcuttã*, com 8, *Bombaim / Mumbai*, com 5.

Pode-se afirmar que a *Inglaterra*, com 686, e muitas de suas cidades, ganham proeminência na documentação por assumirem a função de entrepostos comerciais ou centros consumidores/distribuidores. Assim, observam-se *Londres*, com 594, *Liverpool*, com 232, *Falmouth / Flamouth*, com 42, *Guernesey*, com 34, *Jersey / Gersey*, com 26, *Portsmouth*, com 23, *York / Yorck*, com 15, *Hull*, com 13, *Bristol*, com 8, *Manchester*, com 7, *Bath*, com 2, *Norwich*, com 1, *Brighton*, com 1. Mas é preciso associar ainda à

---

<sup>247</sup> Jurgen OSTERHAMMEL. *The Transformation of the World. A Global History of the Nineteenth Century*. New Jersey: Princeton University Press, 2014. p. 514-571.

<sup>248</sup> Robert TRAVERS. “Imperial Revolutions and Global Repercussions: South Asia and the World, c. 1750-1850”. In: David ARMITAGE; Sanjay SUBRAHMANYAM (eds.), *The Age of Revolutions in Global Context c.1760-1840*. London: Palgrave, 2010. p. 144-166.

*Inglaterra*, bem como às suas unidades constitutivas, categoriais que englobavam a ambas, a exemplo de *Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda / Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda*, com 69, e *Grã Bretanha / Gram Bretanha / Grão Bretanha / Grande Bretanha*, com 204. Tendo como parâmetro essas unidades mais abrangentes, têm-se ainda *Escócia*, com 21, *Edimburgo / Edinburgo*, com 6, *Glasgow / Glaschkow / Glasgow*, com 6; e *Irlanda*, com 80, *Cork*, com 3, *Dublin*, com 3, *Limereck / Limerick*, com 3.

Na parte continental da *Europa*, a imprensa luso-americana lança luz diferenciada sobre algumas áreas. Na margem oposta do Canal da Mancha, encontra-se a *França*, com 1472 ocorrências. Afora a referência direta ao nome do país, há muitas outras a algumas de suas principais regiões: *Paris / Pariz*, com 491, *Havre de Grace / Havre de Gracia*, com 65, *Bordeaux / Bourdeaux / Burdeos / Bordeos / Bordo*, com 57, *Marsella / Marselha / Marseille*, com 29, *Nantes*, com 23, *Angoulene / Angouleme*, com 23, *Toulouse / Toulouse*, com 13, *Toulon*, com 12, *Rochella / Rochelle / Rochele / La Rochelle*, com 11, *Brest*, com 10, *Dijon*, com 9, *Orleans*, com 9, *Lille*, com 9, *Cambray*, com 7, *Rochfort / Rochefort / Rockefort*, com 6, *Rouen*, com 6, *Rennes*, com 6, *Rheims / Reims*, com 6, *Limoges*, com 4, *Metz*, com 4, *Versailles / Versalhes*, com 4, *Grenoble*, com 3, *Nice*, com 3, *Chambery*, com 3, *Angers / Angres*, com 3, *Avinhão*, com 2, *Tours*, com 2, *Amiens*, com 2, *Caen*, com 2, *Nancy*, com 2, *Hanfleur / Honfleur*, com 2, *Auche*, com 1, *Poitiers*, com 1, *Besançon*, com 1, *Saint Maló*, com 1, *Vich*, com 1, *Rio Royan*, com 1, *Cholet*, com 1, *Doudeauville*, com 1, *Sedan*, com 1, *Blois*, com 1, *Troyes*, com 1, *Estreito de Calais*, com 1.

*Portugal*, por razões facilmente dedutíveis, vem na segunda posição, com 4431 ocorrências. Sua capital, *Lisboa*, não fica muito atrás, com 2594. Afora isso, há muitas outras cidades entre os as regiões mais recorrentes. Algumas, por serem importantes centros políticos ou econômicos; já outras, por terem tido papel militar importante durante as campanhas de expulsão dos franceses da península. Como exemplo tanto de umas quanto de outras, pode-se nomear *Porto*, com 612, *Algarve/Algarves*, com 202, *Queluz*, com 162, *Coimbra*, com 142, *Beira/Beira Baixa/Beira Alta*, com 142, o *Rio Tejo*, com 109, *Rio Douro/Altou Douro*, com 100, *Alcantara*, com 84, *Minho*, com 77, *Estremadura/Extremadura/Estremadura Alta*, com 75, *Bragança*, com 65, *Figueira/Figueiras*, com 63, *Viana/Vianna*, com 41, *Alentejo / Alem Tejo / Além Téjo*, com 39, *Trás-os-Montes*, com 39, *Belém*, com 38, *Lamego*, com 31, *Nazareth*, com 28,

*Almeida*, com 25, *Leiria*, com 22, *Braga*, com 20, *Oeira /Oeiras*, com 20, *Faro*, com 14, *Elvas*, com 14, *Viseu/Vizeu*, com 13, *Alcobaça / Alcobaca*, com 12, *Olivença / Olivensa*, com 11, *Setubal*, com 10, *Ourique*, com 9, *Beja*, com 8, *Marvão*, com 6, *Amarante*, com 5, *Rio Agueda*, com 5, *Lagos*, com 4, *Mirandela / Mirandella*, com 3, *Avis*, com 3, *São Marcos*, com 3, *Caldas*, com 2, *Extremoz*, com 2, *Moura*, com 1, *Serpa*, com 1, *Sagres*, com 1, *Arronches*, com 1.

Há ainda que ressaltar outras ocorrências do vocábulo *Portugal*. Nesse caso, já não se trata tanto de referir-se ao país *per si*, mas sobretudo à sua condição de império, ao qual se atrelavam os nomes de suas colônias. Além disso, por conta de desdobramento históricos ulteriores específicos, essas possessões seriam alçadas à condição de reino, o que pressupunha a obtenção de equivalência jurídica em relação à ao status da metrópole – de reino. Assim, por conta de sua estrutura imperial, o país ainda vinha associado aos nomes Brasil e Algarves, sob a rubrica de “reino”. De modo que *Reino de Portugal e Algarve/Reinos de Portugal e Algarves* atinge a marca de 9 ocorrências, e *Reino de Portugal, Brasil e Algarves/Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves/Reinos de Portugal, Brasil e Algarves/Reinos de Brasil, Portugal e Algarves*, com 161.

É na totalidade referencial esboçada nas linhas acima que se insere o Brasil. É importante notar, desde já, o modo como isto se dá. Não pela mera adesão, ou ainda pela incorporação passiva. Sua inserção no globo faculta-lhe, a um só tempo, a condição de parte *integrante* e *integrada*. Se esta dimensão traz implícita a ideia de sua participação em uma dinâmica que lhe é maior e exterior, aquela valoriza a caráter orgânico da empreita, que o torna peça importante para a constituição do todo, já que possuidor de um papel até certo ponto imprescindível. Juntamente com certa unicidade, que tendia a enfatizar-lhe a forma singular, estava a tipificação em relação a outras entidades soberanas.<sup>249</sup> Essa via de mão dupla valoriza assim a visão sistêmica do processo, dialética, recíproca, como também o era a própria realidade de então, cada vez mais marcada por uma economia de escala planetária, cujos processos de natureza e

---

<sup>249</sup> A duplicidade verificada no processo de inserção do Brasil no mundo foi trabalhada por João Paulo Garrido PIMENTA em *Tempos e espaços das Independências: a inserção do Brasil no mundo ocidental*. 2012. 207 f. Tese (Livre Docência em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo. Sobretudo o Capítulo 8, “Uma incômoda vizinhança: o Brasil e suas fronteiras no contexto revolucionário hispano-americano”.



causalidade multifacetadas repercutiam aqui e acolá, fazendo-se sentir, de diferentes modos e em temporalidades variadas, nos mais longínquos espaços.

Tendo isto sempre no horizonte de análise, não deve causar surpresa o fato de o Brasil ser a região que ganha maior atenção na imprensa luso-americana. Ao se tomar como base o número total de ocorrências, isto é, 67958 (ver *tabela 4.3.2.1*), consegue-se dimensionar o peso atribuído ao termo *Brasil/Brazil/Brasis*, o qual corresponde a 9536 delas. A este montante deve-se ainda somar, primeiramente, o de outras terminologias, que, ainda à época, eram freqüentemente usadas para designar a grande porção territorial de colonização portuguesa na América, a exemplo de *America Portuguesa / America Portuqueza*, com 13 ocorrências, e *Terra de Santa Cruz*, com 11. Em seguida, é preciso adicionar designações que traziam implícitas a ideia de que o Brasil era formado pela soma de suas partes, do que são exemplo os seguintes termos, agrupados conjuntamente para efeitos de análise: *Províncias do Brasil / Provincias del Brasil / Províncias do Norte do Brasil / Províncias do Sul do Brasil / Províncias Meridionais do Brasil / Províncias do Brasil ao Norte do Cabo de São Roque*, com 475.

Ao se mirar mais de perto as partes do todo chamado Brasil, salta aos olhos a quantidade de regiões elencadas. Embora haja algumas delas que ocorram apenas uma vez, e outras que apresentam expressiva concentração numérica, elas devem ser vistas como indicativas de uma grande diversidade de referências. Desde grandes centros urbanos, fossem os mesmos costeiros ou interioranos, até pequenos vilarejos e arraiais, são todos contemplados pelas páginas dos jornais. Para não falar dos topônimos, a exemplo dos rios sobejamente citados, nomeadamente os da Prata (*Rio da Prata / Rio de la Plata*, com 292) e o Amazonas (com 86), além de serras e lagos que aparecem vez por outra. À primeira vista, não é o fato de a imprensa luso-americana lograr refletir a forma pulverizada como estava disposta, do ponto de vista espacial, aquela formação societária, que deve suscitar maior senso de intriga. Mas, sobretudo, a operação intelectual de se trazer para um plano representacional as muitas partes de uma mesma totalidade.

Por fim, é preciso lembrar que algumas dessas regiões chegavam bem perto de constituírem-se como pontos de interseção de algumas das “rotas de peregrinação” que ao menos passavam pela América portuguesa. Se foi o antropólogo Victor Turner quem

primeiro a cunhou, é Benedict Anderson <sup>250</sup> quem lhe confere interpretação mais fecunda, tomando-a de empréstimo daquele. Segundo o autor, a expressão conota um tipo modelar de *jornada* entre tempos, condições e espaços, capaz de criar sentido. Se originalmente de cunho religioso, maximizadas pelo cortejo de peregrinos em direção a “centros de geografias sagradas”, as rotas teriam equivalentes seculares no mundo ibero-americano. Corresponderiam, aqui, às viagens de escalada dos funcionários do Absolutismo rumo ao topo da burocracia estatal. Ao galgarem, por via do mérito, cargos mais elevados, esses peregrinos reconhecer-se-iam como companheiros de percurso, interligados por uma mesma condição, a diferenciá-los de falantes espanhóis nascidos do lado de lá do Atlântico, sujeitos ao mesmo monarca e fieis à mesma religião. Afora essa modalidade, as rotas correspondiam aos caminhos traçados pelas redes de circulação de pessoas e mercadorias, que desenhavam novas relações centro-periferia ao longo dos espaços coloniais. Criavam, assim, diversos nexos regionais onde se compartilhavam relações econômicas e políticas, algumas vezes estimuladas pela Coroa e em outros momentos reprimida. Dessa feita, as rotas de peregrinação emprestavam, ainda segundo o autor, organicidade às unidades administrativas, que, moldadas de forma arbitrária e fortuita quando da conquista, ganharam auto-suficiência tal que, à época dos movimentos independentistas, eram equivalentes aos contornos dos próprios Estados nacionais recém-fundados.

Nesse ponto em específico, a historiografia tem muito a dizer. Em artigo sobre a emergência da identidade nacional brasileira, István Jancsó e João Paulo Garrido Pimenta<sup>251</sup> sustentam que as formas de ordenamento da vida social passavam, no âmbito do universo colonial, pelo reconhecimento de centros de convergência de interesses, dos quais Lisboa, pelos atributos ligados diretamente à máquina do Estado Absolutista, se constituía no mais importante. De tal modo que “a força coesiva do conjunto luso-americano era indiscutivelmente a Metrópole, e o continente do Brasil representava, para os coloniais, pouco mais que uma abstração, enquanto a Metrópole se tratava de

---

<sup>250</sup> Benedict ANDERSON. *Op. Cit.* Sobretudo o Capítulo 3, “Pioneiros crioulos”. Para uma visão mais problematizada desse fenômeno para a América portuguesa, ver Wilma Peres COSTA. “European Travelers and writing of Brazilian nation”. In: Don DOYLE; Marco PAMPLONA. (Org.). *Nationalism in the New World*. Athens: University of Georgia Press, 2006, p. 208-229.

<sup>251</sup> István Jancsó; João Paulo G. Pimenta. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*, São Paulo, Senac São Paulo, 2000.

algo muito mais concreto, a unidade cujo manejo impunha a percepção.”<sup>252</sup> Vale dizer que essa tendência, no entanto, não obstava que, no interior mesmo do espaço da colônia, se desse a configuração de pólos articuladores dos múltiplos espaços sociais criados pela ocupação e exploração econômica de novos territórios, que passavam, então, a ser submetidos ao manejo político da Coroa. Estariam aí, pois, os subsídios explicativos para a formação de regionalismos, bem como de suas representações identitárias em meio ao todo da América Portuguesa e do Império Português.

Nesse tocante, também Russel-Wood<sup>253</sup> chamou a atenção para as cambiantes relações centro-periferia que tiveram lugar entre as próprias regiões do mundo colonial luso-americano, já que gozavam de relativa autonomia frente a Lisboa – daí o autor apontar, em outro texto, o regionalismo como uma precondição para a Independência<sup>254</sup>, dada sua capacidade de fomentar *identidades coloniais* de abrangência local, potencialmente avessas à metropolitana. Longe de analisar as regiões com base na ideia de “bairrismos regionais”, o que ressaltaria a existência de pontos estanques dispersos ao longo do território, o autor lança luz sobre as múltiplas e fluidas relações travadas entre centros – geralmente radicados em cidades “multifuncionais” – e as periferias, que, a depender ainda das relações com outros espaços, não necessariamente contíguos, denominados de *umland*, *hinterland*, *vorland*, podiam também assumir a condição de “centros”.

Dessa feita, o continente do Brasil não foi percebido pelos coloniais de maneira idêntica ao longo do tempo. Se Lisboa fora o polo aglutinador maior, status este que atravessou, sem sofrer grandes abalos estruturais, quase todo o período colonial, a América Portuguesa também deu sinais claros de poder gestar, em seu interior, aquilo que Russel-Wood chamou de “redes de satélites”, entendidas como interações de tipo periferia-periferia, sujeitas a mudanças e reajustes constantes. Foi assim que, a partir de 1808, quando a crise geral incidiu de modo direto sobre a metrópole portuguesa e sua possessão americana, ensejando mudanças sem precedentes em ambas, as relações entre centros e periferias experimentam reformulação expressiva. A princípio, deu-se a ocorrência de metamorfoses nas relações metrópole-colônia, sinalizadas pelo

---

<sup>252</sup>Ístvan Jancsó; João Paulo G. Pimenta. *Op. Cit.* p. 137.

<sup>253</sup> A. J. R Russel-Wood. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro (1500-1808). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 187-250, 1998.

<sup>254</sup>A. J. R. Russel-Wood. Preconditions and Precipitants of the Independence Movement in Portuguese America. In: A. J. R. Russel-Wood (ed.), *From Colony to Nation: Essays on the Independence of Brazil*, Baltimore, The John Hopkins University Press, 1975, p. 3-42.

substantivo esvaziamento do papel desempenhado por Lisboa. A transferência da metrópole para as terras basílicas, somada à elevação do Brasil a categoria de Reino, sete anos depois, e aos debates desencadeados pelas Cortes Portuguesas, em 1821, contribuíram para a redefinição dos referenciais políticos, dotando, com o evento de 1815, a porção americana de “precisa territorialidade e de um centro de gravidade que, além de sê-lo do novo reino, era-o também de todo o império.”<sup>255</sup> Em seguida, a alteração de tradicionais “rotas de peregrinação” no interior do império português, possibilitada inclusive e, sobretudo, por aqueles eventos, subverteu por completo a ordem das coisas deste lado do Atlântico, já que o próprio conceito de metrópole havia sido esvaziado de sentido<sup>256</sup>, e, com isso, novos “centros de peregrinação” despontavam aqui e acolá. Seriam não apenas potencializados, mas também *reordenados* pelas geografias políticas subjacentes aos periódicos.

Assim, é importante notar que as seis cidades-sedes das tipografias onde eram impressos os jornais, bem como as províncias onde se localizavam, obtêm expressiva participação no total de citações correspondentes às partes do Brasil. Atente-se, por exemplo, para *Rio de Janeiro*, com 3980, *Bahia*, com 3025, *Pernambuco / Pernambucos*, com 1588, *Maranhão / Maranhão / Maranhão / São Luiz do Maranhão*, com 1508, *Monte Video / Montevideo*, com 538, *Pará*, com 531, *Recife / Recife / Recife de Pernambuco*, com 196, *Salvador / São Salvador / Sam Salvador*, com 20, *Província Cisplatina / Província Oriental*, com 20.

À primeira vista, pode-se atribuir tal proeminência ao emprego do assim chamado *vocabulário protocolar*, isto é, dos nomes da cidade e/ou província onde o jornal era impresso, os quais vinham geralmente estampados no frontispício ou na última página das edições – quando não em ambas. Ademais de cumprir com certa ritualística inerente ao ofício, esse uso também servia para informar o lugar de onde se enunciava a notícia. Pelo fato de essa modalidade de vocabulário ter sido computada no processo de elaboração das tabelas, isto ajuda a explicar, mesmo que parcialmente, as somas expressivas obtidas. Afinal de contas, esses nomes far-se-iam presentes em todas as edições, mesmo quando os lugares a que remetiam não eram abordados, quiçá nem mesmo mencionados, nas respectivas matérias jornalísticas.

---

<sup>255</sup> Istvan Jancsó; João Paulo Garrido Pimenta, *Op. Cit.*, p. 155.

<sup>256</sup> Essa consideração vai de encontro à interpretação clássica de Maria Odila Leite da Silva DIAS. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005.

Afora isso, há que se sopesar a relação, já constatada no capítulo anterior, entre os assuntos das edições e as áreas mais imediatas ao jornal, onde se situava, possivelmente, o público alvo principal para o qual se direcionava. Esse *locus* imprimia certa peculiaridade à folha, influenciando, por exemplo, na escolha dos temas das matérias. Por conta disso, é quase lógico supor que maior atenção fosse dada aos assuntos que dissessem respeito às regiões próximas à sede da impressão, a despeito da seção em que estivessem dispostos nas respectivas edições: se na parte destinada aos textos de opinião, à transcrição de outras fontes externas ao jornal, às correspondências, aos anúncios, aos avisos, dentre outros.

Outras regiões, que não aquelas onde havia tipografias, eram constantemente trazidas às mentes dos leitores. À semelhança das anteriores, estas também desempenhavam papel importante no processo de circulação de pessoas e mercadorias. Assim, tem-se *Rio Grande / Rio Grande de São Pedro do Sul*, com 1264, *Campos / Campos dos Goitacazes*, com 617, *Santos*, com 374, *Paranaguá / Paranagoá / Parnagoá / Pernagoá / Pernaguá*, com 352, *Santa Catharina / Santa Catalina*, com 276, *Cabo Frio*, com 274, *Rio de São João*, com 263, *Ilha Grande*, com 228, *Macaé / Macaé*, 165, *Piauí / Piauhi / Piauhy / Piahui / Phiauhy*, com 163, *Olinda*, 153, *Laguna*, com 117, *Alagoas / Alagoa*, com 112, *Porto Alegre*, com 99, *Rio São Francisco / Rio de São Francisco*, com 84, *Parnahiba / Parnaiba*, com 83, *Parahiba / Paraiba / Parahyba / Parahiba do Norte*, com 80, *Rio Madeira*, 80, *Espirito Santo*, com 77, *Villa de Nossa Senhora de Nazareth de Itapicuru / Itapucuru / Itapucuró*, com 75, *Ceará / Seará / Ceará Grande / Seará Grande*, com 135, *Minas Gerais / Minas Geraes / Minas Generalles*, com 661, *Goyas / Goyaz / Goiaz / Goyases / Goyazes*, com 150, *Cachias das Aldeas Altas*, com 129, *Mato Grosso / Matto Grosso*, com 122, *Vila Rica*, com 110, *Goyana / Goyanna / Goiana / Goianna*, 107, , *São Sebastião*, com 88, *Cuiabá / Cuyabá*, com 66, *Reconcavo / Reconcavos*, com 64, *Mariana / Marianna*, com 61, *Minas Novas*, com 60, *São João d'El Rei / São João d'El Rey*, com 50...

Por meio delas, ganhava contornos um *Brasil*, esboçado já pela força da alteridade continental *Europa/América* que, como vimos anteriormente, era significativamente construída pelos periódicos. Mas não apenas *contornos*: também *componentes* desse Brasil podiam ser, cada vez mais, vislumbrados pelos leitores em meio a um processo no qual o discurso político se mesclava com um discurso geográfico que longe estava de ser frio, objetivo e desprovido de transcendência. No

jogo das palavras e das referências geográficas tornadas cada vez mais políticas, a Revolução do Porto e a *Europa*, contraditoriamente, criavam as condições para a Independência e o *Brasil*. Palavras e referências cujos significados tornavam-nas novas referências, de realidades concretas a fazerem sentido em um tabuleiro político na qual a única escala possível era a mundial.

## **Conclusão:**

No artigo *Maps*, Franco Moretti propõe a existência de dois tipos de mapas.<sup>257</sup> Os que representam espaços reais, e os que esboçam espaços ficcionais, onde o real e o imaginário coexistem em variadas proporções. Uns seriam expressão da “geografia na obra”; os outros, da “geografia da obra”. Reflexão própria à crítica literária, da qual o autor é um dos mais ilustres nomes da atualidade, a distinção vale também para os jornais. Como se frisou nas páginas anteriores, o texto jornalístico podia prestar-se à função informativa, política, cultural e/ou literária, a depender dos objetivos que norteavam sua publicação.<sup>258</sup> Cada um desses carizes acabava por definir as diferentes modalidades de jornais existentes à época, as quais possuíam, por certo, fortes pontos de intercessão. Por ter natureza tão abrangente e flexível, este artefato lograva produzir mapas reais e ficcionais – estes entendidos, aqui, como algo próximo a *imaginados*. De um lado, o gênero textual espelhava, como que de modo reflexo, a espacialidade dos lugares que eram feitos notícia; de outro, e por assim fazê-lo, tornavam-na algo próprio, que seguia lógica e ritmo ditados por eles mesmos, sendo menos parecida a uma imagem-reflexo do que a uma imagem-refração.

Não há dúvidas de que a imprensa luso-americana forjou mapas nos seus anos iniciais, isto é, entre 1808-1822. Pode-se aventar que muitos deles; ou, quiçá, apenas um, reconfigurado ao sabor das circunstâncias históricas, que emprestavam, assim, muitas caras a uma mesma moeda. Sem havê-lo(s) sequer desenhado, com contornos e escalas bem definidos. Sem dar-se ao trabalho de ao menos planificá-lo(s), para efeitos pedagógicos. Isto porque a operação cartográfica desenrolou-se inteiramente no plano da imaginação dos leitores. Toda vez que liam determinado vocábulo geográfico, urgia-lhes associá-los a algum significante por trás daquele signo. Ao decodificarem-no, tentando dar sentido à mensagem transmitida, tratavam de precisar a localização geográfica do termo, para logo em seguida ordená-la em relação a outras que se lhes eram dadas. Mesmo quando não o faziam de modo consciente, o mecanismo tendia a se reproduzir para tantos vocábulos dessa natureza quantos se deparassem.

Tal operação simbólica só logrou ter a força que teve por conta da conjunção de dois fatores. Em primeiro lugar, a própria imprensa, que tornou o acesso às notícias

---

<sup>257</sup> Franco MORETTI. *Graphs, Maps, Trees. Abstracts Models for a Literary History*. London; New York: Verso, 2005. p. 35-66.

<sup>258</sup> Marco MOREL. “Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil. In: Lúcia Maria Bastos Pereira NEVES (org.). *Livros e impressos*. Retratos do Setecentos e do Oitocentos. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2009. p. 153-184.



mais veloz, e as informações, menos lacônicas, mais abrangentes, de forte viés cosmopolita, com um olhar no particular e outro no geral; que forjou sentimentos de pertença – e da conseqüente exclusão – a certas comunidades; que pluralizou vínculos imaginados de toda sorte; que ora aproximou, ora distanciou realidades.<sup>259</sup> Em seguida, a conjuntura histórica crítica de fins do século XVIII e começo do XIX, marcada pela onda revolucionária que convulsionou a superfície do globo; pelo alargamento dos espaços públicos de opinião, voltados para a crítica de assuntos antes circunscritos apenas ao foro dos Estados absolutistas; pelo advento de uma economia com alcance verdadeiramente mundial.

O produto daí resultante, ou seja, da *imprensa* em interação constante com seu *contexto histórico* imediato, foi uma unidade: um universo político referencial, não por acaso chamado aqui de mapa-múndi político imaginado. Pois os jornais, mais do que quaisquer outros veículos informativos, atrelaram forte teor político às representações do espaço. As palavras que remetiam às várias partes constituintes do globo portavam forte teor político, fazendo com que o espaço fosse percebido tanto em sua acepção geográfica como também – e sobretudo – política. Donde que materialidade dessas “regiões” deixava de ser definida somente pelos seus elementos físicos imediatos para o ser, igualmente, pelos de ordem *política* – esta entendida no seu sentido mais amplo, que o jornal fluminense *A Malagueta*, numa de suas edições iniciais citada no *Capítulo II* desta dissertação, soube tão bem apreender.

O que dizer do conteúdo desse universo referencial? Salta aos olhos, logo de saída, o número absoluto de regiões diferentes que o constituem. O método quantitativo assim o revelou, inventariando todas as áreas citadas pelos jornais, desde países até vilarejos; de continentes a ilhas; de oceanos a rios. Algumas são mais recorrentes, detendo peso maior; outras aparecem uma única vez, mas nem por isso deixam de ser significativas. Importa notar, principalmente, que o mapa imaginado é matizado. Suas partes são tingidas com uma miríade de cores e tons. Essas gradações resultam da interação de fatores de ordem política, econômica, militar, diplomática e geopolítica,

---

<sup>259</sup> Elizabeth L. EISENSTEIN. The importance of being printed. *Journal of Interdisciplinary History*, Cambridge, 11, n. 12, p. 265-286, 1980. \_\_\_\_\_. Some conjectures about the impact of printing on Western society and thought: a preliminary report. *The Journal of Modern History*, Chicago, v. 40, n.1, p. 1-56, 1968.

que, tomados em conjunto, configuram a própria base material na qual se apoia o mapa, e que determinam a maior ou menor ênfase que certas regiões recebem em cada jornal.

Como se percebe pela epistemologia das cartografias imaginadas realizada no *Capítulo II*, o Brasil detém lugar de destaque maior nesse mapa. Ainda que a “Colônia Brasil” não passasse de uma abstração para os homens da época, de modo a fazer mais sentido sob a ótica metropolitana do que a colonial <sup>260</sup>, certos vocábulos usados para descrevê-la denotavam uma dada ideia de conjunto, a exemplo de *Brasil e Brasis, América Portuguesa, Continente Brasil, Terra de Santa Cruz*. Em sentido complementar, o Brasil é visto ainda em função de suas partes constituintes, como um amálgama resultante da justaposição de províncias, cidades, vilas, arraiais, ligados entre si por relações hierárquicas, resultante das interações dos centros com suas periferias. <sup>261</sup>

Afora essas duas operações cartográficas, que conferem uma visão quase que orgânica ao Brasil, está a que o perspectiva em função de uma dimensão maior, qual seja, o próprio mundo. De modo decisivo, o país é emparelhado com uma constelação de outras nações, soberanas ou com potência suficiente para sê-lo. Se, por um lado, os lineamentos deste são estabelecidos a partir de dentro, ou seja, da imagem conjunta de suas partes, por outro, a projeção daí resultante é também definida pelo contraste direto com outras entidades. Não por acaso, sua localização passa a ser estabelecida também em função daquele todo imaginado, que lhe reserva lugar específico, minimamente identificado no espaço. O que, vale dizer, não causa surpresa, posto ser este o efeito criado por qualquer mapa-múndi: representar partes cuja síntese é o todo; e o todo que não se resume propriamente à soma de suas partes. Por mais que se mire uma porção apenas, o todo não pode ser ignorado, pois um está ligado, inevitavelmente, ao outro.

O modo como se efetua a interação entre as projeções feitas a partir de dentro e de fora é irreduzível a explicações simplistas. Não há relação de causalidade bem definida entre ambas, uma vez que são fenômenos paralelos, sobrepostos, que não possuem sequência linear. Uma desencadeia e altera a outra, em ritmos e lógicas diferentes, conquanto complementares. Ocorrem por meio de uma interação dialética

---

<sup>260</sup> István JANCSÓ; João Paulo G. PIMENTA. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: Carlos Guilherme MOTA (org.) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. Senac: São Paulo, 2000.

<sup>261</sup> A. J. R. RUSSEL-WOOD. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro (1500-1808). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 187-250, 1998.

entre a paulatina construção identitária e a percepção internacionalizada do Brasil, em que a consciência de si e a percepção do outro se davam num processo simultâneo, marcado por idas e vindas, avanços e recuos.

De um jeito e de outro. Os jornais trouxeram para um mesmo plano de representação essas projeções do Brasil, as quais, no âmbito do mapa-múndi geopolítico descrito nas páginas anteriores, eram tidas como uma só coisa. Isto porque mirar o Brasil implicava em levar em conta a unidade na qual ele era parte integrante e integrada. Nesse sentido, era imperativo vê-lo para além de seus próprios limites, já que o mesmo estava inserido numa configuração “geopolítica” de escala mundial, sem a qual o país não podia ser pensado geográfica e politicamente. Além disso, a imagem refratada desse *Brasil-no-mundo* criava condições de se pensar até mesmo um *Brasil-síntese-das-partes* que ainda não existia, desprovido como estava de sentido político pleno. De modo que, ao enquadrá-lo num concerto de nações antigas, novas e com potência para sê-lo, a imprensa luso-americana contribuiu para que seus leitores fossem, pouco a pouco, mentalizando a nova ordem mundial que então se (re)desenhava, na qual o Brasil emergiria, ao fim e ao cabo, como nação independente e soberana, à semelhança de muitas outras.

\*\*\*

Seria quase um truísmo reconhecer que o presente exerce força modular sobre o historiador, condicionando suas escolhas e a própria maneira como seu objeto de perquirição é (re)construído. Assim o ensina qualquer manual de metodologia histórica. Bloch, em pequeno-grande livro citado mais de uma vez aqui, também enunciou essa relação, à qual o historiador não pode furtar-se quando se volta para a investigação do tempo pretérito – por mais que deseje fazê-lo.<sup>262</sup> O que não significa, a princípio, que a serventia do estudo do passado seja mensurada por sua capacidade de iluminar questões relevantes para o tempo presente. Como se sua razão de ser estivesse atrelada ao seu bom serviço, à sua ingerência sobre problemas que precisam de resolução e sobre questões atuais que carecem de reflexão.

---

<sup>262</sup> Marc Leopold Benjamin BLOCH. *Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 65-68.

Hoje, todavia, a coisa parece ir um pouco mais além. O presente goza de valor diferenciado. Do jogo ora desigual, ora recíproco entre as categorias *presente*, *passado*, *futuro*, o primeiro emerge soberano. François Hartog qualificou-o de *onipresente*, de *hipertrofiado*: a causa porque se verifica, entre os domínios de Clio hodiernos, o que se sabe por *presentismo*, cuja sinonímia é a tirania do agora. Sob essa ótica, o presente é, a um só tempo, ponto de partida e de chegada. A categoria precípua da reflexão histórica. O elemento que instaura sentido, que dá finalidade e senso de dever (cumprido).<sup>263</sup>

Não é isto o que se busca com este estudo – justificá-lo por sua relevância, com aquilo que, pressupõe-se, ele possui de útil para o tempo presente. O que não impede, todavia, que se tracem paralelos entre fenômenos situados em diferentes épocas. Ainda que seja tão somente à guisa de conclusão; o pretexto para se colocar o ponto final a este inventário de cartografias imaginadas. Nesse sentido, não passa despercebida a existência de semelhanças entre dois processos distintos de inserção do Brasil em contexto mundial. De um lado, a gênese do país, que é alçado à comunidade internacional como entidade política autônoma e soberana. De outro, as tentativas do corpo diplomático brasileiro de obter o direito de assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Do ponto de vista cronológico, cada qual se situa numa das extremidades da trajetória do país enquanto Estado-nação: o primeiro, que vai de 1808 a 1822, e o atual, que remonta mais significativamente ao alvorecer deste século.

Nesta pesquisa, buscou-se esquadrihar o primeiro deles, de natureza representacional, que foi sendo formatado naquela conjuntura histórica até desaguar na Independência do Brasil, isto é, no próprio surgimento do país enquanto entidade soberana e autônoma, com jurisdição territorial definida. Em linhas gerais, essa inserção foi alavancada pela força da imprensa luso-americana em seu momento inaugural. O efeito provocado foi o de se incluir o Brasil num universo referencial, de matriz geográfica e política, no momento em que o país passava da condição colonial à nacional. Inserir-lo ali significou, de um lado, equipará-lo a tantas outras nações; de outro, contrastá-lo com essa unidade contribuiu para reforçar sua imagem, que, refratada, transformava-se também em autoimagem. O que, crê-se poder aventar, criou condições para que câmbios qualitativos ocorressem nas mentes dos partícipes da

---

<sup>263</sup> François HARTOG. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Sobretudo a “Introdução”.

ruptura política com Portugal, já que indicava a possibilidade de se pensar o Brasil enquanto território político.

O segundo, por seu turno, é eminentemente contemporâneo. Não se pode negligenciar a existência de ao menos dois ensaios anteriores de (re)inserção do Brasil na ordem mundial, verificados quer pelo esforço de participação continuada em instituições internacionais, quer pela obtenção de maior poder decisório naquelas em que já participava. Mesmo que malograda, a batalha brasileira pelo assento permanente na *Liga das Nações*, no período do entreguerras, ilustra bem o primeiro caso, enquanto que a possibilidade de que fosse alocado ao Brasil um assento permanente no *Conselho Permanente das Nações Unidas* no momento em que esta instituição estava sendo criada, no pós-guerra, exemplifique o segundo.<sup>264</sup>

Para efeitos de comparação, nem um nem outro contou com a força que caracteriza o processo atual. Menos ainda com a fina sintonia entre as agendas doméstica e internacional do país, em que a consecução da pauta diplomática consubstancia-se em projeto do Estado nacional.<sup>265</sup> Na verdade, talvez seja este último aspecto o que melhor defina as forças motrizes do movimento coevo: (re)inserir o Brasil, sob a perspectiva política, na ordem internacional, assegurando-lhe status que seja compatível com seu nível de desenvolvimento interno. Para muito além do plano simbólico, o que está em jogo é a possibilidade de oferecer ao Brasil a participação ativa nas decisões atinentes à comunidade internacional, a qual mudara drasticamente desde que a ONU foi criada. Se o mundo já não é mais o mesmo do pós-guerra, tampouco o pode ser a instituição que o pretende representar, que, tal como está, pode beirar à obsolescência. O redesenho do contexto histórico mundial enseja – e por que não dizer que impõe ? – o reposicionamento, nele, do Brasil, conferindo-lhe assim um novo “espaço” no mundo.

Num e noutro, a reconfiguração brusca da ordem internacional. No primeiro, o esfacelamento dos impérios transatlânticos europeus, fato que possibilitou a emergência

---

<sup>264</sup> Ver, respectivamente, Norma Breda dos SANTOS. Diplomacia e fiasco. Repensando a participação brasileira na Liga das Nações: elementos para uma nova interpretação. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v.2, p. 87-112, 2003. Eugênio Vargas GARCIA. *O sexto membro permanente. O Brasil e a criação da ONU*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

<sup>265</sup> Para um estudo sobre o tema da influência dessas duas instâncias na condução da política externa de um país, a referência continua a ser o texto clássico de Robert David Putman. *Diplomacy and Domestic Politics: The Logic of Two-Level Games*. *International Organization*. Vol. 42, No. 3 (Summer, 1988), pp. 427-460.

de novas nações, e o redesenho de tantas outras, coetâneas e/ou anteriores àquelas. Atualmente, a falência da ordem bipolar vigente durante a Guerra Fria, e a falta de um modelo que arquitete a liderança mundial de modo mais democrático e equânime, dando representatividade e poder decisório a um número maior de países. Em ambas, o Brasil ocupando posições diferentes no globo... No primeiro, o próprio batismo político, que o alça à condição de nação soberana, assentada sobre território estatal, em separado da identidade imperial portuguesa que por três séculos o envolvera. No atual, a tentativa de se conquistar maiores prerrogativas junto aos órgãos encarregados da governança global, para que o Brasil deixe de ser mero coadjuvante para atuar mais efetivamente na tomada de decisões da comunidade mundial da qual faz parte.

# **Tabelas**

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Rio Grande	328	8,10%	8,10%
Campos	301	7,43%	15,53%
Rio de Sao Joao	151	3,73%	19,26%
Cabo Frio	150	3,70%	22,96%
Bahia	141	3,48%	26,44%
Pernambuco	140	3,46%	29,90%
Ilha Grande	131	3,23%	33,14%
Santos	131	3,23%	36,37%
Lisboa	130	3,21%	39,58%
Parati	129	3,19%	42,77%
Liverpool	120	2,96%	45,73%
Buenos Ayres / Buenos Aires	95	2,35%	48,07%
Macahe / Macae	91	2,25%	50,32%
Santa Catalina / Santa Catharina	89	2,20%	52,52%
Monte Video / Montevideo	85	2,10%	54,62%
Porto	78	1,93%	56,54%
Rio de Janeiro / Rio del Janeiro	66	1,63%	58,17%
Londres	63	1,56%	59,73%
Tagoahi / Taguahy / Taguahi	59	1,46%	61,19%
Gibraltar	50	1,23%	62,42%
Caravellas	49	1,21%	63,63%
Paranagoa / Paranagua / Parnagoa / Pernagoa / Pernagua	45	1,11%	64,74%
Sao Sebastiao	45	1,11%	65,85%
Angola / Angolla	44	1,09%	66,94%
Capitania	41	1,01%	67,95%



Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Porto Alegre	40	0,99%	68,94%
Cabinda	39	0,96%	69,90%
Rio das Ostras / Rio d'Ostras	35	0,86%	70,77%
Sao Matheus	35	0,86%	71,63%
Balthimori / Baltimore	32	0,79%	72,42%
Laguna	31	0,77%	73,19%
Messambique / Moçambique	31	0,77%	73,95%
Rio de Sao Francisco / Rio de Sao Francisco do Sul / Rio Sao Francisco	31	0,77%	74,72%
Ubatuba	28	0,69%	75,41%
Iguape	27	0,67%	76,07%
Havre de Grace	23	0,57%	76,64%
Mangaratiba	23	0,57%	77,21%
Alagoas	22	0,54%	77,75%
Arribada / Arribado	21	0,52%	78,27%
Cotinguiba / Catinguiba / Coinguiba	21	0,52%	78,79%
New York / Newyork / Nova York / Nueva York	21	0,52%	79,31%
Philadelphia / Filadelfia / Philadelphia	20	0,49%	79,80%
Rio Real	20	0,49%	80,30%
Benavente / Benevente	19	0,47%	80,77%
Bengala / Benguela / Benguella	19	0,47%	81,23%
Falmoth / Falmouth / Flamouth / Felmuth	18	0,44%	81,68%
Itapemerim	18	0,44%	82,12%
Valparaiso / Val de Paraiso / Valparaizo / Valparayso	18	0,44%	82,57%
Figueira / Figueiras	17	0,42%	82,99%
Garnesey / Guernesey / Garnesse	17	0,42%	83,41%
Ilha da Madeira / Madeira	17	0,42%	83,83%

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Terragona / Tarragona	17	0,42%	84,25%
Boston / Bostom	16	0,40%	84,64%
Lima	15	0,37%	85,01%
Guaratiba	14	0,35%	85,36%
Hull	14	0,35%	85,70%
Cabo da Boa Esperança	13	0,32%	86,02%
Salem / Sallem	13	0,32%	86,35%
Antuerpia	12	0,30%	86,64%
Costa da Mina	12	0,30%	86,94%
Para	12	0,30%	87,23%
Santa Helena	12	0,30%	87,53%
Stockholmo / Stockolmo	12	0,30%	87,83%
Amburgo / Hamburgo	11	0,27%	88,10%
Cabo Verde	11	0,27%	88,37%
Cadis / Cadiz	11	0,27%	88,64%
Cananea / Caninea	11	0,27%	88,91%
Jersei / Jersey	11	0,27%	89,19%
Marsella / Marseille	11	0,27%	89,46%
Bordeaux / Bordo / Burdeos	10	0,25%	89,70%
Goruparim / Gruparim	10	0,25%	89,95%
Rio da Prata	10	0,25%	90,20%
Loanda	9	0,22%	90,42%
Portsmouth	8	0,20%	90,62%
Quilimane	8	0,20%	90,81%
Alcobaça	7	0,17%	90,99%
Cabello de Velha	7	0,17%	91,16%

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Norfolk / Norffok	7	0,17%	91,33%
Tury	7	0,17%	91,51%
Alicante	6	0,15%	91,65%
Havana / Habana / Avana	6	0,15%	91,80%
Macau / Macao	6	0,15%	91,95%
Malaga	6	0,15%	92,10%
Tenerife	6	0,15%	92,25%
Aldeia Velha	5	0,12%	92,37%
Amsterda / Amsterdam	5	0,12%	92,49%
Assu	5	0,12%	92,62%
Espirito Santo	5	0,12%	92,74%
Garnize / Gernise	5	0,12%	92,86%
Guaraparim	5	0,12%	92,99%
Marambaia	5	0,12%	93,11%
Nantes	5	0,12%	93,23%
Rio Grande de Sao Joao	5	0,12%	93,36%
Alexandria	4	0,10%	93,46%
Faiol / Faial / Fayal / Ilha do Faiol / Isla de Fayal	4	0,10%	93,56%
Gaspe / Gaspie	4	0,10%	93,65%
Guimaraes	4	0,10%	93,75%
Ilha da Boa Vista	4	0,10%	93,85%
Ilha de Cabo Verde / Ilhas do Cabo Verde	4	0,10%	93,95%
Nova Hollanda	4	0,10%	94,05%
Parahiba / Paraiba / Parahiba do Norte	4	0,10%	94,15%
Plymouth	4	0,10%	94,25%
Scicilia / Sicilia	4	0,10%	94,35%

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Sergipe / Sergipe d'El Rey	4	0,10%	94,44%
Terra Nova	4	0,10%	94,54%
Tutoia / Tutoya	4	0,10%	94,64%
Anvers	3	0,07%	94,72%
Aveiro	3	0,07%	94,79%
Bremen / Bremeu	3	0,07%	94,86%
Calcuta / Calcutta	3	0,07%	94,94%
Cotinguiba / Coinguiba	3	0,07%	95,01%
França	3	0,07%	95,09%
Goa	3	0,07%	95,16%
Gothemburgo / Gottemburg	3	0,07%	95,23%
Ilha do Principe	3	0,07%	95,31%
Itagoahi / Itagoahy	3	0,07%	95,38%
Maldonado	3	0,07%	95,46%
Napoles	3	0,07%	95,53%
Portugal	3	0,07%	95,60%
Rio Grande do Sul	3	0,07%	95,68%
Rio Zaire	3	0,07%	95,75%
Sepitiba	3	0,07%	95,83%
Serra Leoa	3	0,07%	95,90%
Unna	3	0,07%	95,98%
Viana / Vianna	3	0,07%	96,05%
Aisu	2	0,05%	96,10%
Bissao	2	0,05%	96,15%
Caenna / Cayenna / Cayenne	2	0,05%	96,20%
Ceara	2	0,05%	96,25%

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Cubinda	2	0,05%	96,30%
Gersey / Gerzey	2	0,05%	96,35%
Greenok / Grenock	2	0,05%	96,40%
Guapemerim / Guapimerim	2	0,05%	96,44%
Guayaquil / Guyaquil	2	0,05%	96,49%
Hanfleur / Honfleur	2	0,05%	96,54%
Ilha de Sao Thome / Sao Thome	2	0,05%	96,59%
Ilha Terceira	2	0,05%	96,64%
Ilhas Canarias / Canarias	2	0,05%	96,69%
Mar Mediterraneo / Mediterraneo	2	0,05%	96,74%
Maranhao	2	0,05%	96,79%
Molembo	2	0,05%	96,84%
New Haven	2	0,05%	96,89%
Newburry / Newbury	2	0,05%	96,94%
Novo Porto / New Port	2	0,05%	96,99%
Patagonia / Patagonica	2	0,05%	97,04%
Porto de Acara	2	0,05%	97,09%
Porto de Pedra	2	0,05%	97,14%
Richmond	2	0,05%	97,19%
Rio do Camarao / Rio dos Camaroes	2	0,05%	97,23%
Rio Grande de Sao Pedro do Sul	2	0,05%	97,28%
Rochfort / Rochefort	2	0,05%	97,33%
Sao Petersburgo	2	0,05%	97,38%
Taipu	2	0,05%	97,43%
Tamandare	2	0,05%	97,48%
Tanarife / Tenerife	2	0,05%	97,53%

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Trieste	2	0,05%	97,58%
Valencia	2	0,05%	97,63%
Villa Viçosa	2	0,05%	97,68%
Africa	1	0,02%	97,70%
Aldeia do Sul	1	0,02%	97,73%
Ambers	1	0,02%	97,75%
Ambrie	1	0,02%	97,78%
America	1	0,02%	97,80%
America do Norte / Norte America	1	0,02%	97,83%
Arriba	1	0,02%	97,85%
Barlone	1	0,02%	97,88%
Barra de Santo Antonio	1	0,02%	97,90%
Barra Grande	1	0,02%	97,93%
Berveley	1	0,02%	97,95%
Brest	1	0,02%	97,98%
Bristol	1	0,02%	98,00%
Cabo de Horne	1	0,02%	98,02%
Callao / Callao de Lima	1	0,02%	98,05%
Camamum	1	0,02%	98,07%
Carthagen de Levante	1	0,02%	98,10%
Catalunha / Cataluna	1	0,02%	98,12%
Cernisee	1	0,02%	98,15%
Chile / Chily	1	0,02%	98,17%
Climani	1	0,02%	98,20%
Colonia do Sacramento	1	0,02%	98,22%
Concordia	1	0,02%	98,25%

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Corck Island	1	0,02%	98,27%
Cork	1	0,02%	98,30%
Coronha	1	0,02%	98,32%
Cororipe	1	0,02%	98,35%
Corunha	1	0,02%	98,37%
Cururipe / Curaripe	1	0,02%	98,40%
Funchal	1	0,02%	98,42%
Gabinda	1	0,02%	98,44%
Gefle / Gavle	1	0,02%	98,47%
Genova	1	0,02%	98,49%
Glascow	1	0,02%	98,52%
Goianna	1	0,02%	98,54%
Greenwich	1	0,02%	98,57%
Guaquile	1	0,02%	98,59%
Guaratuba	1	0,02%	98,62%
Guarnizai	1	0,02%	98,64%
Guasco	1	0,02%	98,67%
Gueirons	1	0,02%	98,69%
Halifax	1	0,02%	98,72%
Hollanda / Holanda	1	0,02%	98,74%
Honfleur	1	0,02%	98,77%
Iaguabi	1	0,02%	98,79%
Iguaraçu	1	0,02%	98,81%
Ilha de Maio	1	0,02%	98,84%
Ilha de Santiago de Cabo Verde	1	0,02%	98,86%
Ilha Lançarote	1	0,02%	98,89%

Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Ilhas de Sao Thome e Principe	1	0,02%	98,91%
Ilheos	1	0,02%	98,94%
Inglaterra	1	0,02%	98,96%
Inhambupe	1	0,02%	98,99%
Itamaraca	1	0,02%	99,01%
Itapemirim	1	0,02%	99,04%
Itapicura da Praia	1	0,02%	99,06%
Lameiram / Lameirao	1	0,02%	99,09%
Lancerote	1	0,02%	99,11%
Lion	1	0,02%	99,14%
Lorian	1	0,02%	99,16%
Maçai / Maçei	1	0,02%	99,19%
Macquarie	1	0,02%	99,21%
Mahon	1	0,02%	99,23%
Maiorca	1	0,02%	99,26%
Mar do Sul	1	0,02%	99,28%
Mexico	1	0,02%	99,31%
Newcastle	1	0,02%	99,33%
Nueva Portsmount	1	0,02%	99,36%
Obatuba	1	0,02%	99,38%
Ostende	1	0,02%	99,41%
Parnahiba	1	0,02%	99,43%
Port Jackson	1	0,02%	99,46%
Porto de Galinhas	1	0,02%	99,48%
Poximuth	1	0,02%	99,51%
Providencia	1	0,02%	99,53%



Tabela 1 - Entrada de embarcações nos portos luso-americanos

<b>Local de origem</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Report	1	0,02%	99,56%
Rio Formoso	1	0,02%	99,58%
Rio Madeira	1	0,02%	99,60%
Rodesto	1	0,02%	99,63%
Rotterdam	1	0,02%	99,65%
Saint Malo	1	0,02%	99,68%
Samalo	1	0,02%	99,70%
Sambla (Mexico)	1	0,02%	99,73%
Santa Cruz	1	0,02%	99,75%
Santafe	1	0,02%	99,78%
Sao Salvador	1	0,02%	99,80%
Serinhagem	1	0,02%	99,83%
Stoekolni	1	0,02%	99,85%
Tapage	1	0,02%	99,88%
Tapney	1	0,02%	99,90%
Terminy	1	0,02%	99,93%
Texel	1	0,02%	99,95%
Villa Nova	1	0,02%	99,98%
Villa Nova de Benevente	1	0,02%	100,00%

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Conciliador do Maranhão; O Espelho; O

Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos

<b>Local de destino</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Rio Grande	350	11,78%	88,72%
Campos	244	8,22%	26,57%
Pernambuco	197	6,63%	67,17%
Lisboa	157	5,29%	44,11%
Buenos Ayres / Buenos Aires	115	3,87%	14,14%
Bahia	111	3,74%	32,29%
Rio de Janeiro / Rio del Janeiro	107	3,60%	73,33%
Santos	95	3,20%	188,01%
Rio de Sao Joao	93	3,13%	76,90%
Cabo Frio	91	3,06%	17,98%
Santa Catalina / Santa Catharina	88	2,96%	92,12%
Monte Video / Montevideo	87	2,93%	54,65%
Parati	86	2,90%	60,51%
Ilha Grande	64	2,15%	36,70%
Liverpool	60	2,02%	46,13%
Macahe / Macae	52	1,75%	48,89%
Angola / Angolla	48	1,62%	7,47%
Tagoahi / Taguahy / Taguahi	46	1,55%	98,72%
Paranagoa / Paranagua / Parnagoa / Pernagoa / Pernagua	39	1,31%	57,61%
Capitania	31	1,04%	27,98%
Londres	30	1,01%	47,14%
Benguela / Benguella	27	0,91%	17,51%
Gibraltar	27	0,91%	31,92%
Maranhao	27	0,91%	50,98%
Sao Sebastiao	26	0,88%	96,63%
Boston / Bostom	25	0,84%	10,00%

Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos

<b>Local de destino</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Garnesey / Guernesey / Garnesse	21	0,71%	61,14%
Laguna	21	0,71%	38,62%
Havre de Grace	20	0,67%	33,77%
Rio da Prata	20	0,67%	69,23%
Para	18	0,61%	56,20%
Amburgo / Hamburgo	17	0,57%	1,28%
Falmoth / Falmouth / Flamouth / Felmuth	16	0,54%	29,80%
Porto Alegre	16	0,54%	68,11%
Iguape	15	0,51%	34,31%
Rio das Ostras / Rio d'Ostras	15	0,51%	69,73%
Bangalla / Bengalla	14	0,47%	14,71%
Messambique / Moçambique	13	0,44%	51,65%
Rio de Sao Francisco / Rio de Sao Francisco do Sul / Rio Sao Francisco	13	0,44%	221,14%
Havana / Habana / Avana	12	0,40%	33,10%
Nova Hollanda	12	0,40%	55,52%
Mangaratiba	11	0,37%	49,93%
Benavente / Benevente	10	0,34%	7,98%
Cabello de Velha	10	0,34%	14,48%
Guimaraes	10	0,34%	32,66%
Itapemerim	10	0,34%	37,51%
New York / Newyork / Nova York / Nueva York	10	0,34%	55,08%
Tury	10	0,34%	99,33%
Cananea / Caninea	9	0,30%	53,60%
Jersei / Jersey	9	0,30%	37,88%
Valparaiso / Val de Paraiso / Valparaizo / Valparayso	8	0,27%	99,83%
Brasil	7	0,24%	10,24%

Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos

<b>Local de destino</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Cabo da Boa Esperança	7	0,24%	14,88%
Caravellas	7	0,24%	28,22%
França	7	0,24%	30,20%
Goruparim / Gruparim	7	0,24%	32,32%
Macau / Macao	7	0,24%	49,12%
Inglaterra	6	0,20%	37,10%
Philadelphia / Filadelfia / Filadelfia	6	0,20%	67,37%
Porto	6	0,20%	67,58%
Ubatuba	6	0,20%	99,56%
Africa	5	0,17%	0,27%
Anvers	5	0,17%	3,03%
Cadis / Cadiz	5	0,17%	36,40%
Figueira / Figueiras	5	0,17%	29,97%
Marsella / Marseille	5	0,17%	51,14%
Rio Real	5	0,17%	88,92%
Stockholmo / Stockolmo	5	0,17%	97,04%
Trieste	5	0,17%	98,99%
Balthimori / Baltimore	4	0,13%	20,84%
Ceara	4	0,13%	28,48%
Goratiba	4	0,13%	32,09%
Ilha da Madeira / Madeira	4	0,13%	68,82%
Lima	4	0,13%	38,75%
Maldonado	4	0,13%	49,33%
Malta	4	0,13%	49,56%
Portsmouth	4	0,13%	68,25%
Sepitiba	4	0,13%	96,80%

Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos

<b>Local de destino</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Alexandria	3	0,10%	0,61%
America do Norte / Norte America	3	0,10%	1,95%
Amsterda / Amsterdam	3	0,10%	1,18%
Batavia	3	0,10%	7,61%
Bombaim	3	0,10%	9,09%
Cabo	3	0,10%	29,23%
Catalunha / Cataluna	3	0,10%	28,32%
China	3	0,10%	28,62%
Costa da Mina	3	0,10%	28,82%
Espana	3	0,10%	29,06%
Faiol / Faial / Fayal / Ilha do Faiol / Isla de Fayal	3	0,10%	29,26%
India	3	0,10%	36,90%
Malorca	3	0,10%	49,43%
Mar Pacifico	3	0,10%	50,07%
Nantes	3	0,10%	54,75%
Quilimane	3	0,10%	68,45%
Suecia	3	0,10%	97,14%
America Ingleza	2	0,07%	1,08%
Antuerpia	2	0,07%	2,86%
Assu	2	0,07%	3,13%
Blanco	2	0,07%	8,96%
Bordeaux / Bordo / Burdeos	2	0,07%	18,28%
Cabinda	2	0,07%	14,55%
Cabo Verde	2	0,07%	18,05%
Calabar	2	0,07%	18,32%
Cruzar	2	0,07%	28,92%

Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos

<b>Local de destino</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Europa	2	0,07%	29,16%
Genova	2	0,07%	61,99%
Ilha de Sao Thome / Sao Thome	2	0,07%	34,55%
Liorna / Liorne	2	0,07%	77,61%
Malaga	2	0,07%	49,19%
Molembo	2	0,07%	51,72%
Parahiba / Paraiba / Parahiba do Norte	2	0,07%	56,30%
Rio Zaire	2	0,07%	88,99%
Salem / Sallem	2	0,07%	89,09%
Samalo	2	0,07%	89,16%
Santa Cruz	2	0,07%	92,19%
Santo Amaro	2	0,07%	92,29%
Sao Matheus	2	0,07%	95,66%
Sao Petersburgo	2	0,07%	95,76%
Acaracu	1	0,03%	0,03%
Alagoas	1	0,03%	0,24%
Aracaju	1	0,03%	3,06%
Barcelona	1	0,03%	7,51%
Belem	1	0,03%	7,64%
Boa Esperança	1	0,03%	8,99%
Bremen / Bremeu	1	0,03%	10,27%
Cabo da Lapa Gonçalves	1	0,03%	14,92%
Caenna / Cayenna / Cayenne	1	0,03%	18,25%
Callao / Callao de Lima	1	0,03%	18,35%
Canguazu	1	0,03%	26,90%
Cantao	1	0,03%	26,94%

Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos

<b>Local de destino</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Catinbida	1	0,03%	28,35%
Ceilao	1	0,03%	28,52%
Clemané	1	0,03%	28,65%
Columba	1	0,03%	28,69%
Copenhague	1	0,03%	28,72%
Cotinguiba / Coinguiba	1	0,03%	28,86%
Cururipe / Curaripe	1	0,03%	28,96%
Espirito Santo	1	0,03%	29,09%
Gefle / Gavle	1	0,03%	30,94%
Goa	1	0,03%	31,95%
Gutinguba	1	0,03%	32,69%
Hollanda / Holanda	1	0,03%	33,80%
Ilha de França	1	0,03%	34,48%
Ilhas de Sao Miguel, Faial	1	0,03%	36,73%
Ilhas Mauricias	1	0,03%	36,77%
Ilheos	1	0,03%	36,80%
Itapacoroia	1	0,03%	37,14%
Itaparica	1	0,03%	37,17%
Itapucuro	1	0,03%	37,54%
Jerez	1	0,03%	37,58%
Kimane	1	0,03%	37,91%
Mar Mediterraneo / Mediterraneo	1	0,03%	49,97%
Matto Grosso / Mato Grosso	1	0,03%	51,18%
Mendoza	1	0,03%	51,21%
Norfolk / Norffok	1	0,03%	55,12%
Olinda	1	0,03%	55,56%

Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos

<b>Local de destino</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Oporto	1	0,03%	55,59%
Paraguay	1	0,03%	56,23%
Patagonia / Patagonica	1	0,03%	60,54%
Portugal	1	0,03%	68,28%
Provincia Cisplatina	1	0,03%	68,32%
Provincias do Brasil	1	0,03%	68,35%
Recife	1	0,03%	68,48%
Redon	1	0,03%	68,52%
Rhode-Island	1	0,03%	68,55%
Rio Formoso	1	0,03%	76,94%
Rio Negro	1	0,03%	88,75%
Rotterdam	1	0,03%	89,02%
Santa Helena	1	0,03%	92,22%
Sao Domingos	1	0,03%	95,52%
Sao Francisco	1	0,03%	95,56%
Sao Joao	1	0,03%	95,59%
Sao Miguel	1	0,03%	95,69%
Sao Thomaz	1	0,03%	96,67%
Sergipe / Sergipe d'El Rey	1	0,03%	96,84%
Setubal	1	0,03%	96,87%
Surinnam	1	0,03%	97,17%
Tapacoroia	1	0,03%	98,75%
Tapage	1	0,03%	98,79%
Torre d'Avila	1	0,03%	98,82%
Tutoia / Tutoya	1	0,03%	99,36%
Villa Bella da Princeza	1	0,03%	99,87%



Tabela 2 - Saída de embarcações dos portos luso-americanos

<b>Local de destino</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Ocorrências (percentual parcial)</b>	<b>Ocorrências (percentual acumulado)</b>
Villa Nova	1	0,03%	99,90%
Villa Nova de Almeida	1	0,03%	99,93%
Villa Nova dos Reis	1	0,03%	99,97%
Virginia	1	0,03%	100,00%

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Conciliador do Maranhão; O Espelho; O Volantim; Relator Verdadeiro.

Tabela 3 - Jornais citados pela imprensa luso-americana

<b>Jornal Citado</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Citações (percentual parcial)</b>	<b>Citações (percentual acumulado)</b>
Semanario Civico	238	9,56%	9,56%
Gazeta do Rio de Janeiro	167	6,71%	16,27%
Correio Brasiliense	165	6,63%	22,90%
Argos / Argos de Buenos Aires	108	4,34%	27,24%
Campeao Portugues / Campeao Lisboense	85	3,42%	30,65%
Correio do / Correo del Rio de Janeiro	76	3,05%	33,71%
Espelho / Espejo	75	3,01%	36,72%
Reverbero Constitucional Fluminense	74	2,97%	39,69%
Astro da Lusitania / Astro Lusitano / Astro da Liberdade de Lisboa	72	2,89%	42,59%
Courier / Courier de Londres	70	2,81%	45,40%
Malagueta	67	2,69%	48,09%
Idade d'Ouro / Idade d'Ouro do Brazil / Edad do Oro	60	2,41%	50,50%
Diario / Diario do Rio de Janeiro	52	2,09%	52,59%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Lisboa	50	2,01%	54,60%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos Ingleses / Inglezas	46	1,85%	56,45%
Times	45	1,81%	58,26%
Diario Constitucional	39	1,57%	59,82%
Monitor / Monitores / Moniteur	31	1,25%	61,07%
Conciliador do Maranhao	30	1,21%	62,27%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de França / Franceses / Francesas	29	1,17%	63,44%
Constitucional (BA)	26	1,04%	64,48%
Portugues / Portuguez (Londres)	26	1,04%	65,53%
Gazeta / Gazeta das Cortes de Lisboa	25	1,00%	66,53%
Segarrega	24	0,96%	67,50%
Gazeta da França / Gaceta de Francia	22	0,88%	68,38%
Morning Chronicle	22	0,88%	69,26%
Marimbondo	21	0,84%	70,11%
Sentinella Constitucional Bahiense / Sentinella	19	0,76%	70,87%
Compilador Constitucional Politico / Compilador	18	0,72%	71,60%
Despertador / Despertador Brasilense / Despertador Braziliense / Despertador Fluminense	18	0,72%	72,32%
Folha Medicial	18	0,72%	73,04%
Patriota / O Patriota	17	0,68%	73,72%
Gazeta Universal	16	0,64%	74,37%
Regulador	15	0,60%	74,97%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Paris	14	0,56%	75,53%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Pernambuco	14	0,56%	76,09%
Gazeta / Gazeta Official de Paris	14	0,56%	76,66%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos da Holanda / Hollanda / Holandesas / Hollandezas	11	0,44%	77,10%
Universal / Universal de Madrid / Madrileno	11	0,44%	77,54%
Correio de Londres	10	0,40%	77,94%

Tabela 3 - Jornais citados pela imprensa luso-americana

<b>Jornal Citado</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Citações (percentual parcial)</b>	<b>Citações (percentual acumulado)</b>
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos da Bahia	10	0,40%	78,34%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Londres	10	0,40%	78,75%
Gazeta / Gazeta Extraordinaria / Gaceta Extraordinario / Gazeta Official de Madrid	10	0,40%	79,15%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos Alemaes / da Alemanha	9	0,36%	79,51%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Hespanha / Hespanholas	9	0,36%	79,87%
Gazeta de São Petersburgo / Gazeta de Petersburgo	9	0,36%	80,23%
Jornal de Paris	8	0,32%	80,55%
Leal Portuguez	8	0,32%	80,88%
London Chronicle	8	0,32%	81,20%
Macaco	8	0,32%	81,52%
Conciliador Nacional (PE)	7	0,28%	81,80%
Correio	7	0,28%	82,08%
Correio do Porto	7	0,28%	82,36%
Expositor Cisplatino	7	0,28%	82,64%
Gazeta / Gazeta Extraordinaria de Londres	7	0,28%	82,92%
Jornal dos Debates	7	0,28%	83,21%
New Times	7	0,28%	83,49%
Patriota Funchalense	7	0,28%	83,77%
Constitutionnel / Constitucional de Paris	6	0,24%	84,01%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos Americanas / Americanos	6	0,24%	84,25%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos da Europa	6	0,24%	84,49%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos do Rio de Janeiro	6	0,24%	84,73%
Independente	6	0,24%	84,97%
Observador Austriaco	6	0,24%	85,21%
Portugues Constitucional / Portugues Constitucional Regenerado	6	0,24%	85,46%
Reclamador	6	0,24%	85,70%
Ambigu / Ambugu	5	0,20%	85,90%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Hamburgo	5	0,20%	86,10%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Portugal / Portugueses / Portuguezas	5	0,20%	86,30%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos do Porto	5	0,20%	86,50%
Gazeta / Gaceta de Lima	5	0,20%	86,70%
Gazeta / Gazeta Official / Gazeta Real / Gazeta Extraordinaria / Gazeta Ministerial de Berlim	5	0,20%	86,90%
Gazeta do Porto	5	0,20%	87,10%
Jornal da Sociedade Literaria / Jornal da Sociedade Literaria Patriotica	5	0,20%	87,30%
Minerva Lusitana	5	0,20%	87,51%
National Intelligencer	5	0,20%	87,71%
Pacifico Oriental	5	0,20%	87,91%
Regulador Brasilico-Luso	5	0,20%	88,11%
Annaes Fluminenses	4	0,16%	88,27%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos da Inglaterra / Britanicas	4	0,16%	88,43%

Tabela 3 - Jornais citados pela imprensa luso-americana

<b>Jornal Citado</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Citações (percentual parcial)</b>	<b>Citações (percentual acumulado)</b>
Gazeta / Gaceta de Washington	4	0,16%	88,59%
Gazeta de Stockholm	4	0,16%	88,75%
Gazeta de Viena / Gazeta da Corte de Vienna / Vienna Court Gazette	4	0,16%	88,91%
Monthly Review	4	0,16%	89,07%
Paraense / O Paraense	4	0,16%	89,23%
Quotidienne	4	0,16%	89,39%
Analizador	3	0,12%	89,51%
Analysta Portuense	3	0,12%	89,63%
Aurora Pernambucana	3	0,12%	89,75%
Bem da Ordem	3	0,12%	89,88%
Conciliador do Reino Unido	3	0,12%	90,00%
Correspondente de Hamburgo / Hamburgo Correspondenten	3	0,12%	90,12%
Diario da Corunha	3	0,12%	90,24%
Diario Lisboense	3	0,12%	90,36%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Nova Iorque / Nova York	3	0,12%	90,48%
Espreitador Constitucional	3	0,12%	90,60%
Federal & Gazette	3	0,12%	90,72%
Gazeta / Gaceta / Gazeta Official de Chili	3	0,12%	90,84%
Gazeta / Gazeta do Governo do Mexico	3	0,12%	90,96%
Gazeta / Gazeta Official de Sevilha	3	0,12%	91,08%
Gazeta de Roma	3	0,12%	91,20%
London Packet	3	0,12%	91,32%
Patriota de Baltimore	3	0,12%	91,44%
Patriota Portuense	3	0,12%	91,56%
Apostolo da America	2	0,08%	91,64%
Astro	2	0,08%	91,72%
Astro da Grecia	2	0,08%	91,80%
Caledonian Mercury	2	0,08%	91,88%
Censor Universal / Censor	2	0,08%	91,96%
Cometa Lusitano	2	0,08%	92,04%
Compilador ou Miscellanea Universal	2	0,08%	92,13%
Courier de Glasgow	2	0,08%	92,21%
Diario de Anuncios	2	0,08%	92,29%
Diario de Frankfurt	2	0,08%	92,37%
Diario de Paris	2	0,08%	92,45%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Gottemburgo	2	0,08%	92,53%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Madrid	2	0,08%	92,61%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos Portugueses escritos em Londres	2	0,08%	92,69%
Edinburgh Star	2	0,08%	92,77%
Folha de Hamburgo	2	0,08%	92,85%

Tabela 3 - Jornais citados pela imprensa luso-americana

<b>Jornal Citado</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Citações (percentual parcial)</b>	<b>Citações (percentual acumulado)</b>
Gazeta / Gazeta Extraordinária / Gazeta do Governo de Pernambuco	2	0,08%	92,93%
Gazeta / Gazeta Official de Napoles	2	0,08%	93,01%
Gazeta Americana	2	0,08%	93,09%
Gazeta da Estremadura	2	0,08%	93,17%
Gazeta da Hespanha	2	0,08%	93,25%
Gazeta de Bremen / Gazeta de Brenan	2	0,08%	93,33%
Gazeta de Cadis / Gazeta de Cadix	2	0,08%	93,41%
Gazeta de Caracas	2	0,08%	93,49%
Gazeta de Charleton	2	0,08%	93,57%
Gazeta de Haya	2	0,08%	93,65%
Gazeta de Oviedo	2	0,08%	93,73%
Gazeta Ingleza	2	0,08%	93,81%
Genio Constitucional	2	0,08%	93,89%
Globe	2	0,08%	93,97%
Jornal de Leyde / Jornal de Leide	2	0,08%	94,05%
Jornal de Norwich	2	0,08%	94,13%
Jornal Inglez	2	0,08%	94,21%
Le Constitutionel / Le Constitutionel Journal du Commerce (Folha Franceza)	2	0,08%	94,29%
Liverpool Advertiser	2	0,08%	94,38%
Lloyd's Evening Post	2	0,08%	94,46%
Mercurio de Chile	2	0,08%	94,54%
Monitor Universal	2	0,08%	94,62%
Nuevo Diario de Madrid	2	0,08%	94,70%
Oficial de Dia	2	0,08%	94,78%
Papagaio	2	0,08%	94,86%
Planeta de Constantinopla	2	0,08%	94,94%
Reclamação /Reclamações do Brasil	2	0,08%	95,02%
Star	2	0,08%	95,10%
Verdade Constitucional	2	0,08%	95,18%
Abelha	1	0,04%	95,22%
Amigos da Razao	1	0,04%	95,26%
Artigo de Frankfurt	1	0,04%	95,30%
Baltimore Advertiser	1	0,04%	95,34%
Baltimore American	1	0,04%	95,38%
Baluarte Constitucional	1	0,04%	95,42%
Bell's Weekly Messenger	1	0,04%	95,46%
Boletins Austriacos	1	0,04%	95,50%
Borboleta	1	0,04%	95,54%
Brazil	1	0,04%	95,58%
Camerario Veterinario	1	0,04%	95,62%

Tabela 3 - Jornais citados pela imprensa luso-americana

<b>Jornal Citado</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Citações (percentual parcial)</b>	<b>Citações (percentual acumulado)</b>
Conciliador Lusitano	1	0,04%	95,66%
Correio da Tarde de Nova York	1	0,04%	95,70%
Correio Treze de Maio (do RJ)	1	0,04%	95,74%
Courant	1	0,04%	95,78%
Courier du Bas-Rhin	1	0,04%	95,82%
Diario de Alicante	1	0,04%	95,86%
Diario de Arau	1	0,04%	95,90%
Diario de Dublin	1	0,04%	95,94%
Diario de Lausana	1	0,04%	95,98%
Diario de Liao / Lyon	1	0,04%	96,02%
Diario de Madrid	1	0,04%	96,06%
Diario de Sant-Iago	1	0,04%	96,10%
Diario de Valença	1	0,04%	96,14%
Diario Politico de Toulouse	1	0,04%	96,18%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos da Irlanda	1	0,04%	96,22%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos da Jamaica	1	0,04%	96,26%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Altona	1	0,04%	96,30%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Bruxellas	1	0,04%	96,34%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Frankfurt	1	0,04%	96,38%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Konigsberg	1	0,04%	96,42%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Norte de America	1	0,04%	96,46%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de Porto Bello	1	0,04%	96,50%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos de São Petersburgo	1	0,04%	96,54%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos do Ministerio Ingles	1	0,04%	96,58%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos dos Estados Unidos	1	0,04%	96,63%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos dos Paizes Baixos	1	0,04%	96,67%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos Suecas	1	0,04%	96,71%
Diarios / Folhas / Papeis / Gacetas / Gazetas / Jornais / Periodicos Suissos	1	0,04%	96,75%
Do Cotidienne	1	0,04%	96,79%
Espectador	1	0,04%	96,83%
Espectador - Hespanha	1	0,04%	96,87%
Espectador Europeo de Saxonia	1	0,04%	96,91%
Espiritu	1	0,04%	96,95%
Evening Mail	1	0,04%	96,99%
Exacto Correio	1	0,04%	97,03%
Exame Civico	1	0,04%	97,07%
Folha de Liverpool	1	0,04%	97,11%
Folha do Rio de Janeiro	1	0,04%	97,15%
Folha dos Estados Unidos	1	0,04%	97,19%
Folha Ingleza	1	0,04%	97,23%

Tabela 3 - Jornais citados pela imprensa luso-americana

<b>Jornal Citado</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Citações (percentual parcial)</b>	<b>Citações (percentual acumulado)</b>
Fontana D'Oro	1	0,04%	97,27%
Frankfurt German Gazette	1	0,04%	97,31%
Gazeta / Gazeta Extraordinaria de Saragosa	1	0,04%	97,35%
Gazeta / Gazeta Official de Prussia	1	0,04%	97,39%
Gazeta da Alemanha	1	0,04%	97,43%
Gazeta da America Meridional	1	0,04%	97,47%
Gazeta da Dinamarca	1	0,04%	97,51%
Gazeta da Inglaterra	1	0,04%	97,55%
Gazeta da Italia	1	0,04%	97,59%
Gazeta da Junta Superior de Mancha	1	0,04%	97,63%
Gazeta da Noruega	1	0,04%	97,67%
Gazeta da Regencia	1	0,04%	97,71%
Gazeta da Suecia	1	0,04%	97,75%
Gazeta das Asturias	1	0,04%	97,79%
Gazeta de Aragao	1	0,04%	97,83%
Gazeta de Augsburg	1	0,04%	97,87%
Gazeta de Bordeaux	1	0,04%	97,91%
Gazeta de Boston	1	0,04%	97,95%
Gazeta de Coimbra	1	0,04%	97,99%
Gazeta de Gibraltar	1	0,04%	98,03%
Gazeta de Hamburgo	1	0,04%	98,07%
Gazeta de Hanover	1	0,04%	98,11%
Gazeta de Lemberg	1	0,04%	98,15%
Gazeta de Leyde	1	0,04%	98,19%
Gazeta de Norfolk	1	0,04%	98,23%
Gazeta de Nuremberg	1	0,04%	98,27%
Gazeta de Valença	1	0,04%	98,31%
Gazeta de Veneza	1	0,04%	98,35%
Gazeta do Commercio	1	0,04%	98,39%
Gazeta dos Estados Unidos	1	0,04%	98,43%
Gazeta Francesa em Madrid	1	0,04%	98,47%
Gazeta Hespanhola Anglo-Lusitana	1	0,04%	98,51%
Gazeta Medica (de Paris)	1	0,04%	98,55%
Gazeta Ministerial	1	0,04%	98,59%
Gazeta Ministerial Extraordinario do Chile	1	0,04%	98,63%
Gazeta Oficial	1	0,04%	98,67%
Haarlem Gazette	1	0,04%	98,71%
Investigador Portuguez	1	0,04%	98,75%
Jornal da Thesoiraria	1	0,04%	98,79%
Jornal de Ghent	1	0,04%	98,83%

Tabela 3 - Jornais citados pela imprensa luso-americana

<b>Jornal Citado</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Citações (percentual parcial)</b>	<b>Citações (percentual acumulado)</b>
Jornal de Lisboa	1	0,04%	98,88%
Jornal de Maires	1	0,04%	98,92%
Liberal	1	0,04%	98,96%
London Pocket	1	0,04%	99,00%
Manchester Mercury	1	0,04%	99,04%
Mercurio	1	0,04%	99,08%
Mercurio das Barbadas	1	0,04%	99,12%
Mercurio de Liverpool	1	0,04%	99,16%
Mirror	1	0,04%	99,20%
Monitor Anti-Francez	1	0,04%	99,24%
Morning Herald	1	0,04%	99,28%
Morning Post	1	0,04%	99,32%
Noticioso Geral (Gazeta Mexicana)	1	0,04%	99,36%
Novo Hercules	1	0,04%	99,40%
Nuremberg Correspondent	1	0,04%	99,44%
Observer	1	0,04%	99,48%
Panama Independente	1	0,04%	99,52%
Pavilhao Branco	1	0,04%	99,56%
Periodico da Alemanha	1	0,04%	99,60%
Periodico de Berlim	1	0,04%	99,64%
Periodico Francez de Hamburgo	1	0,04%	99,68%
Redactor Geral	1	0,04%	99,72%
Regulateur	1	0,04%	99,76%
Relator Verdadeiro	1	0,04%	99,80%
Spectator Oriental	1	0,04%	99,84%
Telegrapho	1	0,04%	99,88%
Telegrapho do Porto Principe	1	0,04%	99,92%
Tribuno (França)	1	0,04%	99,96%
True Patriot (Filadelfia)	1	0,04%	100,00%

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d`Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Constitucional (BA); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico.



Tabela 4 - Distribuição do número total de Continentes, Oceano/Mar e Região - Externa/Interna

Citações	Ocorrências		Percentual	
	Bruta	Líquida	Bruta	Líquida
Continente	2556	1274	3,6%	4,1%
Oceano / Mar	340	211	0,5%	0,7%
Região - Externa/Interna	67958	29310	95,9%	95,2%
Total geral	70854	30795	100,0%	100,0%

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes

Tabela 4.1.1 - Mares e oceanos - cálculo bruto

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Mar Mediterraneo	179	52,6%	52,6%
Mar Baltico	43	12,6%	65,3%
Oceano Atlantico / Athlantico / Atlantico / Atlantico Meridional / Atlantico Austral	37	10,9%	76,2%
Oceanno Pacífico / Mar Pacífico / Mar Pacifico Boreal	25	7,4%	83,5%
Mar Negro	9	2,6%	86,2%
Mar Adriatico	8	2,4%	88,5%
Mar do Norte	8	2,4%	90,9%
Mar do Sul	3	0,9%	91,8%
Mar Jônico / Jonio	3	0,9%	92,6%
Mar Vermelho	3	0,9%	93,5%
Oceano Índico	3	0,9%	94,4%
Mar Branco	2	0,6%	95,0%
Mar Caspio	2	0,6%	95,6%
Mar de Ochotsk / Okotsk	2	0,6%	96,2%
Mar Azoff	1	0,3%	96,5%
Mar da India	1	0,3%	96,8%
Mar de Cambaia	1	0,3%	97,1%
Mar de Marmara	1	0,3%	97,4%
Mar de Ormuz	1	0,3%	97,6%
Mar de Rhodes	1	0,3%	97,9%
Mar do Spitzberg	1	0,3%	98,2%
Mar Egeo / Egeu	1	0,3%	98,5%
Mar Germânico	1	0,3%	98,8%
Mar Morto	1	0,3%	99,1%
Mar Oceano	1	0,3%	99,4%
Mar Roxo	1	0,3%	99,7%
Oceano Ocidental / Occidental	1	0,3%	100,0%
<b>Total geral</b>	<b>340</b>	<b>100,0%</b>	

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; O Conciliador do Reino Unido; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro\*; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil\*; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; O Brasil; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Conciliador Nacional; O Constitucional (BA); O Constitucional (RJ); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro\*; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico\*.

*\*À exceção do O Patriota, os outros três jornais foram fichados por amostragem, numa razão de 1 a cada 10 edições.*

Tabela 4.1.2 - Mares e oceanos - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Mar Mediterraneo	69	32,7%	32,7%
Mar Baltico	36	17,1%	49,8%
Oceano Atlantico / Athlantico / Atlantico / Atlantico Meridional / Atlantico Austral	34	16,1%	65,9%
Oceanno Pacífico / Mar Pacífico / Mar Pacifico Boreal	20	9,5%	75,4%
Mar Adriatico	8	3,8%	79,1%
Mar Negro	8	3,8%	82,9%
Mar do Norte	6	2,8%	85,8%
Mar do Sul	3	1,4%	87,2%
Mar Jônico / Jonio	3	1,4%	88,6%
Mar Vermelho	3	1,4%	90,0%
Oceano Índico	3	1,4%	91,5%
Mar Caspio	2	0,9%	92,4%
Mar de Ochotsk / Okotsk	2	0,9%	93,4%
Mar Azoff	1	0,5%	93,8%
Mar Branco	1	0,5%	94,3%
Mar da India	1	0,5%	94,8%
Mar de Cambaia	1	0,5%	95,3%
Mar de Marmara	1	0,5%	95,7%
Mar de Ormuz	1	0,5%	96,2%
Mar de Rhodes	1	0,5%	96,7%
Mar do Spitzberg	1	0,5%	97,2%
Mar Egeo / Egeu	1	0,5%	97,6%
Mar Germânico	1	0,5%	98,1%
Mar Morto	1	0,5%	98,6%
Mar Oceano	1	0,5%	99,1%
Mar Roxo	1	0,5%	99,5%
Oceano Ocidental / Occidental	1	0,5%	100,0%
<b>Total geral</b>	<b>211</b>	<b>100,0%</b>	

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; O Conciliador do Reino Unido; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro\*; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d`Ouro do Brazil\*; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; O Brasil; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Conciliador Nacional; O Constitucional (BA); O Constitucional (RJ); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro\*; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico\*.

*\*À exceção do O Patriota, os outros três jornais foram fichados por amostragem, numa razão de 1 a cada 10 edições.*

Tabela 4.2.1 - Continentes e outros marcos - cálculo bruto

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Europa	1313	51,37%	51,37%
America / Americas / Continente Americano	617	24,14%	75,51%
Africa / Africa Occidental / Africa Oriental	262	10,25%	85,76%
Asia / Azia / Asia Menor / Asia Oriental	131	5,13%	90,88%
America do Norte / Norte da America / America Septentrional	67	2,62%	93,51%
America do Sul / Sud America / Sul da America / America Meridional	65	2,54%	96,05%
Novo Mundo / Novos Mundos	44	1,72%	97,77%
Oriente	27	1,06%	98,83%
Ocidente / Occidente	12	0,47%	99,30%
Velho Mundo / Mundo Velho / Mundo Antigo / Antigo Mundo	12	0,47%	99,77%
Polo Artico / Polo do Norte	5	0,20%	99,96%
Polo Antartico	1	0,04%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>2556</b>	<b>100,0%</b>	

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; O Conciliador do Reino Unido; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro\*; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil\*; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; O Brasil; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Conciliador Nacional; O Constitucional (BA); O Constitucional (RJ); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro\*; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico\*.

\*À exceção do O Patriota, os outros três jornais foram fichados por amostragem, numa razão de 1 a cada 10 edições.

Tabela 4.2.2 - Continentes e outros marcos - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Europa	537	42,15%	42,15%
America / Americas / Continente Americano	283	22,21%	64,36%
Africa / Africa Occidental / Africa Oriental	163	12,79%	77,16%
Asia / Azia / Asia Menor / Asia Oriental	94	7,38%	84,54%
America do Norte / Norte da America / America Septentrional	54	4,24%	88,78%
America do Sul / Sud America / Sul da America / America Meridional	51	4,00%	92,78%
Novo Mundo / Novos Mundos	39	3,06%	95,84%
Oriente	26	2,04%	97,88%
Ocidente / Occidente	12	0,94%	98,82%
Velho Mundo / Mundo Velho / Mundo Antigo / Antigo Mundo	11	0,86%	99,69%
Polo Artico / Polo do Norte	3	0,24%	99,92%
Polo Antartico	1	0,08%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>1274</b>	<b>100,0%</b>	

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; O Conciliador do Reino Unido; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro\*; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil\*; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; O Brasil; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Conciliador Nacional; O Constitucional (BA); O Constitucional (RJ); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro\*; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico\*.

\*À exceção do O Patriota, os outros três jornais foram fichados por amostragem, numa razão de 1 a cada 10 edições.

Tabela 4.2.3.1 - Continentes e outros marcos (1808 a 1814) - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Europa	246	56,16%	56,16%
America / Americas / Continente Americano	107	24,43%	80,59%
Africa / Africa Occidental / Africa Oriental	34	7,76%	88,36%
Asia / Azia	23	5,25%	93,61%
America do Norte / Norte da America / America Septentrional	10	2,28%	95,89%
America do Sul / Sud America / Sul da America / America Meridional	10	2,28%	98,17%
Novo Mundo / Novos Mundos	4	0,91%	99,09%
Oriente	2	0,46%	99,54%
Ocidente / Occidente	1	0,23%	99,77%
Polo Artico	1	0,23%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>438</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: Tabela 4.3.1



Tabela 4.2.3.2 - Continentes e outros marcos (1808 a 1814) - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Europa	78	42,16%	42,16%
America / Americas / Continente Americano	47	25,41%	67,57%
Africa / Africa Occidental / Africa Oriental	17	9,19%	76,76%
Asia / Azia	17	9,19%	85,95%
America do Norte / Norte da America / America Septentrional	10	5,41%	91,35%
America do Sul / Sud America / Sul da America / America Meridional	8	4,32%	95,68%
Novo Mundo / Novos Mundos	4	2,16%	97,84%
Oriente	2	1,08%	98,92%
Ocidente / Occidente	1	0,54%	99,46%
Polo Artico	1	0,54%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>185</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: Tabela 4.3.2

Tabela 4.2.3.3 - Continentes e outros marcos (1815 a 1820) - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Europa	136	55,74%	55,74%
America / Americas / Continente Americano	65	26,64%	82,38%
Africa / Africa Occidental / Africa Oriental	20	8,20%	90,57%
Asia / Azia / Asia Menor	13	5,33%	95,90%
America do Norte / Norte da America / America Septentrional	5	2,05%	97,95%
Polo Artico	2	0,82%	98,77%
Polo do Norte	2	0,82%	99,59%
Oriente	1	0,41%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>244</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: Tabela 4.3.1

Tabela 4.2.3.4 - Continentes e outros marcos (1815 a 1820) - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Europa	60	47,24%	47,24%
America / Americas / Continente Americano	39	30,71%	77,95%
Africa / Africa Occidental / Africa Oriental	11	8,66%	86,61%
Asia / Azia / Asia Menor	9	7,09%	93,70%
America do Norte / Norte da America / America Septentrional	5	3,94%	97,64%
Oriente	1	0,79%	98,43%
Polo Artico	1	0,79%	99,21%
Polo do Norte	1	0,79%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>127</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: Tabela 4.3.2

Tabela 4.2.3.5 - Continentes e outros marcos (1821 a 1822) - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Europa	931	49,68%	49,68%
America / Americas / Continente Americano	445	23,75%	73,43%
Africa / Africa Occidental / Africa Oriental	208	11,10%	84,53%
Asia / Azia / Asia Menor / Asia Oriental	95	5,07%	89,59%
America do Sul / Sud America / Sul da America / America Meridional	55	2,93%	92,53%
America do Norte / Norte da America / America Septentrional	52	2,77%	95,30%
Novo Mundo / Novos Mundos	40	2,13%	97,44%
Oriente	24	1,28%	98,72%
Velho Mundo / Mundo Velho / Mundo Antigo / Antigo Mundo	12	0,64%	99,36%
Ocidente / Occidente	11	0,59%	99,95%
Polo Antartico	1	0,05%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>1874</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: Tabela 4.3.1

Tabela 4.2.3.6 - Continentes e outros marcos (1821 a 1822) - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Europa	399	41,48%	41,48%
America / Americas / Continente Americano	197	20,48%	61,95%
Africa / Africa Occidental / Africa Oriental	135	14,03%	75,99%
Asia / Azia / Asia Menor / Asia Oriental	68	7,07%	83,06%
America do Sul / Sud America / Sul da America / America Meridional	43	4,47%	87,53%
America do Norte / Norte da America / America Septentrional	39	4,05%	91,58%
Novo Mundo / Novos Mundos	35	3,64%	95,22%
Oriente	23	2,39%	97,61%
Ocidente / Occidente	11	1,14%	98,75%
Velho Mundo / Mundo Velho / Mundo Antigo / Antigo Mundo	11	1,14%	99,90%
Polo Antartico	1	0,10%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>962</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: Tabela 4.3.2

Tabela 4.3.1.1 - Regiões Intenas / Externas por ano - bruto

<b>Ano</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
1808	2163	3,18%	3,18%
1809	821	1,21%	4,39%
1810	757	1,11%	5,50%
1811	1197	1,76%	7,27%
1812	1524	2,24%	9,51%
1813	4586	6,75%	16,26%
1814	6031	8,87%	25,13%
1815	1285	1,89%	27,02%
1816	1324	1,95%	28,97%
1817	1350	1,99%	30,96%
1818	1238	1,82%	32,78%
1819	1395	2,05%	34,83%
1820	812	1,19%	36,03%
1821	5778	8,50%	44,53%
1822	37697	55,47%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>67958</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Constitucional (BA); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico.

Tabela 4.3.1.2 - Regiões Intenas / Externas por ano - líquido

<b>Ano</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
1808	1210	4,13%	4,13%
1809	491	1,68%	5,80%
1810	435	1,48%	7,29%
1811	733	2,50%	9,79%
1812	899	3,07%	12,86%
1813	2143	7,31%	20,17%
1814	2515	8,58%	28,75%
1815	708	2,42%	31,16%
1816	714	2,44%	33,60%
1817	808	2,76%	36,36%
1818	754	2,57%	38,93%
1819	785	2,68%	41,61%
1820	513	1,75%	43,36%
1821	2652	9,05%	52,41%
1822	13950	47,59%	100,00%
<b>Total geral</b>	<b>29310</b>	<b>100,00%</b>	

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Constitucional (BA); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico.

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Brasil / Brazil / Brasis	9536	14,032%	14,032%
Portugal	4431	6,520%	20,552%
Rio de Janeiro / Rio del Janeiro	3980	5,856%	26,409%
Bahia	3025	4,451%	30,860%
Lisboa	2594	3,817%	34,677%
Pernambuco / Pernambucos	1588	2,337%	37,013%
Maranhão / Maranhã / Maraño / São Luiz do Maranhão	1508	2,219%	39,232%
França	1472	2,166%	41,398%
Rio Grande / Rio Grande de São Pedro do Sul	1264	1,860%	43,258%
Hese / Hesse	989	1,455%	44,714%
São Paulo / San Pablo / Sam Paulo	879	1,293%	46,007%
Inglaterra	686	1,009%	47,017%
Minas Gerais / Minas Geraes / Minas Generalles	661	0,973%	47,989%
Campos / Campos dos Goitacazes	617	0,908%	48,897%
Porto / Puerto	612	0,901%	49,798%
Londres	594	0,874%	50,672%
Russia / Rusia / Russias /Russia Meridional	559	0,823%	51,494%
Monte Video / Montevideo	538	0,792%	52,286%
Pará	531	0,781%	53,067%
Buenos Aires / Buenos Ayres	514	0,756%	53,824%
Paris / Pariz	491	0,722%	54,546%
Províncias do Brasil / Provincias del Brasil / Províncias do Norte do Brasil / Províncias do Sul do Brasil /	475	0,699%	55,245%
Santos	374	0,550%	55,795%
Estados Unidos da América do Norte / da America Setemptrional	362	0,533%	56,328%
Paranaguá / Paranagoá / Parnagoá / Pernagoá / Pernaguá	352	0,518%	56,846%
Austria / Austrias / Alta Áustria	325	0,478%	57,324%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Suecia / Suesia	317	0,466%	57,791%
Rio da Prata / Rio de la Plata	292	0,430%	58,220%
Santa Catharina / Santa Catalina	276	0,406%	58,627%
Cabo Frio	274	0,403%	59,030%
Rio de São João	263	0,387%	59,417%
Madrid	248	0,365%	59,782%
Alemanha	241	0,355%	60,136%
Prússia / Prussia Oriental	238	0,350%	60,486%
Liverpool	232	0,341%	60,828%
Grande (Ilha) / Ilha Grande	228	0,335%	61,163%
Holanda / Hollanda / Holstein / Olanda	226	0,333%	61,496%
India / Indias	223	0,328%	61,824%
Viena / Vienna / Vinenna	222	0,327%	62,151%
Roma	215	0,316%	62,467%
Grã Bretanha / Gram Bretanha / Grão Bretanha / Grande Bretanha	204	0,300%	62,767%
Algarve / Algarves	202	0,297%	63,064%
Recife / Reciffe / Recife de Pernambuco	196	0,288%	63,353%
Angola	172	0,253%	63,606%
Cadis / Cadiz / Cadix	167	0,246%	63,852%
Macahe / Macaé	165	0,243%	64,095%
Piaui / Piauhi / Piauhy / Piahui / Phiauhy	163	0,240%	64,334%
Queluz	162	0,238%	64,573%
Reino de Portugal, Brasil e Algarves / Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves / Reinos de Portugal, Brasil e Algarves / Reinos de Brasil, Portugal e Algarves	161	0,237%	64,810%
Olinda	153	0,225%	65,035%
Italia / Alta Italia	151	0,222%	65,257%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Goyas / Goyaz / Goiaz / Goyases /Goyazes	150	0,221%	65,478%
Napoles	147	0,216%	65,694%
Coimbra	141	0,207%	65,901%
Beira / Beira Baixa / Beira Alta	139	0,205%	66,106%
Ceará / Seará / Ceará Grande / Seará Grande	135	0,199%	66,305%
Gibraltar / Gibaltar	131	0,193%	66,497%
Cachias das Aldeas Altas	129	0,190%	66,687%
Hamburgo / Amburgo	123	0,181%	66,868%
Madeira (Ilha)	123	0,181%	67,049%
Mato Grosso / Matto Grosso	122	0,180%	67,229%
Benguela / Benguella / Bengala / Bengalla / Bangalla	121	0,178%	67,407%
Porta / Puerta / Porta Otomana / Porta Ottomana	119	0,175%	67,582%
Rio Paraguay / Paraguai	118	0,174%	67,756%
Laguna	117	0,172%	67,928%
Taguahi / Tagoahi / Taguahy	116	0,171%	68,098%
America Hespanhola / Americas Hespanholas	115	0,169%	68,268%
Berlim / Berlin	114	0,168%	68,435%
Alagoas / Alagoa	112	0,165%	68,600%
Mexico / Megico	110	0,162%	68,762%
Vila Rica	110	0,162%	68,924%
Rio Tejo / Rio Téjo	109	0,160%	69,084%
Goyana / Goyanna /Goiana / Goianna	107	0,157%	69,242%
Moçambique / Mossambique / Muçambique / Messambique	107	0,157%	69,399%
Grecia	105	0,155%	69,554%
Dinamarca	101	0,149%	69,702%
Turquia / Turquia Asiatica /Turquia da Europa / Turquia Europea	101	0,149%	69,851%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Capitania	100	0,147%	69,998%
Rio Douro / Alto Douro	100	0,147%	70,145%
Porto Alegre	99	0,146%	70,291%
Valença / Valencia / Valence	90	0,132%	70,423%
São Sebastião	88	0,129%	70,553%
Constantinopla	87	0,128%	70,681%
Rio Amazonas	86	0,127%	70,807%
Rio Guapore	85	0,125%	70,932%
Alcantara	84	0,124%	71,056%
Rio São Francisco / Rio de São Francisco	84	0,124%	71,180%
Parnahiba / Parnaiba	83	0,122%	71,302%
Suissa / Suiça	82	0,121%	71,422%
Cabinda	80	0,118%	71,540%
Irlanda	80	0,118%	71,658%
Parahiba / Paraiba / Parahyba / Parahiba do Norte	80	0,118%	71,776%
Rio Madeira	80	0,118%	71,893%
Stockolmo / Stckolmo / Estocolmo	80	0,118%	72,011%
Noruega / Norwega	79	0,116%	72,127%
Rio Rheno / Rhim / Baixo Rhim	78	0,115%	72,242%
São Domingo / São Domingos (Ilha)	78	0,115%	72,357%
Espirito Santo	77	0,113%	72,470%
Minho	77	0,113%	72,583%
Polonia / Polonia Austriaca / Polonia Russiana	76	0,112%	72,695%
Estremadura / Extremadura / Extremadura Alta	75	0,110%	72,806%
Itapicuru / Itapucuru / Itapucuró (Villa de Nossa Senhora de Nazareth de)	75	0,110%	72,916%
Caravella / Caravellas	74	0,109%	73,025%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo brut )

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Catalunha / Cataluña	74	0,109%	73,134%
Castella / Castela / Castella Nova / Castella Velha	72	0,106%	73,240%
Rio Elba / Elbo	72	0,106%	73,346%
Lima	71	0,104%	73,450%
Sevilha / Sevilla	70	0,103%	73,553%
China	69	0,102%	73,655%
Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda / Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda	69	0,102%	73,756%
Cuiabá / Cuyabá	66	0,097%	73,853%
Franckfurt / Francfurt / Frankfurt	66	0,097%	73,950%
Bragança	65	0,096%	74,046%
Havre de Grace / Havre de Gracia	65	0,096%	74,142%
Petersburgo / Peterburgo / Petresburgo	65	0,096%	74,237%
Reconcavo / Reconcavos	64	0,094%	74,332%
São Petersburgo	64	0,094%	74,426%
Figueira / Figueiras	63	0,093%	74,518%
Havana / Havanna / Habana / Avana	63	0,093%	74,611%
Vittoria / Victoria / Vitoria	63	0,093%	74,704%
Cabo da Boa Esperança	61	0,090%	74,794%
Mariana / Marianna	61	0,090%	74,883%
Minas Novas	60	0,088%	74,972%
Sicilia / Duas Sicilias	60	0,088%	75,060%
Golfo de Lepanto / Golfo de Corinto	59	0,087%	75,147%
Rio Parnahiba / Parnaiba	59	0,087%	75,234%
Baltimore / Balthimori	57	0,084%	75,317%
Bordeaux / Bourdeaux / Burdeos / Bordeos / Bordo	57	0,084%	75,401%
Iguapa / Iguape	57	0,084%	75,485%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Saragossa / Saragoça	57	0,084%	75,569%
Baiona / Bayoba / Bayonna / Bayonne	55	0,081%	75,650%
Chile / Chili / Chyli	55	0,081%	75,731%
Egipto / Egypto / Egito	55	0,081%	75,812%
Columbia	54	0,079%	75,891%
Pamplona / Pampelona	54	0,079%	75,971%
Cabo Verde (Ilha / Ilhas)	53	0,078%	76,049%
Galiza / Gallizia / Gallitzia / Galicia / Galliza	52	0,077%	76,125%
Rio Tocantins	52	0,077%	76,202%
Barcelona / Barcellona	51	0,075%	76,277%
Baviera / Bavara / Bavaras	51	0,075%	76,352%
Coronha / Corunha	51	0,075%	76,427%
Miarim	51	0,075%	76,502%
Peru / Baixo Peru / Alto Peru	51	0,075%	76,577%
Nova York/ New York / Nueva York	50	0,074%	76,651%
São João d'El Rei / São João d'El Rey	50	0,074%	76,724%
Santo Amaro / San Amaro	49	0,072%	76,796%
Açores (Ilha)	48	0,071%	76,867%
Bella (Ilha)	48	0,071%	76,938%
São Matheus	48	0,071%	77,008%
Benavente / Benevente / Benevento	47	0,069%	77,077%
Moscow / Moskow / Moscou	47	0,069%	77,147%
Navarra	47	0,069%	77,216%
Pastos Bons	47	0,069%	77,285%
Rio das Ostras	47	0,069%	77,354%
Cidade Rodrigo / Ciudad Rodrigo	46	0,068%	77,422%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Filadélfia / Filadelphia / Philadelphia	46	0,068%	77,489%
Paizes Baixos / Paises Baixos	45	0,066%	77,556%
Porto Seguro	45	0,066%	77,622%
Aragão / Aragam	44	0,065%	77,687%
Cordoba / Cordova / Córdoba / Córdova	44	0,065%	77,751%
Pirineos / Pirineus / Pireneos / Pireneos / Pyrineus / Pyrinneus	43	0,063%	77,815%
Sergipe d'El Rei / Sergipe / Seregipe	43	0,063%	77,878%
Amsterdã / Amsterdam / Amsterdão	42	0,062%	77,940%
Antuerpia / Anvers	42	0,062%	78,001%
Falmouth / Flamouth	42	0,062%	78,063%
São Francisco	42	0,062%	78,125%
Venesa / Veneza	42	0,062%	78,187%
Bohemia	41	0,060%	78,247%
Hannover / Hanover	41	0,060%	78,308%
Valparaiso / Valparaizo / Valparayso / Val de Paraiso	41	0,060%	78,368%
Viana / Vianna	41	0,060%	78,428%
Andaluzia/ Andalusia / Andalucia	40	0,059%	78,487%
Sabara	40	0,059%	78,546%
Saxonia	40	0,059%	78,605%
Alentejo / Alem Tejo / Além Téjo	39	0,057%	78,662%
Itapemerim / Itapimirim	39	0,057%	78,720%
Persia	39	0,057%	78,777%
Tras os Montes	39	0,057%	78,834%
Belem	38	0,056%	78,890%
Macao / Macau	38	0,056%	78,946%
Sardanha / Sardenha	38	0,056%	79,002%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Atenas / Athenas	37	0,054%	79,056%
Caxias / Cachias (MA)	37	0,054%	79,111%
Hungria / Ungria	37	0,054%	79,165%
Mangaratiba	37	0,054%	79,220%
Washington / Washington	37	0,054%	79,274%
Varsovia / Warsawia	36	0,053%	79,327%
Boston	35	0,052%	79,379%
Grão Pará / Gram Pará	35	0,052%	79,430%
Ilheos / Ilheus	35	0,052%	79,482%
Rio Danubio / Rio Danúbio	35	0,052%	79,533%
Cotinguiba / Catinguiba / Coinguiba	34	0,050%	79,583%
Curitiba / Coretiba / Curetiba	34	0,050%	79,633%
Guernesey (Ilha no Canal da Mancha)	34	0,050%	79,683%
Rio Araguaya	34	0,050%	79,733%
Ubatuba	34	0,050%	79,783%
Wittenberg / Wirtembergh / Wirtebourg / Winnersburgo	34	0,050%	79,833%
Bruxelas / Burxelles / Bruxellas / Bucelas	33	0,049%	79,882%
Entre Rios	33	0,049%	79,931%
Gotemburgo / Gothemburg	33	0,049%	79,979%
Guimarães	33	0,049%	80,028%
Rio Mamore	33	0,049%	80,076%
Copenhage / Copenhagem	32	0,047%	80,123%
Itaparica (Ilha)	32	0,047%	80,170%
Badajós / Badajoz	31	0,046%	80,216%
Itu / Ytu	31	0,046%	80,262%
Lamego	31	0,046%	80,307%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Dresdem / Dresden / Dresde / Desda	30	0,044%	80,351%
Silesia / Silesia Inferior	30	0,044%	80,396%
Guaratiba / Guaratyba	29	0,043%	80,438%
Marsella / Marselha / Marseille	29	0,043%	80,481%
Nova Holanda / Nova Hollanda	29	0,043%	80,524%
Boa /Boa de Goiaz (Vila)	28	0,041%	80,565%
Flandres / Flandes	28	0,041%	80,606%
Goa	28	0,041%	80,647%
Nazareth	28	0,041%	80,688%
Rio Grande do Norte	28	0,041%	80,730%
Rio Jauru	28	0,041%	80,771%
Salamanca	28	0,041%	80,812%
São Félix / São Felis (Arraial) - PA	28	0,041%	80,853%
Barbacena	27	0,040%	80,893%
Rio Itapucuru	27	0,040%	80,933%
Rio Pruth	27	0,040%	80,972%
Santa Cruz	27	0,040%	81,012%
São José	27	0,040%	81,052%
Canadá / Alto Canadá	26	0,038%	81,090%
Caracas	26	0,038%	81,128%
Finlandia / Finland	26	0,038%	81,167%
Genova	26	0,038%	81,205%
Guiné	26	0,038%	81,243%
Itapucuru-Mirim	26	0,038%	81,281%
Jacobina / Jacubina	26	0,038%	81,320%
Jersey / Gersey	26	0,038%	81,358%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Leão / Lyon / Lião (Ilha)	26	0,038%	81,396%
Província Cisplatina / Província Oriental	26	0,038%	81,434%
Rio Real	26	0,038%	81,473%
São Thomé (Ilha)	26	0,038%	81,511%
Almeida	25	0,037%	81,548%
Milão	25	0,037%	81,584%
Pomerania / Pomerania Sueca	25	0,037%	81,621%
Trieste	25	0,037%	81,658%
Maragogipe (Villa de São Bartholomeu de)	24	0,035%	81,693%
Moldavia	24	0,035%	81,729%
Odesa / Odessa	24	0,035%	81,764%
Praia Grande / São Domingos da Praia Grande	24	0,035%	81,799%
Real (Vila) - PE	24	0,035%	81,835%
São Vicente	24	0,035%	81,870%
Vimeiro	24	0,035%	81,905%
Angoulene / Angouleme	23	0,034%	81,939%
Conde (Vila) - PE - PA	23	0,034%	81,973%
Costa da Mina	23	0,034%	82,007%
Fogo (Ilha)	23	0,034%	82,041%
Malaga	23	0,034%	82,074%
Munich	23	0,034%	82,108%
Nantes	23	0,034%	82,142%
Nova Hespanha / Nueva España	23	0,034%	82,176%
Portsmouth	23	0,034%	82,210%
Rio Negro	23	0,034%	82,244%
Rio Pardo	23	0,034%	82,278%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Santa Fé	23	0,034%	82,311%
Santa Helena (Ilha de)	23	0,034%	82,345%
Baden / Bade	22	0,032%	82,378%
Cartagena / Carthagen	22	0,032%	82,410%
Colombia	22	0,032%	82,442%
Leiria	22	0,032%	82,475%
Lerida	22	0,032%	82,507%
Oeyras do Pihahuhi	22	0,032%	82,539%
Parecis (Serras)	22	0,032%	82,572%
Rio Paraná / Paranan	22	0,032%	82,604%
Sant-Iago / Santiago	22	0,032%	82,637%
São Miguel (Ilha)	22	0,032%	82,669%
Arribada / Arribado	21	0,031%	82,700%
Escocia	21	0,031%	82,731%
Joannes (Ilha) / Ilha da Marajós / Marajó (Ilha)	21	0,031%	82,762%
Piemonte / Piamont	21	0,031%	82,793%
Pontal / Puntal (Aldeia)	21	0,031%	82,823%
Príncipe (Ilha)	21	0,031%	82,854%
Rio Cuyaba / Rio Cuiaba	21	0,031%	82,885%
Rio das Mortes (comarca)	21	0,031%	82,916%
Rio Doce	21	0,031%	82,947%
Santa Luzia do Rio Real (Arraial)	21	0,031%	82,978%
Saumur	21	0,031%	83,009%
Valaquia / Vallaquia / Valachia/ Vallachia / Vallequia	21	0,031%	83,040%
Antilha / Antilhas	20	0,029%	83,069%
Braga	20	0,029%	83,099%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Caite / Caete / Cayté (MG)	20	0,029%	83,128%
Cananéia / Cananéa / Cananéa	20	0,029%	83,157%
Faiol / Fayal / Fayal / Fail / Fayol / Faial (Ilha de)	20	0,029%	83,187%
Fortaleza / Fortalesa	20	0,029%	83,216%
Inhambupe / Inhanhambupe (Villa)	20	0,029%	83,246%
Mina	20	0,029%	83,275%
Natividade (Arraial)	20	0,029%	83,305%
Oeira /Oeiras	20	0,029%	83,334%
Palma	20	0,029%	83,363%
Salvador / São Salvador / Sam Salvador	20	0,029%	83,393%
Tenerife / Tanarife (Ilha)	20	0,029%	83,422%
Valhadolid / Valladolid	20	0,029%	83,452%
America Ingleza / América Ingleza	19	0,028%	83,480%
Burgos	19	0,028%	83,508%
Capitania do Rio Negro	19	0,028%	83,536%
Genebra	19	0,028%	83,564%
Gerona / Girona	19	0,028%	83,592%
Granada	19	0,028%	83,620%
Rio Preto	19	0,028%	83,647%
Serro do Frio (Arrail do Tejuco do)	19	0,028%	83,675%
Terceira (Ilha)	19	0,028%	83,703%
Vera Cruz / Veracruz	19	0,028%	83,731%
Alicante	18	0,026%	83,758%
Campo Maior (MA)	18	0,026%	83,784%
Colonia / Colonia de Sacramento	18	0,026%	83,811%
Jônicas / Jônias / Jomeas (Ilha/Ilhas)	18	0,026%	83,837%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Murcia	18	0,026%	83,864%
Rio Arinos	18	0,026%	83,890%
Siberia	18	0,026%	83,917%
Terragona / Tarragona	18	0,026%	83,943%
Tury (MA)	18	0,026%	83,970%
Bourbon (Ilha)	17	0,025%	83,995%
Cabello de Velha (Baía no Maranhão)	17	0,025%	84,020%
Haia / Haya	17	0,025%	84,045%
Haiti / Hayti	17	0,025%	84,070%
Loanda	17	0,025%	84,095%
Maldonado	17	0,025%	84,120%
Malta (Ilha de)	17	0,025%	84,145%
Meia Ponte (Arraial)	17	0,025%	84,170%
Nova (Vila)	17	0,025%	84,195%
Nova Friburgo	17	0,025%	84,220%
Praga	17	0,025%	84,245%
Rio Sena / Rio Senna	17	0,025%	84,270%
Salem / Sallem	17	0,025%	84,295%
São Pedro	17	0,025%	84,320%
Toscana	17	0,025%	84,345%
Trahiras / Trairas (Arraial) - PA	17	0,025%	84,370%
Wagram	17	0,025%	84,395%
Alexandria	16	0,024%	84,419%
Bremen	16	0,024%	84,442%
Brunswick	16	0,024%	84,466%
Cartago / Carthago	16	0,024%	84,489%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Esparta / Sparta / Espartha	16	0,024%	84,513%
Estreito de Dardanellos	16	0,024%	84,536%
Guaraparim / Guapareim	16	0,024%	84,560%
Hespanha / Espanha	16	0,024%	84,583%
Paraguay / Paragay	16	0,024%	84,607%
Rio das Velhas	16	0,024%	84,630%
Rio Jamari / Jmary	16	0,024%	84,654%
Santa Maria	16	0,024%	84,678%
Strasburgo	16	0,024%	84,701%
Tilsit	16	0,024%	84,725%
Turim / Turin	16	0,024%	84,748%
Verona	16	0,024%	84,772%
Zurich	16	0,024%	84,795%
Augsburgo / Ausburgo	15	0,022%	84,817%
Caiena / Cayena / Cayenna	15	0,022%	84,839%
Guaira / Guayra	15	0,022%	84,861%
Guttenburgo / Gottenburgo	15	0,022%	84,884%
Levante	15	0,022%	84,906%
Macedonia / Macedônia	15	0,022%	84,928%
Morea	15	0,022%	84,950%
Pillar (Arraial)	15	0,022%	84,972%
Rio Baures	15	0,022%	84,994%
Rio Ebro	15	0,022%	85,016%
Rio Maranhão	15	0,022%	85,038%
Santarem	15	0,022%	85,060%
Wurtemberg	15	0,022%	85,082%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
York / Yorck	15	0,022%	85,104%
Aix-la-Chapele / Aachen	14	0,021%	85,125%
Asturias /Austurias	14	0,021%	85,145%
Elvas	14	0,021%	85,166%
Etruria	14	0,021%	85,187%
Faro	14	0,021%	85,207%
Guadalupe / Guadeloupe (Ilha)	14	0,021%	85,228%
Leipsic / Leipsick / Lespzig	14	0,021%	85,248%
Magdeburg / Magdeburgo	14	0,021%	85,269%
Mayence	14	0,021%	85,290%
Moravia	14	0,021%	85,310%
Reino Unido	14	0,021%	85,331%
São João / São João da Luz	14	0,021%	85,351%
São João da Barra / São João da Barra da Parnaíba /São João da Parnahiba	14	0,021%	85,372%
Sorocaba	14	0,021%	85,393%
Tejuco / Tijuco (Arraial)	14	0,021%	85,413%
Thouars	14	0,021%	85,434%
Vigo	14	0,021%	85,454%
Wellington	14	0,021%	85,475%
Altas (Aldeia)	13	0,019%	85,494%
America Portuguesa / América Portuguesa / America Portuguesa	13	0,019%	85,513%
Basle	13	0,019%	85,532%
Bilbao / Bilbao / Bisbal	13	0,019%	85,552%
Boa Vista (Ilha)	13	0,019%	85,571%
Cajapió	13	0,019%	85,590%
Carlsbad / Carlsbadt	13	0,019%	85,609%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Coburg / Coburgo	13	0,019%	85,628%
Confederação do Reno / Confederação do Rhim	13	0,019%	85,647%
Cuba	13	0,019%	85,666%
Desterro / Nossa Senhora do Desterro (Villa)	13	0,019%	85,685%
Hull	13	0,019%	85,705%
Jaguaripe / Jagoaripe (Villa)	13	0,019%	85,724%
Norfolk / Norffok	13	0,019%	85,743%
Nuremberg	13	0,019%	85,762%
Palermo	13	0,019%	85,781%
Plymout / Plymouth	13	0,019%	85,800%
Salinas / Sallinas	13	0,019%	85,819%
Venezuela	13	0,019%	85,839%
Vizeu / Viseu	13	0,019%	85,858%
Westfalia / Vestfalia	13	0,019%	85,877%
Alcobaça / Alcobaca	12	0,018%	85,894%
Arrayas / Arraias (Arraial)	12	0,018%	85,912%
Averstadt	12	0,018%	85,930%
Cabo de Santo Agostinho / Cabo de São Agostinho	12	0,018%	85,947%
Canarias (Ilhas)	12	0,018%	85,965%
Cavalcante (Arraial) - (PA)	12	0,018%	85,983%
Cidades Hanseaticas / Cidades Anseaticas	12	0,018%	86,000%
Evora	12	0,018%	86,018%
Flores (Arraial)	12	0,018%	86,036%
Índias Ocidentais / Índias Occidentaes	12	0,018%	86,053%
Jamaica	12	0,018%	86,071%
Meissen	12	0,018%	86,089%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Panamá	12	0,018%	86,106%
Pirajá	12	0,018%	86,124%
Porto Real (Arraial)	12	0,018%	86,142%
Quilimane	12	0,018%	86,159%
Ragusa / Raguza	12	0,018%	86,177%
Rio Dwina	12	0,018%	86,195%
Rio Escalda	12	0,018%	86,212%
Rio Miirim	12	0,018%	86,230%
Santa Anna	12	0,018%	86,248%
São João das Duas Barras (Arraial)	12	0,018%	86,265%
Toledo	12	0,018%	86,283%
Tomar / Thomar	12	0,018%	86,301%
Toulon	12	0,018%	86,318%
Toulouse / Toulouse	12	0,018%	86,336%
Troia / Troya	12	0,018%	86,354%
Tyrol	12	0,018%	86,371%
Urgel	12	0,018%	86,389%
Valmasseda	12	0,018%	86,407%
Angra (Açores)	11	0,016%	86,423%
Banda Oriental do Rio da Prata / Banda Oriental del Rio de la Plata / Banda Oriental	11	0,016%	86,439%
Bautzen	11	0,016%	86,455%
Cabo de Horn / Cabo de Horne	11	0,016%	86,471%
Cametá (Villa)	11	0,016%	86,487%
Corfu /Corcira (Ilha)	11	0,016%	86,504%
Dantzic / Dantzick / Danzick	11	0,016%	86,520%
Galles	11	0,016%	86,536%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Gruparim	11	0,016%	86,552%
Konigsberg	11	0,016%	86,568%
Liorne	11	0,016%	86,585%
Magé	11	0,016%	86,601%
Nova da Rainha (Vila)	11	0,016%	86,617%
Oliveira / Olivense	11	0,016%	86,633%
Orange	11	0,016%	86,649%
Paracatu	11	0,016%	86,665%
Paraná	11	0,016%	86,682%
Parma	11	0,016%	86,698%
Pitangui (MG)	11	0,016%	86,714%
Pombal	11	0,016%	86,730%
Riga	11	0,016%	86,746%
Rio Parahiba / Paraiba	11	0,016%	86,763%
Rio Vermelho	11	0,016%	86,779%
Rochella / Rochelle / Rochele / La Rochelle	11	0,016%	86,795%
Saalfeld	11	0,016%	86,811%
São Bernardo / São Bernardo da Parnahiba	11	0,016%	86,827%
São Pedro do Cantagalo / Canta-Gallo	11	0,016%	86,844%
Saxe	11	0,016%	86,860%
Talaveira / Talavera	11	0,016%	86,876%
Terra de Santa Cruz	11	0,016%	86,892%
Thuringuen	11	0,016%	86,908%
Alger	10	0,015%	86,923%
Argel	10	0,015%	86,938%
Assumpção / Assunção	10	0,015%	86,952%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Belgica / Belgium	10	0,015%	86,967%
Bern / Berne (Cantão)	10	0,015%	86,982%
Bolonha /Boltanha	10	0,015%	86,997%
Brest	10	0,015%	87,011%
Cabo de São Roque	10	0,015%	87,026%
Carcavellos	10	0,015%	87,041%
Chaves (PA)	10	0,015%	87,055%
Duro (Aldeia)	10	0,015%	87,070%
Guaratuba	10	0,015%	87,085%
Iguara	10	0,015%	87,100%
Japão	10	0,015%	87,114%
Jerusalem / Jerusalém	10	0,015%	87,129%
Lourinhã / Lourinha / Lourinham	10	0,015%	87,144%
Lubeck	10	0,015%	87,158%
Macacu	10	0,015%	87,173%
Mentz	10	0,015%	87,188%
Penedo	10	0,015%	87,203%
Queluz / Quelus (MG)	10	0,015%	87,217%
Regoa	10	0,015%	87,232%
Rio Aguapehy	10	0,015%	87,247%
Rio Tapajos	10	0,015%	87,261%
São Gonçalo	10	0,015%	87,276%
São Nicolau (Ilha)	10	0,015%	87,291%
Setubal	10	0,015%	87,306%
Smyrna	10	0,015%	87,320%
Stralsund	10	0,015%	87,335%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Tolosa / Toloza / Tolousa	10	0,015%	87,350%
Tortosa	10	0,015%	87,364%
Tunes / Tunis	10	0,015%	87,379%
Uruguai /Uruguay / Uruguay	10	0,015%	87,394%
Velha (Aldeia)	10	0,015%	87,409%
Austerlitz	9	0,013%	87,422%
Baçaim	9	0,013%	87,435%
Berri / Berry	9	0,013%	87,448%
Breslau /Breslaw	9	0,013%	87,462%
Cairu	9	0,013%	87,475%
Calatayud	9	0,013%	87,488%
Campanha da Princesa / Princeza	9	0,013%	87,501%
Cervera	9	0,013%	87,515%
Chiquitos / Xiquitos	9	0,013%	87,528%
Congo	9	0,013%	87,541%
Dijon	9	0,013%	87,554%
Dourada (Serra)	9	0,013%	87,568%
Drak	9	0,013%	87,581%
Elba (Ilha)	9	0,013%	87,594%
Hydra (Ilha)	9	0,013%	87,607%
Índias Orientais / Índias Orientaes / Índia Oriental	9	0,013%	87,620%
Lille	9	0,013%	87,634%
Lombardia	9	0,013%	87,647%
Mancha	9	0,013%	87,660%
Mecklenburg / Mecklenburgo	9	0,013%	87,673%
Mochos / Moxos	9	0,013%	87,687%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Nova Guiné / Nueva Guinea	9	0,013%	87,700%
Orleans	9	0,013%	87,713%
Ourique	9	0,013%	87,726%
Peza / Pezo	9	0,013%	87,740%
Ponta Delgada	9	0,013%	87,753%
Reino de Portugal e Algarve / Reinos de Portugal e Algarves	9	0,013%	87,766%
Rio Branco	9	0,013%	87,779%
Rio Calindé	9	0,013%	87,793%
Rio Gorugueia	9	0,013%	87,806%
Rio Jequitinhonha	9	0,013%	87,819%
Rio Sarare	9	0,013%	87,832%
Santo Antonio de Sá	9	0,013%	87,846%
São Bartholomeu (Ilha)	9	0,013%	87,859%
São Carlos	9	0,013%	87,872%
São Jorge (Ilha)	9	0,013%	87,885%
São Pedro de Alcantara	9	0,013%	87,899%
Schleswig	9	0,013%	87,912%
Servia	9	0,013%	87,925%
Sobral (MA)	9	0,013%	87,938%
Stuttgart	9	0,013%	87,952%
Tarragona	9	0,013%	87,965%
Tucuman	9	0,013%	87,978%
Abrantes	8	0,012%	87,990%
Albania / Alta Albania / Baixa Albania	8	0,012%	88,002%
Alpes	8	0,012%	88,013%
Andujar	8	0,012%	88,025%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Arapiles / Arrapiles / Arepiles / Arepilles	8	0,012%	88,037%
Aveiro	8	0,012%	88,049%
Batavia	8	0,012%	88,060%
Bayen / Baye	8	0,012%	88,072%
Beja	8	0,012%	88,084%
Bretanha / Baixa Bretanha / Bretagne	8	0,012%	88,096%
Bristol	8	0,012%	88,108%
Calcutta / Calcuttã	8	0,012%	88,119%
Cambridge	8	0,012%	88,131%
Canavieiras	8	0,012%	88,143%
Carmo (Arraial)	8	0,012%	88,155%
Cephalonica (Ilha de)	8	0,012%	88,166%
Ceuta / Ceuto	8	0,012%	88,178%
Chafalote	8	0,012%	88,190%
Crato (PA)	8	0,012%	88,202%
Dunquerque / Dunkerque	8	0,012%	88,213%
Erfurt / Erfurth	8	0,012%	88,225%
França (Ilha)	8	0,012%	88,237%
Freyburg	8	0,012%	88,249%
Hockkirch / Hochkitch	8	0,012%	88,261%
Itapagipe	8	0,012%	88,272%
Kanso	8	0,012%	88,284%
Liege	8	0,012%	88,296%
Lusacia / Baixa Lusacia	8	0,012%	88,308%
Malhorca (Ilha)	8	0,012%	88,319%
Maria (Aldeia)	8	0,012%	88,331%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Marrocos	8	0,012%	88,343%
Memel	8	0,012%	88,355%
Merida	8	0,012%	88,367%
Molembo	8	0,012%	88,378%
Neufchatel / Neufechatel	8	0,012%	88,390%
Niemem / Niemen	8	0,012%	88,402%
Nova Coimbra	8	0,012%	88,414%
Nova Zelandia	8	0,012%	88,425%
Ouro Fino (Arraial)	8	0,012%	88,437%
Peniche	8	0,012%	88,449%
Pest	8	0,012%	88,461%
Placencia	8	0,012%	88,472%
Porto Bello	8	0,012%	88,484%
Quito	8	0,012%	88,496%
Rio Claro	8	0,012%	88,508%
Rio Ipané-uaçu	8	0,012%	88,520%
Rio Katzbach	8	0,012%	88,531%
Rio Oder	8	0,012%	88,543%
Rio Tiete	8	0,012%	88,555%
Rio Tormes	8	0,012%	88,567%
Rio Verde	8	0,012%	88,578%
Santo Amaro da Purificação (Vila)	8	0,012%	88,590%
Santo Antonio / Santo Antonio de Alcântara	8	0,012%	88,602%
Serra Leoa	8	0,012%	88,614%
Tocantins	8	0,012%	88,625%
Troplitz / Troeplitz	8	0,012%	88,637%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Vicencia / Vicenza	8	0,012%	88,649%
Virginia	8	0,012%	88,661%
Witepsk	8	0,012%	88,673%
Wurtzbourg / Wurtzburg / Wurtzbourg / Wurizbourg	8	0,012%	88,684%
Zante / Zamte (Ilha)	8	0,012%	88,696%
Abo	7	0,010%	88,706%
Adem	7	0,010%	88,717%
Albuera / Albuhera	7	0,010%	88,727%
Amazonas	7	0,010%	88,737%
Anta (Arraial)	7	0,010%	88,748%
Arminia	7	0,010%	88,758%
Astorga	7	0,010%	88,768%
Barba del Puerco	7	0,010%	88,779%
Belgrado / Belegrado	7	0,010%	88,789%
Bessarabia	7	0,010%	88,799%
Bucharest	7	0,010%	88,809%
Cambray	7	0,010%	88,820%
Capodistria / Capo d'Istria / Koper	7	0,010%	88,830%
Crixá / Crixaz (Arraial)	7	0,010%	88,840%
Dessau / Dessaw	7	0,010%	88,851%
Dio / Diu	7	0,010%	88,861%
Eckmuhl / Eckmuhi / Eckmubl	7	0,010%	88,871%
Elseneure / Elseneur / Elsineur / Elsinure / Helsingor / Helsenor	7	0,010%	88,882%
Epiro	7	0,010%	88,892%
Equador	7	0,010%	88,902%
Estreito de Magalhães	7	0,010%	88,912%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Etoges	7	0,010%	88,923%
Flessinga	7	0,010%	88,933%
Florença / Florencia	7	0,010%	88,943%
Fontainebleau	7	0,010%	88,954%
Funchal	7	0,010%	88,964%
Goruparim / Gruparim	7	0,010%	88,974%
Greenwich (Meridiano)	7	0,010%	88,985%
Heligoland	7	0,010%	88,995%
Hereges	7	0,010%	89,005%
Ibiapaba (Serra)	7	0,010%	89,015%
Icatu	7	0,010%	89,026%
Janina / Jannina	7	0,010%	89,036%
Manchester	7	0,010%	89,046%
Maricá	7	0,010%	89,057%
Medina del Campo	7	0,010%	89,067%
Metternich	7	0,010%	89,077%
Miranda	7	0,010%	89,088%
Montpellier / Monn	7	0,010%	89,098%
Natal	7	0,010%	89,108%
Nossa Senhora do Rozario do Itapucuru	7	0,010%	89,118%
Nova Granada	7	0,010%	89,129%
Olhao	7	0,010%	89,139%
Oviedo	7	0,010%	89,149%
Patagonia / Patagoaes	7	0,010%	89,160%
Peloponeso	7	0,010%	89,170%
Pinhel	7	0,010%	89,180%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Piracatu	7	0,010%	89,191%
Porto Cabello	7	0,010%	89,201%
Porto Feliz	7	0,010%	89,211%
Potosi / Potosí	7	0,010%	89,221%
Presburgo	7	0,010%	89,232%
Puebla	7	0,010%	89,242%
Rezende / Resende	7	0,010%	89,252%
Rio Beny	7	0,010%	89,263%
Rio de São Simão	7	0,010%	89,273%
Rio do Peixe	7	0,010%	89,283%
Rio Irusui	7	0,010%	89,294%
Rio Mosela / Mosella / Moselle	7	0,010%	89,304%
Rio Nivette	7	0,010%	89,314%
Rio Piauhi	7	0,010%	89,324%
Rio Taquari / Rio Taquary	7	0,010%	89,335%
Rivoli	7	0,010%	89,345%
Santa Cruz (Arraial)	7	0,010%	89,355%
Santa Maria (Ilha)	7	0,010%	89,366%
Santa Maria de Maricá	7	0,010%	89,376%
Santa Rita (Arraial)	7	0,010%	89,386%
São Antão	7	0,010%	89,397%
São Francisco (Vila / Villa)	7	0,010%	89,407%
São João do Principe	7	0,010%	89,417%
Schwartzenberg	7	0,010%	89,427%
Sepitiba	7	0,010%	89,438%
Tartaria	7	0,010%	89,448%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Thessalia	7	0,010%	89,458%
Trancoso / Trancozo	7	0,010%	89,469%
Viçosa / Viçosa	7	0,010%	89,479%
Xeres / Xerez	7	0,010%	89,489%
Alba	6	0,009%	89,498%
Alsacia	6	0,009%	89,507%
Andes (Codilheira)	6	0,009%	89,516%
Anholt	6	0,009%	89,525%
Antonina	6	0,009%	89,533%
Arabia	6	0,009%	89,542%
Aracati (MA)	6	0,009%	89,551%
Bananal (Ilha)	6	0,009%	89,560%
Berg	6	0,009%	89,569%
Bergerdof / Bergadorf	6	0,009%	89,578%
Bissau / Bissao	6	0,009%	89,586%
Borisow / Borisow Velho	6	0,009%	89,595%
Bosnia	6	0,009%	89,604%
Brisgau / Brisgaw	6	0,009%	89,613%
Cabrobó (PE)	6	0,009%	89,622%
Calabria	6	0,009%	89,631%
Cariris / Cariri-Novo / Cariris Novos (Serra)	6	0,009%	89,639%
Carpio	6	0,009%	89,648%
Chateau-Thierry	6	0,009%	89,657%
Conceição (Arraial)	6	0,009%	89,666%
Confederação Germânica	6	0,009%	89,675%
Cuxhaven	6	0,009%	89,683%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Desemboque (Arraial)	6	0,009%	89,692%
Edimburgo / Edinburgo	6	0,009%	89,701%
Engenho Velho	6	0,009%	89,710%
Florida / Florida Ocidental / Florida Oriental	6	0,009%	89,719%
Glasgow / Glaschkow / Glasgow	6	0,009%	89,728%
Goldberg / Goldeberg	6	0,009%	89,736%
Guadalaxara	6	0,009%	89,745%
Guarda	6	0,009%	89,754%
Guiana / Guyana / Guyanne	6	0,009%	89,763%
Harburg	6	0,009%	89,772%
Horta	6	0,009%	89,781%
Inhamerim / Innhamerim / Inhomerim	6	0,009%	89,789%
Iraja	6	0,009%	89,798%
Irum / Irun	6	0,009%	89,807%
Israel	6	0,009%	89,816%
Itanhaen /Itanhaé	6	0,009%	89,825%
Jaca	6	0,009%	89,834%
Jassy / Jassi	6	0,009%	89,842%
Jerumenha	6	0,009%	89,851%
Juterbock	6	0,009%	89,860%
Longwood	6	0,009%	89,869%
Lorca	6	0,009%	89,878%
Madagastar (Ilha)	6	0,009%	89,887%
Mafra	6	0,009%	89,895%
Mahon	6	0,009%	89,904%
Malabar	6	0,009%	89,913%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Mantiqueira (Serra)	6	0,009%	89,922%
Martinica	6	0,009%	89,931%
Marvão	6	0,009%	89,940%
Massaió	6	0,009%	89,948%
Mogi das Cruzes / Mogy das Cruzes	6	0,009%	89,957%
Monjuich	6	0,009%	89,966%
Murviedro	6	0,009%	89,975%
Nossa Senhora da Conceição (Arraial)	6	0,009%	89,984%
Obidos	6	0,009%	89,992%
Orense / Orenze	6	0,009%	90,001%
Ostrovno	6	0,009%	90,010%
Ouro Preto	6	0,009%	90,019%
Parati	6	0,009%	90,028%
Pesth	6	0,009%	90,037%
Porto Santo (Ilha)	6	0,009%	90,045%
Províncias Ultramarinas / Provincias do Ultramar	6	0,009%	90,054%
Ratisbenna / Ratisbona / Ratisbonna	6	0,009%	90,063%
Rennes	6	0,009%	90,072%
Rheims / Reims (França)	6	0,009%	90,081%
Rio Alegre	6	0,009%	90,090%
Rio Chingú	6	0,009%	90,098%
Rio das Contas	6	0,009%	90,107%
Rio das Contas (Vila)	6	0,009%	90,116%
Rio de Piloens / Rio Piloens / Rio de Pilloens	6	0,009%	90,125%
Rio Ganges	6	0,009%	90,134%
Rio Guadiana / Rio Guadianna	6	0,009%	90,143%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Icatimy / Rio Igoatimy	6	0,009%	90,151%
Rio Jureuna	6	0,009%	90,160%
Rio Loire	6	0,009%	90,169%
Rio Pó	6	0,009%	90,178%
Rio Puti	6	0,009%	90,187%
Rio Sipotuba	6	0,009%	90,196%
Rochfort / Rochefort / Rockefeller	6	0,009%	90,204%
Rocio / Roccio	6	0,009%	90,213%
Rouen	6	0,009%	90,222%
Rudschuck (Ilha)	6	0,009%	90,231%
Salta (Província)	6	0,009%	90,240%
Sandwich (Ilha / Ilhas)	6	0,009%	90,249%
Santa Martha / Santa Marta	6	0,009%	90,257%
São Simão	6	0,009%	90,266%
Sarra	6	0,009%	90,275%
Sertão	6	0,009%	90,284%
Soleure	6	0,009%	90,293%
Sontonha	6	0,009%	90,302%
Tamatave	6	0,009%	90,310%
Tarento	6	0,009%	90,319%
Taubaté / Taubathé	6	0,009%	90,328%
Terra Nova	6	0,009%	90,337%
Timor	6	0,009%	90,346%
Torgau	6	0,009%	90,354%
Tutoia/Tutoya	6	0,009%	90,363%
Westminister / Westminster	6	0,009%	90,372%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Acapulco	5	0,007%	90,379%
Alba de Tormes / Alba Torres	5	0,007%	90,387%
Alfaiates	5	0,007%	90,394%
Almeria	5	0,007%	90,402%
Amarante	5	0,007%	90,409%
Anhone	5	0,007%	90,416%
Aremberg	5	0,007%	90,424%
Aschaffenburg / Ascheffenbourg	5	0,007%	90,431%
Assu	5	0,007%	90,438%
Australazia / Austrolazia / Austrulazia	5	0,007%	90,446%
Babilonia / Babylonia	5	0,007%	90,453%
Barbaria	5	0,007%	90,460%
Barcellos	5	0,007%	90,468%
Bastan	5	0,007%	90,475%
Bebiribe	5	0,007%	90,482%
Biscaia / Biscaya	5	0,007%	90,490%
Bombaim / Mumbai	5	0,007%	90,497%
Callais	5	0,007%	90,505%
Carolina / Carolina Meridional / Carolina Septentrional	5	0,007%	90,512%
Castilhos / Castilhos Chicos	5	0,007%	90,519%
Castries	5	0,007%	90,527%
Chalons	5	0,007%	90,534%
Cherbourgo	5	0,007%	90,541%
Chipre / Chypre (Ilha)	5	0,007%	90,549%
Confederação Suissa	5	0,007%	90,556%
Corumbá (Arraial)	5	0,007%	90,563%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Covilhão / Covilhan	5	0,007%	90,571%
Cuenca / Cuença	5	0,007%	90,578%
Cusco / Cuzco	5	0,007%	90,586%
Dalmacia	5	0,007%	90,593%
Dusseldorf	5	0,007%	90,600%
Eckmuhl / Ekmuhl	5	0,007%	90,608%
Erie	5	0,007%	90,615%
Estreito de Bebring / Behring	5	0,007%	90,622%
Estreito de Bosforo / Bosphoro	5	0,007%	90,630%
Ferrol	5	0,007%	90,637%
Franca (Vila) - PA	5	0,007%	90,644%
Frederickstadt	5	0,007%	90,652%
Gomarra	5	0,007%	90,659%
Gorlitz	5	0,007%	90,666%
Grisões (Cantões Suissos)	5	0,007%	90,674%
Helsingborg / Helsimburg	5	0,007%	90,681%
Hussares	5	0,007%	90,689%
Inhauma	5	0,007%	90,696%
Istria	5	0,007%	90,703%
Itagoahi / Itagoahy	5	0,007%	90,711%
Itapoan	5	0,007%	90,718%
Laponia	5	0,007%	90,725%
Lausanne	5	0,007%	90,733%
Lebrilla / Lebrija	5	0,007%	90,740%
Lebzelttern	5	0,007%	90,747%
Leyden / Leiden / Leyde / Leide	5	0,007%	90,755%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Lichteinstein / Lichteinstein	5	0,007%	90,762%
Londonderry	5	0,007%	90,769%
Lorena	5	0,007%	90,777%
Lucca	5	0,007%	90,784%
Luzitania / Lusitania	5	0,007%	90,792%
Lysia / Lisia	5	0,007%	90,799%
Maia	5	0,007%	90,806%
Maio (Ilha de)	5	0,007%	90,814%
Malmoe	5	0,007%	90,821%
Marambaia	5	0,007%	90,828%
Massachuset / Massachusetts / Massachusetts	5	0,007%	90,836%
Mendonça / Mendosa / Mendoza	5	0,007%	90,843%
Monfort / Monforte	5	0,007%	90,850%
Monterrey	5	0,007%	90,858%
Montreal / Montreau	5	0,007%	90,865%
Neusiedel	5	0,007%	90,872%
Neuville	5	0,007%	90,880%
Nossa Senhora do Livramento do Parnauá (Villa)	5	0,007%	90,887%
Nova Orleans / New Orleans	5	0,007%	90,895%
Oldenburg /Oldemburgo	5	0,007%	90,902%
Picardia	5	0,007%	90,909%
Pilloens (Arraial)	5	0,007%	90,917%
Polotsk	5	0,007%	90,924%
Porto do Príncipe	5	0,007%	90,931%
Porto Rico	5	0,007%	90,939%
Potsdam	5	0,007%	90,946%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Praia / Praya (Villa)	5	0,007%	90,953%
Províncias Unidas	5	0,007%	90,961%
Ribeira	5	0,007%	90,968%
Rio Agueda	5	0,007%	90,975%
Rio Carara	5	0,007%	90,983%
Rio Corumba	5	0,007%	90,990%
Rio Curumbiara	5	0,007%	90,998%
Rio da Tornea	5	0,007%	91,005%
Rio das Almas	5	0,007%	91,012%
Rio de Contas	5	0,007%	91,020%
Rio de São Francisco do Sul	5	0,007%	91,027%
Rio de São Lourenço	5	0,007%	91,034%
Rio do Sumidouro	5	0,007%	91,042%
Rio Duro	5	0,007%	91,049%
Rio Grande de São João	5	0,007%	91,056%
Rio Juina	5	0,007%	91,064%
Rio Longa	5	0,007%	91,071%
Rio Mondego	5	0,007%	91,078%
Rio Pontal	5	0,007%	91,086%
Rio Saale	5	0,007%	91,093%
Rio Sucuri / Sucuriu	5	0,007%	91,101%
Rio Uruguay	5	0,007%	91,108%
Rio Zaire	5	0,007%	91,115%
Rogerswick	5	0,007%	91,123%
Roliças	5	0,007%	91,130%
Rosas	5	0,007%	91,137%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rugen (Ilha)	5	0,007%	91,145%
Saint Aignan	5	0,007%	91,152%
Salina de Almeida	5	0,007%	91,159%
Santa Barbara	5	0,007%	91,167%
Santa Cruz de la Sierra	5	0,007%	91,174%
São Christovão	5	0,007%	91,181%
São José de Mossamedes	5	0,007%	91,189%
São Tiago (Ilha)	5	0,007%	91,196%
Schaffhausen / Schaffhouse	5	0,007%	91,204%
Spezia / Spessia (Ilha)	5	0,007%	91,211%
Syria	5	0,007%	91,218%
Tayti (Ilha)	5	0,007%	91,226%
Thebas	5	0,007%	91,233%
Transilvania	5	0,007%	91,240%
Truenbritzen / Truenbrietzen	5	0,007%	91,248%
Utrecht / Utrech	5	0,007%	91,255%
Vitrolles	5	0,007%	91,262%
Agua-Quente (Arraial)	4	0,006%	91,268%
Aland (Ilha)	4	0,006%	91,274%
Albuquerque (Serra / Serras)	4	0,006%	91,280%
Alemanes	4	0,006%	91,286%
Alemquer / Alenquer (Paraíba)	4	0,006%	91,292%
Algezirias / Algeciras	4	0,006%	91,298%
Ancona	4	0,006%	91,304%
Aranjuez	4	0,006%	91,309%
Araxá (Arraial)	4	0,006%	91,315%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Archangel	4	0,006%	91,321%
Armenia	4	0,006%	91,327%
Arniwal (Cantão)	4	0,006%	91,333%
Azambuja	4	0,006%	91,339%
Barra (Arraial)	4	0,006%	91,345%
Barra da Palma (Arraial)	4	0,006%	91,351%
Belmente	4	0,006%	91,357%
Bom Fim (Arraial)	4	0,006%	91,362%
Borba (Villa)	4	0,006%	91,368%
Brabante	4	0,006%	91,374%
Brandenburg / Brandesburg	4	0,006%	91,380%
Buntzlau	4	0,006%	91,386%
Cabo Ann	4	0,006%	91,392%
Calabar /Callabar	4	0,006%	91,398%
Calais	4	0,006%	91,404%
Callao / Callão / Callao de Lima	4	0,006%	91,410%
Camamu	4	0,006%	91,415%
Campa	4	0,006%	91,421%
Campo Largo (PE)	4	0,006%	91,427%
Camumú	4	0,006%	91,433%
Caninéa	4	0,006%	91,439%
Cantagallo	4	0,006%	91,445%
Cantões Suissos	4	0,006%	91,451%
Carlsruhe / Carlsruhe	4	0,006%	91,457%
Carretão de Pedro Terceiro	4	0,006%	91,462%
Castello Branco	4	0,006%	91,468%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Catão	4	0,006%	91,474%
Cazal Vasco	4	0,006%	91,480%
Champagne / Champanha	4	0,006%	91,486%
Charles Town	4	0,006%	91,492%
Chippawa	4	0,006%	91,498%
Cidade da Paz	4	0,006%	91,504%
Cochim	4	0,006%	91,510%
Corvo (Ilha)	4	0,006%	91,515%
Damas Crux	4	0,006%	91,521%
Delphos / Delfos	4	0,006%	91,527%
Diamantina / Distrito Diamantino	4	0,006%	91,533%
Dieppe	4	0,006%	91,539%
Drissa	4	0,006%	91,545%
Eroles	4	0,006%	91,551%
Fanado	4	0,006%	91,557%
Fernão de Noronha (Ilha) / Noronha	4	0,006%	91,563%
Fribourg / Friburg / Friburgo	4	0,006%	91,568%
Fuigueiras	4	0,006%	91,574%
Galbegos	4	0,006%	91,580%
Galia / Gallia / Galias	4	0,006%	91,586%
George Town	4	0,006%	91,592%
Georgia (Ilha)	4	0,006%	91,598%
Gluckstadt	4	0,006%	91,604%
Goratiba	4	0,006%	91,610%
Graciosa (Ilha)	4	0,006%	91,616%
Grande de Rocha (Ilha)	4	0,006%	91,621%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Guadix	4	0,006%	91,627%
Guaporé	4	0,006%	91,633%
Guaratingueta / Guaratinguetá / Guaratinguita / Guaratinguitá	4	0,006%	91,639%
Guayaquil	4	0,006%	91,645%
Guyana Franceza / Guiana Franceza	4	0,006%	91,651%
Hardemberg / Hardenberg	4	0,006%	91,657%
Hibernia	4	0,006%	91,663%
Huminguén / Huningen	4	0,006%	91,669%
Ico	4	0,006%	91,674%
Islandia	4	0,006%	91,680%
Jacarahy / Jacarehy	4	0,006%	91,686%
Jesso	4	0,006%	91,692%
Jundiahy	4	0,006%	91,698%
Kingston	4	0,006%	91,704%
Konigstein	4	0,006%	91,710%
Lagens (Villa)	4	0,006%	91,716%
Laybach	4	0,006%	91,721%
Lemberg	4	0,006%	91,727%
Limoges	4	0,006%	91,733%
Loreto / Loretto	4	0,006%	91,739%
Lowemberg	4	0,006%	91,745%
Lucerne	4	0,006%	91,751%
Luxemburgo / Luxembourg	4	0,006%	91,757%
Macapá (PA)	4	0,006%	91,763%
Mamangoapé / Mamangoape	4	0,006%	91,769%
Marengo	4	0,006%	91,774%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Marigelante	4	0,006%	91,780%
Maryland	4	0,006%	91,786%
Mauritius	4	0,006%	91,792%
Meca	4	0,006%	91,798%
Metz	4	0,006%	91,804%
Minorca (Ilha de)	4	0,006%	91,810%
Mississippi	4	0,006%	91,816%
Mogy Merim	4	0,006%	91,822%
Monte Mor	4	0,006%	91,827%
Montelimar	4	0,006%	91,833%
Montmirail / Mont-Mirail	4	0,006%	91,839%
Narbona / Narbonne	4	0,006%	91,845%
Nave d'Haver / Naves d'Aver	4	0,006%	91,851%
Ney	4	0,006%	91,857%
Nossa Senhora do Rozario	4	0,006%	91,863%
Nova Beira	4	0,006%	91,869%
Nova Bretanha	4	0,006%	91,875%
Nova Irlanda	4	0,006%	91,880%
Novo Porto / New Port	4	0,006%	91,886%
Orancia	4	0,006%	91,892%
Ordunha	4	0,006%	91,898%
Orebro	4	0,006%	91,904%
Ostente / Ostend	4	0,006%	91,910%
Pancordo	4	0,006%	91,916%
Pardo	4	0,006%	91,922%
Passau	4	0,006%	91,927%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Pensilvania / Pensylvania	4	0,006%	91,933%
Pharo	4	0,006%	91,939%
Pico (Ilha)	4	0,006%	91,945%
Porto Baltico	4	0,006%	91,951%
Prado	4	0,006%	91,957%
Provance / Provença	4	0,006%	91,963%
Províncias do Rio da Prata	4	0,006%	91,969%
Províncias Illyricas	4	0,006%	91,975%
Psara (Ilha)	4	0,006%	91,980%
Puyvert	4	0,006%	91,986%
Reichenbach	4	0,006%	91,992%
Rendsburg	4	0,006%	91,998%
Rica	4	0,006%	92,004%
Rio Abaete	4	0,006%	92,010%
Rio Aragaya	4	0,006%	92,016%
Rio Bonito	4	0,006%	92,022%
Rio Capana	4	0,006%	92,028%
Rio Capivari / Capivary	4	0,006%	92,033%
Rio das Pedras (Aldeia)	4	0,006%	92,039%
Rio de Santa Maria	4	0,006%	92,045%
Rio dos Tocantins	4	0,006%	92,051%
Rio Guajahu	4	0,006%	92,057%
Rio Itanamas	4	0,006%	92,063%
Rio Jacuma	4	0,006%	92,069%
Rio Juruena	4	0,006%	92,075%
Rio Marne	4	0,006%	92,081%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Monseró	4	0,006%	92,086%
Rio Murnio / Muonio	4	0,006%	92,092%
Rio Para	4	0,006%	92,098%
Rio Paraim	4	0,006%	92,104%
Rio Pilco-Mayo / Rio Pilço-Mayo	4	0,006%	92,110%
Rio Pindará / Pindaré	4	0,006%	92,116%
Rio Rico	4	0,006%	92,122%
Rio São Lourenço	4	0,006%	92,128%
Rio Tamisa	4	0,006%	92,133%
Rio Uautás	4	0,006%	92,139%
Rio Vistula / Rio Vístula	4	0,006%	92,145%
Rio Xexuy	4	0,006%	92,151%
Rioja	4	0,006%	92,157%
Roncal	4	0,006%	92,163%
Roterdam / Rotherdam	4	0,006%	92,169%
Saboia / Savoya	4	0,006%	92,175%
Salonica	4	0,006%	92,181%
Saltzburgo /Salsburgo	4	0,006%	92,186%
Santa Anna (Arraial)	4	0,006%	92,192%
Santa Fé de Bogota	4	0,006%	92,198%
Santa Maria de Baependi (Vila)	4	0,006%	92,204%
Santa Thereza	4	0,006%	92,210%
Santander	4	0,006%	92,216%
Santo Agostinho	4	0,006%	92,222%
São Bento de Tamandoá	4	0,006%	92,228%
São Feliu / São Feliéu	4	0,006%	92,234%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São Gião	4	0,006%	92,239%
São João de Pié de Puerto	4	0,006%	92,245%
São Pedro (Ilha)	4	0,006%	92,251%
São Thomé e Príncipe (Ilhas)	4	0,006%	92,257%
Saxe Cabourg / Saxe Cobourg	4	0,006%	92,263%
Segovia	4	0,006%	92,269%
Sergipe do Conde / São Francisco (da Barra) de Sergipe do Conde	4	0,006%	92,275%
Serra Grande	4	0,006%	92,281%
Smolensk	4	0,006%	92,287%
Subijama de Alava	4	0,006%	92,292%
Tapacorá	4	0,006%	92,298%
Tesin	4	0,006%	92,304%
Texel	4	0,006%	92,310%
Torre / Torres	4	0,006%	92,316%
Torre Orgaz	4	0,006%	92,322%
Torres Vedras	4	0,006%	92,328%
Tudela	4	0,006%	92,334%
Ucrania / Ukrania	4	0,006%	92,339%
Ulm	4	0,006%	92,345%
Valverde	4	0,006%	92,351%
Vendée / Vendée / La Vendée	4	0,006%	92,357%
Versailles / Versalhes	4	0,006%	92,363%
Vincennes	4	0,006%	92,369%
Wahlstadt	4	0,006%	92,375%
Weimar	4	0,006%	92,381%
Wilma	4	0,006%	92,387%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Witegenstein / Wittgenstein	4	0,006%	92,392%
Wolkersdorf / Woltersdorff	4	0,006%	92,398%
Wursen / Wurschen	4	0,006%	92,404%
Xoes	4	0,006%	92,410%
Adrianopole / Adrianopoli	3	0,004%	92,415%
Agoa Fria	3	0,004%	92,419%
Aldeia	3	0,004%	92,423%
Aleutianas (Ilhas)	3	0,004%	92,428%
Alexandria (EUA)	3	0,004%	92,432%
Almunia	3	0,004%	92,437%
Altenberg	3	0,004%	92,441%
Amaro Leite / Lavrinhas (Arraial)	3	0,004%	92,445%
Angers / Angres	3	0,004%	92,450%
Angra dos Reis	3	0,004%	92,454%
Aranda do Douro	3	0,004%	92,459%
Araripe (Serra)	3	0,004%	92,463%
Archipelago (Ilha)	3	0,004%	92,468%
Argentina	3	0,004%	92,472%
Aripeles	3	0,004%	92,476%
Armamar	3	0,004%	92,481%
Ascain	3	0,004%	92,485%
Avechuco	3	0,004%	92,490%
Avila	3	0,004%	92,494%
Avis	3	0,004%	92,498%
Bagne / Bagnes	3	0,004%	92,503%
Bahia de Hudson	3	0,004%	92,507%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Balaquer	3	0,004%	92,512%
Bale	3	0,004%	92,516%
Baleares (Ilhas) / Balearias (Ilhas)	3	0,004%	92,520%
Barbadas / Barbada (Ilha)	3	0,004%	92,525%
Barceloneta	3	0,004%	92,529%
Basileia / Basilea	3	0,004%	92,534%
Bassano	3	0,004%	92,538%
Bayreubt / Bayreuth	3	0,004%	92,543%
Belf	3	0,004%	92,547%
Bellegarde	3	0,004%	92,551%
Belmonte	3	0,004%	92,556%
Belts	3	0,004%	92,560%
Beresina / Beresyna / Beresma	3	0,004%	92,565%
Bernburg / Bernburgo	3	0,004%	92,569%
Blankenberg / Blankenburg	3	0,004%	92,573%
Bobrunsk	3	0,004%	92,578%
Bochnia	3	0,004%	92,582%
Bothnia	3	0,004%	92,587%
Branau / Brannau	3	0,004%	92,591%
Breda	3	0,004%	92,596%
Brotas	3	0,004%	92,600%
Bulgaria	3	0,004%	92,604%
Cabo de Santa Maria (Algarve)	3	0,004%	92,609%
Cabo do Norte	3	0,004%	92,613%
Cacheo / Cacheu	3	0,004%	92,618%
Cachoeira / Caxoeira	3	0,004%	92,622%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Calella / Callela	3	0,004%	92,626%
California / California da America / Duas Californias	3	0,004%	92,631%
Calindé	3	0,004%	92,635%
Canellas	3	0,004%	92,640%
Canelones	3	0,004%	92,644%
Cannerwitz (Aldeia)	3	0,004%	92,649%
Capital (Ilha)	3	0,004%	92,653%
Caragoça	3	0,004%	92,657%
Carlsrona / Carlserona	3	0,004%	92,662%
Cassel	3	0,004%	92,666%
Castro	3	0,004%	92,671%
Castro d'Airo	3	0,004%	92,675%
Caucaso	3	0,004%	92,679%
Caxias das Aldeias Altas	3	0,004%	92,684%
Cayapó (Serra) / Caiapó	3	0,004%	92,688%
Ceilão / Ceylão	3	0,004%	92,693%
Celorico	3	0,004%	92,697%
Cerigo (Ilha de)	3	0,004%	92,701%
Chambery	3	0,004%	92,706%
Champaubert	3	0,004%	92,710%
Chantilly	3	0,004%	92,715%
Chapada dos Veadeiros	3	0,004%	92,719%
Charges	3	0,004%	92,724%
Chaument / Chaumont	3	0,004%	92,728%
Chuquisaca	3	0,004%	92,732%
Cintra	3	0,004%	92,737%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Coblentz	3	0,004%	92,741%
Coccos (Serra)	3	0,004%	92,746%
Cochabamba	3	0,004%	92,750%
Colberg	3	0,004%	92,754%
Colembres	3	0,004%	92,759%
Colmar	3	0,004%	92,763%
Conceição de Itauhaem	3	0,004%	92,768%
Condexa	3	0,004%	92,772%
Connecticut	3	0,004%	92,777%
Corintho	3	0,004%	92,781%
Cork	3	0,004%	92,785%
Corriente /Corrientes	3	0,004%	92,790%
Covelo (Serra)	3	0,004%	92,794%
Croacia	3	0,004%	92,799%
Cronstadt	3	0,004%	92,803%
Cumaná	3	0,004%	92,807%
Cunha	3	0,004%	92,812%
Dahn (Cantão de)	3	0,004%	92,816%
Daroca	3	0,004%	92,821%
Diogo Ramires (Ilha)	3	0,004%	92,825%
Dover	3	0,004%	92,830%
Dublin	3	0,004%	92,834%
Elbing	3	0,004%	92,838%
Enghein	3	0,004%	92,843%
Entre Douro	3	0,004%	92,847%
Eschenburg	3	0,004%	92,852%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Espeja	3	0,004%	92,856%
Esslingen / Essling	3	0,004%	92,860%
Estreito de Maire	3	0,004%	92,865%
Etolia	3	0,004%	92,869%
Fez	3	0,004%	92,874%
Fontonna / Fontana D'Oro	3	0,004%	92,878%
Formiga / Formigas (Aldeia)	3	0,004%	92,882%
Franconia	3	0,004%	92,887%
Frioul / Friul	3	0,004%	92,891%
Gante	3	0,004%	92,896%
Garnize	3	0,004%	92,900%
Gefle / Gavle	3	0,004%	92,905%
Georgia	3	0,004%	92,909%
Ghent	3	0,004%	92,913%
Gijon	3	0,004%	92,918%
Gordejuella	3	0,004%	92,922%
Grenoble	3	0,004%	92,927%
Grodno	3	0,004%	92,931%
Gross-Aspern	3	0,004%	92,935%
Guarnisée	3	0,004%	92,940%
Hermanstadt	3	0,004%	92,944%
Hoyerswerda	3	0,004%	92,949%
Huesca	3	0,004%	92,953%
Igaruçu	3	0,004%	92,958%
Igrassú	3	0,004%	92,962%
Iguala	3	0,004%	92,966%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Imola	3	0,004%	92,971%
Indostão	3	0,004%	92,975%
Ithaca (Ilha)	3	0,004%	92,980%
Jeraguá	3	0,004%	92,984%
Kamtschatka / Kamtschtka	3	0,004%	92,988%
Konigsberck / Konighsbruck	3	0,004%	92,993%
Kriblowitz	3	0,004%	92,997%
Kulm	3	0,004%	93,002%
Lacedemonia	3	0,004%	93,006%
Lagoa Fêa	3	0,004%	93,010%
Lagos (Villa de)	3	0,004%	93,015%
Lanhoso (Aldêa / Aldeia)	3	0,004%	93,019%
Laredo	3	0,004%	93,024%
Lauenburgo	3	0,004%	93,028%
Lavrinhas (Arraial)	3	0,004%	93,033%
Lech	3	0,004%	93,037%
Limereck / Limerick	3	0,004%	93,041%
Llerena	3	0,004%	93,046%
Loango	3	0,004%	93,050%
Logroño	3	0,004%	93,055%
Lorach / Lorrach	3	0,004%	93,059%
Louisiada	3	0,004%	93,063%
Luckau	3	0,004%	93,068%
Lugo	3	0,004%	93,072%
Luisiana	3	0,004%	93,077%
Lund	3	0,004%	93,081%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Lunenburg / Lunenburg	3	0,004%	93,086%
Malaca	3	0,004%	93,090%
Malines	3	0,004%	93,094%
Manheim / Manhein	3	0,004%	93,099%
Manilha	3	0,004%	93,103%
Manzanares	3	0,004%	93,108%
Marathona / Marathonia	3	0,004%	93,112%
Marzabnes	3	0,004%	93,116%
Mathias Barboza	3	0,004%	93,121%
Mauricia (Ilha) / Mauricias (Ilhas)	3	0,004%	93,125%
Mezão Frio	3	0,004%	93,130%
Mezieres	3	0,004%	93,134%
Michilimackimac / Michilimackinac	3	0,004%	93,139%
Minas de Cuiabá	3	0,004%	93,143%
Mirandela / Mirandella	3	0,004%	93,147%
Mollen / Molln	3	0,004%	93,152%
Molucas (Ilha / Ilhas)	3	0,004%	93,156%
Mondego	3	0,004%	93,161%
Monserrate	3	0,004%	93,165%
Mont Tonnerre	3	0,004%	93,169%
Montgomery	3	0,004%	93,174%
Moucha	3	0,004%	93,178%
Munster	3	0,004%	93,183%
Namur	3	0,004%	93,187%
New Bedford	3	0,004%	93,191%
New Hampshire	3	0,004%	93,196%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Newport / News-Port	3	0,004%	93,200%
Nice	3	0,004%	93,205%
Nicea / Nicéa	3	0,004%	93,209%
Nienburgo	3	0,004%	93,214%
Nissa / Niza	3	0,004%	93,218%
Normandia	3	0,004%	93,222%
Nossa Senhora da Nazareth	3	0,004%	93,227%
Nova de Gaia / Gaya (Vila)	3	0,004%	93,231%
Nova do Príncipe (Vila)	3	0,004%	93,236%
Nova Galles Meridional	3	0,004%	93,240%
Nyborg	3	0,004%	93,244%
Nynphenbourg	3	0,004%	93,249%
Palamós / Palamos	3	0,004%	93,253%
Palestina	3	0,004%	93,258%
Parga	3	0,004%	93,262%
Pati do Alferes	3	0,004%	93,267%
Patras	3	0,004%	93,271%
Pavia	3	0,004%	93,275%
Pedra Branca	3	0,004%	93,280%
Pena Fiel / Penafiel	3	0,004%	93,284%
Peniscola	3	0,004%	93,289%
Pergamino	3	0,004%	93,293%
Perizes	3	0,004%	93,297%
Perpignan	3	0,004%	93,302%
Perpinhão	3	0,004%	93,306%
Peterswalde	3	0,004%	93,311%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Pirna	3	0,004%	93,315%
Pitcairn (Ilha)	3	0,004%	93,320%
Poiso (Vila)	3	0,004%	93,324%
Portalegre (Portugal)	3	0,004%	93,328%
Porto Calvo	3	0,004%	93,333%
Porto de Souza	3	0,004%	93,337%
Províncias da América	3	0,004%	93,342%
Províncias da America Hespanhola	3	0,004%	93,346%
Províncias do Reino Unido	3	0,004%	93,350%
Ramlosa	3	0,004%	93,355%
Ramsgate	3	0,004%	93,359%
Rastadt	3	0,004%	93,364%
Real da Atalaia	3	0,004%	93,368%
Reconcavo da Bahia	3	0,004%	93,372%
Reino Unido da Grã Bretanha	3	0,004%	93,377%
Reinosa	3	0,004%	93,381%
Rhode Island	3	0,004%	93,386%
Rhune	3	0,004%	93,390%
Richelieu	3	0,004%	93,395%
Rio Abuna	3	0,004%	93,399%
Rio Anicuns	3	0,004%	93,403%
Rio Barbados	3	0,004%	93,408%
Rio Camaa / Camara	3	0,004%	93,412%
Rio Cuma	3	0,004%	93,417%
Rio da Salsa / Salça	3	0,004%	93,421%
Rio das Ostra	3	0,004%	93,425%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio de Belmonte	3	0,004%	93,430%
Rio de Saint Mary (Florida - USA)	3	0,004%	93,434%
Rio de São Domingos	3	0,004%	93,439%
Rio de São Miguel	3	0,004%	93,443%
Rio Dnieper	3	0,004%	93,448%
Rio Embotetiû	3	0,004%	93,452%
Rio Fartura	3	0,004%	93,456%
Rio Galera	3	0,004%	93,461%
Rio Garcia	3	0,004%	93,465%
Rio Gironda	3	0,004%	93,470%
Rio Grajahú / Rio Grajau	3	0,004%	93,474%
Rio Guama	3	0,004%	93,478%
Rio Igarusu	3	0,004%	93,483%
Rio Iguara	3	0,004%	93,487%
Rio Indaia	3	0,004%	93,492%
Rio Inn	3	0,004%	93,496%
Rio Ipane	3	0,004%	93,500%
Rio Itiquira	3	0,004%	93,505%
Rio Jucu	3	0,004%	93,509%
Rio Maior	3	0,004%	93,514%
Rio Mataura / Rio Mautara	3	0,004%	93,518%
Rio Meuse	3	0,004%	93,523%
Rio Nilo	3	0,004%	93,527%
Rio Piolho	3	0,004%	93,531%
Rio Quachó-uaçú	3	0,004%	93,536%
Rio Quarajús	3	0,004%	93,540%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Sambito	3	0,004%	93,545%
Rio Sambre	3	0,004%	93,549%
Rio Solimoens	3	0,004%	93,553%
Rio Topajos	3	0,004%	93,558%
Rio Torre	3	0,004%	93,562%
Roncesvalles	3	0,004%	93,567%
Round Island	3	0,004%	93,571%
Saint Brancher / Branchier	3	0,004%	93,576%
Saint Gall	3	0,004%	93,580%
Saint Helens	3	0,004%	93,584%
Salta	3	0,004%	93,589%
Salto (Cachoeira)	3	0,004%	93,593%
Salto do Girão (Cachoeira)	3	0,004%	93,598%
Salzbourg / Salzburgo	3	0,004%	93,602%
Samaló	3	0,004%	93,606%
Santa Rita	3	0,004%	93,611%
Santo Antão (Ilha)	3	0,004%	93,615%
Santo Antonio (Cachoeira)	3	0,004%	93,620%
Santo Coração	3	0,004%	93,624%
São Felici / São Felices	3	0,004%	93,629%
São Francisco Xavier de Itaguahy / São Francisco Xavier de Itaguay	3	0,004%	93,633%
São Jorge da Mina	3	0,004%	93,637%
São Lourenço (Ilha) - Africa	3	0,004%	93,642%
São Lourenço / São Lorenço	3	0,004%	93,646%
São Marcos	3	0,004%	93,651%
São Mathias	3	0,004%	93,655%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São Pedro das Covas	3	0,004%	93,659%
São Thiago	3	0,004%	93,664%
São Thomás (Ilha)	3	0,004%	93,668%
Schwerin	3	0,004%	93,673%
Semlim	3	0,004%	93,677%
Senegal	3	0,004%	93,681%
Serra Morena	3	0,004%	93,686%
Sezannes	3	0,004%	93,690%
Sheiland (Ilha)	3	0,004%	93,695%
Sidney	3	0,004%	93,699%
Silistria	3	0,004%	93,704%
Soledade	3	0,004%	93,708%
Soure	3	0,004%	93,712%
Spires / Spire / Spira	3	0,004%	93,717%
Spitzberg	3	0,004%	93,721%
Stettin	3	0,004%	93,726%
Suchet	3	0,004%	93,730%
Sudermania	3	0,004%	93,734%
Sund	3	0,004%	93,739%
Surinam / Surinam	3	0,004%	93,743%
Tabatinga	3	0,004%	93,748%
Taguatinga (Serra)	3	0,004%	93,752%
Talleyrand	3	0,004%	93,757%
Tejares	3	0,004%	93,761%
Teruel	3	0,004%	93,765%
Thermopylas	3	0,004%	93,770%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Thracia / Throcia	3	0,004%	93,774%
Tonkim / Tonquim	3	0,004%	93,779%
Torres Novas	3	0,004%	93,783%
Troppau	3	0,004%	93,787%
Tyro	3	0,004%	93,792%
Ultonia	3	0,004%	93,796%
Van Diemen	3	0,004%	93,801%
Vancouver	3	0,004%	93,805%
Verde (Vila)	3	0,004%	93,810%
Vertus	3	0,004%	93,814%
Walcheren	3	0,004%	93,818%
Weisseberg	3	0,004%	93,823%
Wielieza	3	0,004%	93,827%
Winga	3	0,004%	93,832%
Winsen	3	0,004%	93,836%
Xabregas	3	0,004%	93,840%
Zelandia (Ilha)	3	0,004%	93,845%
Zerbst	3	0,004%	93,849%
Abaieté / Abaité	2	0,003%	93,852%
Acaracu	2	0,003%	93,855%
Agrani	2	0,003%	93,858%
Aisú	2	0,003%	93,861%
Aiwaly	2	0,003%	93,864%
Albacete / Albazete	2	0,003%	93,867%
Alcáçar	2	0,003%	93,870%
Alcalá	2	0,003%	93,873%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Alcantarilla	2	0,003%	93,876%
Alcorcon	2	0,003%	93,879%
Alge	2	0,003%	93,882%
Alhama	2	0,003%	93,885%
Alhandra (Pernambuco)	2	0,003%	93,887%
Alhibaia	2	0,003%	93,890%
Almansa / Almanza	2	0,003%	93,893%
Alora	2	0,003%	93,896%
Amherstburg / Amberstburg	2	0,003%	93,899%
Amiens	2	0,003%	93,902%
Ampurdan	2	0,003%	93,905%
Anadia (PE)	2	0,003%	93,908%
Anajatuba	2	0,003%	93,911%
Anapurús	2	0,003%	93,914%
Ançã	2	0,003%	93,917%
Andarai / Andarahy	2	0,003%	93,920%
Andrinopole / Andrinopoli	2	0,003%	93,923%
Antelope	2	0,003%	93,926%
Antigoa / Antigua	2	0,003%	93,929%
Apalachicola	2	0,003%	93,932%
Apiahy	2	0,003%	93,935%
Appenzel / Appenzell	2	0,003%	93,938%
Aracaju / Aracajú	2	0,003%	93,940%
Aranda	2	0,003%	93,943%
Arciniega	2	0,003%	93,946%
Arcos	2	0,003%	93,949%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Arez (PE)	2	0,003%	93,952%
Arganil / Argenil	2	0,003%	93,955%
Argos	2	0,003%	93,958%
Arrendidas	2	0,003%	93,961%
Arroyo de Molinos / Arroyo Molinos	2	0,003%	93,964%
Arta	2	0,003%	93,967%
Artois	2	0,003%	93,970%
Assiria / Assyria	2	0,003%	93,973%
Assumpção (PE)	2	0,003%	93,976%
Astracan	2	0,003%	93,979%
Atlantidas / Atlantida (Ilhas)	2	0,003%	93,982%
Avesnes	2	0,003%	93,985%
Avinhão	2	0,003%	93,988%
Ayerbe / Ayerve	2	0,003%	93,990%
Aymonte	2	0,003%	93,993%
Ayoma / Aroma	2	0,003%	93,996%
Bagda / Bagdad	2	0,003%	93,999%
Bahia de Baffin	2	0,003%	94,002%
Bahia de São Miguel	2	0,003%	94,005%
Bailaguer / Baillaguer	2	0,003%	94,008%
Bamberg	2	0,003%	94,011%
Bananeira (Cadatupa)	2	0,003%	94,014%
Banda (Ilha)	2	0,003%	94,017%
Banialika / Banialuka	2	0,003%	94,020%
Bareuth / Baruth	2	0,003%	94,023%
Basa	2	0,003%	94,026%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Bath	2	0,003%	94,029%
Bathburst	2	0,003%	94,032%
Bearn	2	0,003%	94,035%
Beaugé	2	0,003%	94,038%
Beaumont (Cantão)	2	0,003%	94,041%
Bechenkoviski	2	0,003%	94,043%
Bechir	2	0,003%	94,046%
Belitz	2	0,003%	94,049%
Bella da Princesa (Vila)	2	0,003%	94,052%
Benevarre	2	0,003%	94,055%
Beocia	2	0,003%	94,058%
Berbice	2	0,003%	94,061%
Bergen / Berga	2	0,003%	94,064%
Bergeres	2	0,003%	94,067%
Bermudas	2	0,003%	94,070%
Bernsdorff	2	0,003%	94,073%
Betera	2	0,003%	94,076%
Bishopswerder	2	0,003%	94,079%
Bisnaga	2	0,003%	94,082%
Bixo (Ilha)	2	0,003%	94,085%
Blanco	2	0,003%	94,088%
Bodon	2	0,003%	94,091%
Boim (PA)	2	0,003%	94,093%
Boitzenberg	2	0,003%	94,096%
Boulogne	2	0,003%	94,099%
Bourges / Bourgues	2	0,003%	94,102%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Brechtelshof	2	0,003%	94,105%
Brejo	2	0,003%	94,108%
Brihuega	2	0,003%	94,111%
Brilos	2	0,003%	94,114%
Britânicas (Ilhas)	2	0,003%	94,117%
Broussien / Broussier	2	0,003%	94,120%
Bruburema (Serra)	2	0,003%	94,123%
Bruchsal	2	0,003%	94,126%
Bruges	2	0,003%	94,129%
Brusco	2	0,003%	94,132%
Buchholtz	2	0,003%	94,135%
Buffaloe	2	0,003%	94,138%
Bujuckdéré / Buujukderé	2	0,003%	94,141%
Bukaria	2	0,003%	94,144%
Bussaco	2	0,003%	94,146%
Cabo do Bojador	2	0,003%	94,149%
Cabo Florida	2	0,003%	94,152%
Cabo Verde (SP)	2	0,003%	94,155%
Cabula	2	0,003%	94,158%
Cacuta	2	0,003%	94,161%
Caen	2	0,003%	94,164%
Cagliari	2	0,003%	94,167%
Calafat / Calafate	2	0,003%	94,170%
Calbaraca de Azeva	2	0,003%	94,173%
Caldas	2	0,003%	94,176%
Caldeirão do Inferno (Cachoeira)	2	0,003%	94,179%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Camará	2	0,003%	94,182%
Caminha	2	0,003%	94,185%
Campo Grande	2	0,003%	94,188%
Canal de Suez	2	0,003%	94,191%
Canastras (Serra)	2	0,003%	94,194%
Canindé	2	0,003%	94,197%
Canterbury / Cantorbery	2	0,003%	94,199%
Carabobo	2	0,003%	94,202%
Caravaca	2	0,003%	94,205%
Carlota (Aldeia)	2	0,003%	94,208%
Carraca	2	0,003%	94,211%
Carretão	2	0,003%	94,214%
Carthagen de Levante	2	0,003%	94,217%
Cartuxa	2	0,003%	94,220%
Carunhanha	2	0,003%	94,223%
Castilla	2	0,003%	94,226%
Cea	2	0,003%	94,229%
Cebinda	2	0,003%	94,232%
Cesena / Cezena	2	0,003%	94,235%
Chabannes	2	0,003%	94,238%
Chaleco	2	0,003%	94,241%
Charéo	2	0,003%	94,244%
Chatillon	2	0,003%	94,247%
Chilloé / Chiloé (Ilha)	2	0,003%	94,249%
Chique Chique (Arraial)	2	0,003%	94,252%
Christiania	2	0,003%	94,255%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cocal (Arraial)	2	0,003%	94,258%
Colmenar	2	0,003%	94,261%
Confederação Helvética	2	0,003%	94,264%
Congonhas do Campo	2	0,003%	94,267%
Cordona	2	0,003%	94,270%
Coréa	2	0,003%	94,273%
Córsega	2	0,003%	94,276%
Cotegipe	2	0,003%	94,279%
Cracovia	2	0,003%	94,282%
Cruatá	2	0,003%	94,285%
Cruzar	2	0,003%	94,288%
Cubinda	2	0,003%	94,291%
Cumá	2	0,003%	94,294%
Curaripe / Cururipe	2	0,003%	94,297%
Custrim	2	0,003%	94,300%
Danawert /Donawert	2	0,003%	94,302%
Davoust	2	0,003%	94,305%
Demerara	2	0,003%	94,308%
Dennevitz / Dennewitz	2	0,003%	94,311%
Deserto de Thebaida	2	0,003%	94,314%
Detroit	2	0,003%	94,317%
Diesma	2	0,003%	94,320%
Dippoldewalde / Dippoldiswalde	2	0,003%	94,323%
Domitz	2	0,003%	94,326%
Dormopuri	2	0,003%	94,329%
Dour (Cantão)	2	0,003%	94,332%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Drome	2	0,003%	94,335%
Dunas	2	0,003%	94,338%
Duroca	2	0,003%	94,341%
Easton	2	0,003%	94,344%
Eckmensdorff / Eckmansdorf	2	0,003%	94,347%
Ega	2	0,003%	94,350%
Eichstadt	2	0,003%	94,352%
Eiras	2	0,003%	94,355%
Elsterwerda	2	0,003%	94,358%
Epheso	2	0,003%	94,361%
Ericeira	2	0,003%	94,364%
Estancia	2	0,003%	94,367%
Estreito de Endeavour	2	0,003%	94,370%
Estremoz (PE)	2	0,003%	94,373%
Ethiopia / Etiopia	2	0,003%	94,376%
Extramuros	2	0,003%	94,379%
Extremoz	2	0,003%	94,382%
Eyder	2	0,003%	94,385%
Fayol e Pico (Ilha de)	2	0,003%	94,388%
Feira	2	0,003%	94,391%
Feldheim	2	0,003%	94,394%
Ferrara	2	0,003%	94,397%
Figueiro dos Vinhos	2	0,003%	94,400%
Filipinas / Fillipinas	2	0,003%	94,403%
Fleuri	2	0,003%	94,405%
Fuente de Honor	2	0,003%	94,408%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Futlandia	2	0,003%	94,411%
Gadebuseh	2	0,003%	94,414%
Gáditana / Gáditana (Ilha)	2	0,003%	94,417%
Gaiba (Serra)	2	0,003%	94,420%
Gamboa	2	0,003%	94,423%
Garanhus / Garanhús	2	0,003%	94,426%
Gena	2	0,003%	94,429%
Georgia (EUA)	2	0,003%	94,432%
Gera	2	0,003%	94,435%
Gerasdorfe	2	0,003%	94,438%
Gernise	2	0,003%	94,441%
Ghezno	2	0,003%	94,444%
Girgento	2	0,003%	94,447%
Goarinos (Arraial)	2	0,003%	94,450%
Golfo da Carpentaria	2	0,003%	94,453%
Golfo Persico / Pérsico	2	0,003%	94,455%
Gouveia / Gouvêa	2	0,003%	94,458%
Greenock / Greenok	2	0,003%	94,461%
Groelandia	2	0,003%	94,464%
Gromo	2	0,003%	94,467%
Groningue (Ilha)	2	0,003%	94,470%
Grossenbayn	2	0,003%	94,473%
Guaiana / Guayana	2	0,003%	94,476%
Guapemerim / Guapimerim	2	0,003%	94,479%
Guaribas ( Ilha)	2	0,003%	94,482%
Guatemala	2	0,003%	94,485%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Guatemala	2	0,003%	94,488%
Guequitinhonha	2	0,003%	94,491%
Guetaria	2	0,003%	94,494%
Gurutuba	2	0,003%	94,497%
Halifax	2	0,003%	94,500%
Hall	2	0,003%	94,503%
Halle	2	0,003%	94,506%
Ham	2	0,003%	94,508%
Hanfleur / Honfleur	2	0,003%	94,511%
Haynau	2	0,003%	94,514%
Heidelberg / Heidleburg	2	0,003%	94,517%
Hellesponto	2	0,003%	94,520%
Hesse Cassel	2	0,003%	94,523%
Hesse Darmstadt / Hesse-Darmstadt	2	0,003%	94,526%
Hobenlohe	2	0,003%	94,529%
Hulans	2	0,003%	94,532%
Husum	2	0,003%	94,535%
Iaguaripe	2	0,003%	94,538%
Iemen / Yemen	2	0,003%	94,541%
Igarape	2	0,003%	94,544%
Igualada	2	0,003%	94,547%
Iliria / Illyria	2	0,003%	94,550%
Imperio Ortomano / Imperio Ottomano	2	0,003%	94,553%
India Muerta	2	0,003%	94,556%
Iratry	2	0,003%	94,558%
Itabapoana	2	0,003%	94,561%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Itacolomi	2	0,003%	94,564%
Itaoca	2	0,003%	94,567%
Itapera	2	0,003%	94,570%
Itapicurã da Praia	2	0,003%	94,573%
Iviça (Ilha)	2	0,003%	94,576%
Jacarepagoá / Jacarepaguá	2	0,003%	94,579%
Jacuhy	2	0,003%	94,582%
Jagoará / Jaguará	2	0,003%	94,585%
Jauer	2	0,003%	94,588%
Jena	2	0,003%	94,591%
Jequeruna / Jaqueruna	2	0,003%	94,594%
Jequitaia (Praia de)	2	0,003%	94,597%
Junquera	2	0,003%	94,600%
Jura (Monte)	2	0,003%	94,603%
Jutland	2	0,003%	94,606%
Juvenstedt	2	0,003%	94,609%
Kalwary	2	0,003%	94,611%
Kehl	2	0,003%	94,614%
Khune	2	0,003%	94,617%
Kiel	2	0,003%	94,620%
Kioff	2	0,003%	94,623%
Kleist	2	0,003%	94,626%
Kowno	2	0,003%	94,629%
Kropstadt	2	0,003%	94,632%
Kudschuk Rainardschi	2	0,003%	94,635%
La Fleche	2	0,003%	94,638%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
La Plata	2	0,003%	94,641%
Lagens (Cachoeira)	2	0,003%	94,644%
Lago Ontário	2	0,003%	94,647%
Lagos	2	0,003%	94,650%
Landes	2	0,003%	94,653%
Landshutt	2	0,003%	94,656%
Langland (Ilha)	2	0,003%	94,659%
Languedoc	2	0,003%	94,661%
Lann	2	0,003%	94,664%
Laodicea	2	0,003%	94,667%
Larangeiras	2	0,003%	94,670%
Lavos	2	0,003%	94,673%
Lebach (Cantão de)	2	0,003%	94,676%
Libano	2	0,003%	94,679%
Liebenstein	2	0,003%	94,682%
Lincoln	2	0,003%	94,685%
Liorna	2	0,003%	94,688%
Lodomeria / Lodomiria	2	0,003%	94,691%
Loire	2	0,003%	94,694%
Lom	2	0,003%	94,697%
Louriçal	2	0,003%	94,700%
Lucarne	2	0,003%	94,703%
Lumiar	2	0,003%	94,706%
Luneville	2	0,003%	94,709%
Lutzen	2	0,003%	94,712%
Mabi	2	0,003%	94,714%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Maceio	2	0,003%	94,717%
Maceira	2	0,003%	94,720%
Maestricht	2	0,003%	94,723%
Maine	2	0,003%	94,726%
Maiorca	2	0,003%	94,729%
Malbacia	2	0,003%	94,732%
Mali	2	0,003%	94,735%
Mallen	2	0,003%	94,738%
Malpartida	2	0,003%	94,741%
Malvasia	2	0,003%	94,744%
Mandeo	2	0,003%	94,747%
Manjibar	2	0,003%	94,750%
Manresa	2	0,003%	94,753%
Marabitanas	2	0,003%	94,756%
Maracá (Ilha)	2	0,003%	94,759%
Maranguapé	2	0,003%	94,762%
Marão (Serra)	2	0,003%	94,764%
Marblehead	2	0,003%	94,767%
Marinha	2	0,003%	94,770%
Martigny	2	0,003%	94,773%
Mataro	2	0,003%	94,776%
Matuá	2	0,003%	94,779%
Maubeuge	2	0,003%	94,782%
Maureza	2	0,003%	94,785%
Mauritania	2	0,003%	94,788%
Meliapor	2	0,003%	94,791%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Mequinenza	2	0,003%	94,794%
Michigan	2	0,003%	94,797%
Midas	2	0,003%	94,800%
Middleburgo	2	0,003%	94,803%
Miguel Ignácio (Serra)	2	0,003%	94,806%
Miloradowitch	2	0,003%	94,809%
Mina de Buarcos	2	0,003%	94,812%
Mina do Passal	2	0,003%	94,815%
Miranda do Ebro	2	0,003%	94,817%
Missouri	2	0,003%	94,820%
Mittau	2	0,003%	94,823%
Mobilow	2	0,003%	94,826%
Mohilow	2	0,003%	94,829%
Molsham / Molsheim	2	0,003%	94,832%
Monção	2	0,003%	94,835%
Monderin	2	0,003%	94,838%
Monistrol	2	0,003%	94,841%
Mont Sourrier	2	0,003%	94,844%
Montagaana	2	0,003%	94,847%
Monte Alegre (PA)	2	0,003%	94,850%
Monte Olympo	2	0,003%	94,853%
Monteverde	2	0,003%	94,856%
Montijo	2	0,003%	94,859%
Moose Island	2	0,003%	94,862%
Moquem (Arraial)	2	0,003%	94,865%
Morat	2	0,003%	94,867%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Morbes-le-Chateau (Cantão de)	2	0,003%	94,870%
Morrinhos (Cachoeira)	2	0,003%	94,873%
Moscovia	2	0,003%	94,876%
Mouson	2	0,003%	94,879%
Mozarbes	2	0,003%	94,882%
Nancy	2	0,003%	94,885%
Naumburg	2	0,003%	94,888%
Necker	2	0,003%	94,891%
Nereide	2	0,003%	94,894%
Nesselrode	2	0,003%	94,897%
New Haven	2	0,003%	94,900%
Newbourg / Neuburg	2	0,003%	94,903%
Newburry / Newbury	2	0,003%	94,906%
Nismes	2	0,003%	94,909%
Nogent / Nugent	2	0,003%	94,912%
Northampton	2	0,003%	94,915%
Nossa Senhora da Conceição de Cunha	2	0,003%	94,918%
Nossa Senhora da Conceição de Vianna	2	0,003%	94,920%
Nossa Senhora da Conceição dos Arroyos	2	0,003%	94,923%
Nossa Senhora da Lappa e Pias	2	0,003%	94,926%
Nossa Senhora da Nazareth de Trizedella	2	0,003%	94,929%
Nossa Senhora d'Apresentação d'Irajá	2	0,003%	94,932%
Nossa Senhora do Bom Sucesso	2	0,003%	94,935%
Nossa Senhora dos Remédios	2	0,003%	94,938%
Nova Bragança	2	0,003%	94,941%
Nova da Conceição (Vila)	2	0,003%	94,944%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Nova da Princeza (Vila)	2	0,003%	94,947%
Nova de Almeida (Vila)	2	0,003%	94,950%
Nova de Santo Antonio (Vila)	2	0,003%	94,953%
Nova dEl Rey (Vila) - PA	2	0,003%	94,956%
Nova Segovia	2	0,003%	94,959%
Nova Zembra	2	0,003%	94,962%
Novos-Bichow	2	0,003%	94,965%
Nueva Portsmount	2	0,003%	94,968%
Obispo (Aldeia)	2	0,003%	94,970%
Ochsenwerder (Ilha de)	2	0,003%	94,973%
Oku-Jesso	2	0,003%	94,976%
Oranienburg	2	0,003%	94,979%
Órgãos (Serra)	2	0,003%	94,982%
Orsowa	2	0,003%	94,985%
Ortano	2	0,003%	94,988%
Otranto	2	0,003%	94,991%
Oudinot	2	0,003%	94,994%
Oxford	2	0,003%	94,997%
Paço do Lumiar (Vila)	2	0,003%	95,000%
Pao do Alho (Vila)	2	0,003%	95,003%
Paraguai Diamantino	2	0,003%	95,006%
Paranaiba (MA)	2	0,003%	95,009%
Parnauá	2	0,003%	95,012%
Parnetier	2	0,003%	95,015%
Parteney	2	0,003%	95,018%
Pascoa Roggewein (Ilha)	2	0,003%	95,021%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Pataios	2	0,003%	95,023%
Pegau	2	0,003%	95,026%
Peneda	2	0,003%	95,029%
Pensacola	2	0,003%	95,032%
Perameirim / Peramerim	2	0,003%	95,035%
Pereira (Portugal)	2	0,003%	95,038%
Pibages	2	0,003%	95,041%
Pigeon (Ilha de)	2	0,003%	95,044%
Pilar	2	0,003%	95,047%
Pilnitz	2	0,003%	95,050%
Pilsen	2	0,003%	95,053%
Pindaminhangaba / Pindamunhangaba	2	0,003%	95,056%
Pindaré	2	0,003%	95,059%
Pindoba	2	0,003%	95,062%
Piracicaba	2	0,003%	95,065%
Piratininga	2	0,003%	95,068%
Pissarão	2	0,003%	95,071%
Plauen	2	0,003%	95,074%
Podolia	2	0,003%	95,076%
Ponferrada	2	0,003%	95,079%
Ponta d'Est / Ponta de l'Est	2	0,003%	95,082%
Portimao	2	0,003%	95,085%
Porto de Acará	2	0,003%	95,088%
Porto de Banhos	2	0,003%	95,091%
Postillo	2	0,003%	95,094%
Praia (Ilha)	2	0,003%	95,097%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Princeza da Campanha	2	0,003%	95,100%
Príncipe de Walles (Ilha)	2	0,003%	95,103%
Província de Chan-Chew (China)	2	0,003%	95,106%
Província de Fo-Kien (China)	2	0,003%	95,109%
Província de Salta	2	0,003%	95,112%
Províncias Americanas da Hespanha / Hespanholas	2	0,003%	95,115%
Províncias Argentinas	2	0,003%	95,118%
Províncias do Sul da América	2	0,003%	95,121%
Províncias Septentrionais Portuguesas	2	0,003%	95,124%
Províncias Unidas de Sud America	2	0,003%	95,126%
Puiguerdá	2	0,003%	95,129%
Qatre Bras	2	0,003%	95,132%
Quebec	2	0,003%	95,135%
Queirós (Ilhas)	2	0,003%	95,138%
Raastadt	2	0,003%	95,141%
Rambouillet	2	0,003%	95,144%
Recreação (Ilha)	2	0,003%	95,147%
Refresco (Ilha / Ilhas)	2	0,003%	95,150%
Reggio	2	0,003%	95,153%
Reigner	2	0,003%	95,156%
Reus	2	0,003%	95,159%
Revel	2	0,003%	95,162%
Ribeira de Jagueiros	2	0,003%	95,165%
Ribeirão	2	0,003%	95,168%
Ribeirão do Carmo	2	0,003%	95,171%
Richmond	2	0,003%	95,174%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Aguarahy-merim	2	0,003%	95,177%
Rio Aguarahy-uaçú	2	0,003%	95,179%
Rio Alberche	2	0,003%	95,182%
Rio Arari	2	0,003%	95,185%
Rio Araxiá	2	0,003%	95,188%
Rio Atrato	2	0,003%	95,191%
Rio Azava	2	0,003%	95,194%
Rio Berezina	2	0,003%	95,197%
Rio Bober	2	0,003%	95,200%
Rio Camapoan	2	0,003%	95,203%
Rio Cammossim	2	0,003%	95,206%
Rio Cautanos	2	0,003%	95,209%
Rio Clyde	2	0,003%	95,212%
Rio Comprido	2	0,003%	95,215%
Rio Coru / Rio Curu	2	0,003%	95,218%
Rio Cubatão	2	0,003%	95,221%
Rio das Arraias	2	0,003%	95,224%
Rio de Antonio Dias	2	0,003%	95,227%
Rio de Jaguaripe	2	0,003%	95,229%
Rio de Santa Lucia	2	0,003%	95,232%
Rio de São Joaquim	2	0,003%	95,235%
Rio de São Martinho	2	0,003%	95,238%
Rio do Mondego	2	0,003%	95,241%
Rio Dorna	2	0,003%	95,244%
Rio dos Tapajos	2	0,003%	95,247%
Rio Dourados	2	0,003%	95,250%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Formoso	2	0,003%	95,253%
Rio Gandu	2	0,003%	95,256%
Rio Gentil	2	0,003%	95,259%
Rio Huelva	2	0,003%	95,262%
Rio Iguaraçu	2	0,003%	95,265%
Rio Imbatetui / Rio Imbatetuí	2	0,003%	95,268%
Rio Imbotatiu	2	0,003%	95,271%
Rio Itapemerim	2	0,003%	95,274%
Rio Jacuibe	2	0,003%	95,277%
Rio Jagoaribe	2	0,003%	95,280%
Rio Jeruena	2	0,003%	95,282%
Rio Jucar	2	0,003%	95,285%
Rio Junguen	2	0,003%	95,288%
Rio Maceira	2	0,003%	95,291%
Rio Machado	2	0,003%	95,294%
Rio Manoel Alvares	2	0,003%	95,297%
Rio Maracú	2	0,003%	95,300%
Rio Mississippi	2	0,003%	95,303%
Rio Morawa	2	0,003%	95,306%
Rio Niemen	2	0,003%	95,309%
Rio Nive	2	0,003%	95,312%
Rio Orenoco	2	0,003%	95,315%
Rio Paragau / Rio Paraguau	2	0,003%	95,318%
Rio Paraguau	2	0,003%	95,321%
Rio Paraguay-Mirim	2	0,003%	95,324%
Rio Paraibuna	2	0,003%	95,327%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Paranapanema	2	0,003%	95,330%
Rio Perizes	2	0,003%	95,332%
Rio Porus	2	0,003%	95,335%
Rio Poty	2	0,003%	95,338%
Rio Prea	2	0,003%	95,341%
Rio Preguiça	2	0,003%	95,344%
Rio Quarain	2	0,003%	95,347%
Rio Ribeirão	2	0,003%	95,350%
Rio São Domingos	2	0,003%	95,353%
Rio Secco / Rio Seco	2	0,003%	95,356%
Rio Spree / Sprea	2	0,003%	95,359%
Rio Sussui	2	0,003%	95,362%
Rio Taucary	2	0,003%	95,365%
Rio Tibre	2	0,003%	95,368%
Rio Tipoany	2	0,003%	95,371%
Rio Turvo	2	0,003%	95,374%
Rio Tutoya	2	0,003%	95,377%
Rio Verissimo	2	0,003%	95,380%
Rio Volga / Rio Vouga	2	0,003%	95,383%
Rio Xingu	2	0,003%	95,385%
Rio Zezere	2	0,003%	95,388%
Riviere / La Riviere	2	0,003%	95,391%
Roggewen (Ilha)	2	0,003%	95,394%
Ronquillo	2	0,003%	95,397%
Rosla / Roslau	2	0,003%	95,400%
Roxas	2	0,003%	95,403%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rozario	2	0,003%	95,406%
Rurik	2	0,003%	95,409%
Sabugal	2	0,003%	95,412%
Saint James	2	0,003%	95,415%
Salceda	2	0,003%	95,418%
Sallent	2	0,003%	95,421%
San José	2	0,003%	95,424%
San Nicolás	2	0,003%	95,427%
San Ramon	2	0,003%	95,430%
Sana	2	0,003%	95,433%
Sanguesa	2	0,003%	95,435%
Santa Ana da Parnahiba	2	0,003%	95,438%
Santa Anna (Ilhas de)	2	0,003%	95,441%
Santa Cecilia	2	0,003%	95,444%
Santa Cruz (Goyaz)	2	0,003%	95,447%
Santa Justa (Serra)	2	0,003%	95,450%
Santa Maria de Belém do Gão Pará	2	0,003%	95,453%
Santa Maria do Icatú	2	0,003%	95,456%
Santa Rosa (Arraial)	2	0,003%	95,459%
Santa Sé	2	0,003%	95,462%
Santa Victoria	2	0,003%	95,465%
Santiago (Ilha) - Cabo Verde	2	0,003%	95,468%
Santíssimo Coração do Jesus da Nova Valença (Vila)	2	0,003%	95,471%
Santo Amaro das Grotas	2	0,003%	95,474%
Santo Antonio (PE)	2	0,003%	95,477%
Santonha	2	0,003%	95,480%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São Bento	2	0,003%	95,483%
São Bento dos Perizes	2	0,003%	95,486%
São Borja / São Borjas	2	0,003%	95,488%
São Boy	2	0,003%	95,491%
São Fernando	2	0,003%	95,494%
São Francisco de Sergipe do Conde	2	0,003%	95,497%
São Francisco do Sul (Vila)	2	0,003%	95,500%
São João Baptista de Miriti	2	0,003%	95,503%
São João Baptista de Vinhaes	2	0,003%	95,506%
São João da Lagoa	2	0,003%	95,509%
São João das Três Barras	2	0,003%	95,512%
São João de Itaborahi	2	0,003%	95,515%
São João de Macahe	2	0,003%	95,518%
São João Marcos	2	0,003%	95,521%
São José de Guimarães	2	0,003%	95,524%
São José de Tocantins (Arraial)	2	0,003%	95,527%
São José Velho	2	0,003%	95,530%
São Luzia (Arraial)	2	0,003%	95,533%
São Miguel (PE)	2	0,003%	95,536%
São Miguel, Faial (Ilhas)	2	0,003%	95,538%
São Pedro d'El Rei	2	0,003%	95,541%
São Rafael	2	0,003%	95,544%
São Rafael de Barrancas	2	0,003%	95,547%
São Romão (Arraial)	2	0,003%	95,550%
São Salvador dos Campos	2	0,003%	95,553%
São Sebastião (Serra)	2	0,003%	95,556%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São Vemos	2	0,003%	95,559%
Saône	2	0,003%	95,562%
Sarrea	2	0,003%	95,565%
Savannah	2	0,003%	95,568%
Schawbeck	2	0,003%	95,571%
Schelestade / Schelestade	2	0,003%	95,574%
Scheweriu / Schwerim	2	0,003%	95,577%
Schio	2	0,003%	95,580%
Schoenbrunn	2	0,003%	95,583%
Schongaw	2	0,003%	95,586%
Sé	2	0,003%	95,589%
Segalien (Ilha)	2	0,003%	95,591%
Segovilha	2	0,003%	95,594%
Senhora das Graças de Lobrigos	2	0,003%	95,597%
Sens	2	0,003%	95,600%
Serinhaam	2	0,003%	95,603%
Serro Frio	2	0,003%	95,606%
Serro Largo	2	0,003%	95,609%
Sierra	2	0,003%	95,612%
Sirenhen (PE)	2	0,003%	95,615%
Sleswick	2	0,003%	95,618%
Smolensko	2	0,003%	95,621%
Snares (Ilhas)	2	0,003%	95,624%
Sofala	2	0,003%	95,627%
Soria	2	0,003%	95,630%
Souracata	2	0,003%	95,633%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Soure (MA)	2	0,003%	95,636%
Spandau	2	0,003%	95,639%
Spiridiow (Ilha de)	2	0,003%	95,641%
Stadelau	2	0,003%	95,644%
Stadintzi	2	0,003%	95,647%
Straubing	2	0,003%	95,650%
Strogonoff	2	0,003%	95,653%
Stullgard	2	0,003%	95,656%
Suabia	2	0,003%	95,659%
Sud-Beeveland (Ilha de)	2	0,003%	95,662%
Sussex	2	0,003%	95,665%
Syracusa	2	0,003%	95,668%
Taboaté	2	0,003%	95,671%
Taibaté	2	0,003%	95,674%
Taipú	2	0,003%	95,677%
Talarn	2	0,003%	95,680%
Tamandaré	2	0,003%	95,683%
Tamaraca	2	0,003%	95,686%
Tanger	2	0,003%	95,689%
Tangere	2	0,003%	95,692%
Tapagé	2	0,003%	95,694%
Tarancon	2	0,003%	95,697%
Tarascon	2	0,003%	95,700%
Tarbes	2	0,003%	95,703%
Tarrega	2	0,003%	95,706%
Tavora	2	0,003%	95,709%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Teixeira	2	0,003%	95,712%
Terra de Sandwich	2	0,003%	95,715%
Terra do Fogo	2	0,003%	95,718%
Texas	2	0,003%	95,721%
Thalwag	2	0,003%	95,724%
Thesouras (Arraial)	2	0,003%	95,727%
Thiessen	2	0,003%	95,730%
Thorn	2	0,003%	95,733%
Tienhaven (Ilha)	2	0,003%	95,736%
Timonha	2	0,003%	95,739%
Titopoli	2	0,003%	95,742%
Torija	2	0,003%	95,744%
Tornea / Torneo	2	0,003%	95,747%
Torremocha	2	0,003%	95,750%
Torteval	2	0,003%	95,753%
Totana	2	0,003%	95,756%
Tours	2	0,003%	95,759%
Tracia	2	0,003%	95,762%
Trebbin	2	0,003%	95,765%
Trebinzonda / Trebisonda	2	0,003%	95,768%
Treves	2	0,003%	95,771%
Trezidella	2	0,003%	95,774%
Tripoli	2	0,003%	95,777%
Tristão da Cunha (Ilha)	2	0,003%	95,780%
Tropico de Equador	2	0,003%	95,783%
Truxilla	2	0,003%	95,786%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Uberava	2	0,003%	95,789%
Umera	2	0,003%	95,792%
Upsala	2	0,003%	95,795%
Valença / Valencia de Alcântara	2	0,003%	95,797%
Varginha	2	0,003%	95,800%
Vaticano	2	0,003%	95,803%
Velasques	2	0,003%	95,806%
Vigue	2	0,003%	95,809%
Villar Formoso	2	0,003%	95,812%
Vinhaes	2	0,003%	95,815%
Vistosa	2	0,003%	95,818%
Volhynia	2	0,003%	95,821%
Walcheren (Ilha)	2	0,003%	95,824%
Whilhelensbourg (Ilha de)	2	0,003%	95,827%
Wight / Branca (Ilha)	2	0,003%	95,830%
Wilkovich	2	0,003%	95,833%
Worms / Worns	2	0,003%	95,836%
Wrede	2	0,003%	95,839%
Wurtchen	2	0,003%	95,842%
Wutzen	2	0,003%	95,845%
Yarmouth	2	0,003%	95,847%
Yucatan	2	0,003%	95,850%
Zabna	2	0,003%	95,853%
Zadorra	2	0,003%	95,856%
Zahne / Zadne	2	0,003%	95,859%
Zarskojeselo / Zarsko-Zélo	2	0,003%	95,862%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Abadia	1	0,001%	95,864%
Abchaise	1	0,001%	95,865%
Abra de Balada	1	0,001%	95,867%
Acape	1	0,001%	95,868%
Acará	1	0,001%	95,870%
Acarmania	1	0,001%	95,871%
Aceuche	1	0,001%	95,873%
Achern	1	0,001%	95,874%
Achterbrook	1	0,001%	95,875%
Acken	1	0,001%	95,877%
Aderlelau	1	0,001%	95,878%
Adige	1	0,001%	95,880%
Adissa	1	0,001%	95,881%
Aggerhuus	1	0,001%	95,883%
Agramant	1	0,001%	95,884%
Aguada	1	0,001%	95,886%
Aguapehy (Serra)	1	0,001%	95,887%
Aguiar	1	0,001%	95,889%
Aioz	1	0,001%	95,890%
Aix-les-Bains	1	0,001%	95,892%
Alabama	1	0,001%	95,893%
Alagon	1	0,001%	95,895%
Alais	1	0,001%	95,896%
Alandroal	1	0,001%	95,898%
Alava	1	0,001%	95,899%
Albariz	1	0,001%	95,900%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Albergaria	1	0,001%	95,902%
Alblasserwaard	1	0,001%	95,903%
Albo	1	0,001%	95,905%
Alby	1	0,001%	95,906%
Alcacer do Sal	1	0,001%	95,908%
Alcalde	1	0,001%	95,909%
Alcanez	1	0,001%	95,911%
Alcaraz	1	0,001%	95,912%
Alçarria	1	0,001%	95,914%
Alcoconda	1	0,001%	95,915%
Alcoentre	1	0,001%	95,917%
Alcoutim	1	0,001%	95,918%
Alcoy	1	0,001%	95,920%
Alegre	1	0,001%	95,921%
Alegrete	1	0,001%	95,923%
Alfena	1	0,001%	95,924%
Algerinas	1	0,001%	95,925%
Algoulene	1	0,001%	95,927%
Alhambra	1	0,001%	95,928%
Alia	1	0,001%	95,930%
Alikirch	1	0,001%	95,931%
Ali-Pacha	1	0,001%	95,933%
Aliseda	1	0,001%	95,934%
Allegham	1	0,001%	95,936%
Allens (Ilha)	1	0,001%	95,937%
Aller	1	0,001%	95,939%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Almagro	1	0,001%	95,940%
Almaraz	1	0,001%	95,942%
Almas	1	0,001%	95,943%
Almeirim (PA)	1	0,001%	95,945%
Almendralejo	1	0,001%	95,946%
Alogon	1	0,001%	95,948%
Alprecatas	1	0,001%	95,949%
Alpujarras	1	0,001%	95,950%
Alqueidão	1	0,001%	95,952%
Alsleben	1	0,001%	95,953%
Alta (Ilha)	1	0,001%	95,955%
Alta Moldovia	1	0,001%	95,956%
Alten	1	0,001%	95,958%
Altensten	1	0,001%	95,959%
Alter do Cham (PA)	1	0,001%	95,961%
Altheim	1	0,001%	95,962%
Alto da Cotovia	1	0,001%	95,964%
Alto Miirim	1	0,001%	95,965%
Altona	1	0,001%	95,967%
Alvaiazere	1	0,001%	95,968%
Alvelos (PA)	1	0,001%	95,970%
Alvor (Vila)	1	0,001%	95,971%
Amanbay	1	0,001%	95,973%
Amaro Leite dos Araés	1	0,001%	95,974%
Ambers	1	0,001%	95,976%
Ambigu	1	0,001%	95,977%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Ambrie	1	0,001%	95,978%
Ameyugo	1	0,001%	95,980%
Amiclea	1	0,001%	95,981%
Ampurias	1	0,001%	95,983%
Amurro	1	0,001%	95,984%
Anamahá (Ilha)	1	0,001%	95,986%
Anatolio	1	0,001%	95,987%
Ance Noire	1	0,001%	95,989%
Andelys	1	0,001%	95,990%
Andilla	1	0,001%	95,992%
Andraí	1	0,001%	95,993%
Angamala	1	0,001%	95,995%
Angunciana	1	0,001%	95,996%
Anicuns (Arraial)	1	0,001%	95,998%
Annecy	1	0,001%	95,999%
Anona	1	0,001%	96,001%
Añora	1	0,001%	96,002%
Antaquera	1	0,001%	96,003%
Antibes	1	0,001%	96,005%
Anticosta (Ilha)	1	0,001%	96,006%
Antioquia	1	0,001%	96,008%
Anweiler (Cantão)	1	0,001%	96,009%
Aquitás (MA)	1	0,001%	96,011%
Aranjaes	1	0,001%	96,012%
Arapari	1	0,001%	96,014%
Ararany (Lago)	1	0,001%	96,015%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Araras (Cachoeira)	1	0,001%	96,017%
Araraytaguaba	1	0,001%	96,018%
Araruama	1	0,001%	96,020%
Arassagy	1	0,001%	96,021%
Arassás	1	0,001%	96,023%
Arau	1	0,001%	96,024%
Arbelas	1	0,001%	96,026%
Arbentos	1	0,001%	96,027%
Arbug	1	0,001%	96,028%
Arcadia	1	0,001%	96,030%
Arcas	1	0,001%	96,031%
Arcos de Val de Vez	1	0,001%	96,033%
Ardennes	1	0,001%	96,034%
Areiro	1	0,001%	96,036%
Arequipa	1	0,001%	96,037%
Aretien	1	0,001%	96,039%
Argevia	1	0,001%	96,040%
Arguim	1	0,001%	96,042%
Ariacune (Ilha)	1	0,001%	96,043%
Arinez	1	0,001%	96,045%
Arlaban	1	0,001%	96,046%
Arles	1	0,001%	96,048%
Armanay	1	0,001%	96,049%
Armeneyda	1	0,001%	96,051%
Armida (Ilha)	1	0,001%	96,052%
Aronches	1	0,001%	96,054%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Arraial da Conquista (Arraial)	1	0,001%	96,055%
Arraiolos (PA)	1	0,001%	96,056%
Arrecife	1	0,001%	96,058%
Arriba	1	0,001%	96,059%
Arrochella	1	0,001%	96,061%
Arroios	1	0,001%	96,062%
Arronches	1	0,001%	96,064%
Arronxes (MA)	1	0,001%	96,065%
Arroyo de Clara	1	0,001%	96,067%
Aspern	1	0,001%	96,068%
Asteca	1	0,001%	96,070%
Atibaca	1	0,001%	96,071%
Attica	1	0,001%	96,073%
Auche	1	0,001%	96,074%
Auerta	1	0,001%	96,076%
Augereau	1	0,001%	96,077%
Aumampoze	1	0,001%	96,079%
Aurora (Ilha)	1	0,001%	96,080%
Austrália	1	0,001%	96,081%
Auvers	1	0,001%	96,083%
Auxonné	1	0,001%	96,084%
Avaticha	1	0,001%	96,086%
Avella	1	0,001%	96,087%
Avo	1	0,001%	96,089%
Avre	1	0,001%	96,090%
Ax	1	0,001%	96,092%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Azaria	1	0,001%	96,093%
Azebibi	1	0,001%	96,095%
Azuaga	1	0,001%	96,096%
Bacába de Fora	1	0,001%	96,098%
Bacabeira	1	0,001%	96,099%
Bacanga	1	0,001%	96,101%
Bachel (Aldeia)	1	0,001%	96,102%
Bactria	1	0,001%	96,104%
Baeza	1	0,001%	96,105%
Bagé	1	0,001%	96,106%
Bagrathion	1	0,001%	96,108%
Bagur	1	0,001%	96,109%
Bahamas (Ilhas)	1	0,001%	96,111%
Bahia de Castries	1	0,001%	96,112%
Bahia de Disco	1	0,001%	96,114%
Bahia de Rothesaes	1	0,001%	96,115%
Baigory	1	0,001%	96,117%
Bailleul	1	0,001%	96,118%
Baipindy (MG)	1	0,001%	96,120%
Baixo Palatinado	1	0,001%	96,121%
Bajé	1	0,001%	96,123%
Baku	1	0,001%	96,124%
Baldacci	1	0,001%	96,126%
Ballesteros	1	0,001%	96,127%
Baluarte	1	0,001%	96,129%
Bambuhy	1	0,001%	96,130%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Bananal (Arraial)	1	0,001%	96,131%
Bandee	1	0,001%	96,133%
Bandleconde	1	0,001%	96,134%
Banhos	1	0,001%	96,136%
Bannado de Temeswer	1	0,001%	96,137%
Bansdorf	1	0,001%	96,139%
Bar sur Aube	1	0,001%	96,140%
Baran	1	0,001%	96,142%
Barbaceuna / Barcarena (PA)	1	0,001%	96,143%
Barbadões	1	0,001%	96,145%
Barbalho	1	0,001%	96,146%
Barbante	1	0,001%	96,148%
Barca	1	0,001%	96,149%
Barcarena	1	0,001%	96,151%
Bardenfieth	1	0,001%	96,152%
Barfleur	1	0,001%	96,154%
Barinas	1	0,001%	96,155%
Barlone	1	0,001%	96,157%
Baroellos	1	0,001%	96,158%
Barra da Pomba	1	0,001%	96,159%
Barra da Vereda	1	0,001%	96,161%
Barra do Jardim	1	0,001%	96,162%
Barra do Paraguassú	1	0,001%	96,164%
Barra do Rio	1	0,001%	96,165%
Barra do Rio das Velhas (MG)	1	0,001%	96,167%
Barra do Rio Grande	1	0,001%	96,168%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Barraneas	1	0,001%	96,170%
Barreiras	1	0,001%	96,171%
Barroza	1	0,001%	96,173%
Baruth (Aldeia)	1	0,001%	96,174%
Basenhein	1	0,001%	96,176%
Basque	1	0,001%	96,177%
Bastos	1	0,001%	96,179%
Batanas (Ilhas)	1	0,001%	96,180%
Batara	1	0,001%	96,182%
Batefolha	1	0,001%	96,183%
Baterite (Serra)	1	0,001%	96,184%
Batuque (Ilha)	1	0,001%	96,186%
Baturite	1	0,001%	96,187%
Baumann (Ilhas)	1	0,001%	96,189%
Baunato	1	0,001%	96,190%
Bazaretto	1	0,001%	96,192%
Beato Antônio	1	0,001%	96,193%
Beauman (Ilha)	1	0,001%	96,195%
Beaupre (Ilhas)	1	0,001%	96,196%
Beausset	1	0,001%	96,198%
Beauvais	1	0,001%	96,199%
Beauvoisin	1	0,001%	96,201%
Belfont	1	0,001%	96,202%
Belheim	1	0,001%	96,204%
Belkowschtchi	1	0,001%	96,205%
Bellerge	1	0,001%	96,207%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Belleville	1	0,001%	96,208%
Bellinzona	1	0,001%	96,209%
Bellona	1	0,001%	96,211%
Belzig	1	0,001%	96,212%
Benaia	1	0,001%	96,214%
Bench (Cantão)	1	0,001%	96,215%
Benckendorff	1	0,001%	96,217%
Benfica	1	0,001%	96,218%
Benim	1	0,001%	96,220%
Bennevisse	1	0,001%	96,221%
Bennigsen	1	0,001%	96,223%
Berchtolsgraden	1	0,001%	96,224%
Berdyezou	1	0,001%	96,226%
Bergenhuis	1	0,001%	96,227%
Bergent	1	0,001%	96,229%
Bergerae	1	0,001%	96,230%
Bergzabern (Cantão de)	1	0,001%	96,232%
Beribe	1	0,001%	96,233%
Berlad	1	0,001%	96,234%
Berlangua	1	0,001%	96,236%
Bermerlebe	1	0,001%	96,237%
Bernis	1	0,001%	96,239%
Berreta (PA)	1	0,001%	96,240%
Berron	1	0,001%	96,242%
Bertanha	1	0,001%	96,243%
Bertzdorf	1	0,001%	96,245%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Berveley	1	0,001%	96,246%
Besançon	1	0,001%	96,248%
Besfort	1	0,001%	96,249%
Besrabarr	1	0,001%	96,251%
Bethune	1	0,001%	96,252%
Betica	1	0,001%	96,254%
Bezerra	1	0,001%	96,255%
Biapina (Serra)	1	0,001%	96,257%
Bicas (Arraial)	1	0,001%	96,258%
Biederitz	1	0,001%	96,260%
Biffert	1	0,001%	96,261%
Bigorre	1	0,001%	96,262%
Billerfeld	1	0,001%	96,264%
Biokow	1	0,001%	96,265%
Bithinia	1	0,001%	96,267%
Bituruna	1	0,001%	96,268%
Biupeba	1	0,001%	96,270%
Biuvac	1	0,001%	96,271%
Bizâncio	1	0,001%	96,273%
Bjorneborg	1	0,001%	96,274%
Blanes	1	0,001%	96,276%
Bleckede	1	0,001%	96,277%
Bliescastel (Cantão de)	1	0,001%	96,279%
Blois	1	0,001%	96,280%
Blucher	1	0,001%	96,282%
Blue Mountains	1	0,001%	96,283%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Blumenstein	1	0,001%	96,285%
Boa Esperança	1	0,001%	96,286%
Boa Viagem	1	0,001%	96,287%
Boitzenburgo	1	0,001%	96,289%
Bojarn (PA)	1	0,001%	96,290%
Bokhara	1	0,001%	96,292%
Bolea	1	0,001%	96,293%
Bom Jesus (Ilha)	1	0,001%	96,295%
Bom Sucesso	1	0,001%	96,296%
Bomley	1	0,001%	96,298%
Bonaparte (Ilha de)	1	0,001%	96,299%
Bonito	1	0,001%	96,301%
Bonn	1	0,001%	96,302%
Bons Pastos	1	0,001%	96,304%
Boqueirão Grande	1	0,001%	96,305%
Boqueirãozinho	1	0,001%	96,307%
Boquilla de Pieda	1	0,001%	96,308%
Borack	1	0,001%	96,310%
Borda do Campo	1	0,001%	96,311%
Borgonha	1	0,001%	96,312%
Borsa	1	0,001%	96,314%
Borysthenes	1	0,001%	96,315%
Boudet	1	0,001%	96,317%
Bougainville (Ilha)	1	0,001%	96,318%
Boulevard	1	0,001%	96,320%
Boussu (Cantão de)	1	0,001%	96,321%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Bowlhewvitz	1	0,001%	96,323%
Brackede	1	0,001%	96,324%
Braden (Alemanha)	1	0,001%	96,326%
Bragança (PA)	1	0,001%	96,327%
Bragança (SP)	1	0,001%	96,329%
Braila	1	0,001%	96,330%
Braite	1	0,001%	96,332%
Braojos	1	0,001%	96,333%
Brava (Ilha)	1	0,001%	96,335%
Brebiesca	1	0,001%	96,336%
Breja	1	0,001%	96,337%
Bremerleck	1	0,001%	96,339%
Brenan	1	0,001%	96,340%
Brescia	1	0,001%	96,342%
Bressuire	1	0,001%	96,343%
Bribiesca	1	0,001%	96,345%
Bribuega	1	0,001%	96,346%
Brides	1	0,001%	96,348%
Brie	1	0,001%	96,349%
Brie Comte Robert	1	0,001%	96,351%
Brighton	1	0,001%	96,352%
Brille	1	0,001%	96,354%
Britania	1	0,001%	96,355%
Bromado (Arraial)	1	0,001%	96,357%
Brossas	1	0,001%	96,358%
Bruitrago	1	0,001%	96,360%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Brunn	1	0,001%	96,361%
Buarcos	1	0,001%	96,363%
Buboa	1	0,001%	96,364%
Buckowina	1	0,001%	96,365%
Buckzere	1	0,001%	96,367%
Buda	1	0,001%	96,368%
Budeis	1	0,001%	96,370%
Buitrigo	1	0,001%	96,371%
Bukeburg	1	0,001%	96,373%
Bukudjere	1	0,001%	96,374%
Bulareli	1	0,001%	96,376%
Burburena (Serra)	1	0,001%	96,377%
Burdon	1	0,001%	96,379%
Burgchor	1	0,001%	96,380%
Burgonha	1	0,001%	96,382%
Burity	1	0,001%	96,383%
Buskan	1	0,001%	96,385%
Buza	1	0,001%	96,386%
Cabassaco	1	0,001%	96,388%
Cabeço-Negro	1	0,001%	96,389%
Cabia	1	0,001%	96,390%
Cabo (Arquipélogo)	1	0,001%	96,392%
Cabo (Vila)	1	0,001%	96,393%
Cabo Cod	1	0,001%	96,395%
Cabo Codeza	1	0,001%	96,396%
Cabo Colonna	1	0,001%	96,398%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cabo Comorim	1	0,001%	96,399%
Cabo Costa	1	0,001%	96,401%
Cabo da Circumcisão	1	0,001%	96,402%
Cabo da Lapa Gonçalves	1	0,001%	96,404%
Cabo das Correntes	1	0,001%	96,405%
Cabo de Delivrance	1	0,001%	96,407%
Cabo de Guardafu	1	0,001%	96,408%
Cabo Delgado (Ilhas de)	1	0,001%	96,410%
Cabo do Sueste de Dentrecaesteaux	1	0,001%	96,411%
Cabo Falso	1	0,001%	96,413%
Cabo Glacial	1	0,001%	96,414%
Cabo Longuerve de Guiné	1	0,001%	96,415%
Cabo Orloff	1	0,001%	96,417%
Cabo Ortegal	1	0,001%	96,418%
Cabo São João da Nova Guiné	1	0,001%	96,420%
Cabo Walsh	1	0,001%	96,421%
Cabrerizos	1	0,001%	96,423%
Cabrito	1	0,001%	96,424%
Cabruta	1	0,001%	96,426%
Cacão (Ribeiro)	1	0,001%	96,427%
Caceres	1	0,001%	96,429%
Cachoeira do Salto	1	0,001%	96,430%
Cadena	1	0,001%	96,432%
Cadsand (Ilha de)	1	0,001%	96,433%
Cafraria	1	0,001%	96,435%
Cágado (Serra)	1	0,001%	96,436%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cagnes	1	0,001%	96,438%
Cahors	1	0,001%	96,439%
Cailhão (Ilha)	1	0,001%	96,441%
Cairo	1	0,001%	96,442%
Caitité	1	0,001%	96,443%
Calçada de los Molinos	1	0,001%	96,445%
Calchuá	1	0,001%	96,446%
Calconda	1	0,001%	96,448%
Caldas (Serra)	1	0,001%	96,449%
Caldas de Aix	1	0,001%	96,451%
Calhão	1	0,001%	96,452%
Caledonia (Ilha)	1	0,001%	96,454%
Caltanissetta	1	0,001%	96,455%
Calvarasa de Arriba	1	0,001%	96,457%
Camamá	1	0,001%	96,458%
Camamum	1	0,001%	96,460%
Camandocaia	1	0,001%	96,461%
Camapoan	1	0,001%	96,463%
Camapuari	1	0,001%	96,464%
Camará (Serra)	1	0,001%	96,466%
Camarão	1	0,001%	96,467%
Camarilla	1	0,001%	96,468%
Camaté	1	0,001%	96,470%
Cambia	1	0,001%	96,471%
Camboa	1	0,001%	96,473%
Cameas	1	0,001%	96,474%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Camenino	1	0,001%	96,476%
Camenz	1	0,001%	96,477%
Camochativa	1	0,001%	96,479%
Camoci	1	0,001%	96,480%
Campadura	1	0,001%	96,482%
Campajanes	1	0,001%	96,483%
Campanha	1	0,001%	96,485%
Campeche	1	0,001%	96,486%
Campillo	1	0,001%	96,488%
Campo Maior de Querexeramobim (MA)	1	0,001%	96,489%
Campo-Formio	1	0,001%	96,491%
Campvere	1	0,001%	96,492%
Canáa	1	0,001%	96,493%
Canajones	1	0,001%	96,495%
Canal de Gotha	1	0,001%	96,496%
Canal de Holstein	1	0,001%	96,498%
Canal de Messina	1	0,001%	96,499%
Canal de São Jorge	1	0,001%	96,501%
Cananor	1	0,001%	96,502%
Cañate	1	0,001%	96,504%
Canavezes	1	0,001%	96,505%
Canclones	1	0,001%	96,507%
Candia	1	0,001%	96,508%
Canea	1	0,001%	96,510%
Canete	1	0,001%	96,511%
Canguazú	1	0,001%	96,513%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cantalapiedra	1	0,001%	96,514%
Cantão (China)	1	0,001%	96,516%
Cante	1	0,001%	96,517%
Canunea	1	0,001%	96,518%
Capamoan	1	0,001%	96,520%
Capibaribe	1	0,001%	96,521%
Capim (PA)	1	0,001%	96,523%
Capimpuba	1	0,001%	96,524%
Capitania de Rio Senna	1	0,001%	96,526%
Capitanias do Norte do Brasil	1	0,001%	96,527%
Capitanias do Sul	1	0,001%	96,529%
Capivaras (Ilha)	1	0,001%	96,530%
Capivari	1	0,001%	96,532%
Cappadocia	1	0,001%	96,533%
Caragol	1	0,001%	96,535%
Carandá	1	0,001%	96,536%
Carapaná	1	0,001%	96,538%
Caraparú (PA)	1	0,001%	96,539%
Carapunatuba (Ilhas)	1	0,001%	96,541%
Carará	1	0,001%	96,542%
Carayaca	1	0,001%	96,544%
Cardona	1	0,001%	96,545%
Car-huacallan	1	0,001%	96,546%
Carignan	1	0,001%	96,548%
Carinthia	1	0,001%	96,549%
Carisham	1	0,001%	96,551%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Carlhamn	1	0,001%	96,552%
Carlisle	1	0,001%	96,554%
Carlos Hoff (Ilhas)	1	0,001%	96,555%
Carlsham	1	0,001%	96,557%
Carniola	1	0,001%	96,558%
Carouge	1	0,001%	96,560%
Carrellia (Ilha de)	1	0,001%	96,561%
Carreti	1	0,001%	96,563%
Carrin	1	0,001%	96,564%
Carseta	1	0,001%	96,566%
Cartaja	1	0,001%	96,567%
Cartuxo	1	0,001%	96,569%
Caruatá	1	0,001%	96,570%
Carumbé	1	0,001%	96,571%
Carynhanha (PE)	1	0,001%	96,573%
Case Naviere	1	0,001%	96,574%
Caspe	1	0,001%	96,576%
Castanheda	1	0,001%	96,577%
Castanho (Serra)	1	0,001%	96,579%
Castellamare	1	0,001%	96,580%
Castello de Vide	1	0,001%	96,582%
Castello Rodrigo	1	0,001%	96,583%
Castelo de Vide	1	0,001%	96,585%
Castiglione	1	0,001%	96,586%
Cataggiolo	1	0,001%	96,588%
Catalão	1	0,001%	96,589%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Catalayud	1	0,001%	96,591%
Catam	1	0,001%	96,592%
Catania	1	0,001%	96,594%
Catilaria	1	0,001%	96,595%
Catinbida	1	0,001%	96,596%
Cattaro	1	0,001%	96,598%
Cauhintaú (Lago)	1	0,001%	96,599%
Caxoeirinha	1	0,001%	96,601%
Cayuabas (Lago)	1	0,001%	96,602%
Cazal Cochim	1	0,001%	96,604%
Celeiros	1	0,001%	96,605%
Cellent	1	0,001%	96,607%
Cerdenha	1	0,001%	96,608%
Cerneaux Pequinot	1	0,001%	96,610%
Cernisee	1	0,001%	96,611%
Cerro Largo	1	0,001%	96,613%
Cestona	1	0,001%	96,614%
Chalupa	1	0,001%	96,616%
Chamonix	1	0,001%	96,617%
Champsal	1	0,001%	96,619%
Champsec	1	0,001%	96,620%
Chancai	1	0,001%	96,621%
Changey	1	0,001%	96,623%
Chapada	1	0,001%	96,624%
Chapada de Embirussu	1	0,001%	96,626%
Chapada de São Felix	1	0,001%	96,627%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Chapada de São João	1	0,001%	96,629%
Charleroi	1	0,001%	96,630%
Charleton	1	0,001%	96,632%
Charlottenburg	1	0,001%	96,633%
Chartres	1	0,001%	96,635%
Chatam (Ilha)	1	0,001%	96,636%
Chatelherault	1	0,001%	96,638%
Chaul	1	0,001%	96,639%
Chauteaubriand	1	0,001%	96,641%
Chavante	1	0,001%	96,642%
Chenow	1	0,001%	96,644%
Chiclana	1	0,001%	96,645%
Chimay (Cantão de)	1	0,001%	96,647%
Chinchilla	1	0,001%	96,648%
Chins (Colonias de)	1	0,001%	96,649%
Chippeway	1	0,001%	96,651%
Chocó	1	0,001%	96,652%
Cholet	1	0,001%	96,654%
Cholmondeley	1	0,001%	96,655%
Chumla	1	0,001%	96,657%
Cidade do Mexico	1	0,001%	96,658%
Cínca	1	0,001%	96,660%
Cinco Villas	1	0,001%	96,661%
Cintru (Serra)	1	0,001%	96,663%
Circe (Ilha)	1	0,001%	96,664%
Civita	1	0,001%	96,666%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Clarence	1	0,001%	96,667%
Claudio	1	0,001%	96,669%
Clemanee	1	0,001%	96,670%
Climani	1	0,001%	96,672%
Côa	1	0,001%	96,673%
Coayllo	1	0,001%	96,674%
Cocal dos Perineos	1	0,001%	96,676%
Codó	1	0,001%	96,677%
Coée	1	0,001%	96,679%
Cofala	1	0,001%	96,680%
Cognac	1	0,001%	96,682%
Coja	1	0,001%	96,683%
Colares (PA)	1	0,001%	96,685%
Colben	1	0,001%	96,686%
Colombier	1	0,001%	96,688%
Colontiers	1	0,001%	96,689%
Columba	1	0,001%	96,691%
Colunha	1	0,001%	96,692%
Comacancha	1	0,001%	96,694%
Compiègne	1	0,001%	96,695%
Conceição (PA)	1	0,001%	96,697%
Conceição da Cidade	1	0,001%	96,698%
Conceição da Tutoya	1	0,001%	96,699%
Conceição de Vianna	1	0,001%	96,701%
Conceição do Alferes (Freguesia)	1	0,001%	96,702%
Conceição do Paraguay	1	0,001%	96,704%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Concordia	1	0,001%	96,705%
Condado da Marck	1	0,001%	96,707%
Confederação Allemã	1	0,001%	96,708%
Confederação da Suissa	1	0,001%	96,710%
Congonha	1	0,001%	96,711%
Constadt	1	0,001%	96,713%
Constança	1	0,001%	96,714%
Contagem	1	0,001%	96,716%
Contorbery	1	0,001%	96,717%
Contra Costa	1	0,001%	96,719%
Copaiba	1	0,001%	96,720%
Corcega (Ilha)	1	0,001%	96,722%
Corck Island	1	0,001%	96,723%
Cordeña	1	0,001%	96,724%
Cordon	1	0,001%	96,726%
Cordunella	1	0,001%	96,727%
Coroatá	1	0,001%	96,729%
Coromandel	1	0,001%	96,730%
Cororipe	1	0,001%	96,732%
Corrego do Jaraguá (Arraial)	1	0,001%	96,733%
Corrego Seco	1	0,001%	96,735%
Correntão	1	0,001%	96,736%
Córsica	1	0,001%	96,738%
Cosdorf	1	0,001%	96,739%
Costa da Barbaria	1	0,001%	96,741%
Costa da Biscaia	1	0,001%	96,742%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Costa d'Ouro	1	0,001%	96,744%
Coucy	1	0,001%	96,745%
Couros (Arraial)	1	0,001%	96,747%
Covelinhas	1	0,001%	96,748%
Crackritz (Aldeia)	1	0,001%	96,750%
Cratiux (Serra)	1	0,001%	96,751%
Creutznach	1	0,001%	96,752%
Criméa	1	0,001%	96,754%
Cristaes (Serra)	1	0,001%	96,755%
Croará	1	0,001%	96,757%
Crocodilo	1	0,001%	96,758%
Cruz	1	0,001%	96,760%
Cruz das Almas	1	0,001%	96,761%
Cruz do Taboado	1	0,001%	96,763%
Csupria	1	0,001%	96,764%
Cuari (PA)	1	0,001%	96,766%
Cubatão	1	0,001%	96,767%
Cuentar	1	0,001%	96,769%
Cuidad Real	1	0,001%	96,770%
Cullar de Braza	1	0,001%	96,772%
Cumberland	1	0,001%	96,773%
Cunterbery	1	0,001%	96,775%
Curland	1	0,001%	96,776%
Curral d'El Rei (Serra)	1	0,001%	96,777%
Curral do Campo	1	0,001%	96,779%
Curralinho (Arraial)	1	0,001%	96,780%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cursaqueira	1	0,001%	96,782%
Curumatam	1	0,001%	96,783%
Curumboty	1	0,001%	96,785%
Cururupu	1	0,001%	96,786%
Czernowitz	1	0,001%	96,788%
Dacia	1	0,001%	96,789%
Daghestan	1	0,001%	96,791%
Daime	1	0,001%	96,792%
Dalicarlia	1	0,001%	96,794%
Damão	1	0,001%	96,795%
Damasco	1	0,001%	96,797%
Dana	1	0,001%	96,798%
Danneberg	1	0,001%	96,800%
Dannebrog	1	0,001%	96,801%
Darro	1	0,001%	96,802%
Deba	1	0,001%	96,804%
Delaware	1	0,001%	96,805%
Delitsch	1	0,001%	96,807%
Delphina (Ilha)	1	0,001%	96,808%
Delphinado	1	0,001%	96,810%
Denia	1	0,001%	96,811%
Denno	1	0,001%	96,813%
Denoon	1	0,001%	96,814%
Dentrecasteaux	1	0,001%	96,816%
Derbent	1	0,001%	96,817%
Descoberto d'Amaro Leite	1	0,001%	96,819%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Descoberto do Ouro Podre	1	0,001%	96,820%
Dettingen	1	0,001%	96,822%
Diamantina do Sertão do Indaiá	1	0,001%	96,823%
Diarbeck	1	0,001%	96,825%
Dillingen	1	0,001%	96,826%
Dinamarquezas (Ilhas)	1	0,001%	96,827%
Divino Espirito Santo	1	0,001%	96,829%
Dobberan	1	0,001%	96,830%
Dodona	1	0,001%	96,832%
Doleperg	1	0,001%	96,833%
Dolt	1	0,001%	96,835%
Domremy	1	0,001%	96,836%
Donawer	1	0,001%	96,838%
Dordrecht	1	0,001%	96,839%
Dormant	1	0,001%	96,841%
Doudeauville	1	0,001%	96,842%
Dowling	1	0,001%	96,844%
Draguignan	1	0,001%	96,845%
Drontheim	1	0,001%	96,847%
Drosah	1	0,001%	96,848%
Duhiza	1	0,001%	96,850%
Dunaberg	1	0,001%	96,851%
Durango	1	0,001%	96,853%
Durlach	1	0,001%	96,854%
Duvenstedt	1	0,001%	96,855%
Dwisa (Ilha de)	1	0,001%	96,857%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
East Roge	1	0,001%	96,858%
Eastport	1	0,001%	96,860%
Eberfeldt	1	0,001%	96,861%
Ebersdorf	1	0,001%	96,863%
Ecauring (Cantão)	1	0,001%	96,864%
Eckerford	1	0,001%	96,866%
Ecomberia	1	0,001%	96,867%
Efposende (PA)	1	0,001%	96,869%
Egeln	1	0,001%	96,870%
Egina	1	0,001%	96,872%
Egoa	1	0,001%	96,873%
Eguia	1	0,001%	96,875%
Eichholtz	1	0,001%	96,876%
El Cerro Largo	1	0,001%	96,878%
Elateia	1	0,001%	96,879%
Elberfield	1	0,001%	96,880%
Elbeuf	1	0,001%	96,882%
Elche de la Sierra	1	0,001%	96,883%
Elchingen	1	0,001%	96,885%
Eleckede	1	0,001%	96,886%
Elsdorf	1	0,001%	96,888%
Elster	1	0,001%	96,889%
Eltz	1	0,001%	96,891%
Elwund	1	0,001%	96,892%
Empecinado	1	0,001%	96,894%
Encina	1	0,001%	96,895%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Enns	1	0,001%	96,897%
Enonrellis	1	0,001%	96,898%
Enseada	1	0,001%	96,900%
Enseada de Brito	1	0,001%	96,901%
Erbersdorf	1	0,001%	96,903%
Erscroun	1	0,001%	96,904%
Escandinavia / Scandinavia	1	0,001%	96,905%
Escaray	1	0,001%	96,907%
Esmirna	1	0,001%	96,908%
Espera	1	0,001%	96,910%
Espinhhal	1	0,001%	96,911%
Espinhosa	1	0,001%	96,913%
Espirito Santo (Arraial)	1	0,001%	96,914%
Espulgás	1	0,001%	96,916%
Essone	1	0,001%	96,917%
Estadilla	1	0,001%	96,919%
Estados do Papa	1	0,001%	96,920%
Estados Germanicos	1	0,001%	96,922%
Estella	1	0,001%	96,923%
Estramuros	1	0,001%	96,925%
Estreito da Rocha	1	0,001%	96,926%
Estreito de Adem	1	0,001%	96,928%
Estreito de Amian	1	0,001%	96,929%
Estreito de Calais	1	0,001%	96,931%
Estreito de Cook	1	0,001%	96,932%
Estreito de Davis	1	0,001%	96,933%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Estreito de Perouse	1	0,001%	96,935%
Estreito de Sangar	1	0,001%	96,936%
Estreito de Turcos	1	0,001%	96,938%
Estrondo (Serra)	1	0,001%	96,939%
Eubea (Ilha)	1	0,001%	96,941%
Eufrazia	1	0,001%	96,942%
Eugelholm	1	0,001%	96,944%
Exea	1	0,001%	96,945%
Exeter	1	0,001%	96,947%
Extrema	1	0,001%	96,948%
Eyben	1	0,001%	96,950%
Eylau	1	0,001%	96,951%
Fagadinia	1	0,001%	96,953%
Falset	1	0,001%	96,954%
Fane	1	0,001%	96,956%
Faro (PA)	1	0,001%	96,957%
Faverges (Cantão de)	1	0,001%	96,958%
Feejee (Ilha)	1	0,001%	96,960%
Feldsberg	1	0,001%	96,961%
Felis da Costa	1	0,001%	96,963%
Felmuth	1	0,001%	96,964%
Feltre	1	0,001%	96,966%
Ferette	1	0,001%	96,967%
Fernando (Ilha)	1	0,001%	96,969%
Ferre Champenoise	1	0,001%	96,970%
Ferreira	1	0,001%	96,972%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Ferreiro (Arraial)	1	0,001%	96,973%
Ferrerio	1	0,001%	96,975%
Ferro (Ilha)	1	0,001%	96,976%
Ferroe (Ilhas)	1	0,001%	96,978%
Ferrouaye	1	0,001%	96,979%
Fette	1	0,001%	96,981%
Fiddel (Ilha de)	1	0,001%	96,982%
Figueira (Cachoeira)	1	0,001%	96,983%
Finmarck	1	0,001%	96,985%
Fiobnsdorff	1	0,001%	96,986%
Flaquer	1	0,001%	96,988%
Flechas (Ilhas)	1	0,001%	96,989%
Flensburg	1	0,001%	96,991%
Fleurus	1	0,001%	96,992%
Florennes (Cantão de)	1	0,001%	96,994%
Floridablanca	1	0,001%	96,995%
Floridas	1	0,001%	96,997%
Fockshaw	1	0,001%	96,998%
Foix	1	0,001%	97,000%
Fonte Boa (PA)	1	0,001%	97,001%
Fontellas	1	0,001%	97,003%
Fontenelles	1	0,001%	97,004%
Fontenoy	1	0,001%	97,006%
Formoza (Ilha)	1	0,001%	97,007%
Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção	1	0,001%	97,008%
Foul Point	1	0,001%	97,010%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Fraga	1	0,001%	97,011%
Franché Comté	1	0,001%	97,013%
Francoso	1	0,001%	97,014%
Frangy (Cantão de)	1	0,001%	97,016%
Frasnes	1	0,001%	97,017%
Frechal (Lago)	1	0,001%	97,019%
Fregenal	1	0,001%	97,020%
Freguesia de Curral d'El Rei	1	0,001%	97,022%
Freguesia de Santa Luzia	1	0,001%	97,023%
Frejenal	1	0,001%	97,025%
Freynedas	1	0,001%	97,026%
Friburgo (Cantão)	1	0,001%	97,028%
Frieselan Oriental	1	0,001%	97,029%
Fromentieres	1	0,001%	97,031%
Fronteira	1	0,001%	97,032%
Frontignan	1	0,001%	97,034%
Fruenbrietzen	1	0,001%	97,035%
Fuentes de Onhore	1	0,001%	97,036%
Fuessen	1	0,001%	97,038%
Fulazyn	1	0,001%	97,039%
Fulda	1	0,001%	97,041%
Fundão	1	0,001%	97,042%
Gabinda	1	0,001%	97,044%
Gaiteiro	1	0,001%	97,045%
Galiléa	1	0,001%	97,047%
Gallizes	1	0,001%	97,048%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Galteburg	1	0,001%	97,050%
Gama	1	0,001%	97,051%
Gameleira	1	0,001%	97,053%
Gamonal	1	0,001%	97,054%
Gamora	1	0,001%	97,056%
Gandulhas	1	0,001%	97,057%
Gani	1	0,001%	97,059%
Ganshin	1	0,001%	97,060%
Garcia	1	0,001%	97,061%
Garnesey	1	0,001%	97,063%
Garnesse	1	0,001%	97,064%
Garupapa	1	0,001%	97,066%
Gascogne	1	0,001%	97,067%
Gaspe	1	0,001%	97,069%
Gaspie	1	0,001%	97,070%
Gaucin	1	0,001%	97,072%
Gedmne (Cantão)	1	0,001%	97,073%
Genappes	1	0,001%	97,075%
Gendarmaria	1	0,001%	97,076%
Gequintinhonha	1	0,001%	97,078%
Geremuabo	1	0,001%	97,079%
Germania	1	0,001%	97,081%
Getrez	1	0,001%	97,082%
Giesen	1	0,001%	97,084%
Girard	1	0,001%	97,085%
Giurgowo	1	0,001%	97,086%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Glares	1	0,001%	97,088%
Glaris	1	0,001%	97,089%
Glenzindorf	1	0,001%	97,091%
Gloucester	1	0,001%	97,092%
Goarda	1	0,001%	97,094%
Goatemala	1	0,001%	97,095%
Goerde	1	0,001%	97,097%
Goianna Portuguesa	1	0,001%	97,098%
Golfo da Finlândia	1	0,001%	97,100%
Golfo de Bothnia	1	0,001%	97,101%
Golfo de Leão	1	0,001%	97,103%
Golfo de Patras	1	0,001%	97,104%
Golfo de São Sebastião	1	0,001%	97,106%
Goltingor	1	0,001%	97,107%
Gomera (Ilha)	1	0,001%	97,109%
Goré	1	0,001%	97,110%
Górea (Ilha)	1	0,001%	97,111%
Goree	1	0,001%	97,113%
Gorsow	1	0,001%	97,114%
Gosseliers	1	0,001%	97,116%
Gothland	1	0,001%	97,117%
Gottinga	1	0,001%	97,119%
Governador (Ilha)	1	0,001%	97,120%
Grande Porta do Sultão	1	0,001%	97,122%
Grandola	1	0,001%	97,123%
Granja	1	0,001%	97,125%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Grasbroak	1	0,001%	97,126%
Gratz	1	0,001%	97,128%
Grave	1	0,001%	97,129%
Greenland	1	0,001%	97,131%
Gregas (Ilhas)	1	0,001%	97,132%
Greisland	1	0,001%	97,134%
Grenada	1	0,001%	97,135%
Grenade	1	0,001%	97,137%
Grenock	1	0,001%	97,138%
Grijó	1	0,001%	97,139%
Grisonas	1	0,001%	97,141%
Groeland	1	0,001%	97,142%
Grosshoffen	1	0,001%	97,144%
Grotsch	1	0,001%	97,145%
Guadalcanal	1	0,001%	97,147%
Guadarrama	1	0,001%	97,148%
Guadianna	1	0,001%	97,150%
Guaiana (PE)	1	0,001%	97,151%
Guajará (PA)	1	0,001%	97,153%
Guajaramerim (Cachoeira)	1	0,001%	97,154%
Guajara-uaçu (Cachoeira)	1	0,001%	97,156%
Guamanga	1	0,001%	97,157%
Guaquile	1	0,001%	97,159%
Guarajá	1	0,001%	97,160%
Guaranis de Missões	1	0,001%	97,162%
Guarape	1	0,001%	97,163%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Guarapuava	1	0,001%	97,164%
Guariobas	1	0,001%	97,166%
Guaritiba	1	0,001%	97,167%
Guarnizai	1	0,001%	97,169%
Guarochiri	1	0,001%	97,170%
Guarroman	1	0,001%	97,172%
Guasco	1	0,001%	97,173%
Guastala	1	0,001%	97,175%
Gudin	1	0,001%	97,176%
Gueirons	1	0,001%	97,178%
Guenes	1	0,001%	97,179%
Guianna Portuguesa	1	0,001%	97,181%
Guiche	1	0,001%	97,182%
Guilford	1	0,001%	97,184%
Guimaraens (MA)	1	0,001%	97,185%
Guinea Portuguesa	1	0,001%	97,187%
Guipuzeoa	1	0,001%	97,188%
Guirapariba	1	0,001%	97,189%
Guoa	1	0,001%	97,191%
Guoleta	1	0,001%	97,192%
Gurada	1	0,001%	97,194%
Guria	1	0,001%	97,195%
Guruguay	1	0,001%	97,197%
Gurupá	1	0,001%	97,198%
Gurupá (PA)	1	0,001%	97,200%
Gutinguba	1	0,001%	97,201%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Guyannna Portuguesa	1	0,001%	97,203%
Guyaquil	1	0,001%	97,204%
Hallstadt	1	0,001%	97,206%
Halt	1	0,001%	97,207%
Hanau	1	0,001%	97,209%
Hango	1	0,001%	97,210%
Harlem	1	0,001%	97,212%
Haro	1	0,001%	97,213%
Harrowby	1	0,001%	97,214%
Harsens	1	0,001%	97,216%
Hastalrick	1	0,001%	97,217%
Hatzfeld	1	0,001%	97,219%
Heckburg	1	0,001%	97,220%
Hegira	1	0,001%	97,222%
Heilbrann	1	0,001%	97,223%
Helder	1	0,001%	97,225%
Helesponto	1	0,001%	97,226%
Hellah	1	0,001%	97,228%
Helvecia	1	0,001%	97,229%
Helvoetsluys	1	0,001%	97,231%
Henoch	1	0,001%	97,232%
Hensburg	1	0,001%	97,234%
Hensengourg	1	0,001%	97,235%
Herchenbach	1	0,001%	97,237%
Herensia	1	0,001%	97,238%
Hergest (Ilhas)	1	0,001%	97,240%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Herguelen (Ilha)	1	0,001%	97,241%
Hermas	1	0,001%	97,242%
Herzberg	1	0,001%	97,244%
Herzegowina	1	0,001%	97,245%
Hesse Homburg	1	0,001%	97,247%
Hetruria	1	0,001%	97,248%
Hilsbach	1	0,001%	97,250%
Hipona	1	0,001%	97,251%
Hirsbbberg	1	0,001%	97,253%
Hitepsk	1	0,001%	97,254%
Hoeganeas	1	0,001%	97,256%
Hohenlake-Kirchberg	1	0,001%	97,257%
Hohenzollern	1	0,001%	97,259%
Holisph	1	0,001%	97,260%
Hollabrunn	1	0,001%	97,262%
Hollendorf	1	0,001%	97,263%
Hollingstadt	1	0,001%	97,265%
Hondores	1	0,001%	97,266%
Honfleur	1	0,001%	97,267%
Hopte	1	0,001%	97,269%
Horcajo	1	0,001%	97,270%
Horn	1	0,001%	97,272%
Hospitaleira de Bauman (Ilha)	1	0,001%	97,273%
Hospitalet	1	0,001%	97,275%
Hostalrich	1	0,001%	97,276%
Huelgo	1	0,001%	97,278%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Huercal	1	0,001%	97,279%
Huerta	1	0,001%	97,281%
Huninga	1	0,001%	97,282%
Huy	1	0,001%	97,284%
Hyhuhahy (PA)	1	0,001%	97,285%
Hythe	1	0,001%	97,287%
Hyurba (PA)	1	0,001%	97,288%
Iaguabi	1	0,001%	97,290%
Ianguapim (PA)	1	0,001%	97,291%
Ibari (PA)	1	0,001%	97,292%
Ibides	1	0,001%	97,294%
Içao	1	0,001%	97,295%
Idanha Nova	1	0,001%	97,297%
Igarape-miri	1	0,001%	97,298%
Igarapiuma	1	0,001%	97,300%
Iguarapemeirim (PA)	1	0,001%	97,301%
Iguarassú (Vila)	1	0,001%	97,303%
Iguarasú (PE)	1	0,001%	97,304%
Iguassú /Ygassú	1	0,001%	97,306%
Iheos	1	0,001%	97,307%
Iguiraçá	1	0,001%	97,309%
Ilha de Tapicarica	1	0,001%	97,310%
Ilhas de Washington	1	0,001%	97,312%
Iman (Serra)	1	0,001%	97,313%
Imbituba	1	0,001%	97,315%
Imperios do Oriente	1	0,001%	97,316%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Inaccessivel (Ilha)	1	0,001%	97,318%
India Portuguesa	1	0,001%	97,319%
Indias Occidentaes (Ilhas)	1	0,001%	97,320%
Indias Occidentaes Francezas	1	0,001%	97,322%
Indunhema	1	0,001%	97,323%
Inellan	1	0,001%	97,325%
Inglostadt	1	0,001%	97,326%
Inseretta	1	0,001%	97,328%
Inspruck	1	0,001%	97,329%
Interbock	1	0,001%	97,331%
Irati	1	0,001%	97,332%
Iritucá (PA)	1	0,001%	97,334%
Irurzun	1	0,001%	97,335%
Ischuperthea	1	0,001%	97,337%
Isechel	1	0,001%	97,338%
Isere	1	0,001%	97,340%
Isonzo	1	0,001%	97,341%
Ispahan	1	0,001%	97,343%
Istmo de Darien	1	0,001%	97,344%
Istmo de Panamá	1	0,001%	97,345%
Itabacauna	1	0,001%	97,347%
Itacahiuna	1	0,001%	97,348%
Itacambira	1	0,001%	97,350%
Itacolomím	1	0,001%	97,351%
Itaipá	1	0,001%	97,353%
Itajuba	1	0,001%	97,354%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Itajura	1	0,001%	97,356%
Itambé	1	0,001%	97,357%
Itapacoroia	1	0,001%	97,359%
Itapetininga	1	0,001%	97,360%
Itapitininga	1	0,001%	97,362%
Iznallóz	1	0,001%	97,363%
Jaboatam	1	0,001%	97,365%
Jacará (Ilha)	1	0,001%	97,366%
Jacarapaguá	1	0,001%	97,368%
Jaguaráí	1	0,001%	97,369%
Jaguarú	1	0,001%	97,370%
Jamary	1	0,001%	97,372%
James (Ilha)	1	0,001%	97,373%
Janesrenba (PA)	1	0,001%	97,375%
Japão (Arraial)	1	0,001%	97,376%
Japuramopi	1	0,001%	97,378%
Jaquarequara	1	0,001%	97,379%
Jatuarana (Lago)	1	0,001%	97,381%
Jatuaranas (Ilhas)	1	0,001%	97,382%
Java (Ilha)	1	0,001%	97,384%
Jeatú (MA)	1	0,001%	97,385%
Jeba	1	0,001%	97,387%
Jejuí	1	0,001%	97,388%
Jemmapes (Cantão de)	1	0,001%	97,390%
Jenipaga (Ilha)	1	0,001%	97,391%
Jerez	1	0,001%	97,393%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Jernesey	1	0,001%	97,394%
Jeromenhada	1	0,001%	97,395%
Jerumenha (MA)	1	0,001%	97,397%
Jetelsee	1	0,001%	97,398%
Jiquiriçá	1	0,001%	97,400%
Joagaribe	1	0,001%	97,401%
Joam Marcos	1	0,001%	97,403%
João da Parnaíba	1	0,001%	97,404%
João Fernandes (Ilha)	1	0,001%	97,406%
João Gomes	1	0,001%	97,407%
Joazeiro	1	0,001%	97,409%
Jomini	1	0,001%	97,410%
Jomna	1	0,001%	97,412%
Jorquera	1	0,001%	97,413%
José João (Ilha)	1	0,001%	97,415%
José Machado (Serra)	1	0,001%	97,416%
Judá	1	0,001%	97,418%
Juiz de Fora	1	0,001%	97,419%
Julgado	1	0,001%	97,421%
Julier	1	0,001%	97,422%
Jurados	1	0,001%	97,423%
Jurumenha	1	0,001%	97,425%
Justlandia	1	0,001%	97,426%
Juvantes	1	0,001%	97,428%
Kachemira	1	0,001%	97,429%
Kadis	1	0,001%	97,431%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Karabag	1	0,001%	97,432%
Kattenborn	1	0,001%	97,434%
Kauffbern	1	0,001%	97,435%
Kauno	1	0,001%	97,437%
Kauserslauter / Kaiserslautern	1	0,001%	97,438%
Kelotryorfoi	1	0,001%	97,440%
Kemberg	1	0,001%	97,441%
Kempton	1	0,001%	97,443%
Kengis	1	0,001%	97,444%
Kent	1	0,001%	97,446%
Kerchwitz	1	0,001%	97,447%
Kerinanschah	1	0,001%	97,448%
Kettleisland	1	0,001%	97,450%
Ketzlar	1	0,001%	97,451%
Kiassan	1	0,001%	97,453%
Kibrowa	1	0,001%	97,454%
Kielingswalde	1	0,001%	97,456%
Kieswitz	1	0,001%	97,457%
Kilpisjante	1	0,001%	97,459%
Kimane	1	0,001%	97,460%
Kinbzingen	1	0,001%	97,462%
Kiow	1	0,001%	97,463%
Kirchberg	1	0,001%	97,465%
Kires	1	0,001%	97,466%
Kischerof	1	0,001%	97,468%
Kittenger	1	0,001%	97,469%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Klein-Baschwitz	1	0,001%	97,471%
Klutz (Aldeia)	1	0,001%	97,472%
Knieltelsheim	1	0,001%	97,473%
Kniphausen	1	0,001%	97,475%
Know	1	0,001%	97,476%
Koensgwerder	1	0,001%	97,478%
Kola	1	0,001%	97,479%
Konigstadt	1	0,001%	97,481%
Kopping	1	0,001%	97,482%
Korneubourg	1	0,001%	97,484%
Kostrizy	1	0,001%	97,485%
Koswig	1	0,001%	97,487%
Koumo	1	0,001%	97,488%
Kounitz	1	0,001%	97,490%
Krasnozelo	1	0,001%	97,491%
Krechwitz	1	0,001%	97,493%
Krinta	1	0,001%	97,494%
Krudener	1	0,001%	97,496%
Kubin	1	0,001%	97,497%
Kulen	1	0,001%	97,498%
Kunst	1	0,001%	97,500%
Kuris (Ilhas)	1	0,001%	97,501%
Kutusoff	1	0,001%	97,503%
Kutusow (Ilha)	1	0,001%	97,504%
kyhduin	1	0,001%	97,506%
Kymenagard	1	0,001%	97,507%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
La Ranconniere	1	0,001%	97,509%
La Roche (Cantão)	1	0,001%	97,510%
Labiaw	1	0,001%	97,512%
Labirinto (Ilha)	1	0,001%	97,513%
Laborde	1	0,001%	97,515%
Lacépede	1	0,001%	97,516%
Lacouex	1	0,001%	97,518%
Ladroens (Ilhas)	1	0,001%	97,519%
Lagares	1	0,001%	97,521%
Lagarto	1	0,001%	97,522%
Lage	1	0,001%	97,524%
Lages	1	0,001%	97,525%
Lagiosa	1	0,001%	97,526%
Lago Assu	1	0,001%	97,528%
Lago Cacuitina	1	0,001%	97,529%
Lago Jtans	1	0,001%	97,531%
Lago Pexuno-Su	1	0,001%	97,532%
Lago Urmia	1	0,001%	97,534%
Lago Verde	1	0,001%	97,535%
Lagoa	1	0,001%	97,537%
Lagoa Miui	1	0,001%	97,538%
Laguira	1	0,001%	97,540%
Laguna Upeuna	1	0,001%	97,541%
Lahor	1	0,001%	97,543%
Laibac	1	0,001%	97,544%
Laibach	1	0,001%	97,546%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Lala (próxima do Monte Pholoé)	1	0,001%	97,547%
Lamarque	1	0,001%	97,549%
Lamas de Orelhão	1	0,001%	97,550%
Lameirão	1	0,001%	97,551%
Lamertin	1	0,001%	97,553%
Lamotte	1	0,001%	97,554%
Laçarote (Ilha)	1	0,001%	97,556%
Lancastre	1	0,001%	97,557%
Lancerote	1	0,001%	97,559%
Landau	1	0,001%	97,560%
Landrecy	1	0,001%	97,562%
Landscrona	1	0,001%	97,563%
Landsberg	1	0,001%	97,565%
Landwehr	1	0,001%	97,566%
Lanenburg	1	0,001%	97,568%
Langen Lippsdorf	1	0,001%	97,569%
Langers	1	0,001%	97,571%
Lanjaron	1	0,001%	97,572%
Lansdturm	1	0,001%	97,574%
Laon	1	0,001%	97,575%
Lapa (Serra)	1	0,001%	97,576%
Lapisse	1	0,001%	97,578%
Lappa	1	0,001%	97,579%
Larache	1	0,001%	97,581%
Lares	1	0,001%	97,582%
Largartixs	1	0,001%	97,584%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Larissa	1	0,001%	97,585%
Larnaca	1	0,001%	97,587%
Lasalle	1	0,001%	97,588%
Lasieso	1	0,001%	97,590%
Latil	1	0,001%	97,591%
Lau	1	0,001%	97,593%
Laudwehr	1	0,001%	97,594%
Laurenzana	1	0,001%	97,596%
Lausana	1	0,001%	97,597%
Lausanno	1	0,001%	97,599%
Laussane	1	0,001%	97,600%
Laval	1	0,001%	97,601%
Le Quesnoy	1	0,001%	97,603%
Leal Bragança	1	0,001%	97,604%
Leca	1	0,001%	97,606%
Leestal	1	0,001%	97,607%
Legrand	1	0,001%	97,609%
Lelpsie	1	0,001%	97,610%
Leman	1	0,001%	97,612%
Lengerak	1	0,001%	97,613%
Lengua (Aldeia)	1	0,001%	97,615%
Lentzen	1	0,001%	97,616%
Lenzin	1	0,001%	97,618%
Leorne	1	0,001%	97,619%
Lepilska	1	0,001%	97,621%
Lerena	1	0,001%	97,622%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Lesata	1	0,001%	97,624%
Leuctricu	1	0,001%	97,625%
Lhameno	1	0,001%	97,627%
L'Hopital (Cantão de)	1	0,001%	97,628%
Liberty-Town	1	0,001%	97,629%
Libia	1	0,001%	97,631%
Libriga	1	0,001%	97,632%
Liebenwerda	1	0,001%	97,634%
Liegnitz	1	0,001%	97,635%
Liga Suissa	1	0,001%	97,637%
Ligne	1	0,001%	97,638%
Lilla	1	0,001%	97,640%
Lillo	1	0,001%	97,641%
Limbreras	1	0,001%	97,643%
Limeviele	1	0,001%	97,644%
Limoeiro	1	0,001%	97,646%
Limoeiro (PE)	1	0,001%	97,647%
Limoeiro (Vila)	1	0,001%	97,649%
Lindau	1	0,001%	97,650%
Lingen	1	0,001%	97,652%
Linhares	1	0,001%	97,653%
Linth	1	0,001%	97,654%
Lintz	1	0,001%	97,656%
Lion	1	0,001%	97,657%
Lipstadt	1	0,001%	97,659%
Lissa	1	0,001%	97,660%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Lithenwelda	1	0,001%	97,662%
Lithuania	1	0,001%	97,663%
Little Rosenburg	1	0,001%	97,665%
Livadia	1	0,001%	97,666%
Livonia	1	0,001%	97,668%
Llers	1	0,001%	97,669%
Llivia	1	0,001%	97,671%
Lloreto	1	0,001%	97,672%
Llovera	1	0,001%	97,674%
Lloyds	1	0,001%	97,675%
Lobau	1	0,001%	97,677%
Lobeia	1	0,001%	97,678%
Lodosa	1	0,001%	97,679%
Loell	1	0,001%	97,681%
Loiret	1	0,001%	97,682%
Lombarquia	1	0,001%	97,684%
Longland	1	0,001%	97,685%
Loreto de Jacarepaguá	1	0,001%	97,687%
Lorian	1	0,001%	97,688%
Lothario	1	0,001%	97,690%
Lotzow	1	0,001%	97,691%
Louisiana	1	0,001%	97,693%
Louisville	1	0,001%	97,694%
Loule	1	0,001%	97,696%
Lowberg	1	0,001%	97,697%
Lowenheilm	1	0,001%	97,699%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Lubec	1	0,001%	97,700%
Lubek	1	0,001%	97,702%
Luben	1	0,001%	97,703%
Lucena	1	0,001%	97,704%
Lucitania	1	0,001%	97,706%
Luiz Gomes (Serra)	1	0,001%	97,707%
Lumbrales	1	0,001%	97,709%
Lumbreras	1	0,001%	97,710%
Lumino	1	0,001%	97,712%
Lusiada (Arquipélogo)	1	0,001%	97,713%
Lyannes	1	0,001%	97,715%
Lyonnez (Cantão de)	1	0,001%	97,716%
Macacos (Lago)	1	0,001%	97,718%
Macaió	1	0,001%	97,719%
Macha	1	0,001%	97,721%
Machados	1	0,001%	97,722%
Machilimackimar	1	0,001%	97,724%
Macobrum	1	0,001%	97,725%
Macquarie	1	0,001%	97,727%
Madeira	1	0,001%	97,728%
Madera	1	0,001%	97,730%
Madrasta	1	0,001%	97,731%
Madrilejos	1	0,001%	97,732%
Maguré (PA)	1	0,001%	97,734%
Mahependy	1	0,001%	97,735%
Mahona	1	0,001%	97,737%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Maires	1	0,001%	97,738%
Malaka	1	0,001%	97,740%
Malbourgo	1	0,001%	97,741%
Maldsch	1	0,001%	97,743%
Maloga	1	0,001%	97,744%
Mamay	1	0,001%	97,746%
Mambucaba	1	0,001%	97,747%
Mameraya	1	0,001%	97,749%
Managarai	1	0,001%	97,750%
Mancinha	1	0,001%	97,752%
Mandioré	1	0,001%	97,753%
Mandisohí	1	0,001%	97,755%
Mandiuba (Ilha)	1	0,001%	97,756%
Mandogh	1	0,001%	97,757%
Manguinho	1	0,001%	97,759%
Manhence	1	0,001%	97,760%
Manilla	1	0,001%	97,762%
Manoel Alves	1	0,001%	97,763%
Manrensana	1	0,001%	97,765%
Mantinea	1	0,001%	97,766%
Mantreolege	1	0,001%	97,768%
Mantua	1	0,001%	97,769%
Maracanán	1	0,001%	97,771%
Maracayu (Serras)	1	0,001%	97,772%
Maracú	1	0,001%	97,774%
Marahú	1	0,001%	97,775%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Marajoripe	1	0,001%	97,777%
Maranhão Pimba	1	0,001%	97,778%
Marapanim (PA)	1	0,001%	97,780%
Marapicú	1	0,001%	97,781%
Marchais	1	0,001%	97,782%
Marchich	1	0,001%	97,784%
Mardin	1	0,001%	97,785%
Maré (Ilha)	1	0,001%	97,787%
Marehiennes	1	0,001%	97,788%
Margarita	1	0,001%	97,790%
Margate	1	0,001%	97,791%
Marguia	1	0,001%	97,793%
Marialva	1	0,001%	97,794%
Marianas (Ilhas)	1	0,001%	97,796%
Marigny	1	0,001%	97,797%
Marinburg	1	0,001%	97,799%
Mariuahí (Ilha)	1	0,001%	97,800%
Marlens	1	0,001%	97,802%
Marlhod	1	0,001%	97,803%
Marmelade	1	0,001%	97,805%
Marmont	1	0,001%	97,806%
Marquinez	1	0,001%	97,808%
Marsagão (PA)	1	0,001%	97,809%
Martens	1	0,001%	97,810%
Marucutuba (Lago)	1	0,001%	97,812%
Marvão (MA)	1	0,001%	97,813%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Marvão (Villa de)	1	0,001%	97,815%
Massaret	1	0,001%	97,816%
Massurany (Lago)	1	0,001%	97,818%
Mastenach	1	0,001%	97,819%
Mata da Corda	1	0,001%	97,821%
Matacães	1	0,001%	97,822%
Matary (Lago)	1	0,001%	97,824%
Matheus Leme	1	0,001%	97,825%
Mato Dentro	1	0,001%	97,827%
Matschin	1	0,001%	97,828%
Matta (Ilha da)	1	0,001%	97,830%
Maturiri (Ilha)	1	0,001%	97,831%
Maturunga	1	0,001%	97,833%
Matylene	1	0,001%	97,834%
Maurata	1	0,001%	97,835%
Maynas	1	0,001%	97,837%
Mayo	1	0,001%	97,838%
Mearim	1	0,001%	97,840%
Meaux	1	0,001%	97,841%
Mecejana	1	0,001%	97,843%
Medellin Dronet	1	0,001%	97,844%
Medina de Rio Seco	1	0,001%	97,846%
Mehed	1	0,001%	97,847%
Mein	1	0,001%	97,849%
Meirelles	1	0,001%	97,850%
Meisner	1	0,001%	97,852%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Melankou	1	0,001%	97,853%
Melgaça	1	0,001%	97,855%
Melgaço	1	0,001%	97,856%
Melgaço (PA)	1	0,001%	97,858%
Melilha	1	0,001%	97,859%
Memingen	1	0,001%	97,860%
Mendizabal	1	0,001%	97,862%
Meocia	1	0,001%	97,863%
Mequens	1	0,001%	97,865%
Mequinez	1	0,001%	97,866%
Mercedes	1	0,001%	97,868%
Merety	1	0,001%	97,869%
Meridiano de Paris	1	0,001%	97,871%
Meridiano do Ferro	1	0,001%	97,872%
Merino	1	0,001%	97,874%
Merlenheim	1	0,001%	97,875%
Mermimgem	1	0,001%	97,877%
Mersejana (MA)	1	0,001%	97,878%
Mertola	1	0,001%	97,880%
Meseovia	1	0,001%	97,881%
Messina	1	0,001%	97,883%
Metssen	1	0,001%	97,884%
Meuthe	1	0,001%	97,885%
Milanesado	1	0,001%	97,887%
Milay	1	0,001%	97,888%
Milho Verde (Serra)	1	0,001%	97,890%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Milmarcos	1	0,001%	97,891%
Minas	1	0,001%	97,893%
Minas (Ilhas)	1	0,001%	97,894%
Minas de Anicuns	1	0,001%	97,896%
Minas de Catacazes	1	0,001%	97,897%
Minas do Urucumacua	1	0,001%	97,899%
Minas dos Araies	1	0,001%	97,900%
Minas dos Martirios	1	0,001%	97,902%
Minas Novas do Fanado (MG)	1	0,001%	97,903%
Mingrelia	1	0,001%	97,905%
Minsk	1	0,001%	97,906%
Miranda do Corvo	1	0,001%	97,908%
Misericordia (Cachoeira)	1	0,001%	97,909%
Missen	1	0,001%	97,911%
Missolongli	1	0,001%	97,912%
Mitilene (Ilhas)	1	0,001%	97,913%
Moanna Mangabeiras (PA)	1	0,001%	97,915%
Mobile	1	0,001%	97,916%
Mocambo	1	0,001%	97,918%
Mocha (Ilha)	1	0,001%	97,919%
Mockern	1	0,001%	97,921%
Modena	1	0,001%	97,922%
Moeuripe	1	0,001%	97,924%
Mogadouro	1	0,001%	97,925%
Mogimerim	1	0,001%	97,927%
Mogol	1	0,001%	97,928%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Moguncia	1	0,001%	97,930%
Moimenta da Serra	1	0,001%	97,931%
Mojaisk	1	0,001%	97,933%
Molareja	1	0,001%	97,934%
Moldau	1	0,001%	97,936%
Moldonado	1	0,001%	97,937%
Molina	1	0,001%	97,938%
Molins de Rei	1	0,001%	97,940%
Molitor	1	0,001%	97,941%
Monaco (Principado)	1	0,001%	97,943%
Monasterio	1	0,001%	97,944%
Monção (MA)	1	0,001%	97,946%
Moncorvo	1	0,001%	97,947%
Mondale	1	0,001%	97,949%
Mondragão	1	0,001%	97,950%
Monfarás (PA)	1	0,001%	97,952%
Monforte (PA)	1	0,001%	97,953%
Monica	1	0,001%	97,955%
Monjui	1	0,001%	97,956%
Monreal	1	0,001%	97,958%
Mons	1	0,001%	97,959%
Mont Blane	1	0,001%	97,961%
Montagnac	1	0,001%	97,962%
Montanbau	1	0,001%	97,963%
Mont-Beliard (Condado de)	1	0,001%	97,965%
Montblanc	1	0,001%	97,966%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Montbrison	1	0,001%	97,968%
Monte Christi	1	0,001%	97,969%
Monte de Montiel	1	0,001%	97,971%
Monte Mor (PE)	1	0,001%	97,972%
Monte Santo	1	0,001%	97,974%
Monteforte	1	0,001%	97,975%
Montejuif	1	0,001%	97,977%
Montemor o Novo	1	0,001%	97,978%
Monterder	1	0,001%	97,980%
Montes (PA)	1	0,001%	97,981%
Montes Altos	1	0,001%	97,983%
Montes Bernardim (Suissa)	1	0,001%	97,984%
Montes Claros (Arraial)	1	0,001%	97,986%
Montgelas	1	0,001%	97,987%
Montmelian (Cantão de)	1	0,001%	97,988%
Montrevile	1	0,001%	97,990%
Mora	1	0,001%	97,991%
Morapaté	1	0,001%	97,993%
Morbihan	1	0,001%	97,994%
Morcella	1	0,001%	97,996%
Morella	1	0,001%	97,997%
Moria	1	0,001%	97,999%
Moritiba	1	0,001%	98,000%
Moritinberg	1	0,001%	98,002%
Morner	1	0,001%	98,003%
Morrinhos (Arraial)	1	0,001%	98,005%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Morro de Gaspar Soares (Arraial)	1	0,001%	98,006%
Morro do Chapeo (Arraial)	1	0,001%	98,008%
Mortagoa	1	0,001%	98,009%
Moruoca (Serra)	1	0,001%	98,011%
Moscatel	1	0,001%	98,012%
Mosella	1	0,001%	98,014%
Moulin	1	0,001%	98,015%
Moura	1	0,001%	98,016%
Mourão	1	0,001%	98,018%
Mublberg	1	0,001%	98,019%
Muguncia	1	0,001%	98,021%
Mulgarve	1	0,001%	98,022%
Mulhada	1	0,001%	98,024%
Mulhberg	1	0,001%	98,025%
Mulineu	1	0,001%	98,027%
Muncheberg	1	0,001%	98,028%
Mundibu (Ilha)	1	0,001%	98,030%
Munnenstadt	1	0,001%	98,031%
Muonioniska	1	0,001%	98,033%
Muonio-Ofreby	1	0,001%	98,034%
Murça da Beira	1	0,001%	98,036%
Murcella	1	0,001%	98,037%
Mytilene	1	0,001%	98,039%
Nanchim	1	0,001%	98,040%
Nanelares	1	0,001%	98,041%
Nansouty	1	0,001%	98,043%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Nantakell (Ilha)	1	0,001%	98,044%
Nassau	1	0,001%	98,046%
Nauslitz	1	0,001%	98,047%
Nausouty	1	0,001%	98,049%
Nava	1	0,001%	98,050%
Navarino	1	0,001%	98,052%
Navarrete	1	0,001%	98,053%
Nazareth do Miirim	1	0,001%	98,055%
Necessidades	1	0,001%	98,056%
Negro-Ponio (Ilha)	1	0,001%	98,058%
Negus	1	0,001%	98,059%
Neocastro	1	0,001%	98,061%
Neuf-Bricach	1	0,001%	98,062%
Neumunster	1	0,001%	98,064%
New Jersey	1	0,001%	98,065%
Newcastle	1	0,001%	98,066%
Newmarkt	1	0,001%	98,068%
Newwied	1	0,001%	98,069%
Niagara	1	0,001%	98,071%
Niameck	1	0,001%	98,072%
Nicallasseff	1	0,001%	98,074%
Nicolsburg	1	0,001%	98,075%
Nicteroy	1	0,001%	98,077%
Niemeck	1	0,001%	98,078%
Nieuport	1	0,001%	98,080%
Nigrícia	1	0,001%	98,081%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Nimeguem	1	0,001%	98,083%
Nínive	1	0,001%	98,084%
Nisibi	1	0,001%	98,086%
Nogueira (PA)	1	0,001%	98,087%
Noirmontiers	1	0,001%	98,089%
Nollendorf	1	0,001%	98,090%
Nordland	1	0,001%	98,091%
Norenberg	1	0,001%	98,093%
Norte (Ilha)	1	0,001%	98,094%
Norte da Europa	1	0,001%	98,096%
Norwich	1	0,001%	98,097%
Nossa Senhora da Ajuda	1	0,001%	98,099%
Nossa Senhora da Conceição do Alferes de Serra	1	0,001%	98,100%
Nossa Senhora da Conceição do Icatú	1	0,001%	98,102%
Nossa Senhora da Conceição dos Aruazes	1	0,001%	98,103%
Nossa Senhora da Luz	1	0,001%	98,105%
Nossa Senhora da Piedade	1	0,001%	98,106%
Nossa Senhora da Purificação	1	0,001%	98,108%
Nossa Senhora da Victoria	1	0,001%	98,109%
Nossa Senhora d'Ajuda de Guapemarin	1	0,001%	98,111%
Nossa Senhora das Dores do Iguará	1	0,001%	98,112%
Nossa Senhora das Dores do Itapicurú	1	0,001%	98,114%
Nossa Senhora das Necessidades	1	0,001%	98,115%
Nossa Senhora das Neves da Parahiba do Norte	1	0,001%	98,117%
Nossa Senhora de Nazareth de Itapicurú	1	0,001%	98,118%
Nossa Senhora do Amparo de Maricá	1	0,001%	98,119%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio de Contas (Vila)	1	0,001%	98,121%
Nossa Senhora do Porto de Guanhões (Arraial)	1	0,001%	98,122%
Nossa Senhora do Rozario de Mambucaba	1	0,001%	98,124%
Nossa Senhora dos Campos de Rio Real	1	0,001%	98,125%
Nottawassaga	1	0,001%	98,127%
Nova Caledonia	1	0,001%	98,128%
Nova Castella	1	0,001%	98,130%
Nova da Cerveja (Vila)	1	0,001%	98,131%
Nova de Barbacena (Vila)	1	0,001%	98,133%
Nova de Benevente (Vila)	1	0,001%	98,134%
Nova de ElRei (Vila)	1	0,001%	98,136%
Nova de Portimão (Vila)	1	0,001%	98,137%
Nova de São João da Cachoeira (Vila)	1	0,001%	98,139%
Nova de Souza (Vila) - PE	1	0,001%	98,140%
Nova d'El-Rey (Vila) - MA	1	0,001%	98,142%
Nova dos Reis (Vila)	1	0,001%	98,143%
Nova Escócia	1	0,001%	98,144%
Nova França	1	0,001%	98,146%
Nova Galliza	1	0,001%	98,147%
Nova Inglaterra	1	0,001%	98,149%
Nova Pantana	1	0,001%	98,150%
Nova Real d'Elrei do Rio de São Francisco (Vila)	1	0,001%	98,152%
Novas Minas do Cantagallo	1	0,001%	98,153%
Novella	1	0,001%	98,155%
Novgorod	1	0,001%	98,156%
Novo Hanover	1	0,001%	98,158%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Nubia	1	0,001%	98,159%
Nueva Barte	1	0,001%	98,161%
Nueva-Barcelona	1	0,001%	98,162%
Nuimake	1	0,001%	98,164%
Nunez	1	0,001%	98,165%
Nurviedro	1	0,001%	98,167%
Nyland	1	0,001%	98,168%
Nyslot	1	0,001%	98,169%
Oaim	1	0,001%	98,171%
Obatuba	1	0,001%	98,172%
Obersteinbach	1	0,001%	98,174%
Obidos (PA)	1	0,001%	98,175%
Obilesto	1	0,001%	98,177%
Oca	1	0,001%	98,178%
Ocana	1	0,001%	98,180%
Oceano Índico (Ilhas do)	1	0,001%	98,181%
Ochagavia	1	0,001%	98,183%
Ocidentais da Grécia (Ilhas)	1	0,001%	98,184%
Oder	1	0,001%	98,186%
Odivellas (PA)	1	0,001%	98,187%
Offen	1	0,001%	98,189%
Ohersdorf	1	0,001%	98,190%
Oheterva (Ilha)	1	0,001%	98,192%
Ohio	1	0,001%	98,193%
Oivitta-Vecctria	1	0,001%	98,194%
Ojos	1	0,001%	98,196%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Olho d'Água	1	0,001%	98,197%
Olimpo	1	0,001%	98,199%
Olivares	1	0,001%	98,200%
Olot	1	0,001%	98,202%
Olympia	1	0,001%	98,203%
Onças (Ilhas)	1	0,001%	98,205%
Onda	1	0,001%	98,206%
Oorop (Ilha)	1	0,001%	98,208%
Oporto	1	0,001%	98,209%
Orgusk	1	0,001%	98,211%
Oribuela	1	0,001%	98,212%
Orinoco	1	0,001%	98,214%
Orizaba	1	0,001%	98,215%
Ormûs	1	0,001%	98,217%
Oro	1	0,001%	98,218%
Osorio	1	0,001%	98,220%
Ostergurg	1	0,001%	98,221%
Osuna	1	0,001%	98,222%
Otayti (Ilha)	1	0,001%	98,224%
Otero de las Duenas	1	0,001%	98,225%
Otrera	1	0,001%	98,227%
Otronto	1	0,001%	98,228%
Otta	1	0,001%	98,230%
Ottweiler (Cantão de)	1	0,001%	98,231%
Ourechaise	1	0,001%	98,233%
Ourem (PA)	1	0,001%	98,234%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Outeiro	1	0,001%	98,236%
Outeiro (PA)	1	0,001%	98,237%
Oxanden	1	0,001%	98,239%
Padilha	1	0,001%	98,240%
Padua	1	0,001%	98,242%
Pagões (Ilha)	1	0,001%	98,243%
Paitiko	1	0,001%	98,245%
Pakenham	1	0,001%	98,246%
Palagocus	1	0,001%	98,247%
Palau	1	0,001%	98,249%
Palmitas	1	0,001%	98,250%
Palombini	1	0,001%	98,252%
Panfenada	1	0,001%	98,253%
Pão-Apique	1	0,001%	98,255%
Pão-Grande (Catatuba)	1	0,001%	98,256%
Papemburg	1	0,001%	98,258%
Paquetá	1	0,001%	98,259%
Paraguarie	1	0,001%	98,261%
Parahim (Ilha)	1	0,001%	98,262%
Paraitinga	1	0,001%	98,264%
Paranambuco	1	0,001%	98,265%
Paranatinga	1	0,001%	98,267%
Paratica Malhada (Arraial)	1	0,001%	98,268%
Parauma (Arraial)	1	0,001%	98,270%
Parauybas (Ilha)	1	0,001%	98,271%
Paredão (Cachoeira)	1	0,001%	98,272%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Parida (Serra)	1	0,001%	98,274%
Parnapanema	1	0,001%	98,275%
Partonneaux	1	0,001%	98,277%
Páscoa (Ilha)	1	0,001%	98,278%
Passamaquaddy	1	0,001%	98,280%
Passarowitch	1	0,001%	98,281%
Passatempo	1	0,001%	98,283%
Passo de Calaes	1	0,001%	98,284%
Pastoret	1	0,001%	98,286%
Pati (Vila)	1	0,001%	98,287%
Paturage (Cantão de)	1	0,001%	98,289%
Paty do Alferes	1	0,001%	98,290%
Pau d'Alho (PE)	1	0,001%	98,292%
Pautzen	1	0,001%	98,293%
Peauhi	1	0,001%	98,295%
Peca	1	0,001%	98,296%
Pechim	1	0,001%	98,298%
Pederneira	1	0,001%	98,299%
Pederneira (Cachoeira)	1	0,001%	98,300%
Pedra Encoge	1	0,001%	98,302%
Pedreiras de Espingarda (Serra)	1	0,001%	98,303%
Pedrinhas	1	0,001%	98,305%
Pedrogão	1	0,001%	98,306%
Pelão Arcado (PE)	1	0,001%	98,308%
Pelnitz	1	0,001%	98,309%
Penamacôr	1	0,001%	98,311%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Penaranda	1	0,001%	98,312%
Penela	1	0,001%	98,314%
Penha de França	1	0,001%	98,315%
Penharanha	1	0,001%	98,317%
Peninsula do Monte-Athos	1	0,001%	98,318%
Peninsula Italiana	1	0,001%	98,320%
Peninsula Transalpina	1	0,001%	98,321%
Penka	1	0,001%	98,323%
Penne	1	0,001%	98,324%
Penrina (Ilha de)	1	0,001%	98,325%
Pepe	1	0,001%	98,327%
Pepis (Ilha)	1	0,001%	98,328%
Pera	1	0,001%	98,330%
Perdido	1	0,001%	98,331%
Periá	1	0,001%	98,333%
Perigord	1	0,001%	98,334%
Perigosa (Ilha)	1	0,001%	98,336%
Perigueux	1	0,001%	98,337%
Perineos (Serra)	1	0,001%	98,339%
Periquitos (Ilha)	1	0,001%	98,340%
Perlazia de Moçambique	1	0,001%	98,342%
Perle (Cantão de)	1	0,001%	98,343%
Permaseus (Cantão de)	1	0,001%	98,345%
Perniciosas (Ilhas)	1	0,001%	98,346%
Persenna	1	0,001%	98,348%
Persingen	1	0,001%	98,349%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Perthuis	1	0,001%	98,350%
Perugio	1	0,001%	98,352%
Petit Tron (São Domingo)	1	0,001%	98,353%
Pgoiken (Ilha de)	1	0,001%	98,355%
Philippinas (Ilhas)	1	0,001%	98,356%
Philoe	1	0,001%	98,358%
Phinicia	1	0,001%	98,359%
Picardo	1	0,001%	98,361%
Piedade (Arraial)	1	0,001%	98,362%
Piedade de Iguassú	1	0,001%	98,364%
Piepus	1	0,001%	98,365%
Piera	1	0,001%	98,367%
Pilão Arcado	1	0,001%	98,368%
Pilar (PE)	1	0,001%	98,370%
Pilar do Taipú	1	0,001%	98,371%
Pilgransdorf	1	0,001%	98,373%
Pillar (Goyas)	1	0,001%	98,374%
Pillar de Iguassú	1	0,001%	98,375%
Pinhaços	1	0,001%	98,377%
Pipuiacá (Ilha)	1	0,001%	98,378%
Piracuruca	1	0,001%	98,380%
Pirahim (Ilha)	1	0,001%	98,381%
Piranga	1	0,001%	98,383%
Pirâque Assû	1	0,001%	98,384%
Pirâque Merim	1	0,001%	98,386%
Piraya-nará (Ilha)	1	0,001%	98,387%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Plafenhoffen	1	0,001%	98,389%
Platea	1	0,001%	98,390%
Pleiswitz	1	0,001%	98,392%
Plessen	1	0,001%	98,393%
Poanta de San Juan	1	0,001%	98,395%
Poiares	1	0,001%	98,396%
Poiciers	1	0,001%	98,398%
Poitiers	1	0,001%	98,399%
Poitou	1	0,001%	98,401%
Pombal (PA)	1	0,001%	98,402%
Pombal (PE)	1	0,001%	98,403%
Pombeiro	1	0,001%	98,405%
Pon-Dece	1	0,001%	98,406%
Pont de la Maye	1	0,001%	98,408%
Ponta Abuna	1	0,001%	98,409%
Ponta Maguary	1	0,001%	98,411%
Ponta Maiorca	1	0,001%	98,412%
Ponta Maldonado	1	0,001%	98,414%
Ponte (Aldeia)	1	0,001%	98,415%
Ponte do Cunha	1	0,001%	98,417%
Ponterrada	1	0,001%	98,418%
Pontevedra	1	0,001%	98,420%
Pontivy	1	0,001%	98,421%
Ponto Novo de Rossino	1	0,001%	98,423%
Poraqué	1	0,001%	98,424%
Porcida (Ilha de)	1	0,001%	98,426%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Porehenu	1	0,001%	98,427%
Port Jackson	1	0,001%	98,428%
Portel (PA)	1	0,001%	98,430%
Porto da Estrella	1	0,001%	98,431%
Porto das Pedras Maceio	1	0,001%	98,433%
Porto de Moz (PA)	1	0,001%	98,434%
Porto de Santa Maria	1	0,001%	98,436%
Porto Luiz	1	0,001%	98,437%
Porto-Mabon	1	0,001%	98,439%
Portugaete	1	0,001%	98,440%
Posen	1	0,001%	98,442%
Potes	1	0,001%	98,443%
Pouca de Aguiar (Vila)	1	0,001%	98,445%
Poventuri	1	0,001%	98,446%
Poxim (PE)	1	0,001%	98,448%
Poximuth	1	0,001%	98,449%
Pozobondon	1	0,001%	98,451%
Prevera	1	0,001%	98,452%
Prezegueda	1	0,001%	98,453%
Priegnitz	1	0,001%	98,455%
Prierlitz	1	0,001%	98,456%
Prieuri	1	0,001%	98,458%
Prigny	1	0,001%	98,459%
Princeza (Villa)	1	0,001%	98,461%
Proença	1	0,001%	98,462%
Providência	1	0,001%	98,464%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Província da Africa Portuguesa	1	0,001%	98,465%
Província da Asia	1	0,001%	98,467%
Província de Cagayan	1	0,001%	98,468%
Província de Paganisan	1	0,001%	98,470%
Província de Tejas (Texas)	1	0,001%	98,471%
Província do Douro	1	0,001%	98,473%
Província do Reino-Unido	1	0,001%	98,474%
Província do Sul do America	1	0,001%	98,476%
Província do Ultramar	1	0,001%	98,477%
Províncias Americanas	1	0,001%	98,478%
Províncias ao Norte da Italia	1	0,001%	98,480%
Províncias ao Sul da França	1	0,001%	98,481%
Províncias Australes do Brasil	1	0,001%	98,483%
Províncias Austríacas	1	0,001%	98,484%
Províncias Bavaras do Rheno	1	0,001%	98,486%
Províncias da Hespanha	1	0,001%	98,487%
Províncias de África	1	0,001%	98,489%
Províncias de Portugal	1	0,001%	98,490%
Províncias de Schwits	1	0,001%	98,492%
Províncias de Terra Firme	1	0,001%	98,493%
Províncias del Alto Perú	1	0,001%	98,495%
Províncias del Pacífico	1	0,001%	98,496%
Províncias del Rio de la Plata	1	0,001%	98,498%
Províncias do Norte de Portugal	1	0,001%	98,499%
Províncias do Paraguay	1	0,001%	98,501%
Províncias do Poente	1	0,001%	98,502%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Províncias do Reno	1	0,001%	98,504%
Províncias do Ultramar	1	0,001%	98,505%
Províncias dos Países Baixos	1	0,001%	98,506%
Províncias Hespánholas na América / Provincias Americanas de Hespanha / Provincias Americanas Hesp	1	0,001%	98,508%
Províncias Hispânicas	1	0,001%	98,509%
Províncias Internas d'Est	1	0,001%	98,511%
Províncias Internas d'Oest	1	0,001%	98,512%
Províncias Livres d'América Septentrional	1	0,001%	98,514%
Províncias Meridionais	1	0,001%	98,515%
Províncias Transatlânticas	1	0,001%	98,517%
Províncias Unidas do Reino Unido	1	0,001%	98,518%
Províncias Unidas dos Países Baixos	1	0,001%	98,520%
Províncias do Reino Unido	1	0,001%	98,521%
Provins	1	0,001%	98,523%
Prueba	1	0,001%	98,524%
Ptolomaida	1	0,001%	98,526%
Puch	1	0,001%	98,527%
Puebla de Sanabrial	1	0,001%	98,529%
Puente Arzobispo	1	0,001%	98,530%
Puente de la Reina	1	0,001%	98,531%
Puerto Cabello	1	0,001%	98,533%
Puerto del Rey	1	0,001%	98,534%
Puerto Seguro	1	0,001%	98,536%
Puncã (Bacia)	1	0,001%	98,537%
Puncã (Lago)	1	0,001%	98,539%
Puno	1	0,001%	98,540%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Puru (PA)	1	0,001%	98,542%
Pustalhal	1	0,001%	98,543%
Puti	1	0,001%	98,545%
Puycerda	1	0,001%	98,546%
Puyvah	1	0,001%	98,548%
Pyreo	1	0,001%	98,549%
Quadra	1	0,001%	98,551%
Quadrazaes	1	0,001%	98,552%
Queenstown	1	0,001%	98,554%
Queichheim	1	0,001%	98,555%
Querfurt	1	0,001%	98,556%
Quesada	1	0,001%	98,558%
Quiberon	1	0,001%	98,559%
Quilombo (Serra)	1	0,001%	98,561%
Quinquetas	1	0,001%	98,562%
Quintanapalla	1	0,001%	98,564%
Quiraz	1	0,001%	98,565%
Quirinal	1	0,001%	98,567%
Quirino	1	0,001%	98,568%
Rabicho (Serra)	1	0,001%	98,570%
Rain	1	0,001%	98,571%
Rainha (Vila) - PE	1	0,001%	98,573%
Rainha da Campina Grande	1	0,001%	98,574%
Rainha de Campina Grande (Vila)	1	0,001%	98,576%
Ram	1	0,001%	98,577%
Rambala de Nogaltes	1	0,001%	98,579%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rambla	1	0,001%	98,580%
Rammalins	1	0,001%	98,581%
Randahlit	1	0,001%	98,583%
Rannula	1	0,001%	98,584%
Raschdorf	1	0,001%	98,586%
Rasgão	1	0,001%	98,587%
Ratzeburg	1	0,001%	98,589%
Rausan	1	0,001%	98,590%
Raza (Ilha)	1	0,001%	98,592%
Real da Praia Grande	1	0,001%	98,593%
Real da Praia Grande (Vila)	1	0,001%	98,595%
Real do Brejo d'Arêa (Vila)	1	0,001%	98,596%
Redbreast	1	0,001%	98,598%
Redinha	1	0,001%	98,599%
Redoke	1	0,001%	98,601%
Redon (Francia)	1	0,001%	98,602%
Regelsbrun	1	0,001%	98,604%
Regnter (Cantão)	1	0,001%	98,605%
Reiburgo	1	0,001%	98,607%
Reins	1	0,001%	98,608%
Reis Magos	1	0,001%	98,609%
Reiss	1	0,001%	98,611%
Remedios	1	0,001%	98,612%
Renthamn	1	0,001%	98,614%
Report	1	0,001%	98,615%
Republicas do Sul	1	0,001%	98,617%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Resserabia	1	0,001%	98,618%
Revels	1	0,001%	98,620%
Reyes	1	0,001%	98,621%
Rhus	1	0,001%	98,623%
Riachão	1	0,001%	98,624%
Riba-Téjo	1	0,001%	98,626%
Ribeirão de Arrendidos	1	0,001%	98,627%
Ribojara	1	0,001%	98,629%
Riew	1	0,001%	98,630%
Rio Abacachiz	1	0,001%	98,632%
Rio Ada	1	0,001%	98,633%
Rio Adige	1	0,001%	98,634%
Rio Aguaray	1	0,001%	98,636%
Rio Aiupana	1	0,001%	98,637%
Rio Allier	1	0,001%	98,639%
Rio Alprecatas	1	0,001%	98,640%
Rio Alva	1	0,001%	98,642%
Rio Amur	1	0,001%	98,643%
Rio Anabiju	1	0,001%	98,645%
Rio Andiras	1	0,001%	98,646%
Rio Andrai	1	0,001%	98,648%
Rio Anhandai-uaçu	1	0,001%	98,649%
Rio Anhangatiny	1	0,001%	98,651%
Rio Apa	1	0,001%	98,652%
Rio Apere	1	0,001%	98,654%
Rio Apiquiribo	1	0,001%	98,655%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Aracati	1	0,001%	98,657%
Rio Ararás	1	0,001%	98,658%
Rio Aruapiara	1	0,001%	98,659%
Rio Atibaya	1	0,001%	98,661%
Rio Atua	1	0,001%	98,662%
Rio Bacalhão	1	0,001%	98,664%
Rio Baetas	1	0,001%	98,665%
Rio Bagagem	1	0,001%	98,667%
Rio Beberiba	1	0,001%	98,668%
Rio Bebiribe	1	0,001%	98,670%
Rio Belmonte	1	0,001%	98,671%
Rio Bidassoa	1	0,001%	98,673%
Rio Bocunga	1	0,001%	98,674%
Rio Boher	1	0,001%	98,676%
Rio Borrachudo	1	0,001%	98,677%
Rio Bosphoro	1	0,001%	98,679%
Rio Brenta	1	0,001%	98,680%
Rio Bugres	1	0,001%	98,682%
Rio Bussy	1	0,001%	98,683%
Rio Cabaçal	1	0,001%	98,685%
Rio Cabixi	1	0,001%	98,686%
Rio Caité	1	0,001%	98,687%
Rio Camapuam	1	0,001%	98,689%
Rio Camarara	1	0,001%	98,690%
Rio Cambanapú	1	0,001%	98,692%
Rio Camosi	1	0,001%	98,693%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Canama	1	0,001%	98,695%
Rio Caninde	1	0,001%	98,696%
Rio Capiberibe	1	0,001%	98,698%
Rio Carona	1	0,001%	98,699%
Rio Cautariós	1	0,001%	98,701%
Rio Chaparé	1	0,001%	98,702%
Rio Chui	1	0,001%	98,704%
Rio Cochint	1	0,001%	98,705%
Rio Cordovan	1	0,001%	98,707%
Rio Cornier	1	0,001%	98,708%
Rio Coxipó	1	0,001%	98,710%
Rio Cristalino	1	0,001%	98,711%
Rio Crixá	1	0,001%	98,712%
Rio Croaracuaçú	1	0,001%	98,714%
Rio Croara-Mirm	1	0,001%	98,715%
Rio Crocodilo	1	0,001%	98,717%
Rio Cuiabá-Mirim	1	0,001%	98,718%
Rio Cunama	1	0,001%	98,720%
Rio Curitiba / Rio Guassu	1	0,001%	98,721%
Rio da Casca	1	0,001%	98,723%
Rio da Conceição	1	0,001%	98,724%
Rio da Farinha	1	0,001%	98,726%
Rio da Lapa	1	0,001%	98,727%
Rio da Madeira	1	0,001%	98,729%
Rio da Palma	1	0,001%	98,730%
Rio da Parnahiba	1	0,001%	98,732%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio da Piranga	1	0,001%	98,733%
Rio Daré	1	0,001%	98,735%
Rio das Balsas	1	0,001%	98,736%
Rio das Bicas	1	0,001%	98,737%
Rio das Caldas	1	0,001%	98,739%
Rio das Candêas	1	0,001%	98,740%
Rio das Canôas	1	0,001%	98,742%
Rio das Egoas	1	0,001%	98,743%
Rio das Piranhas	1	0,001%	98,745%
Rio das Trez Barras	1	0,001%	98,746%
Rio das Velhas (comarca)	1	0,001%	98,748%
Rio Davoust	1	0,001%	98,749%
Rio de Albuera	1	0,001%	98,751%
Rio de Amur	1	0,001%	98,752%
Rio de Contas da Marinha	1	0,001%	98,754%
Rio de Jôannes	1	0,001%	98,755%
Rio de La Laire	1	0,001%	98,757%
Rio de Perocão	1	0,001%	98,758%
Rio de Santo Antonio	1	0,001%	98,760%
Rio de Thesouras	1	0,001%	98,761%
Rio de Uma	1	0,001%	98,762%
Rio Delaware	1	0,001%	98,764%
Rio Dniester	1	0,001%	98,765%
Rio do Cachorro / Rio do Caxorro	1	0,001%	98,767%
Rio do Camarão	1	0,001%	98,768%
Rio do Frade	1	0,001%	98,770%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio do Grande do Norte	1	0,001%	98,771%
Rio do Minho	1	0,001%	98,773%
Rio do Sena	1	0,001%	98,774%
Rio do Somno / Sono	1	0,001%	98,776%
Rio Don	1	0,001%	98,777%
Rio dos Araes	1	0,001%	98,779%
Rio dos Camarões	1	0,001%	98,780%
Rio dos Ferradores	1	0,001%	98,782%
Rio Doubs	1	0,001%	98,783%
Rio Drance	1	0,001%	98,785%
Rio Drina	1	0,001%	98,786%
Rio Duas Casas	1	0,001%	98,788%
Rio Dura	1	0,001%	98,789%
Rio Embetetéu	1	0,001%	98,790%
Rio Ens	1	0,001%	98,792%
Rio Escuro	1	0,001%	98,793%
Rio Eufrates	1	0,001%	98,795%
Rio Fortaleza	1	0,001%	98,796%
Rio Furnas	1	0,001%	98,798%
Rio Gameleira Grande	1	0,001%	98,799%
Rio Gaugues	1	0,001%	98,801%
Rio Geba	1	0,001%	98,802%
Rio Gilla	1	0,001%	98,804%
Rio Giparanã	1	0,001%	98,805%
Rio Grande Bello Monte	1	0,001%	98,807%
Rio Grande de São Francisco	1	0,001%	98,808%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Grande do Norte da Parahiba das Alagoas	1	0,001%	98,810%
Rio Guadaxo	1	0,001%	98,811%
Rio Guajará	1	0,001%	98,813%
Rio Guandu	1	0,001%	98,814%
Rio Guapehy	1	0,001%	98,815%
Rio Guarapameri	1	0,001%	98,817%
Rio Hudson	1	0,001%	98,818%
Rio Huera	1	0,001%	98,820%
Rio Hyabari	1	0,001%	98,821%
Rio Ibare	1	0,001%	98,823%
Rio Ibicuy	1	0,001%	98,824%
Rio Igarapé Catururinho	1	0,001%	98,826%
Rio Iguape	1	0,001%	98,827%
Rio Iguarape-Grande	1	0,001%	98,829%
Rio Iguray	1	0,001%	98,830%
Rio Indio	1	0,001%	98,832%
Rio Ipare	1	0,001%	98,833%
Rio Iser	1	0,001%	98,835%
Rio Isongo	1	0,001%	98,836%
Rio Itabapoana	1	0,001%	98,838%
Rio Itacahiuna	1	0,001%	98,839%
Rio Itaipu	1	0,001%	98,840%
Rio Itapitininga	1	0,001%	98,842%
Rio Itauma	1	0,001%	98,843%
Rio Jagoraibe	1	0,001%	98,845%
Rio Jaguarimirim	1	0,001%	98,846%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Jahira	1	0,001%	98,848%
Rio Javary	1	0,001%	98,849%
Rio Joobogo	1	0,001%	98,851%
Rio Jordão	1	0,001%	98,852%
Rio Kili	1	0,001%	98,854%
Rio Lech	1	0,001%	98,855%
Rio Lippe	1	0,001%	98,857%
Rio Lot	1	0,001%	98,858%
Rio Machiní	1	0,001%	98,860%
Rio Machupo	1	0,001%	98,861%
Rio Magueuaçu	1	0,001%	98,863%
Rio Maine	1	0,001%	98,864%
Rio Mambaya	1	0,001%	98,865%
Rio Mampituba	1	0,001%	98,867%
Rio Manassu	1	0,001%	98,868%
Rio Manicoré	1	0,001%	98,870%
Rio Maparaná	1	0,001%	98,871%
Rio Marajó-açu	1	0,001%	98,873%
Rio Marmellos	1	0,001%	98,874%
Rio Marony	1	0,001%	98,876%
Rio Massari	1	0,001%	98,877%
Rio Maurassutuba	1	0,001%	98,879%
Rio Meno	1	0,001%	98,880%
Rio Mequens	1	0,001%	98,882%
Rio Meria	1	0,001%	98,883%
Rio Meter	1	0,001%	98,885%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Miriti	1	0,001%	98,886%
Rio Missouri	1	0,001%	98,888%
Rio Mogi	1	0,001%	98,889%
Rio Mogue-merim	1	0,001%	98,891%
Rio Moju	1	0,001%	98,892%
Rio Montes-Claros	1	0,001%	98,893%
Rio Moruhí	1	0,001%	98,895%
Rio Mosa	1	0,001%	98,896%
Rio Mucuripi	1	0,001%	98,898%
Rio Muraz	1	0,001%	98,899%
Rio Muriahe	1	0,001%	98,901%
Rio Mutumparaná	1	0,001%	98,902%
Rio Nazareth	1	0,001%	98,904%
Rio Negro (Vila)	1	0,001%	98,905%
Rio Neisse	1	0,001%	98,907%
Rio Neva	1	0,001%	98,908%
Rio Niagara	1	0,001%	98,910%
Rio Novo	1	0,001%	98,911%
Rio Orellana	1	0,001%	98,913%
Rio Paca Nova	1	0,001%	98,914%
Rio Pacas Novas	1	0,001%	98,916%
Rio Pacoti	1	0,001%	98,917%
Rio Panaibuna	1	0,001%	98,918%
Rio Paracatu	1	0,001%	98,920%
Rio Parados	1	0,001%	98,921%
Rio Paraguassu	1	0,001%	98,923%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Paraíba do Sul	1	0,001%	98,924%
Rio Paramirim	1	0,001%	98,926%
Rio Paranatinga	1	0,001%	98,927%
Rio Paraopeba	1	0,001%	98,929%
Rio Parapanema / Rio Tibagy	1	0,001%	98,930%
Rio Parazinho	1	0,001%	98,932%
Rio Parnauá	1	0,001%	98,933%
Rio Patuxent	1	0,001%	98,935%
Rio Peixe	1	0,001%	98,936%
Rio Pequeno	1	0,001%	98,938%
Rio Pequiri	1	0,001%	98,939%
Rio Peraguassu	1	0,001%	98,941%
Rio Perebebuy	1	0,001%	98,942%
Rio Pers	1	0,001%	98,943%
Rio Peruth	1	0,001%	98,945%
Rio Pesqueira	1	0,001%	98,946%
Rio Petro	1	0,001%	98,948%
Rio Pindaitauba	1	0,001%	98,949%
Rio Piracanjuba	1	0,001%	98,951%
Rio Piray	1	0,001%	98,952%
Rio Piti	1	0,001%	98,954%
Rio Piuma	1	0,001%	98,955%
Rio Poente	1	0,001%	98,957%
Rio Ponte Alta	1	0,001%	98,958%
Rio Porrudos	1	0,001%	98,960%
Rio Potomac	1	0,001%	98,961%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Puanema	1	0,001%	98,963%
Rio Quariteré	1	0,001%	98,964%
Rio Queich	1	0,001%	98,966%
Rio Queima	1	0,001%	98,967%
Rio Queimo	1	0,001%	98,968%
Rio Quidavan	1	0,001%	98,970%
Rio Rhodano	1	0,001%	98,971%
Rio Ribojara	1	0,001%	98,973%
Rio Rodano	1	0,001%	98,974%
Rio Royan	1	0,001%	98,976%
Rio Rubicon	1	0,001%	98,977%
Rio Saborá	1	0,001%	98,979%
Rio Saby	1	0,001%	98,980%
Rio Salados / Rio Guachupus	1	0,001%	98,982%
Rio Salinas	1	0,001%	98,983%
Rio Salobro	1	0,001%	98,985%
Rio Santa Bárbara	1	0,001%	98,986%
Rio Santo Antônio	1	0,001%	98,988%
Rio São Bartholomeu	1	0,001%	98,989%
Rio São Jose	1	0,001%	98,991%
Rio São Marcos	1	0,001%	98,992%
Rio São Matheus	1	0,001%	98,994%
Rio São Pedro de Macahe	1	0,001%	98,995%
Rio Sapucahy	1	0,001%	98,996%
Rio Sarre	1	0,001%	98,998%
Rio Schiwinge	1	0,001%	98,999%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Seara	1	0,001%	99,001%
Rio Sebon	1	0,001%	99,002%
Rio Senegal	1	0,001%	99,004%
Rio Soberbo	1	0,001%	99,005%
Rio Sono	1	0,001%	99,007%
Rio Soteiro	1	0,001%	99,008%
Rio Staeng	1	0,001%	99,010%
Rio Sund	1	0,001%	99,011%
Rio Tabau	1	0,001%	99,013%
Rio Taburuina	1	0,001%	99,014%
Rio Tagliamento	1	0,001%	99,016%
Rio Taguatinga	1	0,001%	99,017%
Rio Taipuru	1	0,001%	99,019%
Rio Tamames	1	0,001%	99,020%
Rio Tanja	1	0,001%	99,021%
Rio Tanque	1	0,001%	99,023%
Rio Tapage	1	0,001%	99,024%
Rio Taquarussu	1	0,001%	99,026%
Rio Tartaruga	1	0,001%	99,027%
Rio Tepoti	1	0,001%	99,029%
Rio Terreiro	1	0,001%	99,030%
Rio Tesino	1	0,001%	99,032%
Rio Thames	1	0,001%	99,033%
Rio Thesoura	1	0,001%	99,035%
Rio Tibiquari	1	0,001%	99,036%
Rio Tietar	1	0,001%	99,038%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Tipohi	1	0,001%	99,039%
Rio Tiros	1	0,001%	99,041%
Rio Tocantis	1	0,001%	99,042%
Rio Toriacú	1	0,001%	99,044%
Rio Tragala	1	0,001%	99,045%
Rio Traun	1	0,001%	99,046%
Rio Trindade (Texas-EUA)	1	0,001%	99,048%
Rio Trombudo	1	0,001%	99,049%
Rio Tucariu	1	0,001%	99,051%
Rio Tuna	1	0,001%	99,052%
Rio Tupinambaranas	1	0,001%	99,054%
Rio Tyamuchy	1	0,001%	99,055%
Rio Uberabafalsa	1	0,001%	99,057%
Rio Uberabaverde	1	0,001%	99,058%
Rio Uribú	1	0,001%	99,060%
Rio Uruame	1	0,001%	99,061%
Rio Uruhú	1	0,001%	99,063%
Rio Uruû	1	0,001%	99,064%
Rio Vadeavel	1	0,001%	99,066%
Rio Valmuza	1	0,001%	99,067%
Rio Vate	1	0,001%	99,069%
Rio Vidasoa	1	0,001%	99,070%
Rio Wessel	1	0,001%	99,071%
Rio Wolga	1	0,001%	99,073%
Rio Xacuruina / Rio Xucuruina	1	0,001%	99,074%
Rio Xoxury	1	0,001%	99,076%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Xucar / Jucar	1	0,001%	99,077%
Rio Yaci Paraná	1	0,001%	99,079%
Rio Yaguaron	1	0,001%	99,080%
Rio Yvay	1	0,001%	99,082%
Rio Zadorra	1	0,001%	99,083%
Rios de Manoel-Alves Grande	1	0,001%	99,085%
Rios de Sena	1	0,001%	99,086%
Rios dos Bugres	1	0,001%	99,088%
Rippol	1	0,001%	99,089%
Rnanes	1	0,001%	99,091%
Roçado	1	0,001%	99,092%
Rociletta	1	0,001%	99,094%
Rock Mountains	1	0,001%	99,095%
Rodesto	1	0,001%	99,097%
Rodigke	1	0,001%	99,098%
Rodrigo	1	0,001%	99,099%
Rodrigo (Ilha)	1	0,001%	99,101%
Rogatz	1	0,001%	99,102%
Romanzow (Ilha)	1	0,001%	99,104%
Ronda	1	0,001%	99,105%
Roscoinmon	1	0,001%	99,107%
Rostlitz	1	0,001%	99,108%
Rostock	1	0,001%	99,110%
Roth kirch	1	0,001%	99,111%
Rouskany	1	0,001%	99,113%
Rouxinol (Ilha de)	1	0,001%	99,114%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rozario do Itapucuru	1	0,001%	99,116%
Ruão	1	0,001%	99,117%
Rubuit	1	0,001%	99,119%
Rudorf	1	0,001%	99,120%
Rugenwalde	1	0,001%	99,122%
Rultane	1	0,001%	99,123%
Rumela	1	0,001%	99,124%
Ruzama	1	0,001%	99,126%
Saabruck (Cantão)	1	0,001%	99,127%
Sabagum	1	0,001%	99,129%
Sabina	1	0,001%	99,130%
Sacra Familia	1	0,001%	99,132%
Sacramento	1	0,001%	99,133%
Safim	1	0,001%	99,135%
Sagalim (Ilha)	1	0,001%	99,136%
Sagres	1	0,001%	99,138%
Sagunço	1	0,001%	99,139%
Saint Amand	1	0,001%	99,141%
Saint Cyr	1	0,001%	99,142%
Saint Dizier	1	0,001%	99,144%
Saint German	1	0,001%	99,145%
Saint Jean Pied de Port	1	0,001%	99,147%
Saint Maló	1	0,001%	99,148%
Saint Maurice	1	0,001%	99,149%
Saint Piere	1	0,001%	99,151%
Saint Pierre d'Albigni (Cantão)	1	0,001%	99,152%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Salado	1	0,001%	99,154%
Salamina	1	0,001%	99,155%
Saldanha	1	0,001%	99,157%
Salermo	1	0,001%	99,158%
Salford	1	0,001%	99,160%
Salitre	1	0,001%	99,161%
Sallamina	1	0,001%	99,163%
Sallomão (Ilha)	1	0,001%	99,164%
Salona	1	0,001%	99,166%
Salriron	1	0,001%	99,167%
Salto	1	0,001%	99,169%
Salvaterra de Maga	1	0,001%	99,170%
Salvaterras (PA)	1	0,001%	99,172%
Samarang	1	0,001%	99,173%
Samarkanda	1	0,001%	99,175%
Samarra	1	0,001%	99,176%
Sambará	1	0,001%	99,177%
Sambla	1	0,001%	99,179%
San Felipe	1	0,001%	99,180%
San Francisco	1	0,001%	99,182%
San Juan de Ulua	1	0,001%	99,183%
San Luiz	1	0,001%	99,185%
San Munõz	1	0,001%	99,186%
San Thiago	1	0,001%	99,188%
Sanabuja	1	0,001%	99,189%
Sanches	1	0,001%	99,191%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Sandron	1	0,001%	99,192%
Sandu	1	0,001%	99,194%
San-Iago	1	0,001%	99,195%
Sanquiza	1	0,001%	99,197%
Santa Anna de Sapucahy	1	0,001%	99,198%
Santa Anna do Caetité	1	0,001%	99,200%
Santa Anna do Cattú	1	0,001%	99,201%
Santa Antam (Vila)	1	0,001%	99,202%
Santa Bárbara (Serra)	1	0,001%	99,204%
Santa Coloma	1	0,001%	99,205%
Santa Coloma de Queralt	1	0,001%	99,207%
Santa Colomba	1	0,001%	99,208%
Santa Cruz de Mendana (Ilha)	1	0,001%	99,210%
Santa Elena	1	0,001%	99,211%
Santa Helena do Turiassú	1	0,001%	99,213%
Santa Ingracia	1	0,001%	99,214%
Santa Izabel	1	0,001%	99,216%
Santa Margarida	1	0,001%	99,217%
Santa Margarita (Ilha)	1	0,001%	99,219%
Santa Maria (PE)	1	0,001%	99,220%
Santa Maria de Baependy	1	0,001%	99,222%
Santa Maria de Baipendy	1	0,001%	99,223%
Santa Maria de Bellem	1	0,001%	99,225%
Santa Maria de Bentacuria	1	0,001%	99,226%
Santa Olalla	1	0,001%	99,227%
Santa Rita do Norte (Arraial)	1	0,001%	99,229%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Santa Roza	1	0,001%	99,230%
Santafé	1	0,001%	99,232%
Santarem Novo (PA)	1	0,001%	99,233%
Sant-Iago da Espada	1	0,001%	99,235%
Sant-Iago de Compostella	1	0,001%	99,236%
Sant-Iago de Galliza	1	0,001%	99,238%
Santiago del Estero	1	0,001%	99,239%
Santiago Maior de Tette	1	0,001%	99,241%
Santilhana	1	0,001%	99,242%
Santo André	1	0,001%	99,244%
Santo Antonio (Ilha)	1	0,001%	99,245%
Santo Antonio da Barra	1	0,001%	99,247%
Santo Antonio da Patrulha	1	0,001%	99,248%
Santo Antonio de Montes Claros	1	0,001%	99,250%
Santo Antonio de Urubu	1	0,001%	99,251%
Santo Antonio do Jardim	1	0,001%	99,252%
Santo Antonio do Jardim (MA)	1	0,001%	99,254%
Santo Antonio do Mouraria	1	0,001%	99,255%
Santo do Theotonio	1	0,001%	99,257%
Santo Estevão	1	0,001%	99,258%
Santo Ildefonso	1	0,001%	99,260%
Santo Izidoro	1	0,001%	99,261%
Santona	1	0,001%	99,263%
Sant-Petri	1	0,001%	99,264%
São Agostinho	1	0,001%	99,266%
São Ander	1	0,001%	99,267%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São Angelo (SP)	1	0,001%	99,269%
São Antonio do Crubelo	1	0,001%	99,270%
São Bento das Balsas	1	0,001%	99,272%
São Bento do Tamanduá (Vila)	1	0,001%	99,273%
São Bernardino	1	0,001%	99,275%
São Bernardo (MA)	1	0,001%	99,276%
São Bernardo (Vila)	1	0,001%	99,278%
São Bernardo de Queiróz (Ilha)	1	0,001%	99,279%
São Boaventura de Patipe	1	0,001%	99,280%
São Bom Jesus da Lapa	1	0,001%	99,282%
São Braz	1	0,001%	99,283%
São Camilo de Lelis	1	0,001%	99,285%
São Carlos de Jacuhy	1	0,001%	99,286%
São Christovão de la Cuesta	1	0,001%	99,288%
São Clemente	1	0,001%	99,289%
São Diego	1	0,001%	99,291%
São Domingos (PA)	1	0,001%	99,292%
São Domingos de la Calzada	1	0,001%	99,294%
São Estevão	1	0,001%	99,295%
São Felix de Balsas	1	0,001%	99,297%
São Fellipe de Benguella	1	0,001%	99,298%
São Fernando de Apure	1	0,001%	99,300%
São Francisco da Barra do Sergipe	1	0,001%	99,301%
São Francisco de Borja	1	0,001%	99,303%
São Francisco de Canindé	1	0,001%	99,304%
São Francisco Xavier	1	0,001%	99,305%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São Francisco Xavier de Monção	1	0,001%	99,307%
São Gabriel	1	0,001%	99,308%
São Gabriel (Ilha)	1	0,001%	99,310%
São Ignacio	1	0,001%	99,311%
São Ildelfonso	1	0,001%	99,313%
São João da Palama	1	0,001%	99,314%
São João da Palma	1	0,001%	99,316%
São João de Acre	1	0,001%	99,317%
São João de Chiquitos	1	0,001%	99,319%
São João de Cortes (MA)	1	0,001%	99,320%
São João de Icarahi	1	0,001%	99,322%
São João de Jerusalém	1	0,001%	99,323%
São João de la Peña	1	0,001%	99,325%
São João de Palma	1	0,001%	99,326%
São João de Sende	1	0,001%	99,328%
São João de Uloa	1	0,001%	99,329%
São João do Príncipe (MA)	1	0,001%	99,330%
São João Meriti	1	0,001%	99,332%
São Joaquim do Rio Branco	1	0,001%	99,333%
São Jorge dos Ilhéos	1	0,001%	99,335%
São Jorge dos Ilheos (Vila)	1	0,001%	99,336%
São José (Aldeia)	1	0,001%	99,338%
São José (Ilha)	1	0,001%	99,339%
São José (PE)	1	0,001%	99,341%
São José (Serra)	1	0,001%	99,342%
São José Barbacena (MG)	1	0,001%	99,344%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São José da Parnaíba	1	0,001%	99,345%
São José das Itapororocas	1	0,001%	99,347%
São José de Mossamedes (Aldeia)	1	0,001%	99,348%
São José de Riba Mar	1	0,001%	99,350%
São José do Sipotó	1	0,001%	99,351%
São José dos Reis	1	0,001%	99,353%
São Julião (Cantão)	1	0,001%	99,354%
São Jullião	1	0,001%	99,355%
São Lazaro (Archipelago)	1	0,001%	99,357%
São Leopoldo	1	0,001%	99,358%
São Lourenço de la Muza	1	0,001%	99,360%
São Lourenço dos Índios	1	0,001%	99,361%
São Lourenço dos Índios da Praia Grande	1	0,001%	99,363%
São Lucar de Barrameda	1	0,001%	99,364%
São Luiz (SP)	1	0,001%	99,366%
São Martinho	1	0,001%	99,367%
São Nova da Princeza (PE)	1	0,001%	99,369%
São Paulo de Assumpção	1	0,001%	99,370%
São Pedro da Martinica	1	0,001%	99,372%
São Pedro de la Puerta	1	0,001%	99,373%
São Pelsoni	1	0,001%	99,375%
São Roque	1	0,001%	99,376%
São Sebastião de Biscaia	1	0,001%	99,378%
São Tomé	1	0,001%	99,379%
São Vicente (Ilha)	1	0,001%	99,381%
São Vicente das Lavras	1	0,001%	99,382%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São Vicente de Barquera	1	0,001%	99,383%
São Victor	1	0,001%	99,385%
São Vito (Ilha de)	1	0,001%	99,386%
Sapara	1	0,001%	99,388%
Sapopemba	1	0,001%	99,389%
Sapucahi	1	0,001%	99,391%
Saraglio	1	0,001%	99,392%
Sardica	1	0,001%	99,394%
Sarinhuem	1	0,001%	99,395%
Sarria	1	0,001%	99,397%
Sarsa	1	0,001%	99,398%
Sarsfield	1	0,001%	99,400%
Saubara	1	0,001%	99,401%
Savolat (Ilha de)	1	0,001%	99,403%
Saxe Weimar	1	0,001%	99,404%
Saxe Wittgeinstein	1	0,001%	99,406%
Saxonia Coburgo	1	0,001%	99,407%
Scania	1	0,001%	99,408%
Scaws	1	0,001%	99,410%
Schan	1	0,001%	99,411%
Schekin	1	0,001%	99,413%
Schellapischkeu	1	0,001%	99,414%
Schernbeck	1	0,001%	99,416%
Schirnun	1	0,001%	99,417%
Schirwan	1	0,001%	99,419%
Schonen	1	0,001%	99,420%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Schumla	1	0,001%	99,422%
Schuragel	1	0,001%	99,423%
Schwarzenbeck	1	0,001%	99,425%
Schwediss	1	0,001%	99,426%
Schweinitz	1	0,001%	99,428%
Scio (Ilha)	1	0,001%	99,429%
Scites	1	0,001%	99,431%
Scklasshf	1	0,001%	99,432%
Sebaffhausen	1	0,001%	99,433%
Sechelles (Ilha)	1	0,001%	99,435%
Secheron	1	0,001%	99,436%
Sedan	1	0,001%	99,438%
Seebausen	1	0,001%	99,439%
Segeriens	1	0,001%	99,441%
Seichroviez	1	0,001%	99,442%
Selk	1	0,001%	99,444%
Sellet	1	0,001%	99,445%
Semlis	1	0,001%	99,447%
Semur	1	0,001%	99,448%
Sena (Ilha)	1	0,001%	99,450%
Sentocé	1	0,001%	99,451%
Seraglio	1	0,001%	99,453%
Sergipe d'ElRei de Porto Seguro	1	0,001%	99,454%
Serinhaem	1	0,001%	99,456%
Serinhem (Vila)	1	0,001%	99,457%
Serpa	1	0,001%	99,458%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Serra Acima	1	0,001%	99,460%
Serra da Canastra	1	0,001%	99,461%
Serra da Cruz da Comba	1	0,001%	99,463%
Serra de Caldeira	1	0,001%	99,464%
Serra de Monchique	1	0,001%	99,466%
Serra de Ronda	1	0,001%	99,467%
Serra Geral	1	0,001%	99,469%
Serralho	1	0,001%	99,470%
Serrania	1	0,001%	99,472%
Serrão do Douro	1	0,001%	99,473%
Serrurier	1	0,001%	99,475%
Sertã	1	0,001%	99,476%
Sertão do Duro	1	0,001%	99,478%
Sertões de Amaro Leite	1	0,001%	99,479%
Sertões de Curitiba	1	0,001%	99,481%
Sertões de São Francisco	1	0,001%	99,482%
Seseguin	1	0,001%	99,484%
Seseneuve	1	0,001%	99,485%
Sete Quedas	1	0,001%	99,486%
Severina	1	0,001%	99,488%
Seyda	1	0,001%	99,489%
Shaftesbury	1	0,001%	99,491%
Sherbó	1	0,001%	99,492%
Shetland (Ilha)	1	0,001%	99,494%
Shoukirchen	1	0,001%	99,495%
Shrogoe	1	0,001%	99,497%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Siboure	1	0,001%	99,498%
Sierras de Elwund	1	0,001%	99,500%
Signenza	1	0,001%	99,501%
Sigovia	1	0,001%	99,503%
Siguenza	1	0,001%	99,504%
Silburne	1	0,001%	99,506%
Silor	1	0,001%	99,507%
Silva	1	0,001%	99,509%
Simbres (PE)	1	0,001%	99,510%
Sines	1	0,001%	99,511%
Sintra (PA)	1	0,001%	99,513%
Siracusa	1	0,001%	99,514%
Sisteron	1	0,001%	99,516%
Sítio Novo	1	0,001%	99,517%
Siza	1	0,001%	99,519%
Skuleni	1	0,001%	99,520%
Slobodser (Ilha de)	1	0,001%	99,522%
Slonim	1	0,001%	99,523%
Slyplham	1	0,001%	99,525%
Smolens	1	0,001%	99,526%
Sobradinho do Neiva	1	0,001%	99,528%
Sodoma	1	0,001%	99,529%
Sodupe	1	0,001%	99,531%
Soissons	1	0,001%	99,532%
Soita	1	0,001%	99,534%
Solor	1	0,001%	99,535%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Somerndorf	1	0,001%	99,536%
Somidouro	1	0,001%	99,538%
Sophia	1	0,001%	99,539%
Soriano	1	0,001%	99,541%
Sosnosierra	1	0,001%	99,542%
Soté	1	0,001%	99,544%
Sousel (PA)	1	0,001%	99,545%
Sproe (Ilha)	1	0,001%	99,547%
Stackelberg	1	0,001%	99,548%
Stadt	1	0,001%	99,550%
Staengebro	1	0,001%	99,551%
Staher	1	0,001%	99,553%
Stecknitz	1	0,001%	99,554%
Stein	1	0,001%	99,556%
Sterfeldt	1	0,001%	99,557%
Sterin	1	0,001%	99,559%
Stiria	1	0,001%	99,560%
Stoekolni	1	0,001%	99,562%
Stolpe	1	0,001%	99,563%
Stolzenhagen	1	0,001%	99,564%
Storia	1	0,001%	99,566%
Stralsund Ludec	1	0,001%	99,567%
Styria	1	0,001%	99,569%
Sucuruju	1	0,001%	99,570%
Sug	1	0,001%	99,572%
Sul (Aldeia)	1	0,001%	99,573%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Surgbrack	1	0,001%	99,575%
Suwarow (Ilha de)	1	0,001%	99,576%
Sychelles	1	0,001%	99,578%
Taboaças	1	0,001%	99,579%
Taboca (Lago)	1	0,001%	99,581%
Taboleiro Alto	1	0,001%	99,582%
Tabuenca	1	0,001%	99,584%
Tacaratú (PE)	1	0,001%	99,585%
Tacuára	1	0,001%	99,587%
Tacuarembo	1	0,001%	99,588%
Tadavera	1	0,001%	99,589%
Tafalla	1	0,001%	99,591%
Taganray	1	0,001%	99,592%
Tahumhape	1	0,001%	99,594%
Talajupoca	1	0,001%	99,595%
Talara	1	0,001%	99,597%
Talischin	1	0,001%	99,598%
Talkenberg	1	0,001%	99,600%
Tamandoá	1	0,001%	99,601%
Tamanduá (MG)	1	0,001%	99,603%
Tamhi	1	0,001%	99,604%
Tampico Alvorado	1	0,001%	99,606%
Tanarife	1	0,001%	99,607%
Tanguinhas	1	0,001%	99,609%
Tanzy	1	0,001%	99,610%
Tapacoroia	1	0,001%	99,612%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Tapajós	1	0,001%	99,613%
Tapanhuacanga (Serra)	1	0,001%	99,614%
Tapney	1	0,001%	99,616%
Taquarembó	1	0,001%	99,617%
Taquarembó Grande	1	0,001%	99,619%
Targonara	1	0,001%	99,620%
Tarmouth	1	0,001%	99,622%
Tarnow	1	0,001%	99,623%
Tartaria Asiatica	1	0,001%	99,625%
Tarumás (Ilha)	1	0,001%	99,626%
Tasman	1	0,001%	99,628%
Taunoggen	1	0,001%	99,629%
Tauroggen	1	0,001%	99,631%
Tavarede	1	0,001%	99,632%
Tavastchus	1	0,001%	99,634%
Tavira	1	0,001%	99,635%
Tecklenburg	1	0,001%	99,637%
Teeplitz	1	0,001%	99,638%
Teffe Ega (PA)	1	0,001%	99,639%
Tegernsee	1	0,001%	99,641%
Teguego	1	0,001%	99,642%
Tejada (Aldeia)	1	0,001%	99,644%
Tejuco do Serro	1	0,001%	99,645%
Tejucupau	1	0,001%	99,647%
Tem Pound (Ilha)	1	0,001%	99,648%
Temopylas	1	0,001%	99,650%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Tempe	1	0,001%	99,651%
Tenedos (Ilha)	1	0,001%	99,653%
Tenten (Ilha)	1	0,001%	99,654%
Ter Goes	1	0,001%	99,656%
Terento	1	0,001%	99,657%
Tererta	1	0,001%	99,659%
Terminy	1	0,001%	99,660%
Termopytas	1	0,001%	99,662%
Ternocsa	1	0,001%	99,663%
Terviso	1	0,001%	99,665%
Tesalia	1	0,001%	99,666%
Tessalomca	1	0,001%	99,667%
Tettenborn	1	0,001%	99,669%
Tetuão	1	0,001%	99,670%
Theodosia	1	0,001%	99,672%
Tholey (Cantão)	1	0,001%	99,673%
Thones (Cantão)	1	0,001%	99,675%
Thuringia	1	0,001%	99,676%
Tiago de Negros Jalofos (Ilha)	1	0,001%	99,678%
Tienhaven Groningue (Ilha)	1	0,001%	99,679%
Tifits	1	0,001%	99,681%
Tillemay	1	0,001%	99,682%
Tipperay	1	0,001%	99,684%
Tirano	1	0,001%	99,685%
Tirgutchigh	1	0,001%	99,687%
Tislanne	1	0,001%	99,688%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Tiuba	1	0,001%	99,690%
Tivoli	1	0,001%	99,691%
Tobago (Ilha)	1	0,001%	99,692%
Todla	1	0,001%	99,694%
Toeplitz	1	0,001%	99,695%
Toleda	1	0,001%	99,697%
Toletschin	1	0,001%	99,698%
Tombador	1	0,001%	99,700%
Tonningen	1	0,001%	99,701%
Toplitz	1	0,001%	99,703%
Torello	1	0,001%	99,704%
Toro	1	0,001%	99,706%
Torre d'Avila	1	0,001%	99,707%
Torre de Moncorvo	1	0,001%	99,709%
Torrequeimada	1	0,001%	99,710%
Toul	1	0,001%	99,712%
Toulona	1	0,001%	99,713%
Toulusa	1	0,001%	99,715%
Tournay	1	0,001%	99,716%
Tourraine	1	0,001%	99,717%
Toy	1	0,001%	99,719%
Traconick	1	0,001%	99,720%
Trafalgar	1	0,001%	99,722%
Trapani	1	0,001%	99,723%
Trapicheiro	1	0,001%	99,725%
Traulmandorf	1	0,001%	99,726%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Travanca de Lagos	1	0,001%	99,728%
Trento	1	0,001%	99,729%
Trepeau	1	0,001%	99,731%
Tres Garantias	1	0,001%	99,732%
Treuenbrietzen	1	0,001%	99,734%
Treviso	1	0,001%	99,735%
Trezedellas	1	0,001%	99,737%
Triebelwitz	1	0,001%	99,738%
Trikale	1	0,001%	99,740%
Trindade	1	0,001%	99,741%
Tripeluzza	1	0,001%	99,742%
Tripoliza	1	0,001%	99,744%
Tropico de Cancer	1	0,001%	99,745%
Tropico de Capricornio	1	0,001%	99,747%
Troyes	1	0,001%	99,748%
Troyest	1	0,001%	99,750%
Trucurané (Ilha)	1	0,001%	99,751%
Trunchenu	1	0,001%	99,753%
Tschernomorsk	1	0,001%	99,754%
Tschutga	1	0,001%	99,756%
Tubinguen	1	0,001%	99,757%
Tucunará (Ilha)	1	0,001%	99,759%
Tuilleries	1	0,001%	99,760%
Tupinambaranas	1	0,001%	99,762%
Turgovia	1	0,001%	99,763%
Turia	1	0,001%	99,765%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Turiassú	1	0,001%	99,766%
Turpin	1	0,001%	99,768%
Tuy (Província)	1	0,001%	99,769%
Tweeddale	1	0,001%	99,770%
Uautás (Ilha)	1	0,001%	99,772%
Uaximé (Ilha)	1	0,001%	99,773%
Ubajara	1	0,001%	99,775%
Uddewalla	1	0,001%	99,776%
Udina	1	0,001%	99,778%
Ugine	1	0,001%	99,779%
Ukase	1	0,001%	99,781%
Ulibarri de Gamboa	1	0,001%	99,782%
Ulisséa	1	0,001%	99,784%
Ulite	1	0,001%	99,785%
Ulloa	1	0,001%	99,787%
Umea	1	0,001%	99,788%
Underwald	1	0,001%	99,790%
Unqueta	1	0,001%	99,791%
Upral	1	0,001%	99,793%
Ural	1	0,001%	99,794%
Urbino	1	0,001%	99,795%
Urdun	1	0,001%	99,797%
Urnois	1	0,001%	99,798%
Uruá (Ilha)	1	0,001%	99,800%
Urubú	1	0,001%	99,801%
Uruburetama (Serra)	1	0,001%	99,803%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Urucumacua	1	0,001%	99,804%
Urupari	1	0,001%	99,806%
Urupé (Ilhas)	1	0,001%	99,807%
Uruguay	1	0,001%	99,809%
Ury	1	0,001%	99,810%
Utase	1	0,001%	99,812%
Val d'Espino	1	0,001%	99,813%
Valcourt (Cantão de)	1	0,001%	99,815%
Valdepeñas	1	0,001%	99,816%
Valença / Valencia de La Mancha	1	0,001%	99,818%
Valença /Valencia de Alcantara	1	0,001%	99,819%
Valença /Valencia do Minho	1	0,001%	99,820%
Valenciennes	1	0,001%	99,822%
Valeney	1	0,001%	99,823%
Vallada	1	0,001%	99,825%
Valladares	1	0,001%	99,826%
Valle Verde	1	0,001%	99,828%
Valonga	1	0,001%	99,829%
Vargem	1	0,001%	99,831%
Varna	1	0,001%	99,832%
Vasslicolas	1	0,001%	99,834%
Vassoura	1	0,001%	99,835%
Vaud	1	0,001%	99,837%
Vebershosen	1	0,001%	99,838%
Vechia	1	0,001%	99,840%
Veiros (PA)	1	0,001%	99,841%



Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Veja	1	0,001%	99,843%
Velas (Ilha)	1	0,001%	99,844%
Veles Rubio	1	0,001%	99,845%
Velez	1	0,001%	99,847%
Velezaida	1	0,001%	99,848%
Velha Mancha	1	0,001%	99,850%
Velho Mundo / Mundo Velho / Mundo Antigo / Antigo Mundo	1	0,001%	99,851%
Venan	1	0,001%	99,853%
Venesino (Principado de)	1	0,001%	99,854%
Vensey	1	0,001%	99,856%
Vera	1	0,001%	99,857%
Veraguas	1	0,001%	99,859%
Verceil	1	0,001%	99,860%
Veríssimo	1	0,001%	99,862%
Vermont	1	0,001%	99,863%
Vernoile	1	0,001%	99,865%
Verride	1	0,001%	99,866%
Verso	1	0,001%	99,868%
Vesir-Iskellessi	1	0,001%	99,869%
Vespera (Ilha)	1	0,001%	99,871%
Viamão	1	0,001%	99,872%
Vich	1	0,001%	99,873%
Viçosa / Viçosa (Vila)	1	0,001%	99,875%
Viçosa da Tutoya	1	0,001%	99,876%
Viçosa Real (Vila)	1	0,001%	99,878%
Vidart	1	0,001%	99,879%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Viech	1	0,001%	99,881%
Vieira	1	0,001%	99,882%
Vierlanden	1	0,001%	99,884%
Vigia (PA)	1	0,001%	99,885%
Vilalenim	1	0,001%	99,887%
Villa Flor (PE)	1	0,001%	99,888%
Villadrau	1	0,001%	99,890%
Villafranca	1	0,001%	99,891%
Villalobos	1	0,001%	99,893%
Villalon	1	0,001%	99,894%
Villalva	1	0,001%	99,896%
Villamaior	1	0,001%	99,897%
Villamanha	1	0,001%	99,898%
Villamartin	1	0,001%	99,900%
Villar Chão	1	0,001%	99,901%
Villarobledo	1	0,001%	99,903%
Villiers les pots	1	0,001%	99,904%
Vimiosogadouro	1	0,001%	99,906%
Vinhaes (MA)	1	0,001%	99,907%
Vistillas	1	0,001%	99,909%
Vitepesk	1	0,001%	99,910%
Vitry	1	0,001%	99,912%
Vonitza	1	0,001%	99,913%
Vorarlberg	1	0,001%	99,915%
Vosges	1	0,001%	99,916%
Vrachori	1	0,001%	99,918%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Wambourg	1	0,001%	99,919%
Wan	1	0,001%	99,921%
Wantzleben	1	0,001%	99,922%
Wargo	1	0,001%	99,923%
Wargohala	1	0,001%	99,925%
Wasa Ulenborg (Ilha)	1	0,001%	99,926%
Wateville	1	0,001%	99,928%
Weertzburgo	1	0,001%	99,929%
Weinstberg	1	0,001%	99,931%
Weissenourgh (Cantão de)	1	0,001%	99,932%
Welhemsburg (Ilha de)	1	0,001%	99,934%
Wesselowo	1	0,001%	99,935%
Weste (Ilhas do)	1	0,001%	99,937%
Westerlisa	1	0,001%	99,938%
West-Indias	1	0,001%	99,940%
Weyss	1	0,001%	99,941%
Wezlar	1	0,001%	99,943%
Whitehall	1	0,001%	99,944%
Wholynia	1	0,001%	99,946%
Willia	1	0,001%	99,947%
Wilmanstrand	1	0,001%	99,948%
Winberg	1	0,001%	99,950%
Withelmsbad	1	0,001%	99,951%
Wobnersheim	1	0,001%	99,953%
Woinceta	1	0,001%	99,954%
Wollerwick	1	0,001%	99,956%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Woolwich	1	0,001%	99,957%
Woronosch	1	0,001%	99,959%
Wulfersdorf	1	0,001%	99,960%
Wyingarden	1	0,001%	99,962%
Xarayes (Lago)	1	0,001%	99,963%
Xavita	1	0,001%	99,965%
Xerez de la Fontera	1	0,001%	99,966%
Xique Xique	1	0,001%	99,968%
Xopegui	1	0,001%	99,969%
Xucar	1	0,001%	99,971%
Yaguaron	1	0,001%	99,972%
Yecla	1	0,001%	99,974%
Ystadt	1	0,001%	99,975%
Ytraun	1	0,001%	99,976%
Yueerdan	1	0,001%	99,978%
Yverdun	1	0,001%	99,979%
Zabara	1	0,001%	99,981%
Zafra	1	0,001%	99,982%
Zamora	1	0,001%	99,984%
Zarkojeselo	1	0,001%	99,985%
Zarrantien	1	0,001%	99,987%
Zenna	1	0,001%	99,988%
Zesch	1	0,001%	99,990%
Zezere	1	0,001%	99,991%
Zittau	1	0,001%	99,993%
Zoara	1	0,001%	99,994%

Tabela 4.3.2.1 - Região - cálculo bruto

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Zoerbig	1	0,001%	99,996%
Zuenspiker	1	0,001%	99,997%
Zumaya	1	0,001%	99,999%
Zytomer	1	0,001%	100,000%
<b>Total geral</b>	<b>67959</b>	<b>100,000%</b>	

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d`Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; Compilador Constitucional Político, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Constitucional (BA); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum; Semanario Civico.

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Rio de Janeiro / Rio del Janeiro	1058	3,610%	3,610%
Brasil / Brazil / Brasis	932	3,180%	6,789%
Portugal	879	2,999%	9,788%
Lisboa	854	2,914%	12,702%
Bahia	770	2,627%	15,329%
Pernambuco / Pernambucos	555	1,894%	17,223%
França	473	1,614%	18,837%
Rio Grande / Rio Grande de São Pedro do Sul	457	1,559%	20,396%
Hese / Hesse	417	1,423%	21,818%
Inglaterra	372	1,269%	23,088%
Londres	332	1,133%	24,220%
Maranhão / Maranhão / Marañon / São Luiz do Maranhão	320	1,092%	25,312%
Porto / Puerto	316	1,078%	26,390%
São Paulo / San Pablo / Sam Paulo	295	1,006%	27,397%
Minas Gerais / Minas Geraes / Minas Generalles	281	0,959%	28,356%
Províncias do Brasil / Provincias del Brasil / Províncias do Norte do Brasil / Pro	281	0,959%	29,314%
Monte Video / Montevideo	234	0,798%	30,113%
Paranaguá / Paranagoá / Parnagoá / Pernagoá / Pernaguá	218	0,744%	30,856%
Rússia / Rusia / Russias /Russia Meridional	218	0,744%	31,600%
Buenos Aires /Buenos Ayres	217	0,740%	32,340%
Paris / Pariz	212	0,723%	33,064%
Santos	194	0,662%	33,726%
Pará	182	0,621%	34,347%
Rio da Prata / Rio de la Plata	182	0,621%	34,968%
Santa Catharina / Santa Catalina	180	0,614%	35,582%
Campos / Campos dos Goitacazes	167	0,570%	36,151%
Estados Unidos da América do Norte / da America Setemptrional	160	0,546%	36,697%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Roma	157	0,536%	37,233%
Austria / Austrias / Alta Áustria	155	0,529%	37,762%
Cabo Frio	151	0,515%	38,277%
Liverpool	150	0,512%	38,789%
Holanda / Hollanda / Holstein / Olanda	143	0,488%	39,277%
Madrid	139	0,474%	39,751%
Suecia / Suesia	133	0,454%	40,205%
Rio de São João	132	0,450%	40,655%
Angola	131	0,447%	41,102%
Grande (Ilha) / Ilha Grande	131	0,447%	41,549%
Algarve / Algarves	124	0,423%	41,972%
Alemanha	119	0,406%	42,378%
Prússia / Prussia Oriental	114	0,389%	42,767%
Grã Bretanha / Gram Bretanha / Grão Bretanha / Grande Bretanha	111	0,379%	43,146%
Viena / Vienna / Vinenna	107	0,365%	43,511%
Italia / Alta Italia	106	0,362%	43,872%
India / Indias	103	0,351%	44,224%
Macahé / Macaé	100	0,341%	44,565%
Reino de Portugal, Brasil e Algarves / Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarv	100	0,341%	44,906%
Benguela / Benguella / Bengala / Bengalla / Bangalla	97	0,331%	45,237%
Gibraltar / Gibaltar	96	0,328%	45,565%
Queluz	91	0,310%	45,875%
Cadis / Cadiz / Cadix	89	0,304%	46,179%
Madeira (Ilha)	89	0,304%	46,482%
Napoles	89	0,304%	46,786%
Recife / Reciffe / Recife de Pernambuco	89	0,304%	47,090%
Coimbra	85	0,290%	47,380%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Rio Tejo / Rio Téjo	85	0,290%	47,670%
Moçambique / Mossambique / Muçambique / Messambique	81	0,276%	47,946%
Taguahi / Tagoahi / Taguahy	78	0,266%	48,212%
Capitania	76	0,259%	48,472%
Laguna	76	0,259%	48,731%
Porto Alegre	75	0,256%	48,987%
Alagoas / Alagoa	74	0,252%	49,239%
Ceará / Seará / Ceará Grande / Seará Grande	72	0,246%	49,485%
Berlim / Berlin	71	0,242%	49,727%
Hamburgo / Amburgo	70	0,239%	49,966%
Turquia / Turquia Asiatica /Turquia da Europa / Turquia Europea	69	0,235%	50,201%
Piaui / Piauhi / Piauhy / Piahuhi / Phiauhy	66	0,225%	50,426%
America Hespanhola / Americas Hespanholas	65	0,222%	50,648%
Grecia	65	0,222%	50,870%
Rio Douro / Alto Douro	65	0,222%	51,092%
São Sebastião	63	0,215%	51,307%
Cabinda	62	0,212%	51,518%
Beira / Beira Baixa / Beira Alta	60	0,205%	51,723%
Caravella /Caravellas	58	0,198%	51,921%
Porta / Puerta / Porta Otomana / Porta Ottomana	58	0,198%	52,119%
Stockolmo / Stckolmo/ Estocolmo	58	0,198%	52,317%
Vila Rica	57	0,194%	52,511%
Cachias das Aldeas Altas	56	0,191%	52,702%
Olinda	56	0,191%	52,893%
Valença / Valencia / Valence	56	0,191%	53,084%
Minas Novas	55	0,188%	53,272%
Petersburgo / Peterburgo / Petresburgo	55	0,188%	53,460%



Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Bragança	54	0,184%	53,644%
Constantinopla	53	0,181%	53,825%
Parahiba / Paraiba / Parahyba / Parahiba do Norte	53	0,181%	54,005%
Goyana / Goyanna /Goiana / Goianna	51	0,174%	54,179%
Mexico / Megico	51	0,174%	54,353%
Havre de Grace / Havre de Gracia	50	0,171%	54,524%
Irlanda	50	0,171%	54,695%
Lima	50	0,171%	54,865%
Rio São Francisco / Rio de São Francisco	50	0,171%	55,036%
São Petersburgo	50	0,171%	55,206%
Dinamarca	49	0,167%	55,374%
Iguapa / Iguape	49	0,167%	55,541%
Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda / Reino Unido da Gran Bretanha e Irland	49	0,167%	55,708%
Catalunha / Cataluña	48	0,164%	55,872%
Egipto / Egypto / Egito	48	0,164%	56,035%
Havana / Havanna / Habana / Avana	48	0,164%	56,199%
Polonia / Polonia Austriaca / Polonia Russiana	47	0,160%	56,360%
Rio Amazonas	46	0,157%	56,517%
Baltimore / Balthimori	44	0,150%	56,667%
Nova York/ New York / Nueva York	44	0,150%	56,817%
São Domingo / São Domingos (Ilha)	44	0,150%	56,967%
Benavente / Benevente / Benevento	42	0,143%	57,110%
Franckfurt / Francfurt / Frankfurt	42	0,143%	57,253%
Goyas / Goyaz / Goiaz / Goyases /Goyazes	42	0,143%	57,397%
China	41	0,140%	57,537%
Figueira / Figueiras	41	0,140%	57,677%
Rio Rheno / Rhim / Baixo Rhim	41	0,140%	57,816%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Falmouth / Flamouth	40	0,136%	57,953%
Galiza/Gallizia/Gallitzia / Gallicia / Galliza	40	0,136%	58,089%
Peru / Baixo Peru / Alto Peru	40	0,136%	58,226%
Rio das Ostras	40	0,136%	58,362%
Cabo Verde (Ilha / Ilhas)	39	0,133%	58,495%
Mato Grosso / Matto Grosso	39	0,133%	58,628%
Parnahiba / Parnaiba	39	0,133%	58,762%
Alcantara	38	0,130%	58,891%
Castella / Castela / Castella Nova / Castella Velha	38	0,130%	59,021%
Sicilia / Duas Sicilias	38	0,130%	59,150%
Vittoria / Victoria / Vitoria	38	0,130%	59,280%
Filadélfia / Filadelfia / Philadelphia	37	0,126%	59,406%
São Matheus	37	0,126%	59,533%
Cabo da Boa Esperança	36	0,123%	59,655%
Reconcavo / Reconcavos	36	0,123%	59,778%
Suissa / Suíça	36	0,123%	59,901%
Baiona / Bayoba / Bayonna / Bayonne	35	0,119%	60,020%
Macao / Macau	35	0,119%	60,140%
Santo Amaro / San Amaro	35	0,119%	60,259%
Açores (Ilha)	34	0,116%	60,375%
Extremadura / Extremadura / Extremadura Alta	34	0,116%	60,491%
Noruega / Norwega	34	0,116%	60,607%
Pirineos / Pirineus / Pireneos / Pirenneos / Pyrineus / Pyrinneus	34	0,116%	60,723%
Atenas / Athenas	33	0,113%	60,836%
Bordeaux / Bourdeaux / Burdeos / Bordeos / Bordo	33	0,113%	60,948%
Chile / Chili / Chyli	33	0,113%	61,061%
Miarim	33	0,113%	61,174%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Sevilha / Sevilla	33	0,113%	61,286%
Golfo de Lepanto / Golfo de Corinto	32	0,109%	61,395%
Mangaratiba	32	0,109%	61,505%
Venesa / Veneza	32	0,109%	61,614%
Itapicuru / Itapucuru / Itapucuró (Villa de Nossa Senhora de Nazareth de)	31	0,106%	61,720%
Sergipe d'El Rei / Sergipe / Seregipe	31	0,106%	61,825%
Washington / Washington	31	0,106%	61,931%
Antuerpia / Anvers	30	0,102%	62,033%
Aragão / Aragam	30	0,102%	62,136%
Barcelona / Barcellona	30	0,102%	62,238%
Belem	30	0,102%	62,340%
Columbia	30	0,102%	62,443%
Espírito Santo	30	0,102%	62,545%
Hannover / Hanover	30	0,102%	62,648%
Paizes Baixos / Paises Baixos	30	0,102%	62,750%
Saragossa / Saragoça	30	0,102%	62,852%
Valparaiso / Valparaizo / Valparayso / Val de Paraiso	30	0,102%	62,955%
Viana / Vianna	30	0,102%	63,057%
Amsterdã / Amsterdam / Amsterdão	29	0,099%	63,156%
Baviera / Bavara / Bavaras	29	0,099%	63,255%
Boston	29	0,099%	63,354%
Cordoba / Cordova / Córdoba / Córdova	29	0,099%	63,453%
Persia	29	0,099%	63,552%
São João d'El Rei / São João d'El Rey	29	0,099%	63,651%
Copenhage / Copenhagem	28	0,096%	63,746%
Guernesey (Ilha no Canal da Mancha)	28	0,096%	63,842%
Itapemerim / Itapimirim	28	0,096%	63,937%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Minho	28	0,096%	64,033%
Saxonia	28	0,096%	64,128%
Andaluzia/ Andalusia / Andalucia	27	0,092%	64,220%
Bruxelas / Burxelles / Bruxellas / Bucelas	27	0,092%	64,313%
Mariana / Marianna	27	0,092%	64,405%
Rio Elba / Elbo	27	0,092%	64,497%
Sardanha / Sardenha	27	0,092%	64,589%
Guimarães	26	0,089%	64,678%
Bohemia	25	0,085%	64,763%
Coronha / Corunha	25	0,085%	64,848%
Flandres / Flandes	25	0,085%	64,933%
Moscow / Moskow / Moscou	25	0,085%	65,019%
Navarra	25	0,085%	65,104%
Sabara	25	0,085%	65,189%
Santa Cruz	25	0,085%	65,275%
São Francisco	25	0,085%	65,360%
Ubatuba	25	0,085%	65,445%
Varsovia / Warsovia	25	0,085%	65,531%
Wittenberg / Wirtembergh / Wirtebourg / Winnersburgo	25	0,085%	65,616%
Alentejo / Alem Tejo / Além Téjo	24	0,082%	65,698%
Gotemburgo / Gothemburg	24	0,082%	65,780%
Guaratiba / Guaratyba	24	0,082%	65,861%
Hungria / Ungria	24	0,082%	65,943%
Nova Holanda / Nova Hollanda	24	0,082%	66,025%
Silesia / Silesia Inferior	24	0,082%	66,107%
Tras os Montes	24	0,082%	66,189%
Jersey / Gersey	23	0,078%	66,267%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Lamego	23	0,078%	66,346%
Leão / Lyon / Lião (Ilha)	23	0,078%	66,424%
Marsella / Marselha / Marseille	23	0,078%	66,503%
Pamplona / Pampelona	23	0,078%	66,581%
Porto Seguro	23	0,078%	66,660%
Rio Grande do Norte	22	0,075%	66,735%
Entre Rios	21	0,072%	66,807%
Goa	21	0,072%	66,878%
Itaparica (Ilha)	21	0,072%	66,950%
Milão	21	0,072%	67,021%
Portsmouth	21	0,072%	67,093%
Provincia Cisplatina / Província Oriental	21	0,072%	67,165%
Cuiabá / Cuyabá	20	0,068%	67,233%
Dresdem / Dresden / Dresde /Desda	20	0,068%	67,301%
Faiol / Fayal / Fayal / Fail / Fayol / Faial (Ilha de)	20	0,068%	67,369%
Genova	20	0,068%	67,438%
Moldavia	20	0,068%	67,506%
São Miguel (Ilha)	20	0,068%	67,574%
São Thomé (Ilha)	20	0,068%	67,642%
Tenerife / Tanarife (Ilha)	20	0,068%	67,711%
Trieste	20	0,068%	67,779%
Nantes	19	0,065%	67,844%
Piemonte /Piamont	19	0,065%	67,909%
Rio Real	19	0,065%	67,973%
Valaquia / Vallaquia / Valachia/ Vallachia / Vallequia	19	0,065%	68,038%
Valhadolid / Valladolid	19	0,065%	68,103%
Barbacena	18	0,061%	68,164%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Braga	18	0,061%	68,226%
Cananéia / Cananéa / Cananéa	18	0,061%	68,287%
Cidade Rodrigo / Ciudad Rodrigo	18	0,061%	68,349%
Cotinguiba / Catinguiba / Coinguiba	18	0,061%	68,410%
Curitiba / Coretiba / Curetiba	18	0,061%	68,472%
Finlandia / Finland	18	0,061%	68,533%
Itapucuru-Mirim	18	0,061%	68,594%
Jacobina / Jacubina	18	0,061%	68,656%
Joannes (Ilha) / Ilha da Marajós / Marajó (Ilha)	18	0,061%	68,717%
Malaga	18	0,061%	68,779%
Nazareth	18	0,061%	68,840%
Salamanca	18	0,061%	68,901%
America Ingleza / América Ingleza	17	0,058%	68,959%
Caxias / Cachias (MA)	17	0,058%	69,017%
Escocia	17	0,058%	69,075%
Rio Pardo	17	0,058%	69,133%
Rio Pruth	17	0,058%	69,191%
Santa Helena (Ilha de)	17	0,058%	69,249%
Arribada / Arribado	16	0,055%	69,304%
Badajós / Badajoz	16	0,055%	69,359%
Costa da Mina	16	0,055%	69,413%
Grão Pará / Gram Pará	16	0,055%	69,468%
Guiné	16	0,055%	69,522%
Jônicas / Jônias / Jomeas (Ilha/Ilhas)	16	0,055%	69,577%
Maragogipe (Villa de São Bartholomeu de)	16	0,055%	69,632%
Munich	16	0,055%	69,686%
Odesa / Odessa	16	0,055%	69,741%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Praia Grande / São Domingos da Praia Grande	16	0,055%	69,795%
Salem / Sallem	16	0,055%	69,850%
Salvador / São Salvador / Sam Salvador	16	0,055%	69,904%
Santa Fé	16	0,055%	69,959%
São José	16	0,055%	70,014%
Alexandria	15	0,051%	70,065%
Almeida	15	0,051%	70,116%
Cartagena / Carthagen	15	0,051%	70,167%
Genebra	15	0,051%	70,218%
Granada	15	0,051%	70,270%
Príncipe (Ilha)	15	0,051%	70,321%
Rio Danubio	15	0,051%	70,372%
Rio Negro	15	0,051%	70,423%
Rio Sena / Rio Senna	15	0,051%	70,474%
Turim / Turin	15	0,051%	70,525%
Tury (MA)	15	0,051%	70,577%
Alicante	14	0,048%	70,624%
Burgos	14	0,048%	70,672%
Caiena /Cayena / Cayenna	14	0,048%	70,720%
Caracas	14	0,048%	70,768%
Cartago / Carthago	14	0,048%	70,815%
Colonia / Colonia de Sacramento	14	0,048%	70,863%
Esparta / Sparta / Espartha	14	0,048%	70,911%
Inhambupe / Inhanhambupe (Villa)	14	0,048%	70,959%
Itu / Ytu	14	0,048%	71,006%
Loanda	14	0,048%	71,054%
Maldonado	14	0,048%	71,102%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Terragona / Tarragona	14	0,048%	71,150%
Vera Cruz / Veracruz	14	0,048%	71,198%
Asturias /Austurias	13	0,044%	71,242%
Bourbon (Ilha)	13	0,044%	71,286%
Canadá / Alto Canadá	13	0,044%	71,331%
Confederação do Reno / Confederação do Rhim	13	0,044%	71,375%
Espirito Santo	13	0,044%	71,419%
Hull	13	0,044%	71,464%
Ilheos / Ilheus	13	0,044%	71,508%
Macedonia / Macedônia	13	0,044%	71,552%
Malta (Ilha de)	13	0,044%	71,597%
Mina	13	0,044%	71,641%
Pomerania / Pomerania Sueca	13	0,044%	71,685%
Real (Vila) - PE	13	0,044%	71,730%
Reino Unido	13	0,044%	71,774%
Santa Luzia do Rio Real (Arraial)	13	0,044%	71,818%
Terceira (Ilha)	13	0,044%	71,863%
Toscana	13	0,044%	71,907%
Venezuela	13	0,044%	71,952%
Westfalia / Vestfalia	13	0,044%	71,996%
Alcobaça / Alcobaca	12	0,041%	72,037%
Angoulene / Angouleme	12	0,041%	72,078%
Antilha / Antilhas	12	0,041%	72,119%
Bremen	12	0,041%	72,160%
Cabello de Velha (Baía no Maranhão)	12	0,041%	72,201%
Cabo de Santo Agostinho / Cabo de São Agostinho	12	0,041%	72,242%
Estreito de Dardanellos	12	0,041%	72,282%



Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Flores (Arraial)	12	0,041%	72,323%
Morea	12	0,041%	72,364%
Nova Hespanha / Nueva España	12	0,041%	72,405%
Palermo	12	0,041%	72,446%
Paraguay / Paragay	12	0,041%	72,487%
Pastos Bons	12	0,041%	72,528%
Quilimane	12	0,041%	72,569%
Santa Maria	12	0,041%	72,610%
São Pedro	12	0,041%	72,651%
Siberia	12	0,041%	72,692%
Aix-la-Chapele / Aachen	11	0,038%	72,729%
Augsburgo / Ausburgo	11	0,038%	72,767%
Colombia	11	0,038%	72,805%
Dantzic / Dantzick / Danzick	11	0,038%	72,842%
Evora	11	0,038%	72,880%
Fortaleza / Fortalesa	11	0,038%	72,917%
Gruparim	11	0,038%	72,955%
Haia / Haya	11	0,038%	72,992%
Hespanha / Espanha	11	0,038%	73,030%
Indias Ocidentais / Indias Occidentaes	11	0,038%	73,067%
Leipsic / Leipsick / Lespzic	11	0,038%	73,105%
Levante	11	0,038%	73,142%
Nuremberg	11	0,038%	73,180%
Palma	11	0,038%	73,217%
Pirajá	11	0,038%	73,255%
Plymout / Plymouth	11	0,038%	73,292%
Rio das Mortes (comarca)	11	0,038%	73,330%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Ebro	11	0,038%	73,367%
Strasburgo	11	0,038%	73,405%
Terra de Santa Cruz	11	0,038%	73,443%
Toledo	11	0,038%	73,480%
Verona	11	0,038%	73,518%
Zurich	11	0,038%	73,555%
Belgica / Belgium	10	0,034%	73,589%
Bilbao / Bilbao / Bisbal	10	0,034%	73,623%
Brunswick	10	0,034%	73,657%
Caite / Caete / Cayté (MG)	10	0,034%	73,692%
Carcavellos	10	0,034%	73,726%
Conde (Vila) - PE - PA	10	0,034%	73,760%
Cuba	10	0,034%	73,794%
Elvas	10	0,034%	73,828%
Gerona / Girona	10	0,034%	73,862%
Guadalupe / Guadeloupe (Ilha)	10	0,034%	73,896%
Jaguaripe / Jagoaripe (Villa)	10	0,034%	73,930%
Jerusalem / Jerusalém	10	0,034%	73,965%
Lerida	10	0,034%	73,999%
Magdeburg / Magdeburgo	10	0,034%	74,033%
Magé	10	0,034%	74,067%
Moravia	10	0,034%	74,101%
Murcia	10	0,034%	74,135%
Norfolk / Norffok	10	0,034%	74,169%
Nova (Vila)	10	0,034%	74,203%
Nova Friburgo	10	0,034%	74,237%
Olivença / Olivensa	10	0,034%	74,272%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Orange	10	0,034%	74,306%
Praga	10	0,034%	74,340%
Rio Doce	10	0,034%	74,374%
Rio Paraná / Paranan	10	0,034%	74,408%
Rio Tocantins	10	0,034%	74,442%
São João / São João da Luz	10	0,034%	74,476%
São João da Barra / São João da Barra da Parnaíba / São João da Parnahiba	10	0,034%	74,510%
São Vicente	10	0,034%	74,545%
Setubal	10	0,034%	74,579%
Sorocaba	10	0,034%	74,613%
Tejuco / Tijuco (Arraial)	10	0,034%	74,647%
Tomar / Thomar	10	0,034%	74,681%
Uruguai /Uruguay / Uruguay	10	0,034%	74,715%
Wellington	10	0,034%	74,749%
America Portuguesa / América Portuguesa / America Portueguez	9	0,031%	74,780%
Angra (Açores)	9	0,031%	74,811%
Bella (Ilha)	9	0,031%	74,841%
Boa Vista (Ilha)	9	0,031%	74,872%
Canarias (Ilhas)	9	0,031%	74,903%
Capitania do Rio Negro	9	0,031%	74,933%
Congo	9	0,031%	74,964%
Corfu /Corcira (Ilha)	9	0,031%	74,995%
Desterro / Nossa Senhora do Desterro (Villa)	9	0,031%	75,026%
Jamaica	9	0,031%	75,056%
Liorne	9	0,031%	75,087%
Oeyras do Pihahuhi	9	0,031%	75,118%
Ourique	9	0,031%	75,148%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Itapucuru	9	0,031%	75,179%
Rio Madeira	9	0,031%	75,210%
Rio Paraguay / Paraguai	9	0,031%	75,241%
Santarem	9	0,031%	75,271%
Sant-Iago / Santiago	9	0,031%	75,302%
São Gonçalo	9	0,031%	75,333%
São Jorge (Ilha)	9	0,031%	75,363%
Servia	9	0,031%	75,394%
Stralsund	9	0,031%	75,425%
Tarragona	9	0,031%	75,455%
Toulon	9	0,031%	75,486%
Vimeiro	9	0,031%	75,517%
Vizeu / Viseu	9	0,031%	75,548%
Wurtemberg	9	0,031%	75,578%
Abrantes	8	0,027%	75,606%
Albania / Alta Albania / Baixa Albania	8	0,027%	75,633%
Austerlitz	8	0,027%	75,660%
Aveiro	8	0,027%	75,687%
Baden / Bade	8	0,027%	75,715%
Batavia	8	0,027%	75,742%
Berri / Berry	8	0,027%	75,769%
Boa /Boa de Goiaz (Vila)	8	0,027%	75,797%
Bretanha / Baixa Bretanha / Bretagne	8	0,027%	75,824%
Chaves (PA)	8	0,027%	75,851%
França (Ilha)	8	0,027%	75,879%
Guarapirim / Guapareim	8	0,027%	75,906%
Haiti / Hayti	8	0,027%	75,933%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Itapagipe	8	0,027%	75,960%
Japão	8	0,027%	75,988%
Lombardia	8	0,027%	76,015%
Lubeck	8	0,027%	76,042%
Mancha	8	0,027%	76,070%
Mecklenburg / Mecklenburgo	8	0,027%	76,097%
Orleans	8	0,027%	76,124%
Paracatu	8	0,027%	76,151%
Pitangui (MG)	8	0,027%	76,179%
Rio Araguaya	8	0,027%	76,206%
Santo Antonio de Sá	8	0,027%	76,233%
Smyrna	8	0,027%	76,261%
Stuttgard	8	0,027%	76,288%
Tilsit	8	0,027%	76,315%
Troia / Troya	8	0,027%	76,343%
Alpes	7	0,024%	76,366%
Amazonas	7	0,024%	76,390%
Argel	7	0,024%	76,414%
Astorga	7	0,024%	76,438%
Banda Oriental do Rio da Prata / Banda Oriental del Rio de la Plata / Banda Ori	7	0,024%	76,462%
Basle	7	0,024%	76,486%
Beja	7	0,024%	76,510%
Bern / Berne (Cantão)	7	0,024%	76,534%
Bolonha /Boltanha	7	0,024%	76,557%
Breslau /Breslaw	7	0,024%	76,581%
Brest	7	0,024%	76,605%
Bristol	7	0,024%	76,629%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cabo de Horn / Cabo de Horne	7	0,024%	76,653%
Cabo de São Roque	7	0,024%	76,677%
Cairu	7	0,024%	76,701%
Campo Maior (MA)	7	0,024%	76,725%
Ceuta / Ceuto	7	0,024%	76,749%
Crato (PA)	7	0,024%	76,772%
Dunquerque / Dunkerque	7	0,024%	76,796%
Elba (Ilha)	7	0,024%	76,820%
Equador	7	0,024%	76,844%
Florença / Florencia	7	0,024%	76,868%
Galles	7	0,024%	76,892%
Goruparim / Gruparim	7	0,024%	76,916%
Guttenburgo / Gottenburgo	7	0,024%	76,940%
Iguara	7	0,024%	76,963%
Indias Orientais / Indias Orientaes / India Oriental	7	0,024%	76,987%
Konigsberg	7	0,024%	77,011%
Leiria	7	0,024%	77,035%
Macacu	7	0,024%	77,059%
Mayence	7	0,024%	77,083%
Natividade (Arraial)	7	0,024%	77,107%
Nova da Rainha (Vila)	7	0,024%	77,131%
Nova Granada	7	0,024%	77,155%
Oeira /Oeiras	7	0,024%	77,178%
Paraná	7	0,024%	77,202%
Penedo	7	0,024%	77,226%
Pinhel	7	0,024%	77,250%
Placencia	7	0,024%	77,274%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Ponta Delgada	7	0,024%	77,298%
Potosi / Potosí	7	0,024%	77,322%
Riga	7	0,024%	77,346%
Rio Cuyaba / Rio Cuiaba	7	0,024%	77,369%
Rio Danubio	7	0,024%	77,393%
Rio Dwina	7	0,024%	77,417%
Rio Parnahiba / Parnaiba	7	0,024%	77,441%
Rochella / Rochelle / Rochele / La Rochelle	7	0,024%	77,465%
Santa Anna	7	0,024%	77,489%
Santa Maria (Ilha)	7	0,024%	77,513%
Santo Amaro da Purificação (Vila)	7	0,024%	77,537%
São Félix / São Felis (Arraial) - PA	7	0,024%	77,561%
São Pedro do Cantagalo / Canta-Gallo	7	0,024%	77,584%
Saumur	7	0,024%	77,608%
Serra Leoa	7	0,024%	77,632%
Sobral (MA)	7	0,024%	77,656%
Tolosa / Toloza / Tolousa	7	0,024%	77,680%
Tyrol	7	0,024%	77,704%
Viçosa / Viçozza	7	0,024%	77,728%
Virginia	7	0,024%	77,752%
Alger	6	0,020%	77,772%
Andes (Codilheira)	6	0,020%	77,793%
Arabia	6	0,020%	77,813%
Bayen / Baye	6	0,020%	77,834%
Belgrado / Belegrado	6	0,020%	77,854%
Bessarabia	6	0,020%	77,874%
Bissau / Bissao	6	0,020%	77,895%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Bosnia	6	0,020%	77,915%
Bucharest	6	0,020%	77,936%
Calcutta / Calcuttã	6	0,020%	77,956%
Capodistria / Capo d'Istria / Koper	6	0,020%	77,977%
Cavalcante (Arraial) - (PA)	6	0,020%	77,997%
Dessau / Dessaw	6	0,020%	78,018%
Dijon	6	0,020%	78,038%
Epiro	6	0,020%	78,059%
Erfurt / Erfurth	6	0,020%	78,079%
Glasgow / Glaschkow / Glasgow	6	0,020%	78,100%
Greenwich (Meridiano)	6	0,020%	78,120%
Horta	6	0,020%	78,141%
Iraja	6	0,020%	78,161%
Irum / Irun	6	0,020%	78,182%
Malabar	6	0,020%	78,202%
Maricá	6	0,020%	78,222%
Martinica	6	0,020%	78,243%
Meia Ponte (Arraial)	6	0,020%	78,263%
Memel	6	0,020%	78,284%
Mentz	6	0,020%	78,304%
Miranda	6	0,020%	78,325%
Montpellier / Monn	6	0,020%	78,345%
Natal	6	0,020%	78,366%
Ouro Preto	6	0,020%	78,386%
Oviedo	6	0,020%	78,407%
Peloponeso	6	0,020%	78,427%
Pillar (Arraial)	6	0,020%	78,448%



Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Piracatu	6	0,020%	78,468%
Porto Santo (Ilha)	6	0,020%	78,489%
Províncias Ultramarinas / Províncias do Ultramar	6	0,020%	78,509%
Puebla	6	0,020%	78,530%
Quito	6	0,020%	78,550%
Ragusa / Raguza	6	0,020%	78,570%
Reino de Portugal e Algarve / Reinos de Portugal e Algarves	6	0,020%	78,591%
Rennes	6	0,020%	78,611%
Rezende / Resende	6	0,020%	78,632%
Rio Guadiana / Rio Guadianna	6	0,020%	78,652%
Rio Guapore	6	0,020%	78,673%
Rio Maranhão	6	0,020%	78,693%
Rio Oder	6	0,020%	78,714%
Rio Parahiba / Paraiba	6	0,020%	78,734%
Rio Preto	6	0,020%	78,755%
Rio Tiete	6	0,020%	78,775%
Rio Vermelho	6	0,020%	78,796%
Rochfort / Rochefort / Rockefeller	6	0,020%	78,816%
Rocio / Roccio	6	0,020%	78,837%
Rouen	6	0,020%	78,857%
Santo Antônio / Santo Antônio de Alcântara	6	0,020%	78,878%
São Carlos	6	0,020%	78,898%
São João do Príncipe	6	0,020%	78,918%
Septiba	6	0,020%	78,939%
Serro do Frio (Arrail do Tejuco do)	6	0,020%	78,959%
Thessalia	6	0,020%	78,980%
Tortosa	6	0,020%	79,000%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Trancoso / Trancozo	6	0,020%	79,021%
Tunes / Tunis	6	0,020%	79,041%
Velha (Aldeia)	6	0,020%	79,062%
Vigo	6	0,020%	79,082%
Wurtzbourg / Wurtzburg / Wurtzbourg / Wurizbourg	6	0,020%	79,103%
Abo	5	0,017%	79,120%
Albuera / Albuhera	5	0,017%	79,137%
Alsacia	5	0,017%	79,154%
Andujar	5	0,017%	79,171%
Anholt	5	0,017%	79,188%
Aracati (MA)	5	0,017%	79,205%
Arapiles / Arrapiles / Arepiles / Arepilles	5	0,017%	79,222%
Arrayas / Arraias (Arraial)	5	0,017%	79,239%
Assu	5	0,017%	79,256%
Babilonia / Babylonia	5	0,017%	79,273%
Barcellos	5	0,017%	79,290%
Bautzen	5	0,017%	79,307%
Berg	5	0,017%	79,324%
Bombaim / Mumbai	5	0,017%	79,342%
Calabria	5	0,017%	79,359%
Calatayud	5	0,017%	79,376%
Carlsbad / Carlsbadt	5	0,017%	79,393%
Carolina / Carolina Meridional / Carolina Septentrional	5	0,017%	79,410%
Cervera	5	0,017%	79,427%
Chipre / Chypre (Ilha)	5	0,017%	79,444%
Cidades Hanseaticas / Cidades Anseaticas	5	0,017%	79,461%
Cuenca / Cuença	5	0,017%	79,478%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cusco / Cuzco	5	0,017%	79,495%
Desemboque (Arraial)	5	0,017%	79,512%
Edimburgo / Edinburgo	5	0,017%	79,529%
Elseneure / Elseneur / Elsineur / Elsinure / Helsingor / Helsenor	5	0,017%	79,546%
Engenho Velho	5	0,017%	79,563%
Estreito de Bosforo / Bosphoro	5	0,017%	79,580%
Estreito de Magalhães	5	0,017%	79,597%
Franca (Vila) - PA	5	0,017%	79,614%
Funchal	5	0,017%	79,632%
Guadalaxara	5	0,017%	79,649%
Guaira / Guayra	5	0,017%	79,666%
Guarda	5	0,017%	79,683%
Heligoland	5	0,017%	79,700%
Hydra (Ilha)	5	0,017%	79,717%
Inhauma	5	0,017%	79,734%
Istria	5	0,017%	79,751%
Itagoahi / Itagoahy	5	0,017%	79,768%
Itapoan	5	0,017%	79,785%
Jaca	5	0,017%	79,802%
Leyden / Leiden / Leyde / Leide	5	0,017%	79,819%
Luzitania / Lusitania	5	0,017%	79,836%
Lysia / Lisia	5	0,017%	79,853%
Manchester	5	0,017%	79,870%
Marambaia	5	0,017%	79,887%
Maria (Aldeia)	5	0,017%	79,904%
Marrocos	5	0,017%	79,922%
Mendonça / Mendosa / Mendoza	5	0,017%	79,939%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Oldenburg /Oldemburgo	5	0,017%	79,956%
Parecis (Serras)	5	0,017%	79,973%
Parma	5	0,017%	79,990%
Patagonia / Patagoaes	5	0,017%	80,007%
Pontal / Puntal (Aldeia)	5	0,017%	80,024%
Porto Real (Arraial)	5	0,017%	80,041%
Porto Rico	5	0,017%	80,058%
Rheims / Reims (França)	5	0,017%	80,075%
Ribeira	5	0,017%	80,092%
Rio Branco	5	0,017%	80,109%
Rio das Velhas	5	0,017%	80,126%
Rio Ganges	5	0,017%	80,143%
Rio Grande de São João	5	0,017%	80,160%
Rio Mamore	5	0,017%	80,177%
Rio Miarim	5	0,017%	80,194%
Rio Mondego	5	0,017%	80,212%
Rio Pó	5	0,017%	80,229%
Rudschuck (Ilha)	5	0,017%	80,246%
Santa Maria de Maricá	5	0,017%	80,263%
São Bartholomeu (Ilha)	5	0,017%	80,280%
São Francisco (Vila / Villa)	5	0,017%	80,297%
Sertão	5	0,017%	80,314%
Soleure	5	0,017%	80,331%
Syria	5	0,017%	80,348%
Terra Nova	5	0,017%	80,365%
Thebas	5	0,017%	80,382%
Tocantins	5	0,017%	80,399%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Toulouse / Toulouse	5	0,017%	80,416%
Trahiras / Trairas (Arraial) - PA	5	0,017%	80,433%
Transilvania	5	0,017%	80,450%
Tutoia/Tutoya	5	0,017%	80,467%
Urgel	5	0,017%	80,484%
Utrecht / Utrech	5	0,017%	80,502%
Xeres / Xerez	5	0,017%	80,519%
York / Yorck	5	0,017%	80,536%
Zante / Zamte (Ilha)	5	0,017%	80,553%
Alemquer / Alenquer (Paraíba)	4	0,014%	80,566%
Alfaiates	4	0,014%	80,580%
Algeziras / Algeciras	4	0,014%	80,594%
Amarante	4	0,014%	80,607%
Ancona	4	0,014%	80,621%
Antonina	4	0,014%	80,635%
Archangel	4	0,014%	80,648%
Assumpção / Assunção	4	0,014%	80,662%
Barbaria	4	0,014%	80,676%
Biscaia / Biscaya	4	0,014%	80,689%
Brabante	4	0,014%	80,703%
Brandenburg / Brandesburg	4	0,014%	80,716%
Brisgau / Brisgaw	4	0,014%	80,730%
Cabrobó (PE)	4	0,014%	80,744%
Callao / Callão / Callao de Lima	4	0,014%	80,757%
Camamu	4	0,014%	80,771%
Cambray	4	0,014%	80,785%
Cambridge	4	0,014%	80,798%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Campanha da Princesa / Princeza	4	0,014%	80,812%
Campo Largo (PE)	4	0,014%	80,826%
Caninéa	4	0,014%	80,839%
Cantagallo	4	0,014%	80,853%
Cariris / Cariri-Novo / Cariris Novos (Serra)	4	0,014%	80,867%
Carlsruhe / Carlsruhe	4	0,014%	80,880%
Carmo (Arraial)	4	0,014%	80,894%
Castello Branco	4	0,014%	80,908%
Catão	4	0,014%	80,921%
Champagne / Champanha	4	0,014%	80,935%
Chiquitos / Xiquitos	4	0,014%	80,948%
Confederação Suíça	4	0,014%	80,962%
Corvo (Ilha)	4	0,014%	80,976%
Covilhão / Covilhan	4	0,014%	80,989%
Crixá / Crixaz (Arraial)	4	0,014%	81,003%
Dalmacia	4	0,014%	81,017%
Delphos / Delfos	4	0,014%	81,030%
Diamantina / Distrito Diamantino	4	0,014%	81,044%
Dio / Diu	4	0,014%	81,058%
Duro (Aldeia)	4	0,014%	81,071%
Dusseldorf	4	0,014%	81,085%
Eckmuhl / Eckmuhi / Eckmubl	4	0,014%	81,099%
Etruria	4	0,014%	81,112%
Faro	4	0,014%	81,126%
Ferrol	4	0,014%	81,140%
Flessinga	4	0,014%	81,153%
Fribourg / Friburg / Friburgo	4	0,014%	81,167%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Galia / Gallia / Galias	4	0,014%	81,180%
Graciosa (Ilha)	4	0,014%	81,194%
Guaratingueta / Guaratinguetá / Guaratinguita / Guaratinguitá	4	0,014%	81,208%
Guayaquil	4	0,014%	81,221%
Guiana / Guyana /Guyanne	4	0,014%	81,235%
Guyana Franceza / Guiana Franceza	4	0,014%	81,249%
Hardemberg / Hardenberg	4	0,014%	81,262%
Hibernia	4	0,014%	81,276%
Hussares	4	0,014%	81,290%
Ico	4	0,014%	81,303%
Inhamerim / Innhamerim / Inhamerim	4	0,014%	81,317%
Israel	4	0,014%	81,331%
Itanhaen /Itanhaé	4	0,014%	81,344%
Jacarahy / Jacarehy	4	0,014%	81,358%
Janina / Jannina	4	0,014%	81,372%
Jassy / Jassi	4	0,014%	81,385%
Lausanne	4	0,014%	81,399%
Laybach	4	0,014%	81,412%
Liege	4	0,014%	81,426%
Lille	4	0,014%	81,440%
Lorena	4	0,014%	81,453%
Loreto / Loretto	4	0,014%	81,467%
Lusacia / Baixa Lusacia	4	0,014%	81,481%
Luxemburgo / Luxembourg	4	0,014%	81,494%
Macapá (PA)	4	0,014%	81,508%
Madagastar (Ilha)	4	0,014%	81,522%
Mahon	4	0,014%	81,535%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Marengo	4	0,014%	81,549%
Marvão	4	0,014%	81,563%
Massachuset / Massachusets / Massachusetts	4	0,014%	81,576%
Meca	4	0,014%	81,590%
Merida	4	0,014%	81,604%
Metz	4	0,014%	81,617%
Mogi das Cruzes / Mogy das Cruzes	4	0,014%	81,631%
Monfort / Monforte	4	0,014%	81,644%
Narbona / Narbonne	4	0,014%	81,658%
Neufchatel	4	0,014%	81,672%
Ney	4	0,014%	81,685%
Niemem / Niemen	4	0,014%	81,699%
Nova Guiné / Nueva Guinea	4	0,014%	81,713%
Nova Orleans / New Orleans	4	0,014%	81,726%
Nova Zelandia	4	0,014%	81,740%
Ostente / Ostend	4	0,014%	81,754%
Pancordo	4	0,014%	81,767%
Parati	4	0,014%	81,781%
Peniche	4	0,014%	81,795%
Pensilvania / Pensylvania	4	0,014%	81,808%
Picardia	4	0,014%	81,822%
Pico (Ilha)	4	0,014%	81,836%
Pombal	4	0,014%	81,849%
Porto Feliz	4	0,014%	81,863%
Potsdam	4	0,014%	81,876%
Provance / Provença	4	0,014%	81,890%
Províncias Unidas	4	0,014%	81,904%



Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Queluz / Quelus (MG)	4	0,014%	81,917%
Ratisbenna / Ratisbona / Ratisbonna	4	0,014%	81,931%
Rica	4	0,014%	81,945%
Rio Arinos	4	0,014%	81,958%
Rio Bonito	4	0,014%	81,972%
Rio das Contas	4	0,014%	81,986%
Rio de Contas	4	0,014%	81,999%
Rio de Santa Maria	4	0,014%	82,013%
Rio de São Francisco do Sul	4	0,014%	82,027%
Rio Escalda	4	0,014%	82,040%
Rio Jamari / Jamary	4	0,014%	82,054%
Rio Jauru	4	0,014%	82,068%
Rio Loire	4	0,014%	82,081%
Rio São Lourenço	4	0,014%	82,095%
Rio Tamisa	4	0,014%	82,108%
Rio Uruguay	4	0,014%	82,122%
Rio Vistula / Rio Vístula	4	0,014%	82,136%
Rio Zaire	4	0,014%	82,149%
Rioja	4	0,014%	82,163%
Rotterdam / Rotherdam	4	0,014%	82,177%
Saboia / Savoya	4	0,014%	82,190%
Salinas / Sallinas	4	0,014%	82,204%
Salonica	4	0,014%	82,218%
Salta (Província)	4	0,014%	82,231%
Saltzburgo /Salsburgo	4	0,014%	82,245%
Santa Barbara	4	0,014%	82,259%
Santa Fé de Bogota	4	0,014%	82,272%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Santa Martha / Santa Marta	4	0,014%	82,286%
Santander	4	0,014%	82,300%
São Bento de Tamandoá	4	0,014%	82,313%
São Bernardo / São Bernardo da Parnahiba	4	0,014%	82,327%
São Feliu / São Feliú	4	0,014%	82,340%
São João das Duas Barras (Arraial)	4	0,014%	82,354%
Saxe Cabourg / Saxe Cobourg	4	0,014%	82,368%
Schaffhausen / Schaffhouse	4	0,014%	82,381%
Segovia	4	0,014%	82,395%
Talaveira / Talavera	4	0,014%	82,409%
Tarento	4	0,014%	82,422%
Tartaria	4	0,014%	82,436%
Taubaté / Taubathé	4	0,014%	82,450%
Texel	4	0,014%	82,463%
Timor	4	0,014%	82,477%
Torgau	4	0,014%	82,491%
Tucuman	4	0,014%	82,504%
Ucrania / Ukrania	4	0,014%	82,518%
Ulm	4	0,014%	82,532%
Versailles / Versalhes	4	0,014%	82,545%
Weimar	4	0,014%	82,559%
Westminister / Westminster	4	0,014%	82,573%
Witepsk	4	0,014%	82,586%
Acapulco	3	0,010%	82,596%
Aland (Ilha)	3	0,010%	82,607%
Alba de Tormes / Alba Torres	3	0,010%	82,617%
Albuquerque (Serra / Serras)	3	0,010%	82,627%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Aldeia	3	0,010%	82,637%
Alexandria (EUA)	3	0,010%	82,648%
Almeria	3	0,010%	82,658%
Angra dos Reis	3	0,010%	82,668%
Araxá (Arraial)	3	0,010%	82,678%
Archipelago (Ilha)	3	0,010%	82,689%
Argentina	3	0,010%	82,699%
Armenia	3	0,010%	82,709%
Australazia / Austrolazia / Austrulazia	3	0,010%	82,719%
Avila	3	0,010%	82,729%
Avis	3	0,010%	82,740%
Azambuja	3	0,010%	82,750%
Bale	3	0,010%	82,760%
Baleares (Ilhas) / Balearias (Ilhas)	3	0,010%	82,770%
Barbadas / Barbada (Ilha)	3	0,010%	82,781%
Barceloneta	3	0,010%	82,791%
Barra (Arraial)	3	0,010%	82,801%
Bayreubt / Bayreuth	3	0,010%	82,811%
Bebiribe	3	0,010%	82,822%
Belmonte	3	0,010%	82,832%
Blankenberg / Blankenburg	3	0,010%	82,842%
Branau / Brannau	3	0,010%	82,852%
Breda	3	0,010%	82,863%
Bulgaria	3	0,010%	82,873%
Cabo de Santa Maria (Algarve)	3	0,010%	82,883%
Cabo do Norte	3	0,010%	82,893%
Cacheo / Cacheu	3	0,010%	82,903%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cajapió	3	0,010%	82,914%
Calabar /Callabar	3	0,010%	82,924%
California / California da America / Duas Californias	3	0,010%	82,934%
Cametá (Villa)	3	0,010%	82,944%
Carlsrona / Carlserona	3	0,010%	82,955%
Cassel	3	0,010%	82,965%
Castro	3	0,010%	82,975%
Caxias das Aldeias Altas	3	0,010%	82,985%
Ceilão / Ceylão	3	0,010%	82,996%
Celorico	3	0,010%	83,006%
Cephalonica (Ilha de)	3	0,010%	83,016%
Chambery	3	0,010%	83,026%
Chuquisaca	3	0,010%	83,037%
Cintra	3	0,010%	83,047%
Coburg / Coburgo	3	0,010%	83,057%
Cochabamba	3	0,010%	83,067%
Cochim	3	0,010%	83,077%
Conceição (Arraial)	3	0,010%	83,088%
Confederação Germânica	3	0,010%	83,098%
Connecticut	3	0,010%	83,108%
Corintho	3	0,010%	83,118%
Cork	3	0,010%	83,129%
Corriente /Corrientes	3	0,010%	83,139%
Croacia	3	0,010%	83,149%
Cunha	3	0,010%	83,159%
Cuxhaven	3	0,010%	83,170%
Daroca	3	0,010%	83,180%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Dover	3	0,010%	83,190%
Dublin	3	0,010%	83,200%
Elbing	3	0,010%	83,211%
Entre Douro	3	0,010%	83,221%
Esslingen / Essling	3	0,010%	83,231%
Estreito de Bebring / Behring	3	0,010%	83,241%
Etolia	3	0,010%	83,251%
Fernão de Noronha (Ilha) / Noronha	3	0,010%	83,262%
Florida / Florida Ocidental / Florida Oriental	3	0,010%	83,272%
Fontainebleau	3	0,010%	83,282%
Fontonna / Fontana D'Oro	3	0,010%	83,292%
Formiga / Formigas (Aldeia)	3	0,010%	83,303%
Franconia	3	0,010%	83,313%
Frederickstadt	3	0,010%	83,323%
Frioul / Friul	3	0,010%	83,333%
Fuigueiras	3	0,010%	83,344%
Garnize	3	0,010%	83,354%
Gefle / Gavle	3	0,010%	83,364%
George Town	3	0,010%	83,374%
Georgia	3	0,010%	83,385%
Ghent	3	0,010%	83,395%
Gijon	3	0,010%	83,405%
Goratiba	3	0,010%	83,415%
Gorlitz	3	0,010%	83,425%
Grenoble	3	0,010%	83,436%
Guadix	3	0,010%	83,446%
Guaratuba	3	0,010%	83,456%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Helsimburg / Helsingborg	3	0,010%	83,466%
Huesca	3	0,010%	83,477%
Huminguen / Huningen	3	0,010%	83,487%
Ibiapaba (Serra)	3	0,010%	83,497%
Icatu	3	0,010%	83,507%
Imola	3	0,010%	83,518%
Indostão	3	0,010%	83,528%
Islandia	3	0,010%	83,538%
Jundiahy	3	0,010%	83,548%
Juterbock	3	0,010%	83,559%
Kamtschatka / Kamtschtka	3	0,010%	83,569%
Kingston	3	0,010%	83,579%
Lacedemonia	3	0,010%	83,589%
Lagos (Villa de)	3	0,010%	83,599%
Lauenburgo	3	0,010%	83,610%
Lebrija / Lebrilla	3	0,010%	83,620%
Lebzeltern	3	0,010%	83,630%
Lemberg	3	0,010%	83,640%
Lichteinstein / Lichteinstein	3	0,010%	83,651%
Limereck / Limerick	3	0,010%	83,661%
Llerena	3	0,010%	83,671%
Loango	3	0,010%	83,681%
Lourinhã / Lourinha / Lourinham	3	0,010%	83,692%
Lowemberg	3	0,010%	83,702%
Lucca	3	0,010%	83,712%
Luisiana	3	0,010%	83,722%
Maia	3	0,010%	83,733%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Malhorca (Ilha)	3	0,010%	83,743%
Malines	3	0,010%	83,753%
Manheim / Manhein	3	0,010%	83,763%
Mantiqueira (Serra)	3	0,010%	83,773%
Marathona / Marathonia	3	0,010%	83,784%
Maryland	3	0,010%	83,794%
Mathias Barboza	3	0,010%	83,804%
Mauricia (Ilha) / Mauricias (Ilhas)	3	0,010%	83,814%
Metternich	3	0,010%	83,825%
Minorca (Ilha de)	3	0,010%	83,835%
Mirandela / Mirandella	3	0,010%	83,845%
Mississipi	3	0,010%	83,855%
Mochos / Moxos	3	0,010%	83,866%
Molembo	3	0,010%	83,876%
Monte Mor	3	0,010%	83,886%
Montreal / Montreau	3	0,010%	83,896%
Munster	3	0,010%	83,907%
Murviedro	3	0,010%	83,917%
Newport / News-Port	3	0,010%	83,927%
Nice	3	0,010%	83,937%
Nicea / Nicéa	3	0,010%	83,947%
Nissa / Niza	3	0,010%	83,958%
Normandia	3	0,010%	83,968%
Nova Coimbra	3	0,010%	83,978%
Nova de Gaia / Gaya (Vila)	3	0,010%	83,988%
Nova do Príncipe (Vila)	3	0,010%	83,999%
Obidos	3	0,010%	84,009%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Olhao	3	0,010%	84,019%
Orense / Orenze	3	0,010%	84,029%
Ouro Fino (Arraial)	3	0,010%	84,040%
Palestina	3	0,010%	84,050%
Panamá	3	0,010%	84,060%
Passau	3	0,010%	84,070%
Pati do Alferes	3	0,010%	84,081%
Patras	3	0,010%	84,091%
Pavia	3	0,010%	84,101%
Pedra Branca	3	0,010%	84,111%
Pena Fiel / Penafiel	3	0,010%	84,121%
Perpignan	3	0,010%	84,132%
Peza / Pezo	3	0,010%	84,142%
Portalegre (Portugal)	3	0,010%	84,152%
Porto Baltico	3	0,010%	84,162%
Porto Cabello	3	0,010%	84,173%
Porto Calvo	3	0,010%	84,183%
Prado	3	0,010%	84,193%
Presburgo	3	0,010%	84,203%
Províncias da América	3	0,010%	84,214%
Províncias da America Hespanhola	3	0,010%	84,224%
Provincias Hespanholas na America / Provincias Americanas de Hespanha / Pro	3	0,010%	84,234%
Províncias Illyricas	3	0,010%	84,244%
Rastadt	3	0,010%	84,255%
Reconcavo da Bahia	3	0,010%	84,265%
Regoa	3	0,010%	84,275%
Rhode Island	3	0,010%	84,285%



Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Agueda	3	0,010%	84,295%
Rio Baures	3	0,010%	84,306%
Rio Capivari / Capivary	3	0,010%	84,316%
Rio Corumba	3	0,010%	84,326%
Rio das Contas (Vila)	3	0,010%	84,336%
Rio de Piloens / Rio Piloens / Rio de Pilloens	3	0,010%	84,347%
Rio Dnieper	3	0,010%	84,357%
Rio do Peixe	3	0,010%	84,367%
Rio Guajahu	3	0,010%	84,377%
Rio Ipane	3	0,010%	84,388%
Rio Katzbach	3	0,010%	84,398%
Rio Mosela / Mosella / Moselle	3	0,010%	84,408%
Rio Nilo	3	0,010%	84,418%
Rio Tapajos	3	0,010%	84,429%
Rio Taquari / Rio Taquary	3	0,010%	84,439%
Rio Torre	3	0,010%	84,449%
Rogerswick	3	0,010%	84,459%
Roncal	3	0,010%	84,469%
Round Island	3	0,010%	84,480%
Saint Gall	3	0,010%	84,490%
Salzbourg / Salzburgo	3	0,010%	84,500%
Samaló	3	0,010%	84,510%
Sandwich (Ilha / Ilhas)	3	0,010%	84,521%
São Felici / São Felices	3	0,010%	84,531%
São Francisco Xavier de Itaguahy / São Francisco Xavier de Itaguay	3	0,010%	84,541%
São José de Mossamedes	3	0,010%	84,551%
São Lourenço / São Lorenço	3	0,010%	84,562%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
São Mathias	3	0,010%	84,572%
São Nicolau (Ilha)	3	0,010%	84,582%
São Thomás (Ilha)	3	0,010%	84,592%
São Thomé e Príncipe (Ilhas)	3	0,010%	84,603%
Schwartzenberg	3	0,010%	84,613%
Schwerin	3	0,010%	84,623%
Semlim	3	0,010%	84,633%
Senegal	3	0,010%	84,643%
Sergipe do Conde / São Francisco (da Barra) de Sergipe do Conde	3	0,010%	84,654%
Serra Morena	3	0,010%	84,664%
Silistria	3	0,010%	84,674%
Soledade	3	0,010%	84,684%
Soure	3	0,010%	84,695%
Spezia / Spessia (Ilha)	3	0,010%	84,705%
Spires / Spire / Spira	3	0,010%	84,715%
Surinam / Surinam	3	0,010%	84,725%
Talleyrand	3	0,010%	84,736%
Tayti (Ilha)	3	0,010%	84,746%
Teruel	3	0,010%	84,756%
Thermopylas	3	0,010%	84,766%
Thouars	3	0,010%	84,777%
Thracia / Throcia	3	0,010%	84,787%
Torre / Torres	3	0,010%	84,797%
Torres Vedras	3	0,010%	84,807%
Truenbritzen / Truenbrietzen	3	0,010%	84,817%
Tudela	3	0,010%	84,828%
Tyro	3	0,010%	84,838%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Vendée / Vendée / La Vendée	3	0,010%	84,848%
Verde (Vila)	3	0,010%	84,858%
Vicencia / Vicenza	3	0,010%	84,869%
Wilma	3	0,010%	84,879%
Witegenstein / Wittgenstein	3	0,010%	84,889%
Xabregas	3	0,010%	84,899%
Zelandia (Ilha)	3	0,010%	84,910%
Abaieté / Abaité	2	0,007%	84,916%
Acaracu	2	0,007%	84,923%
Adem	2	0,007%	84,930%
Adrianopole / Adrianopoli	2	0,007%	84,937%
Agoa Fria	2	0,007%	84,944%
Aisú	2	0,007%	84,951%
Albacete / Albazete	2	0,007%	84,957%
Alcáçar	2	0,007%	84,964%
Almansa / Almanza	2	0,007%	84,971%
Almunia	2	0,007%	84,978%
Altas (Aldeia)	2	0,007%	84,985%
Altenberg	2	0,007%	84,991%
Amiens	2	0,007%	84,998%
Ampurdan	2	0,007%	85,005%
Anadia (PE)	2	0,007%	85,012%
Anajatuba	2	0,007%	85,019%
Andarai / Andarahy	2	0,007%	85,026%
Andrinopole / Andrinopoli	2	0,007%	85,032%
Angers / Angres	2	0,007%	85,039%
Antelope	2	0,007%	85,046%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Antigoa / Antigua	2	0,007%	85,053%
Apiahy	2	0,007%	85,060%
Appenzel / Appenzell	2	0,007%	85,067%
Aracaju / Aracajú	2	0,007%	85,073%
Aranda	2	0,007%	85,080%
Aranda do Douro	2	0,007%	85,087%
Aranjuez	2	0,007%	85,094%
Arcos	2	0,007%	85,101%
Aremberg	2	0,007%	85,107%
Arez (PE)	2	0,007%	85,114%
Arganil / Argenil	2	0,007%	85,121%
Argos	2	0,007%	85,128%
Arrendidas	2	0,007%	85,135%
Arroyo de Molinos / Arroyo Molinos	2	0,007%	85,142%
Arta	2	0,007%	85,148%
Aschaffenburg / Ascheffenbourg	2	0,007%	85,155%
Assiria / Assyria	2	0,007%	85,162%
Assumpção (PE)	2	0,007%	85,169%
Astracan	2	0,007%	85,176%
Atlantidas / Atlantida (Ilhas)	2	0,007%	85,183%
Averstadt	2	0,007%	85,189%
Avesnes	2	0,007%	85,196%
Avinhão	2	0,007%	85,203%
Ayerbe / Ayerve	2	0,007%	85,210%
Aymonte	2	0,007%	85,217%
Baçaim	2	0,007%	85,223%
Bagda / Bagdad	2	0,007%	85,230%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Bamberg	2	0,007%	85,237%
Bananal (Ilha)	2	0,007%	85,244%
Bareuth / Baruth	2	0,007%	85,251%
Basa	2	0,007%	85,258%
Basileia / Basilea	2	0,007%	85,264%
Bassano	2	0,007%	85,271%
Bastan	2	0,007%	85,278%
Bearn	2	0,007%	85,285%
Beaumont (Cantão)	2	0,007%	85,292%
Belitz	2	0,007%	85,299%
Bella da Princeza (Vila)	2	0,007%	85,305%
Bellegarde	2	0,007%	85,312%
Belmente	2	0,007%	85,319%
Beocia	2	0,007%	85,326%
Beresina / Beresyna / Beresma	2	0,007%	85,333%
Bergen / Berga	2	0,007%	85,339%
Bergerdof / Bergadorf	2	0,007%	85,346%
Bernburg / Bernburgo	2	0,007%	85,353%
Bernsdorff	2	0,007%	85,360%
Bochnia	2	0,007%	85,367%
Bodon	2	0,007%	85,374%
Boitzenberg	2	0,007%	85,380%
Bom Fim (Arraial)	2	0,007%	85,387%
Borba (Villa)	2	0,007%	85,394%
Borisow / Borisow Velho	2	0,007%	85,401%
Bothnia	2	0,007%	85,408%
Bourges / Bourgues	2	0,007%	85,415%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Brejo	2	0,007%	85,421%
Brihuega	2	0,007%	85,428%
Britânicas (Ilhas)	2	0,007%	85,435%
Brotas	2	0,007%	85,442%
Buchholtz	2	0,007%	85,449%
Bujuckdéré / Buujukderé	2	0,007%	85,455%
Bussaco	2	0,007%	85,462%
Cabula	2	0,007%	85,469%
Caen	2	0,007%	85,476%
Cagliari	2	0,007%	85,483%
Calafat / Calafate	2	0,007%	85,490%
Calais	2	0,007%	85,496%
Caldas	2	0,007%	85,503%
Calella / Callela	2	0,007%	85,510%
Caminha	2	0,007%	85,517%
Campa	2	0,007%	85,524%
Campo Grande	2	0,007%	85,531%
Camumú	2	0,007%	85,537%
Canal de Suez	2	0,007%	85,544%
Canavieiras	2	0,007%	85,551%
Canellas	2	0,007%	85,558%
Canindé	2	0,007%	85,565%
Canterbury / Cantorbery	2	0,007%	85,571%
Cantões Suissos	2	0,007%	85,578%
Caragoça	2	0,007%	85,585%
Carpio	2	0,007%	85,592%
Carunhanha	2	0,007%	85,599%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Castilhos / Castilhos Chicos	2	0,007%	85,606%
Castilla	2	0,007%	85,612%
Castries	2	0,007%	85,619%
Caucaso	2	0,007%	85,626%
Cayapó (Serra) / Caiapó	2	0,007%	85,633%
Cea	2	0,007%	85,640%
Chafalote	2	0,007%	85,647%
Chaleco	2	0,007%	85,653%
Chalons	2	0,007%	85,660%
Chantilly	2	0,007%	85,667%
Charles Town	2	0,007%	85,674%
Chateau-Thierry	2	0,007%	85,681%
Chaumont / Chaumont	2	0,007%	85,687%
Cherbourgo	2	0,007%	85,694%
Chilloé / Chiloé (Ilha)	2	0,007%	85,701%
Christiania	2	0,007%	85,708%
Coblentz	2	0,007%	85,715%
Cocal (Arraial)	2	0,007%	85,722%
Coccos (Serra)	2	0,007%	85,728%
Colberg	2	0,007%	85,735%
Colmar	2	0,007%	85,742%
Condexa	2	0,007%	85,749%
Confederação Helvética	2	0,007%	85,756%
Córsega	2	0,007%	85,763%
Cracovia	2	0,007%	85,769%
Cronstadt	2	0,007%	85,776%
Cruzar	2	0,007%	85,783%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Cubinda	2	0,007%	85,790%
Curaripe / Cururipe	2	0,007%	85,797%
Custrim	2	0,007%	85,803%
Dahn (Cantão de)	2	0,007%	85,810%
Davoust	2	0,007%	85,817%
Deserto de Thebaida	2	0,007%	85,824%
Detroit	2	0,007%	85,831%
Dieppe	2	0,007%	85,838%
Dourada (Serra)	2	0,007%	85,844%
Drome	2	0,007%	85,851%
Dunas	2	0,007%	85,858%
Duroca	2	0,007%	85,865%
Eckmendorff / Eckmansdorf	2	0,007%	85,872%
Ega	2	0,007%	85,879%
Ekmuht / Eckmuhl	2	0,007%	85,885%
Epheso	2	0,007%	85,892%
Ericeira	2	0,007%	85,899%
Estancia	2	0,007%	85,906%
Estremoz (PE)	2	0,007%	85,913%
Ethiopia / Etiopia	2	0,007%	85,919%
Extremoz	2	0,007%	85,926%
Fayol e Pico (Ilha de)	2	0,007%	85,933%
Feira	2	0,007%	85,940%
Feldheim	2	0,007%	85,947%
Ferrara	2	0,007%	85,954%
Fez	2	0,007%	85,960%
Filipinas / Fillipinas	2	0,007%	85,967%



Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Fleuri	2	0,007%	85,974%
Fogo (Ilha)	2	0,007%	85,981%
Freyburg	2	0,007%	85,988%
Gaiba (Serra)	2	0,007%	85,995%
Gamboa	2	0,007%	86,001%
Gante	2	0,007%	86,008%
Garanhus / Garanhús	2	0,007%	86,015%
Gena	2	0,007%	86,022%
Georgia (EUA)	2	0,007%	86,029%
Georgia (Ilha)	2	0,007%	86,035%
Gera	2	0,007%	86,042%
Gernise	2	0,007%	86,049%
Gluckstadt	2	0,007%	86,056%
Goldberg / Goldeberg	2	0,007%	86,063%
Golfo Persico / Pérsico	2	0,007%	86,070%
Gouveia / Gouvêa	2	0,007%	86,076%
Greenock / Greenok	2	0,007%	86,083%
Grodno	2	0,007%	86,090%
Grossenbayn	2	0,007%	86,097%
Guaiana / Guayana	2	0,007%	86,104%
Guapemerim / Guapimerim	2	0,007%	86,111%
Guarnisée	2	0,007%	86,117%
Guatemala	2	0,007%	86,124%
Guatimala	2	0,007%	86,131%
Halifax	2	0,007%	86,138%
Hall	2	0,007%	86,145%
Halle	2	0,007%	86,151%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Hanfleur / Honfleur	2	0,007%	86,158%
Harburg	2	0,007%	86,165%
Haynau	2	0,007%	86,172%
Heidelberg / Heidleburg	2	0,007%	86,179%
Hellesponto	2	0,007%	86,186%
Hermanstadt	2	0,007%	86,192%
Hesse Cassel	2	0,007%	86,199%
Hesse Darmstadt / Hesse-Darmstadt	2	0,007%	86,206%
Hockkirch / Hochkitch	2	0,007%	86,213%
Hulans	2	0,007%	86,220%
Iaguaripe	2	0,007%	86,227%
Iemen / Yemen	2	0,007%	86,233%
Iguala	2	0,007%	86,240%
Iliria / Illyria	2	0,007%	86,247%
Imperio Ortomano / Imperio Ottomano	2	0,007%	86,254%
Itaoca	2	0,007%	86,261%
Itapera	2	0,007%	86,267%
Ithaca (Ilha)	2	0,007%	86,274%
Iviça (Ilha)	2	0,007%	86,281%
Jacarepagoá / Jacarepaguá	2	0,007%	86,288%
Jagoará / Jaguará	2	0,007%	86,295%
Jena	2	0,007%	86,302%
Jeraguá	2	0,007%	86,308%
Junquera	2	0,007%	86,315%
Jutland	2	0,007%	86,322%
Kehl	2	0,007%	86,329%
Kiel	2	0,007%	86,336%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Konigsberck / Konighsbruck	2	0,007%	86,343%
Konigstein	2	0,007%	86,349%
Lago Ontário	2	0,007%	86,356%
Lagos	2	0,007%	86,363%
Landshutt	2	0,007%	86,370%
Languedoc	2	0,007%	86,377%
Lanhoso (Aldêa / Aldeia)	2	0,007%	86,383%
Laponia	2	0,007%	86,390%
Larangeiras	2	0,007%	86,397%
Lavos	2	0,007%	86,404%
Libano	2	0,007%	86,411%
Limoges	2	0,007%	86,418%
Liorna	2	0,007%	86,424%
Lodomeria / Lodomiria	2	0,007%	86,431%
Logroño	2	0,007%	86,438%
Loire	2	0,007%	86,445%
Londonderry	2	0,007%	86,452%
Louriçal	2	0,007%	86,459%
Lucerne	2	0,007%	86,465%
Luckau	2	0,007%	86,472%
Lugo	2	0,007%	86,479%
Lumiar	2	0,007%	86,486%
Lund	2	0,007%	86,493%
Lunemburg / Lunemburg	2	0,007%	86,499%
Luneville	2	0,007%	86,506%
Lutzen	2	0,007%	86,513%
Maceio	2	0,007%	86,520%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Maceira	2	0,007%	86,527%
Mafra	2	0,007%	86,534%
Maine	2	0,007%	86,540%
Maio (Ilha de)	2	0,007%	86,547%
Maiorca	2	0,007%	86,554%
Mali	2	0,007%	86,561%
Malmoe	2	0,007%	86,568%
Malvasia	2	0,007%	86,575%
Mamangoapé / Mamangoape	2	0,007%	86,581%
Manresa	2	0,007%	86,588%
Manzanares	2	0,007%	86,595%
Maracá (Ilha)	2	0,007%	86,602%
Marão (Serra)	2	0,007%	86,609%
Marzabnes	2	0,007%	86,615%
Mataro	2	0,007%	86,622%
Maureza	2	0,007%	86,629%
Mauritania	2	0,007%	86,636%
Meissen	2	0,007%	86,643%
Meliapor	2	0,007%	86,650%
Mequinenza	2	0,007%	86,656%
Mezão Frio	2	0,007%	86,663%
Mezieres	2	0,007%	86,670%
Michilimackimac / Michilimackinac	2	0,007%	86,677%
Midas	2	0,007%	86,684%
Middleburgo	2	0,007%	86,691%
Miranda do Ebro	2	0,007%	86,697%
Mittau	2	0,007%	86,704%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Mobilow	2	0,007%	86,711%
Mollen / Molln	2	0,007%	86,718%
Molsham / Molsheim	2	0,007%	86,725%
Molucas (Ilha / Ilhas)	2	0,007%	86,731%
Monção	2	0,007%	86,738%
Mondego	2	0,007%	86,745%
Mont Tonnerre	2	0,007%	86,752%
Monte Alegre (PA)	2	0,007%	86,759%
Monterrey	2	0,007%	86,766%
Morat	2	0,007%	86,772%
Moscovia	2	0,007%	86,779%
Namur	2	0,007%	86,786%
Nancy	2	0,007%	86,793%
Naumburg	2	0,007%	86,800%
Nave d'Haver / Naves d'Aver	2	0,007%	86,807%
Nesselrode	2	0,007%	86,813%
Neufechatel	2	0,007%	86,820%
New Hampshire	2	0,007%	86,827%
New Haven	2	0,007%	86,834%
Newbourg / Neuburg	2	0,007%	86,841%
Newburry / Newbury	2	0,007%	86,847%
Nismes	2	0,007%	86,854%
Nossa Senhora da Conceição (Arraial)	2	0,007%	86,861%
Nossa Senhora da Nazareth	2	0,007%	86,868%
Nossa Senhora d'Apresentação d'Irajá	2	0,007%	86,875%
Nossa Senhora do Bom Sucesso	2	0,007%	86,882%
Nossa Senhora do Rozario	2	0,007%	86,888%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Nossa Senhora do Rozario do Itapucuru	2	0,007%	86,895%
Nova Beira	2	0,007%	86,902%
Nova Bragança	2	0,007%	86,909%
Nova Bretanha	2	0,007%	86,916%
Nova da Princeza (Vila)	2	0,007%	86,923%
Nova de Almeida (Vila)	2	0,007%	86,929%
Nova de Santo Antonio (Vila)	2	0,007%	86,936%
Nova dEl Rey (Vila) - PA	2	0,007%	86,943%
Novos-Bichow	2	0,007%	86,950%
Ordunha	2	0,007%	86,957%
Orebro	2	0,007%	86,963%
Orsowa	2	0,007%	86,970%
Otranto	2	0,007%	86,977%
Paço do Lumiar (Vila)	2	0,007%	86,984%
Palamós / Palamos	2	0,007%	86,991%
Paraguai Diamantino	2	0,007%	86,998%
Paranaiba (MA)	2	0,007%	87,004%
Pardo	2	0,007%	87,011%
Parga	2	0,007%	87,018%
Perameirim / Peramerim	2	0,007%	87,025%
Perizes	2	0,007%	87,032%
Perpinhão	2	0,007%	87,039%
Pibages	2	0,007%	87,045%
Pilnitz	2	0,007%	87,052%
Pindaminhangaba / Pindamunhangaba	2	0,007%	87,059%
Pindaré	2	0,007%	87,066%
Pindoba	2	0,007%	87,073%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Piratininga	2	0,007%	87,079%
Pirna	2	0,007%	87,086%
Pitcairn (Ilha)	2	0,007%	87,093%
Plauen	2	0,007%	87,100%
Podolia	2	0,007%	87,107%
Ponferrada	2	0,007%	87,114%
Portimao	2	0,007%	87,120%
Porto Bello	2	0,007%	87,127%
Porto do Príncipe	2	0,007%	87,134%
Prinzeza da Campanha	2	0,007%	87,141%
Províncias Americanas da Hespanha / Hespanholas	2	0,007%	87,148%
Provincias Argentinas	2	0,007%	87,155%
Provincias do Reino Unido	2	0,007%	87,161%
Províncias do Rio da Prata	2	0,007%	87,168%
Provincias Septentrionais Portuguesas	2	0,007%	87,175%
Provincias Unidas de Sud America	2	0,007%	87,182%
Psara (Ilha)	2	0,007%	87,189%
Puyvert	2	0,007%	87,195%
Quebec	2	0,007%	87,202%
Raastadt	2	0,007%	87,209%
Rambouillet	2	0,007%	87,216%
Ramsgate	2	0,007%	87,223%
Refresco (Ilha / Ilhas)	2	0,007%	87,230%
Reggio	2	0,007%	87,236%
Reichenbach	2	0,007%	87,243%
Reino Unido da Grã Bretanha	2	0,007%	87,250%
Reus	2	0,007%	87,257%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Ribeirão	2	0,007%	87,264%
Ribeirão do Carmo	2	0,007%	87,271%
Richelieu	2	0,007%	87,277%
Richmond	2	0,007%	87,284%
Rio Anicuns	2	0,007%	87,291%
Rio Berezina	2	0,007%	87,298%
Rio Bober	2	0,007%	87,305%
Rio Claro	2	0,007%	87,311%
Rio Comprido	2	0,007%	87,318%
Rio Coru / Rio Curu	2	0,007%	87,325%
Rio Cuma	2	0,007%	87,332%
Rio Curumbiara	2	0,007%	87,339%
Rio da Salsa / Salça	2	0,007%	87,346%
Rio das Almas	2	0,007%	87,352%
Rio das Ostra	2	0,007%	87,359%
Rio das Pedras (Aldeia)	2	0,007%	87,366%
Rio de Jaguaripe	2	0,007%	87,373%
Rio de Saint Mary (Florida - USA)	2	0,007%	87,380%
Rio de Santa Lucia	2	0,007%	87,387%
Rio de São Domingos	2	0,007%	87,393%
Rio de São Lourenço	2	0,007%	87,400%
Rio de São Simão	2	0,007%	87,407%
Rio Dorna	2	0,007%	87,414%
Rio Duro	2	0,007%	87,421%
Rio Fartura	2	0,007%	87,427%
Rio Formoso	2	0,007%	87,434%
Rio Gironda	2	0,007%	87,441%



Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Grajahú / Rio Grajau	2	0,007%	87,448%
Rio Igarusu	2	0,007%	87,455%
Rio Iгатimy / Rio Igoatimy	2	0,007%	87,462%
Rio Iguara	2	0,007%	87,468%
Rio Imbatetui / Rio Imbatetuí	2	0,007%	87,475%
Rio Imbotatiu	2	0,007%	87,482%
Rio Itanamas	2	0,007%	87,489%
Rio Jacuipe	2	0,007%	87,496%
Rio Jequitinhonha	2	0,007%	87,503%
Rio Jucar	2	0,007%	87,509%
Rio Juina	2	0,007%	87,516%
Rio Maior	2	0,007%	87,523%
Rio Manoel Alvares	2	0,007%	87,530%
Rio Marne	2	0,007%	87,537%
Rio Mataura / Rio Mautara	2	0,007%	87,544%
Rio Meuse	2	0,007%	87,550%
Rio Mississippi	2	0,007%	87,557%
Rio Niemen	2	0,007%	87,564%
Rio Nive	2	0,007%	87,571%
Rio Para	2	0,007%	87,578%
Rio Paranapanema	2	0,007%	87,584%
Rio Pilco-Mayo / Rio Pilço-Mayo	2	0,007%	87,591%
Rio Pindará / Pindaré	2	0,007%	87,598%
Rio Preguiça	2	0,007%	87,605%
Rio Quarain	2	0,007%	87,612%
Rio Sambre	2	0,007%	87,619%
Rio São Domingos	2	0,007%	87,625%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Rio Sarare	2	0,007%	87,632%
Rio Secco / Rio Seco	2	0,007%	87,639%
Rio Sipotuba	2	0,007%	87,646%
Rio Spree / Sprea	2	0,007%	87,653%
Rio Sucuri / Sucuriu	2	0,007%	87,660%
Rio Topajos	2	0,007%	87,666%
Rio Tormes	2	0,007%	87,673%
Rio Turvo	2	0,007%	87,680%
Rio Verde	2	0,007%	87,687%
Rio Volga / Rio Vouga	2	0,007%	87,694%
Rio Xingu	2	0,007%	87,700%
Rio Zezere	2	0,007%	87,707%
Rivoli	2	0,007%	87,714%
Roliças	2	0,007%	87,721%
Roncesvalles	2	0,007%	87,728%
Rosla / Roslau	2	0,007%	87,735%
Rozario	2	0,007%	87,741%
Sabugal	2	0,007%	87,748%
Saint James	2	0,007%	87,755%
Salta	2	0,007%	87,762%
San Nicolás	2	0,007%	87,769%
Santa Anna (Ilhas de)	2	0,007%	87,776%
Santa Cruz de la Sierra	2	0,007%	87,782%
Santa Maria de Belém do Gão Pará	2	0,007%	87,789%
Santa Maria do Icatú	2	0,007%	87,796%
Santa Rita (Arraial)	2	0,007%	87,803%
Santa Victoria	2	0,007%	87,810%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Santiago (Ilha) - Cabo Verde	2	0,007%	87,816%
Santíssimo Coração do Jesus da Nova Valença (Vila)	2	0,007%	87,823%
Santo Amaro das Grotas	2	0,007%	87,830%
Santonha	2	0,007%	87,837%
São Bento	2	0,007%	87,844%
São Bento dos Perizes	2	0,007%	87,851%
São Borja / São Borjas	2	0,007%	87,857%
São Christovão	2	0,007%	87,864%
São Fernando	2	0,007%	87,871%
São Gião	2	0,007%	87,878%
São João da Lagoa	2	0,007%	87,885%
São João de Macahe	2	0,007%	87,892%
São João Marcos	2	0,007%	87,898%
São Lourenço (Ilha) - Africa	2	0,007%	87,905%
São Marcos	2	0,007%	87,912%
São Pedro (Ilha)	2	0,007%	87,919%
São Pedro de Alcantara	2	0,007%	87,926%
São Salvador dos Campos	2	0,007%	87,932%
São Simão	2	0,007%	87,939%
Schawbeck	2	0,007%	87,946%
Schelestade / Schelestade	2	0,007%	87,953%
Scheweriu / Schwerim	2	0,007%	87,960%
Schoenbrunn	2	0,007%	87,967%
Sens	2	0,007%	87,973%
Smolensk	2	0,007%	87,980%
Smolensko	2	0,007%	87,987%
Sofala	2	0,007%	87,994%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

<b>Nome</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Número de ocorrências (percentual)</b>	<b>Número de ocorrências (acumulado)</b>
Soria	2	0,007%	88,001%
Souracata	2	0,007%	88,008%
Strogonoff	2	0,007%	88,014%
Stullgard	2	0,007%	88,021%
Suabia	2	0,007%	88,028%
Suchet	2	0,007%	88,035%
Sudermania	2	0,007%	88,042%
Sussex	2	0,007%	88,048%
Syracusa	2	0,007%	88,055%
Tabatinga	2	0,007%	88,062%
Taboaté	2	0,007%	88,069%
Taibaté	2	0,007%	88,076%
Tamandaré	2	0,007%	88,083%
Tanger	2	0,007%	88,089%
Tapagé	2	0,007%	88,096%
Tarancon	2	0,007%	88,103%
Tarbes	2	0,007%	88,110%
Tarrega	2	0,007%	88,117%
Terra do Fogo	2	0,007%	88,124%
Texas	2	0,007%	88,130%
Thorn	2	0,007%	88,137%
Tornea / Torneo	2	0,007%	88,144%
Torres Novas	2	0,007%	88,151%
Tours	2	0,007%	88,158%
Tracia	2	0,007%	88,164%
Trebbin	2	0,007%	88,171%
Trebinzonda / Trebisonda	2	0,007%	88,178%

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
Treves	2	0,007%	88,185%
Trezidella	2	0,007%	88,192%
Tripoli	2	0,007%	88,199%
Tristão da Cunha (Ilha)	2	0,007%	88,205%
Tropico de Equador	2	0,007%	88,212%
Troplitz / Troeplitz	2	0,007%	88,219%
Troppau	2	0,007%	88,226%
Truxilla	2	0,007%	88,233%
Valença / Valencia de Alcântara	2	0,007%	88,240%
Van Diemen	2	0,007%	88,246%
Vancouver	2	0,007%	88,253%
Vaticano	2	0,007%	88,260%
Villar Formoso	2	0,007%	88,267%
Vinhaes	2	0,007%	88,274%
Vistosa	2	0,007%	88,280%
Wagram	2	0,007%	88,287%
Walcheren	2	0,007%	88,294%
Walcheren (Ilha)	2	0,007%	88,301%
Wolkersdorf / Woltersdorff	2	0,007%	88,308%
Worms / Worns	2	0,007%	88,315%
Wursen / Wurschen	2	0,007%	88,321%
Yarmouth	2	0,007%	88,328%
Yucatan	2	0,007%	88,335%
Zahne / Zadne	2	0,007%	88,342%
Zarskojeselo / Zarsko-Zélo	2	0,007%	88,349%
Zerbst	2	0,007%	88,356%
<b>Total geral</b>	<b>29310</b>	<b>100,000%</b>	

Tabela 4.3.2.2 - Região - cálculo líquido

Nome	Número de ocorrências	Número de ocorrências (percentual)	Número de ocorrências (acumulado)
------	--------------------------	--	---

Fonte: A Folha Medicinal do Maranhão; A Malagueta; A Verdade Constitucional; Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura; Correio do Rio de Janeiro; Despertador Brasiliense; Diario Constitucional; El Pacifico Oriental de Montevideo; El Patriota; Gazeta do Rio de Janeiro; Gazeta Extraordinaria do Governo; Gazeta Pernambucana; Idade d'Ouro do Brazil; Jornal de Annuncios; O Maribondo; O Amigo do Rei, e da Nação; O Bem da Ordem; Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense; O Conciliador do Maranhão; O Constitucional (BA); O Espelho; O Macaco Brasileiro; O Papagaio; O Paraense; O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro; O Volantim; Reclamação do Brasil; Relator Verdadeiro; Reverbero Constitucional Fluminense; Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum;

\*As Regiões que ocorrem uma única vez foram ocultadas por já terem sido listadas na tabela 4.3.2.1

## 1.1. Fontes Primárias – Lista de Periódicos

A Folha Medicinal do Maranhão, 1822.

A Malagueta, 1821-1822.

A Verdade Constitucional, 1822.

Annaes Fluminenses de Sciencias, Artes, e Litteratura, 1822.

Compilador Constitucional Politico, e Litterario Brasiliense, 1822.

Correio do Rio de Janeiro, 1822.

Despertador Brasiliense, 1821-1822.

Diario Constitucional, 1822.

El Pacifico Oriental de Montevideo, 1821-1822.

El Patriota, 1822.

Gazeta do Rio de Janeiro, 1808-1822.

Gazeta Extraordinaria do Governo, 1822.

Gazeta Pernambucana, 1822.

Idade d'Ouro do Brazil, 1811-1819, 1821-1822.

Jornal de Annuncios, 1821-1822.

O Amigo do Rei, e da Nação, 1821-1822.

O Bem da Ordem, 1821-1822.

O Brasil, 1822.

O Conciliador do Maranhão, 1821-1822.

O Conciliador do Reino Unido, 1821-1822.

O Conciliador Nacional, 1822.

O Constitucional (BA), 1822.

O Constitucional (RJ), 1822.

O Espelho, 1821-1822.

O Macaco Brasileiro, 1822.

O Maribondo, 1822.

O Papagaio, 1822.

O Paraense, 1822.

O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro, 1813-1814, 1822.

O Volantim, 1822.

Reclamação do Brasil, 1822.

Relator Verdadeiro, 1821-1822.  
Reverbero Constitucional Fluminense, 1821-1822.  
Sabatina Familiar de Amigos do Bem-Commum, 1821-1822.  
Semanario Civico, 1821-1822.

## 1.2. Bibliografia Geral

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. São Paulo: FAPESP, 2003.
- ADAMS, David; ARMSTRONG, Adrian. *Print and power in France and England (1500-1800)*. Burlington: Ashgate, 2006.
- ADAMS, Thomas R.; BARKER, Barker. A New Model for the Study of the Book. In: FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair (ed.). *The Book History Reader*. 2. ed. New York: Routledge, 2006. p. 47-65.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ADELMAN, Jeremy. *Sovereignty and revolution in the Iberian Atlantic*. New Jersey: Princeton University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. An age of imperial revolutions. *The American Historical Review*, Chicago, v. 2, 113, p. 319-340, 2008.
- ADELMAN, Jeremy; STEPHEN, Aron. From boardlands to borders: empires, nation-states, and the people in between in North American History. *The American Historical Review*, Chicago, v. 3, n. 104, 1999.
- ALEXANDRE, Valentim. *Os sentidos do Império: questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime português*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1993.
- ALGRANTI, Leila M. *Livros de Devoção, Atos de Censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- ALONSO, Paula (comp.). *Construcciones impresas: panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina (1820-1920)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



- ANDREWS, Martin. The importance of ephemera. In: ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan (eds.). *A companion to the history of the book*. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2009. p. 434-450.
- ANNINO, Antonio; GUERRA, Francois-Xavier. *Inventando la nación: Iberoamérica siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras. Brasília, 2011.
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: São Paulo; Contraponto: Unesp, 1996.
- AZEVEDO, Moreira. Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.2, Tomo XXVIII, p. 169-224, 1865.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. “A circulação, as finanças e as flutuações econômicas”. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (Coord.). *O Império Luso-Brasileiro (1750-1822)*. Lisboa: Estampa, 1986. p.155-213. (Coleção Nova História da Expansão Portuguesa. v. 8).
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.
- BAILYN, Bernard; HENCH, John B. *The press and the American Revolution*. Boston: Northeastern University Press, 1981.
- BAKER, Keith M. *Inventing the French Revolution: essays on French political culture in the eighteenth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil (1790-1822)*. Juiz de Fora: Ed. UFJF; São Paulo: Annablume, 2006.
- BARBOSA, Marinalva (org.). *História cultural da imprensa: Brasil – 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- \_\_\_\_\_. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARKER, Hannah; BURROWS, Simon Burrows (eds.). *Press, Politics and the Public Sphere in Europe and North America, 1760-1820*. New York: Cambridge University Press, 2002.
- BARMAN, Roderick J. *Brazil: the forging of a nation (1798-1852)*. California: California University Press, 1988.

- BELO, André. *Nouvelles d'Ancien Régime: la Gazette de Lisbonne et l'information manuscrite au Portugal (1715-1760)*. 2005. 365 f. Tese. (Doutorado em História). Paris: EHESS, 2005.
- BENTON, Lauren. *A Search for Sovereignty. Law and Geography in European Empires, 1400-1900*. New York: Cambridge University, 2010.
- BERBEL, Márcia R. *A nação como artefato: deputados do Brasil nas Cortes de Lisboa (1821-1822)*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 1999.
- BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. *O patriotismo constitucional: Pernambuco (1820-1822)*. São Paulo: Hucitec; Recife: Editora UFPE, 2006.
- \_\_\_\_\_. Pernambuco e sua área de influência: um território em transformação (1780-1824). In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 379-409.
- BERRY, Stephen B. *A path in the mighty waters. Shipboard life & Atlantic crossings to the New World*. New Haven: Yale University Press, 2015.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BONIFÁCIO, Maria Fátima. *Apologia da História Política: estudos sobre o século XIX português*. Lisboa: Quetzal, 1999.
- BOUZA ALVAREZ, Fernando J. *Communication, Knowledge, and Memory in Early Modern Spain*. Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 2004.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. v. 3. O tempo do mundo.
- BRUCKNER, Martin. *The Geographic Revolution in Early America. Maps, Literacy, and National Identity*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2006.
- BURROWS, Simons. "The Cosmopolitan Press, 1759-1815". In: BARKER, Hannah; BURROWS, Simon (eds.). *Press, Politics and the Public Sphere in Europe and North America, 1760-1820*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.
- CALDERÓN, María Tereza; THIBAUD, Clément. (eds.) *Las revoluciones en el mundo Atlántico*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia/ Taurus, 2006.
- CAMARGO, A.; MORAES, R.B. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: Edusp-Kosmos, 1993.
- CANNY, Nicholas; PAGDEN, Anthony. (ed.). *Colonial identity in the Atlantic World: 1500-1800*. New Jersey: Princeton University Press, 1990.
- CARDOSO, Tereza Maria R. Fachada Levy. *A Gazeta do Rio de Janeiro: subsídios*

- para a história da cidade (1808-1821). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 152, p. 341-436, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A Gazeta do Rio de Janeiro: subsídios para uma história da cidade (1808-1821)*. 1988. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CARVALHO, Alfredo. Gênese e progressos da imprensa periódica no Brasil. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 1908.
- CASTRO, Klarén, Sara; CHASTEEN, John C. (ed.). *Beyond imagined communities: reading and writing the nation in the nineteenth-century Latin America*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2003.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 259-270. (v. 1: Artes de fazer).
- CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *The order of the books: readers, authors, and libraries in Europe between the fourteenth and eighteenth century*. Cambridge: Polity Press, 1994.
- CHASTEEN, John C. *Americanos: Latin America's struggle for Independence*. New York: Oxford University Press, 2008.
- CHIARAMONTE, José C. *Cidades, províncias, estados: origens da nação argentina*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- \_\_\_\_\_. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. In: JANCSÓ, István. *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; FAPESP, 2003. p. 61-92.
- CLARK, Charles E. *The public prints: the newspaper in Anglo-American culture (1665-1740)*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1994.
- COELHO, Geraldo Mártires. Onde fica a Corte do Senhor Imperador? In: JANCSÓ, István. *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; FAPESP, 2003. p. 267-284.
- \_\_\_\_\_. *Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822*. Belém: CEJUP, 1993.
- COSTA, Wanderley M. *Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2010.
- COSTA, Wilma Peres. European Travelers and the Writing of the Brazilian Nation. In: DOYLE, Don H; PAMPLONA, Marco Antonio. *Nationalism in the New World*. Georgia: University of Georgia Press, 2006. *Op. Cit.*, p. 208-229.

- DANIEL, Marcus. *Scandal and Civility: Journalism and the Birth of American Democracy*. New York: Oxford University Press, 2009.
- DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- \_\_\_\_\_. *The forbidden best-sellers of the pre-revolutionary France*. New York: W.W. Norton and Company, 1995.
- DARNTON, Robert. What is the history of books? In: FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair (ed.). *The Book History Reader*. 2. ed. New York: Routledge, 2006. p. 9-26.
- DEAN, Ann C. Insinuation and instruction: public opinion in eighteenth-century 'Letters to the printer'. In: ADAMS, David; ARMSTRONG, Adrian. *Print and power in France and England (1500-1800)*. Burlington: Ashgate, 2006. p. 85-98.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005.
- DINES, Alberto (org.). *Hipólito José da Costa e o Correio Brasiliense*. Estudos. São Paulo-Brasília: Correio Brasiliense-Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, v. XXX.
- DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco Antonio. *Nationalism in the New World*. Georgia: University of Georgia Press, 2006.
- DURANTON, Henri; RÉTAT, Pierre (eds.). *Gazettes et information politique sous l'ancien régime*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1999.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. *The printing press as an agent of change: communications and cultural transformations in early-modern Europe*. New York: Cambridge University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_; JOHNS, Adrian. How revolutionary was the print revolution? *The American Historical Review (Forum)*, Chicago, v. 1, n. 107, p. 84-128, 2002.
- \_\_\_\_\_. The importance of being printed. *Journal of Interdisciplinary History*, Cambridge, v.11, n. 12, p. 265-286, 1980.
- \_\_\_\_\_. Some conjectures about the impact of printing on Western society and thought: a preliminary report. *The Journal of Modern History*, Chicago, v. 40, n.1, p. 1-56, 1968.
- ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan (eds.). *A companion to the history of the book*. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2009.

- ELLIOTT, J. H. *Empires of the Atlantic World: Britain and Spain in America (1492-1830)*. New Haven: Yale University Press, 2006.
- EL YOUSSEF, Alain. *Imprensa e escravidão*. Política e tráfico negreiro no Império do Brasil. (Rio de Janeiro, 1822-1850). 2010. 300 p. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FEBVRE, Lucien.; MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Hucitec-EDUNESP, 1992.
- FEINSTEIN, Charles H.; THOMAS, Mark. *Making History Count: a Primer in Quantitative Methods for Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002
- FERNANDES, Ana Cláudia. *Revolução em pauta: o debate Correo Del Oniroco – Correo Brasiliense*. 2010. 172 f. Dissertação (Mestrado em Historia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FERNANDÉZ SEBASTIÁN, Javier. Revolucionarios y liberales. Conceptos e identidades políticas en el mundo atlántico. In: CALDERÓN, María Tereza; THIBAUD, Clément. (eds.) *Las revoluciones en el mundo Atlántico*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia/ Taurus, 2006. p.215-250.
- FEYEL, Gilles. *L'annonce et la nouvelle: La presse d'information en France sous l'Ancien Régime (1630-1788)*. Oxford: Voltaire Foundation, 2000.
- FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair (ed.). *The book history reader*. 2. ed. New York: Routledge, 2006.
- FORASTIERI, Rogério da Silva. *Colônia e Nativismo: a história como biografia da nação*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- FRANK, Andre Gunder. *ReOrient: Global Economy in the Asian Age*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- FRUTUOSO, Eduardo; GUINOTE, Paulo; LOPES, António. *O movimento do porto de Lisboa e o comércio luso-brasileiro (1769-1836)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
- GALVES, Marcelo Cheche . “A pena, o prelo e a prescrição: um estudo sobre a Folha Medicinal do Maranhão, 1822.” In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTOS, Maria Lindalva Silva; MONTE, Regianny Lima. (Org.). *Diluir fronteiras: interfaces entre história e imprensa*. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2011, v. 1, p. 99-122.
- GALVES, Marcelo C. “*Ao público sincero e imparcial*”: imprensa e independência do Maranhão (1821-1826). 2010. 356 f. Tese (Doutorado em Historia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

- GARCIA, Eugênio Vargas. *Cronologia das Relações Internacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.
- GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. 2. ed. Ithaca: Cornell University Press, 2006.
- GRAFTON, Anthon. A sketch map of a lost continent: the republic of letters. In: *World Made by Words: Scholarship and Community in Early Modern West*. Cambridge: Harvard University Press, 2011. P. 9-34.
- \_\_\_\_\_. *The footnote: a curious history*. London: Faber and Faber, 2003.
- GUERRA, Francois-Xavier. A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades. In: JANCSÓ, István. *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; FAPESP, 2003. p. 33-60.
- \_\_\_\_\_. A nação na América Espanhola: a questão das origens. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro:UERJ, n. 1, 1999, p. 9-30.
- \_\_\_\_\_. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- GUERRA, Francois-Xavier; Lempérière, Annick (et.al.). *Los espacios públicos en Iberoamérica: ambigüedades e problemas. Siglos XVIII-XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- GUTIÉRREZ, Natividad. O Nacionalismo no México: em busca das leitoras da comunidade imaginada. In: PAMPLONA, Marco A.; MADER, Maria Elisa (orgs.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Nova Espanha*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. P. 211-235.
- GRUZINSKI, Serge. *Las cuatro partes del mundo*. Historia de una mundialización. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Investigações quanto a uma categoria a sociedade burguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los imperios ibéricos (1750-1850)*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- HARLEY, J. Brian. *The New Nature of Maps*. Essays in the History of Cartography. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001.
- HARMS, Robert. *The Diligent: a voyage through the worlds of slave trade*. New York: Basic Books, 2008.
- HARRIS, Bob. *Politics and the rise of the press: Britain and France (1620-1800)*. New York: Routledge, 1996.

- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Edição Comemorativa 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. A herança colonial – sua desagregação. In: *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1960. (t. 2: O Brasil monárquico, v. 1: O processo de emancipação).
- HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony (ed.). *Nationalism*. New York: Oxford University Press, 1994.
- IPANEMA, Cybelle de. A imprensa – tolhida e liberada – e o intercâmbio das idéias. *Revista do IGHGB*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 442, p. 337-362, 2009.
- \_\_\_\_\_. A Imprensa no processo de Independência da América: O Revérbero Constitucional Fluminense. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 433, p. 127-142, 2006.
- \_\_\_\_\_. A Comunicação e a imprensa sob o regente e rei D. João VI. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 436, p. 201-216, 2007.
- \_\_\_\_\_. Cento e noventa anos de imprensa no Brasil. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 402, p. 213-228, 1999.
- \_\_\_\_\_. Joaquim Gonçalves Ledo: um girondino desgarrado em nossa terra. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 396, p. 953-960, 1997.
- IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. *A tipografia na Bahia*. Documentos sobre suas origens e o empresário Silva Serva. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1977.
- JANCSÓ, István (org.). *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; FAPESP, 2003.
- \_\_\_\_\_.; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac São Paulo, 2000. p. 127-75.
- \_\_\_\_\_. A construção dos Estados nacionais na América Latina – apontamentos para o estudo do Império como projeto. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; LAPA, José R. A. *História econômica da Independência e do Império*. São Paulo: Hucitec; ABPHE, 1996. p. 3-26.

- \_\_\_\_\_; SLEMIAN, Andréa. Um caso de patriotismo imperial. In: DINES, Alberto (org.). *Hipólito José da Costa e o Correio Brasiliense*. São Paulo; Brasília: Imprensa Oficial do Estado; Correio Brasiliense, 2003, v. XXX, p. 605-667.
- JENSEN, Klaus Bruhn; JANKOWSKI, Nicholas W. (ed.). *A Handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication*. New York: Routledge, 1991.
- JOHNS, Adrian. *The Nature of the Book: Printing and Knowledge in the Making*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.
- KANTOR, Iris. *Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. Hucitec; Centro de Estudos Baianos; UFBA: São Paulo - Salvador, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. "Espaço e história". In: \_\_\_\_\_. *Estratos do tempo. Estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2014. p. 73-89.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.
- KURY, Lorelai. (Org.). *Iluminismo e Império no Brasil. O Patriota (1813 - 1814)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Fundação Biblioteca Nacional, 2007.
- LEITE, Renato Lopes. *Republicanos e libertários: pensadores radicais no Rio de Janeiro (1822)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEME, Marisa Saenz. Soberania, centralização, federação e confederação no discurso jornalístico da Independência: a visão de "O Conciliador Nacional." *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 440, 29-62, 2008.
- LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 2009.
- LESSA, Mônica L.; PEREIRA, Carla P. B. F. (org.). *Entre a monarquia e a república: imprensa, pensamento político e historiografia (1822 - 1889)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. *O problema da imprensa*. São Paulo: Edusp, 1988.
- LISS, Peggy K. *Los imperios trasatlánticos. Las redes del comercio y de las Revoluciones de Independencia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- LOPES, Domingos de Castro. *O correio brasileiro: notícia histórica*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1909.
- LUSTOSA, Isabel. Insultos impressos: o nascimento da imprensa no Brasil. MALERBA, Jurandir (org.). *A independência do Brasil: novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p. 241-260.



- \_\_\_\_\_. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LYRA, Maria de Lourdes Viana. *A Utopia do Poderoso Império. Portugal e Brasil: bastidores da política (1978-1822)*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. José Bonifácio e a imprensa. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 260, p. 204-220, 1963.
- MAGNOLI, Demétrio. O Estado em busca do seu território. In: JANCSÓ, István. *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; FAPESP, 2003. p. 285-296.
- \_\_\_\_\_. *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Ed. UNESP-Moderna, 1997.
- MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MALERBA, Jurandir (org.). *A independência do Brasil: novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.
- MARTINS, Ana L.; LUCA, Tania R. (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MASON, Haydn T. (ed.) *The Darnton debate: books and revolution in the eighteenth century*. Oxford: Voltaire Foundation, 1998.
- MATTOS, Ilmar R. *O tempo Saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MCKENZIE, D. F. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Port Chester, New York, United States: Cambridge University Press, 1999
- MEIRELLES, Juliana G. *A Gazeta do Rio de Janeiro e o impacto na circulação de ideias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. 2006. 216 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MELLO, Evaldo Cabral. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817-1824*. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- MELLO, Evaldo Cabral de. “A cabotagem no Nordeste oriental (1)”; “Aparição da sumaca (2)”; “A vitória da barcaça (3)”. In: \_\_\_\_\_. *Um imenso Portugal. História e historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 179-220.
- MELO, José M. (org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram História*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. 3 v.

- MORAES, Antônio C. R. *Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MORAES, A. J. M. Jornais que se tem publicado no Brasil desde o dia 10 de setembro de 1808 até 20 de outubro de 1862. In: *Corografia histórica, cronográfica, genealógica, nobiliária e política do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typografia Brasileira, 1863.
- MOREL, Marco. “Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira. *Livros e impressos*. Retratos do Setecentos e do Oitocentos. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2009. p. 153-184.
- MOREL, Marco (org.). *Sentinela da Liberdade e outros escritos (1821-1835)*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- \_\_\_\_\_. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana L.; LUCA, Tania R. (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 23-44.
- \_\_\_\_\_. Independência no papel: a imprensa periódica. In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 617-636.
- \_\_\_\_\_. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- \_\_\_\_\_; BARROS, Mariana G. M. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_; NEVES, Lúcia M. B. P. (org.). *História e imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho - 100 anos*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998.
- MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: Dimensões*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema: a formação do estado imperial*, São Paulo, Hucitec, 2004.
- NEVES, Lúcia B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania M. B. C. (org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ, 2006.
- NEVES, Lúcia M. B. P. (org.). *Livros e impressos: retratos do setecentos e do oitocentos*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Corcundas e Constitucionais. A cultura política da Independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- \_\_\_\_\_. A “guerra de penas”: os impressos políticos e a independência do Brasil. *Tempo*, Niterói, v. 4, n. 8, p. 41-65, 1999.

- \_\_\_\_\_. Leitura e leitores no Brasil (1820-1822): o esboço frustrado de uma esfera pública de poder. *Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1/2, p. 123-138, 1995.
- NOVAIS, Fernando Antônio. Condições da privacidade na colônia. In: *História da vida privada no Brasil*, t.I, São Paulo, Cia. das Letras, 1997, p.13-39.
- \_\_\_\_\_.; *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_.; MOTA, Carlos G. *A independência política do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- OLIVEIRA, Cecília Helena Lorenzini de Salles. *O disfarce do anonimato: o debate político através dos folhetos (1820-1822)*. 1979. 209 f. Dissertação. (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- OLIVEIRA, Cecilia H. L. S. *A astúcia liberal: relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro (1820-1824)*. Bragança Paulista: Edusf; Ícone, 1999.
- OLIVEIRA, João C. *A cultura científica no paço de D. João: o orador do deus da ciência*. 1999. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PALTI, Elias José. Entre a Natureza e o Artifício: a concepção de nação nos tempos da Independência. *Lua Nova*, São Paulo, V. 81, p. 17-45, 2010.
- \_\_\_\_\_. *El tiempo de la política*. Lenguaje e historia en el siglo XIX. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- \_\_\_\_\_. *La nación como problema. Los historiadores y la "cuestión nacional"*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Aporías: tiempo, modernidad, historia, sujeto, nación, ley*. Buenos Aires, Alianza, 2001.
- PASSOS, Alexandre. *A imprensa no período colonial*. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1952.
- PÉRICLES, Paulo P. A organização político-administrativa e o processo de regionalização do território colonial brasileiro. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo:USP, n. 9, p. 77-89, 1995.
- PIMENTA, João Paulo G. *Tempos e espaços das Independências: a inserção do Brasil no mundo ocidental*. Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. 207 f.

- \_\_\_\_\_. *O Brasil e a América Espanhola (1808-1822)*. Tese de Doutorado em História Social: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. 398 f.
- \_\_\_\_\_. *Estado e Nação no fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828)*. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- \_\_\_\_\_. Nas origens da imprensa luso-americana: o periodismo da Província Cisplatina (1821-1822). In: NEVES, Lúcia B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. B. C. (org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ, 2006. p. 19-36.
- POMERANZ, Kenneth. *The Great Divergence: China, Europe, and Making of the World Modern Economy*. New Jersey: Princeton University Press, 2000.
- POPKIN, Jeremy. *Revolutionary news: the press in France (1789-1799)*. Durham: Duke University Press, 1990.
- PORTER, Theodore M. "Quantification and the Accounting Ideal in Science", *Social Studies of Science*, London/Newbury Park/New Delhi, V.22, N. 1, p.633-52, 1992.
- PUTMAN, Robert David. Diplomacy and Domestic Politics: The Logic of Two-Level Games. *International Organization*. Vol. 42, No. 3 (Summer, 1988), pp. 427-460.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- RIBEIRO, Gladys. S. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: Relume & Dumará: 2002.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. "Nação e cidadania nos jornais cariocas da época da Independência: o Correio do Rio de Janeiro como estudo de caso." In: CARVALHO, José Murilo; NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. (Org.). *Repensando o Brasil do Oitocentos*. Cidadania, política e liberdade.. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 1, p. 207-238.
- \_\_\_\_\_. "Nação e cidadania no jornal O Tamoio. Algumas considerações sobre José Bonifácio, sobre a Independência e a Constituinte de 1823." In: RIBEIRO, Gladys Sabina. (Org.). *Brasileiros e cidadãos: modernidade política, 1822-1930*. 1ed. São Paulo: Alameda, 2008, v. 1, p. 37-64.
- RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense*. São Paulo: Nacional, 1957.
- RÉTAT, Pierre (ed.) *La Gazette d'Amsterdam: Mirroir de l'Europe au XVIIIe siècle*. Oxford: Voltaire Foundation, 2001.

- RUSSEL-WOOD, A. J. R. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro (1500-1808). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 187-250, 1998.
- \_\_\_\_\_. Preconditions and precipitants of the independence movement in Portuguese America. In: RUSSEL-WOOD, A. J. R. (ed.). *From Colony to Nation: essays on the Independence of Brazil*. Baltimore: The John Hopkins University Press: 1975. p. 3-42.
- SAHLINS, Peter. Natural frontiers revisited: France`s boundaries since the seventeenth-century. *The American Historical Review*, Chicago, v. 95, n. 5, p. 1423-1451, 1990.
- SANTOS, Cristiane Alves Camacho dos. *Escrevendo a história do futuro: leituras do passado no processo de Independência do Brasil*. 2010. 186 p. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHLESINGER, Arthur M. *Prelude to Independence: the newspaper war on Britain (1764-1776)*. Boston: Northeastern University Press, 1980.
- SCHULTZ, Kirsten. *Versalhes Tropical*. Império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SENA, Consuelo P. de. *A imprensa reacionária na independência: Sentinella Bahiense*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1983.
- SILVA, Ana R. C. *Inventando a nação: intelectuais ilustrados e estadistas luso-brasileiros na crise do Antigo Regime português (1750-1822)*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2006.
- SILVA, J.M. Pereira da. *História do Brasil durante a menoridade de D. Pedro II (1831-1840)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1878.
- SILVA, Maria Beatriz N. *Semanário Cívico: Bahia (1821-1823)*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822): cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A primeira gazeta da Bahia*. Idade d'Ouro do Brazil. Salvador: EDUFBA, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Movimento Constitucional e separatismo no Brasil: (1821-1823)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- SILVA, Rogério Forastieri. *Colônia e nativismo: a história como "biografia da nação"*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SILVA, Virgínia R. *O Revérbero Constitucional Fluminense: constitucionalismo na imprensa do Rio de Janeiro à época da Independência*. 2010. 215 f. Dissertação

(Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SLAUTER, William. *News and diplomacy in the age of American Revolution*. 2007. 334f. Tese (Doutorado em Filosofia). History Department, Princeton University. New Jersey.

SLAUTER, Willian. “Le paragraphe mobile”. Circulation et transformation des informations dans le monde atlantique du XVIIIe siècle. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, avril-juin 2012, n° 2, 67e année, p. 363-389.

SLEMIAN, Andréa. PIMENTA, João Paulo Garrido. *A Corte e o mundo: uma história do ano em que a família real portuguesa chegou ao Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008.

\_\_\_\_\_. *O “nascimento político” do Brasil: as origens do Estado e da nação (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SLEMIAN, Andréa. *Vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro (1808-1824)*. São Paulo: HUCITEC, 2006.

SMITH, Anthony D. *The antiquity of nations*. Malden: Polity Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nationalism: theory, ideology, history*. Malden: Polity Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *Myths and memories of the nation*. New York: Oxford University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Nationalism and modernism: a critical survey of recent theories of nations and nationalism*. New York: Routledge, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.). *Antologia do Correio Braziliense*. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria Editora Catedral/INL, 1977.

SOBRINHO, Barbosa Lima (org.). *Antologia do Correio Braziliense*. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria Editora Catedral/INL, 1977.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_. *Os motivos da independência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. *Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)*. São Paulo, EdUnesp, 1999.

SOUSA FILHO, Argemiro de. *Confrontos políticos e redes de sociabilidade*. Bahia (1821-1823). 2010. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- SOUSA, Maria Aparecida Silva de. *Bahia: de capitania a província, 1808-1823*. 2008. 302 p. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- STUMPF, Roberta Giannubilo. *Filhos das Minas, Americanos, Portugueses. Identidades coletivas na Capitania das Minas Gerais (1763-1792)*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- TANSELLE, G. Thomas. Some statistics on American printing: 1764-1783. In: BAILYN, Bernard; HENCH, John B. *The press and the American Revolution*. Boston: Northeastern University Press, 1981. p. 315-364.
- TENGARRINHA, Jose. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editora Caminho, 1989.
- GARCIA, Eugênio Vargas. *O sexto membro permanente. O Brasil e a criação da ONU*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- VARNHAGEN, Francisco A. *Historia da Independência do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1957.
- VIANNA, Helio. Um século e meio de imprensa carioca. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 271, p. 275-290, 1966.
- \_\_\_\_\_. D. Pedro I panfletário e jornalista. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 262, p. 324-340, 1964.
- \_\_\_\_\_. José Bonifácio jornalista. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 263, p. 154-163, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo Ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. 1999. 545 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- WALD, James. Periodicals and Periodicity. In: In: ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan (eds.). *A companion to the history of the book*. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2009. p. 421-433.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System III: The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy (1730-1840)*. California: University of California Press, 2011.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System IV: Centrist Liberalism Triumphant (1789-1914)*. California: University of California Press, 2011.

- WINTER, Murillo Dias. “Um periódico que no hable de política al presente, es lo mismo que um fusil sin cañon.”: imprensa periódica e a construção da identidade oriental (Província Cisplatina - 1821-1828). 2014. 243 f. Dissertação. (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo.
- WISIAK, Thomas. *A “nação partida ao meio”*: tendências políticas na Bahia na crise do Império luso-brasileiro. 2001. 234 p. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- WITHERS, Charles W. J. *Placing the Enlightenment. Thinking Geographically about the Age of Reason*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2007.
- YOUNG, Eric Van. Revolution and Imagined Communities in Mexico (1810-1821). In: DOYLE, Don H; PAMPLONA, Marco Antonio. *Nationalism in the New World*. Georgia: University of Georgia Press, 2006. *Op. Cit.*, p. 184-207.
- ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Modernidad, revolución e historiografía. In: *La cultura moderna de la historia. Una aproximación teórica e historiográfica*. México: El Colegio de México, 2002. P 41-75.